

“Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do que um romance novo de Eloisa James.” – Julia Quinn

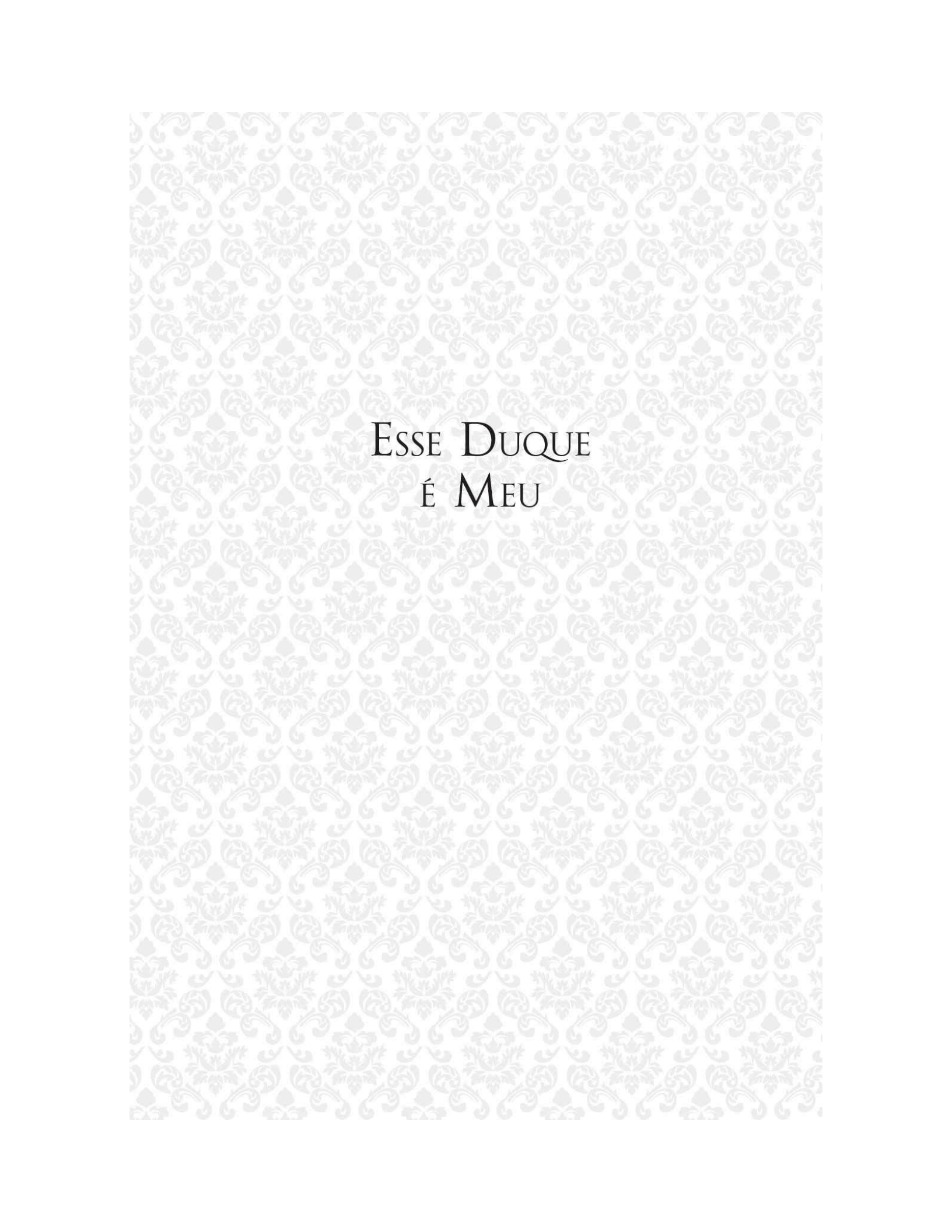
Eloisa James



ESSE DUQUE
É MEU







ESSE DUQUE
É MEU



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

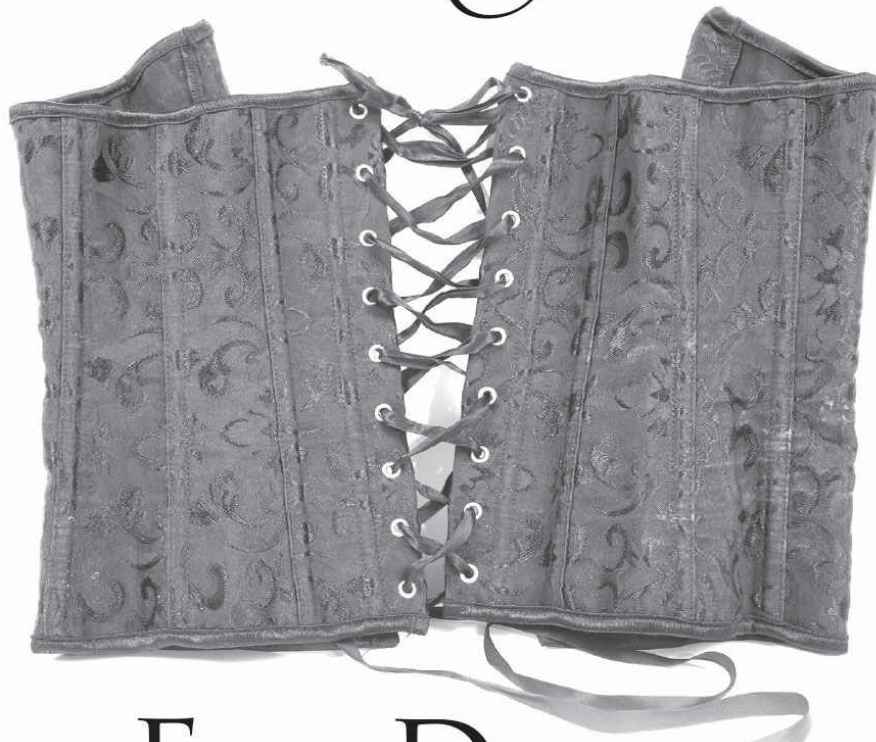
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis

e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Eloisa James



ESSE DUQUE
É MEU



Título original: *The Duke Is Mine*

Copyright © 2012 por Eloisa James

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Livia de Almeida

preparo de originais: Cindy Leopoldo

revisão: Cristhiane Ruiz, Jean Marcel Montassier e Mariana Rimoli

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Rodrigo Rodrigues

imagem de capa: Timof/Shutterstock

foto da autora: © Bryan Derballa

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J29e

James, Eloisa

Esse duque é meu [recurso eletrônico] / Eloisa James; tradução de Livia de Almeida. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital

Tradução de: This duke is mine

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-943-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia de. II. Título.

19-55328

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este livro é dedicado à minha querida amiga Linda Francis Lee, uma maravilhosa romancista. Em um momento de desespero, percebi que tinha de jogar fora 175 páginas da minha versão de A princesa e a ervilha e recomeçar. Linda me ajudou a sair do luto e a criar um novo enredo para o romance inteiro enquanto tomávamos duas taças de vinho. Você é meu amuleto da sorte, Linda!

Prólogo



Era uma vez, numa época não muito distante...

(ou, para sermos precisos, em março de 1812)

...Uma jovem destinada a se tornar princesa. Embora, para sermos absolutamente sinceros, não existisse nenhum príncipe à vista. Na verdade, ela estava comprometida com o herdeiro de um duque, mas, para quem é da pequena nobreza, uma tiara de duquesa tem o mesmo valor de uma coroa de princesa.

Nossa história começa com essa jovem, avança por uma noite tempestuosa, passa por uma série de testes e, embora não apareça o grão de ervilha do conto de fadas, podemos adiantar que, se você continuar a leitura, vai encontrar uma surpresa naquela cama: uma chave, uma pulga... ou talvez um marquês, quem sabe?

Em *A princesa e a ervilha*, a sensibilidade para perceber um incômodo tão minúsculo quanto uma ervilha debaixo do colchão é o suficiente para provar que uma desconhecida que chega no meio de uma noite chuvosa é uma princesa de verdade. No mundo real, claro, tudo se torna um pouco mais complicado. Para se preparar para o posto de duquesa, a Srta. Olivia Mayfield Lytton teve que aprender um pouco de praticamente todos os ramos do

conhecimento humano. Estava pronta para jantar com um rei, com um tolo ou com o próprio Sócrates, enveredando por assuntos tão díspares quanto a ópera bufa italiana e as novas máquinas de tecelagem.

Mas, assim como uma única ervilha foi decisiva para determinar a autenticidade de uma princesa, um único fato crucial determinou o direito de Olivia ao posto de duquesa: ela estava prometida ao herdeiro do ducado de Canterwick.

As informações complementares seriam: no início desta trama, Olivia tinha 23 anos e ainda não havia se casado, seu pai não tinha título, e ela nunca recebera um elogio, como ser chamada de *diamante raro*. Muito pelo contrário.

Mas nada disso tinha importância.

Sumário

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Epílogo

Notas históricas

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça os livros de Eloisa James

Informações sobre a Arqueiro

Capítulo 1



Em que somos apresentados a uma futura duquesa

*Rua Clarges, 41, Mayfair
Londres
Residência do Ilmo. Sr. Lytton*

A grande maioria dos noivados se origina de uma destas duas emoções intensas: ganância ou amor. Mas o compromisso de Olivia Lytton não começou nem com uma troca financeira entre aristocratas nem com uma linda e harmônica combinação de desejo, cumplicidade e flechas de Cupido.

Na verdade, a futura noiva, em momentos de desespero, teria sido bem capaz de comparar seu noivado a uma maldição.

– Talvez nossos pais tenham esquecido de convidar uma fada poderosa para o meu batizado – disse ela para Georgiana, sua irmã, enquanto voltavam de um baile oferecido pelo conde de Micklethwait, evento em que Olivia havia passado um bom tempo com seu futuro marido. – A maldição, nem preciso dizer, é ter que me casar com Rupert. Preferiria dormir por cem anos.

– O sono tem lá seus atrativos – concordou a irmã, descendo da carruagem dos pais, diante de casa.

Georgiana não finalizou seu comentário: a verdade era que o sono tinha atrativos... mas Rupert, não.

Olivia precisou engolir em seco e permanecer sozinha por um instante na escuridão da carruagem para se recompor e seguir a irmã. Sempre soubera que um dia viria a se tornar a duquesa de Canterwick e, justamente por saber disso há tanto tempo, não fazia qualquer sentido ficar tão infeliz. Mas ela estava. Uma noite passada com o futuro marido a deixara semidestruída.

Não ajudava saber que a maior parte das pessoas em Londres, incluindo sua mãe, a considerava uma das jovens mais afortunadas do mundo. A mãe ficaria horrorizada, embora nada surpresa, com a piadinha boba em que Olivia vinculara o ducado a uma maldição. Para seus pais, era evidente que a ascensão da filha na hierarquia social soava como um inacreditável golpe de sorte. Em resumo, uma bênção.

– Graças a Deus – dissera o Sr. Lytton umas cinco mil vezes desde o nascimento de Olivia. – Se eu não tivesse estudado em Eton...

Era uma história que Olivia e Georgiana, sua irmã gêmea, adoravam ouvir quando eram crianças. Sentavam-se no colo do pai e acompanhavam a empolgante narrativa de como ele, o simples, o desconhecido (apesar de aparentado com um conde por um lado da família e com um bispo e uma marquesa pelo outro) Sr. Lytton tinha ido estudar em Eton e acabara se tornando melhor amigo do duque de Canterwick, herdeiro do grandioso título desde os 5 anos de idade. Em algum momento, os dois meninos fizeram um pacto de sangue, estabelecendo que a filha mais velha do Sr. Lytton se tornaria duquesa ao se casar com o filho mais velho do duque de Canterwick.

O Sr. Lytton demonstrou um entusiasmo alucinado em cumprir a parte que lhe cabia e garantir aquele acontecimento, produzindo não apenas uma, mas duas filhas ainda no primeiro ano de casamento. O duque de Canterwick, por sua vez, teve apenas um filho, depois de alguns anos de casamento, o que era suficiente para cumprir sua parte da promessa. E o mais importante: Sua Graça sempre manteve a palavra e garantia regularmente ao Sr. Lytton que o acordo seria cumprido.

Por consequência, os orgulhosos pais de Olivia fizeram tudo que estava ao seu alcance para preparar a primogênita (pela diferença de uns bons sete

minutos) para o título que lhe seria conferido, sem poupar despesas na formação da futura duquesa de Canterwick. Olivia teve tutores desde o momento em que deixou o berço. Aos 10 anos, já dominava os aspectos mais refinados da etiqueta, da administração de propriedades rurais (inclusive contabilidade de partidas dobradas), tocava cravo e espineta, cumprimentava pessoas em variados idiomas, inclusive o latim (que só servia para se dirigir aos bispos visitantes), e entendia até de culinária francesa, embora seus conhecimentos fossem mais teóricos do que práticos. Na verdade, duquesas nunca tocavam em comida, a não ser para comer.

Olivia tinha também um profundo conhecimento sobre o livro favorito de sua mãe, *O espelho dos elogios: uma academia completa para dominar a arte de ser uma dama*, escrito por ninguém menos do que Sua Graça, a duquesa viúva de Sconce, e dado de presente às meninas assim que completaram 12 anos.

Na realidade, a mãe de Olivia lera *O espelho dos elogios* tantas vezes que seus ensinamentos dominavam suas conversas, mais ou menos como a hera que sufoca uma árvore.

– *A nobreza* – dissera ela na manhã anterior ao baile de Micklethwait, enquanto mordiscava uma torrada com geleia – *nos é conferida pelos ancestrais, mas, caso não seja revigorada pela virtude, logo empalidece.*

Olivia assentira. Ela acreditava firmemente nos benefícios do empalidecimento da nobreza, mas a experiência lhe ensinara que expressar esse tipo de opinião apenas provocaria dores de cabeça em sua mãe.

– *Uma jovem* – disse a Sra. Lytton a caminho do baile de Micklethwait – *sente o mais profundo desagrado ao parlamentar com um admirador imodesto.* Olivia sabia que era melhor não perguntar o que seria “parlamentar” com um admirador imodesto. Toda a aristocracia sabia que ela estava comprometida com o herdeiro do duque de Canterwick e os admiradores, imodestos ou não, raramente se davam ao trabalho de se aproximar dela.

De toda forma, ela guardava esse tipo de conselho para o futuro, quando planejava se permitir uma série de parlamentações imodestas.

– Viu lorde Webbe dançando com a Sra. Shottery? – perguntou Olivia à irmã, enquanto entravam em seu quarto. – Foi muito tocante observá-los olhando-se nos olhos. A aristocracia parece levar os votos matrimoniais tão a sério quanto os franceses, ainda que digam que, ao incluírem a fidelidade conjugal, os tenham transformado numa esplêndida obra de ficção.

– Olivia! – gemeu Georgiana. – Não deve! E não faria isso... não é?

– Está me perguntando se serei infiel a meu noivo assim que ele se tornar meu marido... se tal dia chegar?

Georgiana assentiu.

– Suponho que não – disse Olivia, embora secretamente ela às vezes se perguntasse como seria se um dia perdesse a cabeça e rompesse com todas as regras sociais fugindo para Roma com um laçao. – A única parte da noite que realmente apreciei foi quando lorde Pomtinius recitou os versos sobre o abade adúltero.

– Não ouse repetir isso! – exclamou a irmã.

Georgiana nunca demonstrara o menor desejo de se rebelar contra as regras das boas maneiras. Ela as amava e vivia de acordo com seus preceitos.

– Era uma vez um abade adúltero – provocou Olivia –, tão rebelde...

Georgiana tapou os ouvidos com as mãos.

– Não posso acreditar que ele tenha lhe contado tais coisas! Papai ficaria furioso se soubesse.

– Lorde Pomtinius tinha bebido um pouco – disse Olivia. – Além do mais, já está com 96 anos e não se importa mais com o decoro. Quer apenas dar umas boas risadas de vez em quando.

– Isso nem ao menos faz sentido. Um abade adúltero? Como um abade pode ser adúltero? Abades nem se casam.

– Avise-me se quiser ouvir todos os versos – disse Olivia. – Termina com uma conversa sobre freiras. Por isso acho que a palavra não estava sendo usada de maneira literal.

Aqueles versos, e o fato de a Srta. Lytton os apreciar, evidenciavam o problema de sua *duquesificação*, como as meninas chamavam o processo de formação de duquesas. Havia algo muito plebeu nela, por mais que seu porte, seus modos e sua voz fossem apropriados. Com certeza, conseguiria

interpretar o papel de duquesa, mas a verdadeira Olivia estava sempre ali aguardando para vir à tona, o que era uma infelicidade.

– Falta a você aquele indefinível ar de importância que sua irmã transmite sem nenhum esforço – opinava o pai, com um ar de resignação desanimada. – Em resumo, minha filha, seu senso de humor tende ao vulgar.

– *Sua conduta deve sempre ampliar sua honra* – intrometia-se a mãe, citando a duquesa de Sconce.

E Olivia dava de ombros.

– Se ao menos Georgiana tivesse nascido primeiro... – dissera diversas vezes a Sra. Lytton ao marido. Pois Olivia não tinha sido a única participante do programa de treinamento da família Lytton. Olivia e Georgiana tinham estudado lado a lado as lições de comportamento para duquesas, pois os pais, cientes dos infortúnios que poderiam ameaçar a primogênita... uma febre, uma carruagem desgovernada, a queda de uma torre... tinham, prudentemente, cuidado da *duquesificação* da segunda menina também.

Infelizmente, estava claro para todos que Georgiana alcançara o refinamento digno de uma duquesa, enquanto Olivia... Olivia era Olivia. Com certeza sabia como se comportar com graça e refinamento, mas na intimidade era sarcástica, espirituosa demais para uma dama e nada graciosa.

– Ela me olha de tal jeito quando faço uma simples menção a *O espelho dos elogios* – queixava-se a Sra. Lytton. – Estou apenas tentando ajudar.

– Essa menina vai se tornar uma duquesa um dia – dizia o Sr. Lytton, preocupado. – Então, ela nos será grata.

– Mas se fosse possível... – retrucava a Sra. Lytton, com tristeza. – A querida Georgiana é simplesmente... Bem, ela seria uma duquesa perfeita, não é mesmo?

Na verdade, a irmã de Olivia tinha dominado desde cedo a delicada arte de unir um agradável ar de importância a um comportamento irrepreensivelmente recatado. Com o passar dos anos, Georgiana havia acumulado um conjunto formidável de características ducais: modos de caminhar, de conversar, de se portar.

– *Dignidade, virtude, afabilidade e postura* – recitava sem parar a Sra. Lytton, transformando as palavras numa espécie de cantiga de ninar.

Georgiana treinava no espelho seu porte honroso e sua expressão afável.

Olivia cantarolava de volta para a mãe:

– Fraqueza, vaidade, absurdo e... *insensatez*!

Aos 18 anos, Georgiana já se portava, falava e até cheirava (graças ao perfume francês contrabandeado de Paris a um custo altíssimo) como uma duquesa. Olivia quase nunca se dava ao trabalho de nada disso.

Os Lytton eram, de maneira comedida, felizes. Qualquer pessoa sensata concordaria que eles foram bem-sucedidos na tarefa de criar uma verdadeira duquesa; o problema era que essa filha não era a prometida ao herdeiro de um duque. Enquanto as meninas cresciam, o casal dizia a si mesmo que Georgiana seria uma bela esposa para qualquer cavalheiro de posição. Infelizmente, com o passar do tempo, eles pararam de imaginar um marido para a segunda filha.

A triste verdade era que uma garota *duquesificada* não era o que a maioria dos rapazes procurava. Embora as virtudes de Georgiana fossem celebradas por toda a sociedade, especialmente pelas viúvas, os rapazes raramente a escolhiam para dançar, para casar, então, não havia qualquer chance.

O Sr. e a Sra. Lytton interpretavam o problema de forma diferente. Para eles, era claro que se tratava de algo exclusivamente financeiro: a querida filha jamais se casaria porque não tinha dote.

Afinal, os Lytton haviam despendido toda a renda familiar na educação das filhas. Com isso, sobrara muito pouco para que a caçula pudesse entrar no mercado matrimonial.

– Sacrificamos tudo por Olivia – costumava dizer a Sra. Lytton. – Não consigo compreender por que ela não demonstra gratidão. É a garota mais afortunada da Inglaterra.

Olivia não se considerava nem um pouco afortunada.

– O único motivo que me faz ter forças para encarar o casamento com Rupert – disse ela a Georgiana – é saber que, como duquesa, serei capaz de lhe fornecer um dote. – Ela despiu as luvas mordendo as pontas dos dedos. – Com toda a franqueza, basta pensar neste casamento para que eu fique ligeiramente furiosa. Eu poderia suportar ser duquesa, embora, para dizer o

mínimo, eu não tenha aptidão alguma para o cargo, se ele não fosse um sujeitinho de barbicha esquisita e para lá de bocó.

– Está usando gírias – observou Georgiana. – E...

– Absolutamente, não – retrucou Olivia, jogando as luvas na cama. – Estou inventando tudo isso e você sabe tão bem quanto eu como o *Espelho para abutres* define gíria. E vou citar: *forma rude de discurso empregada pelos piores degenerados de nossa nação*. Embora eu até fosse gostar de obter a qualificação de degenerada, não tenho esperança de conquistar esse título nesta vida.

– Não deveria – disse Georgiana, acomodando-se no canapé diante da lareira de Olivia.

O quarto de Olivia era o cômodo mais imponente da casa, maior até do que os aposentos da mãe e do pai. Por isso, em geral, as gêmeas se escondiam dos pais ali.

Apesar da tentativa de reprimir Olivia, o tom de Georgiana tinha sido incomumente leve. Olivia franziu a testa.

– A noite foi particularmente ruim, Georgie? A maior parte do meu tempo foi ocupada pelo idiota do meu noivo, e depois do jantar eu a perdi de vista.

– Teria sido fácil me encontrar – respondeu Georgiana. – Fiquei sentada com as viúvas praticamente o baile todo.

– Puxa, minha querida – disse Olivia, sentando-se ao lado da irmã e lhe dando um abraço apertado. – Espere eu me tornar duquesa. Você vai receber um dote tão magnífico que todos os cavalheiros do país se ajoelharão só de pensar em você. “Georgiana Dourada”, é assim que vão lhe chamar.

Georgiana nem esboçou um sorriso, por isso Olivia continuou:

– Gosto da companhia das viúvas. Elas contam histórias realmente interessantes, como aquela em que o lorde Mettersnatch pagava sete guinéus para ser chicoteado.

Georgiana ergueu as sobrancelhas.

– Eu sei, eu sei! – exclamou Olivia antes que Georgiana pudesse dizer qualquer coisa. – Vulgar, vulgar, vulgar. De qualquer maneira, adorei a parte que falava sobre os trajes de ama-seca. Na verdade, você deveria ficar feliz por não estar na minha pele. Canterwick percorreu todo o salão de baile, para

cima e para baixo, a noite inteira, arrastando Rupert e a mim atrás dele. Quando eu passava, todos faziam os maiores elogios, depois soltavam risinhos e saíam para informar o resto do salão sobre o incrível azar de NN de ter que se casar comigo.

Quando estavam a sós, Olivia e Georgiana frequentemente se referiam a Rupert Forrest G. Blakemore, marquês de Montsurrey e futuro duque de Canterwick, como “o NN”, que queria dizer noivo nulo. Vez por outra também se referiam a ele como “o EE” (esposo estúpido), “o PP” (pretendente palerma) e, como as duas eram fluentes em italiano e francês, “o MM” (*marito* ou *mari* mentecapto, dependendo do idioma empregado no momento).

– A única coisa que faltava para tornar a noite absoluta e irremediavelmente infernal – prosseguiu Olivia – seria um problema com o guarda-roupa. Se alguém tivesse pisado na batinha e rasgado meu vestido, desnudando meu traseiro para o mundo, aí, sim, eu poderia ter ficado ainda mais humilhada. Mas, com certeza, me sentiria menos entediada.

Georgiana não respondeu. Apenas jogou a cabeça para trás e fitou o teto. Parecia terrivelmente infeliz.

– Devemos procurar ver o lado positivo – disse Olivia, lutando para manter um tom de voz animado. – O NN dançou conosco. Graças a Deus! Enfim ele tem idade para comparecer a um baile.

– Ele contava os passos em voz alta – declarou Georgiana. – E disse que o vestido me fazia parecer uma nuvem bufante.

– Com certeza, você não deveria se surpreender por descobrir que Rupert é incapaz de manter uma conversa elegante. Se alguém se parecia com uma nuvem bufante, esse alguém era eu. Você parecia um anjo. Muito mais digno do que uma nuvem.

– Não é dignidade o que as pessoas desejam – respondeu a irmã, virando a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas.

– Ah, Georgie! – Olivia acolheu-a em outro abraço. – Por favor, não chore. Logo, logo serei uma duquesa e vou providenciar um dote e encomendar roupas tão lindas que você vai se tornar a queridinha da alta sociedade londrina.

– Esta é minha *quinta* temporada, Olivia. Você não tem ideia de como é terrível, pois nunca esteve disponível. Nenhum cavalheiro me deu qualquer atenção esta noite, exatamente como tem ocorrido nos últimos cinco anos.

– Foi o vestido e o dote. Nós duas estávamos parecendo fantasmas, só que não invisíveis. Você, obviamente, era um fantasma esguio e eu era um fantasma particularmente robusto.

Olivia e Georgiana tinham usado vestidos semelhantes de delicada seda branca, presos sob o busto por fitas compridas enfeitadas com pequenas pérolas e borlas nas extremidades. Os mesmos enfeites apareciam nas laterais e na parte de trás dos vestidos, ondulando com a menor das brisas. No desenho do livro de modelos de madame Wellbrook, os vestidos tinham parecido elegantes.

Havia uma lição ali... uma triste lição.

Não era porque fitas flutuantes pareciam cair bem numa dama magérrima retratada num desenho que ficariam igualmente elegantes na cintura de alguém.

– Cheguei a vê-la dançando – continuou Olivia. – Parecia um mastro cheio de fitas tremulando. Seus cachinhos também balançavam.

– Não importa – disse Georgiana, com indiferença. Enxugou uma lágrima. – É a *duquesificação*, Olivia. Nenhum homem quer se casar com uma pudica que age como se fosse uma viúva de 95 anos. E – ela soltou um soluço – parece que não consigo me comportar de forma diferente. Não acredito que alguém zombe de você nas suas costas, só se for por inveja. Mas eu sou tão fascinante quanto um mingau de aveia. Os homens perdem o brilho no olhar quando são obrigados a dançar comigo.

Na intimidade, Olivia concordava que o programa de *duquesificação* era responsável por muita coisa. Mas preferiu ficar calada e apenas abraçar a irmã com mais força.

– Georgiana, você tem um corpo maravilhoso, é doce como o mel e o fato de saber arrumar uma mesa para uma centena de convidados não tem nenhuma relação com isso. O casamento é um contrato, e contratos tratam de dinheiro. Uma mulher precisa de um dote, sem isso os homens nem sequer consideram se casar.

Georgiana fungou, o que serviu para demonstrar como estava transtornada. Normalmente, seria incapaz de cometer um gesto tão pouco refinado.

– Sua cintura me deixa doente de inveja – acrescentou Olivia. – Pareço um barril, e você é tão esguia que poderia se equilibrar na ponta de um alfinete.

A maioria das jovens solteiras, inclusive Georgiana, era de fato magra e etérea. Elas flutuavam de sala em sala, com seda diáfana envolvendo seus corpos finos.

Olivia não era uma dessas moças. Era a triste verdade, outra fonte de tensão para a Sra. Lytton. Para ela, os excessos de Olivia com brincadeiras vulgares e torradas amanteigadas eram resultado de um mesmo problema de caráter. Olivia não discordava.

– Você não parece um barril – declarou a irmã, que enxugou mais algumas lágrimas.

– Ouvi algo interessante esta noite – exclamou Olivia. – Aparentemente, o duque de Sconce está em busca de uma esposa. Suponho que ele esteja precisando de um herdeiro. Imagine só, Georgie, você poderia ser a nora da mais arrogante, mais rígida de todas as damas. Acha que a duquesa lê *O espelho de vermes* em voz alta à mesa do jantar? Ela ia adorá-la. De fato, você deve ser provavelmente a única mulher no reino a quem ela seria capaz de amar.

– As viúvas da alta sociedade sempre me adoraram – disse Georgiana, fungando mais uma vez. – Não significa que o duque vá sentir o mesmo. Mas eu achava que Sconce já fosse casado.

– Se a duquesa aprovasse a bigamia, ela teria incluído uma referência no *Espelho*. Portanto, a ausência dessa observação sugere que ele necessita de uma esposa. A outra notícia, muito menos empolgante, é que mamãe soube de uma dieta à base de alface e decidiu que devo experimentá-la imediatamente.

– Alface?

– Come-se apenas alface das oito da manhã às oito da noite.

– Que absurdo! Se quiser perder peso, deve parar de comprar tortas de carne quando mamãe pensa que está comprando fitas. Embora, para ser honesta, Olivia, eu ache que você deve comer o que quiser. Desejo desesperadamente me casar e, mesmo assim, a ideia de casar com Rupert me faz ter ganas de comer uma torta também.

– Quatro – corrigiu Olivia. – No mínimo.

– Além do mais, não importa quanto você pode emagrecer comendo alface – continuou Georgiana. – O NN não tem nenhuma opção senão se casar com você. Se você desenvolvesse orelhas de coelho, ele ainda se casaria com você. Ao mesmo tempo, ninguém consegue contemplar a ideia de se casar comigo, por mais fina que seja minha cintura. Preciso de dinheiro para... para suborná-los. – A voz de Georgiana voltou a vacilar.

– São todos uns bufões descerebrados – disse Olivia, com mais um abraço. – Ainda não a notaram, mas notarão, assim que Rupert lhe garantir o dote.

– Ainda que até lá eu possa estar com uns 48 anos.

– Por falar nisso, Rupert virá amanhã à noite, com o pai, para assinar os papéis de noivado. E, em seguida, ao que parece, ele partirá diretamente para as guerras na França.

– Meu Deus do céu! – exclamou Georgiana, arregalando os olhos. – Você vai realmente se tornar uma duquesa. O NN vai se tornar MM!

– Noivos nulos costumam ser mortos no campo de batalha – destacou Olivia. – Acho que o termo é “bucha de canhão”.

A irmã soltou uma risada repentina.

– Você poderia ao menos parecer triste com essa possibilidade.

– Eu ficaria triste – protestou Olivia. – Eu acho.

– Teria motivos. Além de perder a chance de se tornar “Sua Graça” pelo resto da vida, nossos pais pulariam de mãos dadas da ponte de Battersea, prontos para encontrar a morte.

– Não consigo nem imaginar o que mamãe e papai fariam se o ganso que prometia botar ovos de ouro fosse transformado em patê de *foie gras* pelos franceses – disse Olivia, com um pouco de tristeza.

– O que aconteceria se o NN morresse antes de se casar com você? – perguntou Georgiana. – Apesar de todos os trâmites legais, um noivado não é um casamento.

– Pelo que entendo, esses documentos tornam toda a situação bem mais concreta. Tenho certeza de que a maior parte da aristocracia acredita que ele vai romper o acordo antes de chegar ao altar, devido à minha falta de beleza, sem mencionar o fato de que não como alface suficiente.

– Não seja ridícula. Você é linda – disse Georgiana. – Tem os olhos mais lindos que já vi. Não consigo entender por que nasci com esses olhos castanhos e sem graça e você ficou com os olhos verdes. – Ela a olhou. – Um verde tão claro. Cor de aipo, na verdade.

– Se minha cintura fosse da grossura de um aipo, teríamos o que celebrar.

– Você é maravilhosa – insistiu a irmã. – Como um pêssego doce e suculento.

– Não me importo de ser um pêssego – disse Olivia. – Mas é uma pena que o aipo esteja na moda.

Capítulo 2



Em que somos apresentados a um duque

*Littlebourne Manor
Residência do duque de Sconce
Kent*

Ao mesmo tempo que Olivia e Georgiana estavam envolvidas em um debate sobre os méritos dos pêssegos e do aipo, o herói desta história, com toda a certeza, não se comportava como um príncipe de um conto de fadas. Não estava de joelhos, nem montado num cavalo branco, nem tinha plantado um pé de feijão. Em vez disso, estava sentado na sua biblioteca, trabalhando num espinhoso problema matemático: o teorema dos quatro quadrados de Lagrange. Para esclarecer o que digo, se este duque em particular um dia encontrasse um pé de feijão de tamanho anormal, isso sem dúvida provocaria um grande avanço nos conhecimentos botânicos a respeito do crescimento incomum das plantas, mas ele certamente não subiria pelo caule.

De posse de tais informações fica claro que o duque de Sconce era o tipo de homem que não se importava com contos de fadas. Não os lia nem pensava a respeito deles (muito menos acreditava neles). A possibilidade de desempenhar um papel num desses contos lhe soaria ridícula e ele teria

rejeitado imediatamente a ideia de se parecer um pouco que fosse com os príncipes de cabelos dourados e trajes de veludo que costumam aparecer em tais histórias.

Tarquin Brook-Chatfield, duque de Sconce – conhecido como Quin pelos íntimos, que somavam exatamente duas pessoas –, parecia-se bem mais com um vilão do que com um herói de contos de fadas, e sabia disso perfeitamente bem.

Não saberia dizer em que idade havia descoberto que não se parecia com um príncipe encantado. Talvez tivesse 5, ou 7, até mesmo 10 anos, mas em algum momento percebera que o cabelo preto como carvão com uma mecha branca sobre a testa não era uma característica nem comum nem estimada. Talvez tivesse acontecido na primeira vez em que seu primo Peregrine o chamou de velho decrépito (ofensa que levava a uma briga lastimável).

No entanto, não era apenas o cabelo que o diferenciava dos outros rapazes. Mesmo quando criança, tinha olhos austeros, maçãs do rosto ferozmente esculpidas e um nariz que quase gritava “aristocrata”. E, aos 32 anos, apresentava a mesma quantidade de rugas de riso em torno dos olhos que tinha vinte anos antes, e por um motivo.

Ele quase nunca ria.

Mas Quin tinha um ponto em comum com o herói de *A princesa e a ervilha*, mesmo que não quisesse admitir: sua mãe estava encarregada de escolher sua futura esposa, e ele não dava a mínima para os critérios que ela aplicaria à tarefa. Se ela achasse que colocar uma ervilha sob um colchão – ou sob cinco colchões – era a melhor forma de avaliar a adequação da futura duquesa, Quin teria concordado, desde que não precisasse se envolver pessoalmente nessa avaliação.

Então, de certa forma, ele era tão real e tão da realeza quanto príncipes sem nome dos contos de fadas, tão *duquificado* quanto Georgiana era *duquesificada*. Poucas vezes entrou em um recinto sem que parecesse ser o dono do lugar. Afinal, como era mesmo o dono de muitos lugares, ele teria argumentado que seria uma suposição bastante plausível. Olhava para baixo porque era mais alto do que a maioria. Tinha um nariz que servia para ser

empinado e a arrogância como um direito de nascença. Não conseguia conceber que houvesse outra forma de se comportar.

Para ser justo, Quin reconhecia que tinha alguns defeitos. Por exemplo, raramente sabia o que as pessoas ao seu redor sentiam. Tinha uma inteligência formidável e raramente se surpreendia com o padrão dos pensamentos de alguém. Mas e quanto às emoções? Ele desaprovava o modo como as pessoas costumavam ocultar os sentimentos para de repente liberá-los numa estrondosa explosão repleta de explicações chorosas.

A antipatia que nutria por sentimentos em geral o levou a se cercar de gente como ele e sua mãe, pessoas que reagem friamente a um problema, esquematizando um plano que em geral envolve experimentação para provar uma hipótese. E mais: pessoas que não choravam se essa hipótese não se confirmasse.

Ele acreditava que as pessoas não deveriam ter tantas emoções, considerando que os sentimentos raramente seguiam a lógica e que, por isso, não tinham qualquer utilidade. Constrangera-se uma vez ao sucumbir a uma avalanche de emoções – e aquilo não havia terminado nada bem.

Na verdade, tinha terminado de uma forma infeliz.

A simples lembrança daquele momento de sua vida enviava uma terrível onda de dor àquela região que Quin costumava supor que alojava seu coração, mas, como de hábito, ele a ignorava. Se prestasse atenção ao número de vezes por mês, por semana, por dia, que sentia aquela pequena pontada... Não! Não havia motivo para pensar naquilo.

Se havia algo que aprendera com a mãe era a esquecer emoções dolorosas. E, se não era possível esquecê-las (ele não conseguia), esse fracasso pessoal devia ser ocultado.

Como se tivesse o poder de trazer a mãe para perto só com a força do pensamento, a porta da biblioteca se abriu e seu mordomo, Cleese, a anunciou:

– Sua Graça.

– Meus planos estão em ordem, Tarquin – declarou a mãe, entrando apressadamente.

Era seguida de perto por sua assistente pessoal, Steig, e sua aia particular, Smither. Sua Graça, a duquesa viúva, preferia manter um pequeno rebanho de seguidores por onde passava, como se fosse um bispo acompanhado por acólitos ansiosos. Era uma mulher de estatura mediana, mas projetava uma presença tão forte que conseguia dar a impressão de ser alta, o que era reforçado pelo uso de uma enorme peruca. De fato, sua peruca tinha uma grande semelhança com a mitra de um bispo. Ambas anunciavam a confiança que seu usuário ou usuária tinha em seu devido lugar no universo: o topo.

Quin já havia se levantado. Saiu de trás da escrivaninha para beijar a mão que a mãe estendia.

– É mesmo? – perguntou de modo educado, enquanto tentava se lembrar de que assunto ela falava.

Por sorte, a duquesa não considerava que respostas fossem elementos obrigatórios em uma conversa. Se pudesse escolher, ela ia preferir fazer monólogos, mas já havia proferido discursos que até poderiam ser classificados como interativos com a plateia.

– Selecionei duas jovens – anunciou a dama. – Ambas de excelentes famílias, naturalmente. Uma é da aristocracia, a outra é da pequena nobreza, mas é recomendada pelo duque de Canterwick. Acho que nós dois concordamos que considerar apenas membros da aristocracia seria uma demonstração de ansiedade em relação ao assunto e os Sconce não precisam de tal emoção.

Ela fez uma pausa e Tarquin assentiu com obediência. Aprendera desde criança que a ansiedade, assim como o amor, era uma emoção que a aristocracia desprezava.

– As duas mães conhecem o meu livro – continuou a duquesa – e tenho uma razoável confiança de que as filhas superarão a série de provas a que devo submetê-las, inspiradas, é claro, em *O espelho dos elogios*. Dediquei muito tempo para pensar em suas visitas, Tarquin, e será um sucesso.

Naquele momento, Quin sabia exatamente qual era o assunto a que a mãe se referia: sua próxima esposa. E aprovou tanto o planejamento quanto a expectativa de sucesso de Sua Graça. A mãe organizava todos os aspectos da própria vida, e com frequência da vida dele também. Na única vez em que ele

se deixara levar pela espontaneidade, uma palavra e um impulso que ele encarava com a mais profunda desconfiança, o resultado havia sido desastroso.

Daí decorria a necessidade de uma *próxima* esposa. Uma segunda esposa.

– Estará casado no outono – declarou a mãe.

– Tenho a máxima confiança de que essa iniciativa, como todas as outras às quais se dedica, será um sucesso – respondeu ele, dizendo nada mais do que a verdade.

A mãe nem piscou. Nenhum dos dois tinha tempo para lisonjas ou elogios frívolos. Como a duquesa escrevera em seu livro, *O espelho dos elogios*, que havia se convertido em um best-seller de forma surpreendente: *A verdadeira dama prefere a reprovação delicada a um elogio extravagante*.

Nem precisaria ser dito que Sua Graça teria ficado extremamente surpresa se recebesse uma reprovação, delicada ou não.

– Assim que encontrar uma esposa digna de sua posição, ficarei feliz – disse ela, e então acrescentou: – No que está trabalhando?

Quin voltou o olhar para a escrivainha.

– Estou escrevendo um artigo sobre a solução de Lagrange para as conjecturas de Bachet a respeito da soma de quatro quadrados.

– Não me disse que Legendre já havia aperfeiçoado o teorema de Lagrange?

– Sua prova era incompleta.

– Ah!

Houve uma pausa momentânea, então a duquesa viúva falou:

– Devo enviar imediatamente um convite para que as jovens escolhidas venham nos fazer uma visita. Depois das devidas observações, farei minha escolha. Uma escolha racional. Nada de sucumbir de novo a uma fantasia ligeira, Tarquin. Acredito que concordamos que seu primeiro casamento tornou evidente como tal comportamento é desaconselhável.

Quin inclinou a cabeça, mas não concordava inteiramente. Tinha sido desaconselhável, com certeza. Terrível, sob alguns aspectos (o fato de Evangeline ter arranjado um amante em poucos meses falava por si). Entretanto...

– Não foi assim sob todos os aspectos – disse ele, em seguida, incapaz de se conter.

– Está se contradizendo – observou a mãe.

– Meu casamento não foi um erro sob todos os aspectos.

Ele e a mãe viviam juntos em bastante harmonia, mas Quin estava bem ciente de que a serenidade do lar dependia do fato de ele em geral escolher o caminho de menor resistência. Quando necessário, porém, podia ser tão firme quanto a duquesa.

– Pois bem – respondeu a mãe, encarando-o. – Cada um de nós faz seu juízo.

– Sou eu quem faz o juízo do meu casamento – declarou Quin.

– A questão é irrelevante – respondeu ela, abanando o leque como se quisesse afastar um inseto. – Farei o melhor para encaminhá-lo de modo a não chafurdar no mesmo lodaçal. Sinto-me bastante exausta pela mera lembrança das tempestades, da petulância, do choro constante. Seria possível pensar que a jovem tinha sido criada no palco.

– Evangeline...

– Um nome extremamente inapropriado para uma dama – interrompeu a mãe.

De acordo com *O espelho dos elogios*, a interrupção era um pecado mortal. Quin esperou um momento, apenas o suficiente para que o silêncio se estendesse até certo ponto naquele aposento. Em seguida, falou:

– Evangeline era profundamente emotiva. Sofria com excesso de sentimentos e com problemas recorrentes nos nervos.

A mãe lançou-lhe um olhar penetrante.

– Acredito que não esteja prestes a me instruir a não falar mal dos mortos, Tarquin.

– Não é um conselho ruim – arriscou ele.

– Humpf.

No entanto, ele havia deixado claro o que pensava. Não fazia grandes objeções quanto a permitir que a mãe organizasse a questão da segunda esposa. Percebia claramente que necessitava de um herdeiro. Mas seu primeiro casamento...

Escolheu não dar ouvidos às opiniões dos outros em relação a isso.

– Voltando ao assunto do momento, embora eu tenha certeza de que os parâmetros formulados pela senhora sejam excelentes, tenho uma exigência a fazer em relação às jovens que selecionou.

– Sim. Steig, preste atenção.

Quin contemplou a assistente da mãe, que já estava com a pena a postos.

– Já devem ter superado a fase dos risinhos.

A mãe assentiu.

– Levarei esse ponto em consideração. – Ela voltou a cabeça. – Steig, faça uma anotação. Mediante pedido expresso de Sua Graça, devo criar mais um teste para determinar se existe uma tendência ao excesso de risos e outros sinais de entusiasmo ingênuo.

– En-tu-si-as-mo in-gê-nuo – balbuciou Steig, escrevendo freneticamente.

Quin teve uma súbita visão de uma duquesa ativa com uma enorme gola de babados, como o rosto de seus ancestrais elisabetanos, lá na galeria de retratos.

– Não me incomodo com entusiasmo – esclareceu. – Apenas não quero risinhos.

– Cuidarei de dispensar qualquer candidata que pareça se permitir elaboradas expressões de prazer – disse a mãe.

Quin conseguia se imaginar preso pelo matrimônio a mais uma mulher que não sentia prazer em estar na sua companhia. Mas não fora isso que sua mãe queria dizer. Ele sabia.

De toda forma, a duquesa já havia partido.

Capítulo 3



*Em que os méritos da virgindade e da devassidão
são avaliados e a devassidão vence*

Olivia e Georgiana mal haviam encerrado a conversa sobre pêssegos e aipo quando a mãe entrou no quarto.

A maioria das mulheres na casa dos 40 anos se permite assumir suaves formas arredondadas. Mas, como se fosse uma reprovação ao corpo de sua filha mais velha, a Sra. Lytton comia como um passarinho e confinava impiedosamente qualquer curva que tivesse dentro de um espartilho feito de ossos de baleia. Em consequência, assemelhava-se a uma cegonha de olhos miúdos e ansiosos, com uma cabeça particularmente emplumada.

Georgiana levantou-se no mesmo instante e fez uma reverência.

– Boa noite, mamãe. Quanta gentileza sua nos fazer uma visita.

– Odeio quando você faz isso – interrompeu Olivia, erguendo-se com um pequeno gemido. – Santo Deus, meus pés doem. Rupert pisou neles umas cinco ou seis vezes.

– Faz o quê, minha querida? – perguntou a Sra. Lytton, ouvindo o comentário enquanto fechava a porta atrás de si.

– Georgie fica toda pegajosa e doce só para você – disse Olivia.

Aquela não era a primeira vez que ela fazia esse comentário.

A cara feia da mãe era uma criação milagrosa: conseguia expressar desgosto sem franzir minimamente a testa.

– Como sua irmã bem sabe, *toda peregrinação da vida de uma dama serve para nada menos do que mostrar para o mundo o que é indispensável para ser um grande personagem.*

– Mostrar *ao* mundo – disse Olivia, fazendo um frágil gesto de rebeldia. – Se a senhora vai citar *O espelho de estupidez indizível*, mamãe, deve fazê-lo da forma correta.

Tanto a Sra. Lytton quanto Georgiana ignoraram aquele comentário desnecessário.

– A senhora estava esplêndida com aquele tafetá cor de ameixa – disse Georgiana, puxando uma cadeira para mais perto da lareira e levando a mãe até ela. – Em particular quando dançava com papai. A jaqueta dele complementava seu vestido nos menores detalhes.

– Já soube? *Ele* vem nos visitar amanhã! – A Sra. Lytton pronunciou aquelas palavras como se Rupert fosse uma divindade que daria a honra de sua presença na morada de meros mortais.

– Sim – disse Olivia, observando a irmã ajeitar uma pequena almofada nas costas da mãe.

– A essa hora, amanhã, já será uma duquesa. – O tremor na voz da Sra. Lytton falava por si.

– Não, não serei. Estarei formalmente comprometida com um marquês, mas não é o mesmo que ser verdadeiramente uma duquesa. Tenho certeza de que lembra que fui prometida ao noivo há uns 23 anos.

– A distinção entre nosso acordo informal com o duque e a cerimônia de amanhã é justamente o que desejo conversar com você – disse a mãe. – Georgiana, talvez devesse nos deixar, pois não é casada.

Olivia achou aquilo surpreendente. A Sra. Lytton piscava de um modo que sugeria que ela estava tomada por uma profunda ansiedade e Georgiana tinha um talento para encontrar frases reconfortantes.

De fato, assim que Georgiana alcançou a porta, a mãe fez um gesto com a mão:

– Mudei de ideia. Minha querida, pode ficar. Não tenho dúvidas de que o marquês lhe fornecerá um dote pouco depois do casamento, portanto a informação também pode ser relevante para você.

Ela prosseguiu:

– Um noivado formal é um relacionamento complicado do ponto de vista legal. Claro, nosso sistema de leis está em constante mudança... Aparentemente, está sempre em constante mudança. Partes da lei antiga, partes da nova... seu pai entende bem mais do que eu.

A Sra. Lytton parecia não ter a mínima ideia do que falava.

– Sob a atual interpretação da lei, seu noivado será um compromisso definitivo, a menos que o marquês sofra um acidente fatal. Neste caso, naturalmente, se tornaria inválido por sua morte.

Ela abriu o leque com um estalo e abanou o rosto, como se tal tragédia fosse terrível demais para ser sequer aventada.

– O que é altamente provável – disse Olivia, reagindo tanto ao leque quanto às palavras da mãe. – Na medida que Rupert tem a inteligência de um pernilongo e aparentemente vai partir para a guerra.

– *A civilidade nunca sai de moda* – retrucou a Sra. Lytton, baixando o leque na altura do queixo e recorrendo a *O espelho dos elogios*. – Não deve se dirigir jamais à aristocracia desta forma. É verdade que, no trágico evento do falecimento do marquês, o noivado se reduziria a nada. Mas também existe uma interessante estipulação sob o comando de uma lei mais antiga, pelo que compreendo.

– Estipulação? – perguntou Olivia franzindo a testa; por azar, justamente no momento em que sua mãe lhe dirigiu o olhar.

– *Não permita que nuvens de desprezo e desdém se aglomerem na sua testa* – disse a Sra. Lytton.

Aparentemente as duquesas permaneciam sem rugas por toda a vida, porque nunca franziam a testa.

– Se você por acaso... – A Sra. Lytton abanou o leque no ar. – Por acaso... por acaso... – Lançou um olhar significativo para Olivia. – Então o noivado seria mais do que legalmente definitivo. Ele se transformaria em um casamento de acordo com algum tipo de lei. Não lembro como o seu pai a

chamou. A lei comum, talvez. Embora eu não consiga entender como uma lei comum poderia ser aplicada à nobreza.

– Está dizendo que, se eu cruzar com NN, eu me torno uma marquesa mesmo que ele venha a morrer na guerra? – disse Olivia, mexendo os doloridos dedos do pé. – Isso me parece extremamente improvável.

O leque estremeceu com agitação.

– Estou certa de que ignoro o que você pretendia dizer, Olivia. Deve aprender a falar na nossa língua.

– Imagino que a lei tenha sido criada para proteger as jovens – interrompeu Georgiana, antes que a mãe pudesse examinar com mais profundidade os ultrajantes lapsos linguísticos de Olivia. – Se compreendo corretamente, mamãe, está dizendo que, caso o marquês perca a compostura e cometa um ato indigno de sua posição aristocrática, ele seria obrigado a se casar com sua noiva. É isso, Olivia.

– Na verdade, não sei exatamente se ele seria obrigado a se casar com Olivia ou se o noivado simplesmente se converteria em casamento. Mas, o que é mais importante, caso essa ocorrência resultasse em... um evento, a criança seria declarada herdeira legítima. E, se o noivo não viesse a falecer, ele não teria permissão para mudar de ideia. Não que o marquês pudesse pensar em tal coisa.

– Em suma – disse Olivia com indiferença na voz –, a atividade na cama precede as algemas.

A mãe fechou o leque com um estalo e levantou-se.

– Olivia Mayfield Lytton, sua incessante vulgaridade é inaceitável. Mais inaceitável ainda por sua condição de futura duquesa. Lembre-se: todos os olhares estão em você! – Ela parou para recuperar o fôlego.

– Podemos voltar a um assunto mais importante? – perguntou Olivia, pondo-se relutantemente de pé mais uma vez. – Ao que me parece, a senhora está me instruindo a seduzir Rupert, embora, de forma irresponsável, tenha negligenciado meus estudos nesta arte em particular.

– Não consigo *suportar* sua vulgaridade imunda! – rosnou a Sra. Lytton. Então lembrou-se de que era a mãe de uma futura duquesa, pigarreou e respirou fundo. – Não há necessidade de nenhum... *esforço*. Para um homem,

até mesmo para um cavalheiro, basta a impressão de que uma mulher está pronta para manter intimidade e ele... pois bem, ele se aproveitará da situação.

E depois de dizer aquilo, a Sra. Lytton desapareceu porta afora, sem sequer se despedir das filhas.

Olivia voltou a se sentar. A mãe nunca se interessara em demonstrar afeto, mas estava dolorosamente claro que muito em breve Olivia ficaria sem mãe nenhuma, apenas com uma dama de companhia irritada e irritante. O pensamento causou-lhe um nó na garganta.

– Não quero deixá-la agitada – comentou Georgiana, sentando-se também –, mas eu diria que mamãe e papai vão trancá-la com o NN na adega.

– Poderiam transferir o leito matrimonial para o escritório. Basta garantir que Rupert compreenda qual é a sua missão.

– Ah, ele vai compreender – disse Georgiana. – Até onde sei, os homens lidam com isso naturalmente.

– Mas nunca tive a sensação que indicasse que o NN fosse esse tipo de homem. E você?

– Não. – Georgiana pensou por um momento. – Pelo menos por enquanto. Ele é como um filhote.

– Não acho que ele vá amadurecer até amanhã à noite.

“Filhote” não era uma descrição ruim para Rupert, considerando que ele havia completado 18 anos na semana anterior. Olivia sempre culparia o pai por ter se adiantado e contraído matrimônio antes do duque. E então ter decidido procriar no mesmo ritmo assombroso.

Era cansativo ser uma mulher de 23 anos noiva de um garoto que mal havia feito 18 anos. Especialmente de um menino que chegara aos 18 anos ainda tão imaturo.

Durante toda a leve ceia antes do baile, Rupert tagarelara sobre o modo com que a glória de seu sobrenome dependia de sua atuação no campo de batalha, embora todos na mesa soubessem que ele nunca se aproximaria de um. Podia estar “indo para a guerra”, mas era o rebento de um duque. E mais: um herdeiro sem um irmão que o substituísse e, desse modo, precisava ficar longe do perigo. Provavelmente seria enviado para outro país. Na verdade,

Olivia estava até surpresa que o duque tivesse dado permissão para que Rupert deixasse a Inglaterra.

– Você terá que tomar a iniciativa – sugeriu Georgiana. – Já comece como se tivesse intenção de ir em frente.

Olivia deixou-se afundar no sofá. Sabia, claro, que teria que se deitar com Rupert em algum momento. Mas tinha imaginado que o evento se passaria no escuro, de modo que ela e Rupert poderiam ignorar com mais facilidade o fato de que, em altura, Olivia tinha uma cabeça de vantagem e, em matéria de peso, ele tinha uns sete quilos a menos do que ela. Não parecia provável que isso ocorresse se estivessem trancados na biblioteca.

– Sua silhueta é um ponto a favor – prosseguiu Georgiana. – Os homens gostam de mulheres cheias de curvas.

– Não posso dizer que eu já tenha reparado nisso. A não ser, talvez, no que diz respeito a Melchett, o novo lacaio com ombros lindos.

– Você não deveria cobiçar um lacaio – disse Georgiana, com recato.

– Ele me devora com os olhos, não o contrário. Eu apenas observo. Qual você acha que é o motivo para que não nos casemos logo? – perguntou Olivia, sentando-se sobre os pés. – Sei que tivemos que esperar que Rupert completasse 18 anos, embora, com franqueza, achasse que podíamos ter feito isso quando ele abandonasse as fraldas. Ou pelo menos deixasse o berçário. Não é como se tivéssemos esperado ele atingir a maturidade no sentido que a maioria das pessoas pensa nessa palavra. Por que um noivado e não um casamento?

– Presumo que o NN não queira se casar.

– Por que não? Não estou dizendo que eu seja um grande prêmio matrimonial. Mas não é possível que ele tenha esperanças de escapar aos desejos do pai. Não acho que queira isso de forma alguma. Ele não tem um pinga de rebeldia.

– Nenhum homem deseja se casar com uma mulher escolhida pelo pai. Na verdade, nenhuma mulher também... pense em Julieta.

– Julieta Fallesbury? Quem foi que o pai escolheu? Só lembro que ela fugiu com um jardineiro que ela apelidava de Compridão.

– *Romeu e Julieta*, sua boba!

– Shakespeare nunca escreveu nada relevante para minha vida – declarou Olivia. – Pelo menos até que descubram uma tragédia escondida chamada *Muito barulho por Olivia e o Tolo*. Rupert não é um Romeu. Nunca demonstrou a mínima inclinação para desmanchar nosso noivado.

– Nesse caso, presumo que ele sinta que é jovem demais para se casar. Talvez deseje experimentar um pouco de promiscuidade antes.

As duas fizeram silêncio por um momento, tentando imaginar Rupert como promíscuo.

– Difícil de visualizar, não é? – disse Olivia depois de um tempo. – Simplesmente não consigo pensar no NN indo pra cama com alguém.

– Não deveria ser capaz de pensar em *ninguém* nessa situação – disse Georgiana com voz fraca.

– Poupe sua virtude tediosa para os momentos em que há alguém no aposento que se importe com isso – aconselhou Olivia, sem usar um tom indelicado. – Acha que Rupert tem alguma ideia da mecânica necessária?

– Talvez ele esteja esperando que, ao voltar da França, tenha ganhado mais uns três ou quatro centímetros de altura.

– Ah, acredite em mim – disse Olivia, estremecendo. – Tenho pesadelos recorrentes em que nós dois adentramos a Catedral de São Paulo. Mamãe me obriga a usar um vestido de noiva enfeitado por montes de tule para que eu pareça duas vezes mais alta e duas vezes mais larga do que o noivo. Rupert aparece com aquele cachorrinho ridículo que ele mantém sempre a seu lado, o que só chama atenção para o fato de que o cão tem uma cintura mais marcada do que a minha.

– Tomarei conta de mamãe quando chegar a hora de escolher seu vestido – prometeu Georgiana. – Mas o vestido de noiva é irrelevante para esta conversa, que diz respeito à sedução que deverá ocorrer amanhã.

– *Diz respeito?* Realmente, acho que deve tomar cuidado, Georgie. Sua linguagem está maculada por aquele *Espelho* pestilento até quando estamos a sós.

– Terá de pensar no dia de amanhã como uma provação, como foi para Hércules limpar os estábulos de Aúgias.

– Eu preferia esfregar toda a sujeira dos estábulos a seduzir um homem que é uma cabeça mais baixo que eu e mais leve do que pena.

– Ofereça-lhe uma bebida – sugeriu Georgiana. – Lembra-se de como a babá Nuddle tinha pavor de homens que tomavam bebidas alcoólicas? Dizia que eles se transformavam em sátiros furiosos.

– Rupert, o Sátiro Furioso – disse Olivia, pensativa. – Já posso vê-lo saltitando pela floresta sobre seus casquinhos agitados.

– Os cascos talvez lhe dessem um ar distinto. Especialmente se usasse um cavanhaque. Sátiros sempre usam cavanhaques.

– Rupert estaria em dificuldades. Disse a ele, essa noite, que achava interessante seu esforço para cultivar um bigode, mas estava mentindo. Os sátiros também têm chifres, não?

– Têm, sim. E também têm rabo.

– Um rabo talvez desse a Rupert um ar demoníaco, como um daqueles canalhas que dizem ter dormido com metade da aristocracia. Talvez eu tente imaginá-lo com tais adornos amanhã à noite.

– Vai começar a rir – avisou Georgiana. – Não deve rir de seu marido durante momentos íntimos. Pode fazer com que ele desanime.

– Em primeiro lugar, ele não é meu marido. Em segundo, ou se ri de Rupert ou se cai em prantos. Enquanto dançávamos hoje, perguntei a ele o que o duque achava de seu plano de conquistar a glória e ele parou no meio do salão e anunciou: *O tuque pode afundar as asas de uma águia, sem sucesso!* Em seguida abriu o braço e atingiu lady Tunstall com tanta força que sua peruca voou longe.

– Eu vi – disse Georgiana. – Do canto do salão parecia que ela estava fazendo um alvoroço desnecessário. Só chamou mais atenção.

– Rupert devolveu-lhe a peruca com um comentário encantador. Disse que ela não parecia de modo algum ser careca e que ele nunca teria adivinhado tal coisa.

Georgiana assentiu.

– Um momento empolgante para ela, sem dúvida. Não entendi nada sobre o tuque.

– Ninguém conseguiria. A vida com Rupert vai ser uma série de momentos empolgantes exigindo interpretação.

– O tuque deve ser o pai, o duque – disse Georgiana, ainda intrigada. – Talvez afundar as asas de uma águia seja, na verdade, cortar as asas de uma águia? O que acha? Isso significa que Rupert se considera uma águia. Pessoalmente, acho que ele é bem mais parecido com um tuque.

– Porque ele tem um canto elaborado? Com certeza, ele seria o único a se enxergar como uma águia. – Olivia se levantou e tocou o sino. – Acredito que seria minha incumbência... uma palavra de peso para você, Georgie... seria minha incumbência ter em mente que estou sendo convidada a manter intimidades com um passarinho na biblioteca de meu pai amanhã à noite. E se isso não diz muito sobre o relacionamento que tenho com meus pais, não sei mais o que diria.

Georgiana bufou.

Olivia sacudiu um dedo diante dela.

– Acabou de fazer um ruído muuuito vulgar, minha dama. Muito vulgar.

Capítulo 4



*Sobre aquilo que está gravado no coração
de um homem (ou de uma mulher)*

Na noite seguinte, Olivia foi posicionada no sofá da sala de estar amarela umas duas horas antes da chegada prevista do duque de Canterwick e seu filho Rupert. A Sra. Lytton ficou correndo pela casa, disparando ordens para os criados. O Sr. Lytton era mais afeito a andar de um lado para outro. Mexeu na gravata até ela estar toda amarrotada e ele precisar sair para trocá-la.

A verdade era que os pais de Olivia haviam preparado toda a sua vida de casados para aquele momento. Mesmo assim, não acreditavam realmente em sua boa sorte. Ela podia perceber a incredulidade em seus olhares.

Seria o duque capaz de levar adiante tal casamento baseado numa promessa feita anos atrás, quando ainda era um estudante? Em seu íntimo, eles ainda não estavam convencidos.

– *Dignidade, virtude, afabilidade e postura* – sussurrou a mãe para ela, pela terceira vez naquela noite.

O pai foi mais direto.

– Pelo amor de Deus, mantenha a boca fechada.

Olivia assentiu. Mais uma vez.

– Não está nem um pouco nervosa? – chiou a mãe, sentando-se a seu lado.

– Não – afirmou Olivia.

– Isso... isso não é natural! Pensaria até que você não deseja ser uma duquesa!

Para a Sra. Lytton, aquela ideia era claramente inconcebível.

– Considerando-se que estou prestes a me tornar oficialmente a noiva de um homem cujo cérebro faria um grão de areia parecer algo gigantesco, tenho que desejar mesmo ser uma duquesa – argumentou Olivia.

– O tamanho do cérebro do marquês é irrelevante – disse a Sra. Lytton, franzindo a testa e, no instante seguinte, alisando a pele com a ponta dos dedos, caso uma ruga houvesse despontado. – Algum dia, você se tornará uma *duquesa*. Nunca pensei no cérebro do seu pai ao me casar com ele. A mera menção a isso não seria digna de uma dama.

– Estou bem certa de que papai dava evidências de ter uma inteligência normal – disse Olivia.

Ela estava sentada, totalmente imóvel, para que os cachinhos ridiculamente artificiais não se embaraçassem.

– O Sr. Lytton apareceu para uma visita. Dançamos. Nunca levei em consideração sua inteligência. Você pensa demais, Olivia!

– O que pode não ser uma desvantagem, uma vez que qualquer mulher que se case com Rupert terá de pensar pelos dois.

– Sinto palpitações no coração – disse a Sra. Lytton, com um pequeno suspiro. – Tenho vertigens até a ponta dos pés. E se o duque mudar de ideia? Você... você não é tudo o que poderia ser. Se pudesse parar de ser tão *espirituosa*, Olivia. Garanto que seus chistes não têm nenhuma graça.

– Não tenho intenção de ser engraçada, mamãe – retrucou Olivia, começando a se sentir um pouco zangada apesar de ter prometido a si mesma que não entraria em discussões. – Simplesmente não concordo sempre com a senhora. Vejo as coisas de uma forma diferente.

– Você se permite praticar um humor grosseiro.

– Então eu e Rupert formamos um casal e tanto – disse Olivia, que por pouco não deu uma resposta malcriada. – O bobo e a grosseira.

– É exatamente a esse tipo de coisa que eu me refiro! – A mãe acusou Olivia. – Não é natural fazer chistes em um momento como esse, quando um marquês está prestes a assumir o compromisso matrimonial com você.

Olivia *estava* calma. Sabia perfeitamente bem que o pai de Rupert chegaria na hora marcada, trazendo os papéis necessários para oficializar o noivado. A presença do noivo mal parecia ser relevante.

O duque de Canterwick era um homem prático, sem nenhum interesse em encontrar uma esposa compatível para seu filho. Na verdade, procurava uma ama. Uma ama fértil. Não precisava de dinheiro, e o dote que os pais de Olivia haviam juntado ao longo do tempo, que era mais do que respeitável para uma moça de sua posição, não tinha qualquer importância.

Eram os quadris e os miolos de Olivia que haviam feito o duque ir em frente e cumprir sua promessa, como ele dissera a ela tranquilamente no dia em que ela completara 15 anos. Os pais tinham oferecido uma festa no jardim para as filhas e, para a enorme surpresa de todos, Sua Graça comparecera. Rupert não o acompanhara pois tinha então apenas 11 anos e mal deixara de usar calças curtas.

– Meu filho é um idiota desmiolado – dissera o duque para Olivia, fitando-a com tanta intensidade que os olhos dele chegaram a saltar um pouquinho para fora das órbitas.

Como compartilhava da opinião do duque, Olivia havia considerado que o melhor era se manter calada.

– E você sabe disso – acrescentara ele, com clara satisfação. – Você é a pessoa certa, minha garota. Tem bons miolos e bons quadris.

Ela devia ter se sobressaltado, pois ele acrescentara:

– Quadril é sinônimo de filhos. Minha esposa era magra como um corrimão e veja o que aconteceu comigo. Há duas coisas que desejo numa nora: que tenha bons quadris e que tenha bons miolos. Não me importo de lhe dizer que se não tivesse um desses dois atributos eu teria esquecido a promessa que fiz a seu pai e procuraria até encontrar a mulher certa. Mas você é a mulher certa.

Olivia assentira e desde então nunca duvidara de que, um belo dia, se casaria com Rupert. Sua Graça, o duque de Canterwick, não era um homem

que permitiria que simples detalhes, como os sentimentos de Rupert ou os dela, interferissem em sua decisão.

Conforme passaram os anos e o duque não trazia o filho para o altar, mesmo quando seus pais ficavam cada vez mais nervosos, Olivia não se preocupava. Rupert era um idiota desmiolado e ele não mudaria.

Os quadris dela também não mudariam.

Quando uma carruagem com o brasão ducal finalmente foi vista virando na rua Clarges, o pai assumiu a posição junto ao ombro direito de Olivia, enquanto a mãe se sentou ao lado dela, de perfil para a porta, e ajeitou nervosamente as saias.

O duque entrou na sala sem permitir que o mordomo o anunciasse. De fato, o duque de Canterwick não era o tipo de homem que permitiria que outro homem, a não ser da realeza, o precedesse. Ele parecia ser o que era, um homem dado a rotular 99% da população mundial como alpinistas sociais insolentes.

Alguém particularmente observador, assim como Olivia, poderia ter percebido que, na verdade, foi o nariz do duque que entrou primeiro na sala de estar. Tinha um focinho magnífico, um narigão formidável. Mas combinava com ele. Olivia achava que devia ser pelo modo com que mantinha a cabeça erguida e o queixo para a frente.

Ele se comportava como se sua presença fosse a única coisa capaz de tornar visíveis as outras pessoas, embora até Olivia concordasse que ela estava exagerando. *Uma dama não se curva diante de ideias fantasiosas*, teria dito sua mãe, citando naturalmente *O espelho dos vermes*.

Infelizmente, a cabeça de Olivia parecia estar tomada apenas por ideias fantasiosas, mesmo no momento em que ela cumprimentou o duque com graça e lhe deu um sorriso muito bem calibrado entre o assombro e o respeito.

Rupert, por outro lado, recebeu um sorriso que mesclava familiaridade e respeito (este último, inteiramente fingido).

– Aí está você! – disse ele, com seu entusiasmo habitual.

Olivia voltou a fazer uma reverência e estendeu a mão. Como ele só alcançava a altura de seu ombro, Rupert não precisava se curvar muito para

beijar-lhe a luva. Era uma infelicidade que houvesse herdado apenas o nariz do pai, mas nada da personalidade dominadora do duque. O nariz parecia apenas obrigar que se prestasse mais atenção a sua boca. Que invariavelmente se mantinha aberta, com os dentes inferiores visíveis num reluzente bico.

Olivia nunca ficava tão feliz por usar luvas quanto nas ocasiões em que recebia as saudações de Rupert. De qualquer forma, ele sempre deixava um ponto de umidade no dorso de sua mão.

– Aí está você! – repetiu ele, endireitando-se com um imenso sorriso no rosto. – Aí está você! Aí está você!

Rupert era dado a soltar frases que não tinham qualquer significado.

De fato, embora Olivia concordasse com a frase (realmente, ela estava ali!), deixava-se intrigar pelas diferenças entre Rupert e o pai.

O duque de Canterwick era muito inteligente. Mais do que isso, era implacável. Na opinião de Olivia, a maioria das pessoas permitia que os sentimentos interferissem na lógica. Com Canterwick, isso não ocorria.

Dado tal nível de limpidez de raciocínio, era um tanto estranho que seu filho não fosse só desprovido da parte intelectual, mas também dado a excessos de emoção. Rupert fazia com que as pessoas pensassem, constrangidas, que ele estava a ponto de começar a cantar – ou pior, a chorar. Definitivamente, seria preciso pensar duas vezes antes de mencionar um funeral recente, mesmo que fosse o de uma idosa tia-avó, se Rupert estivesse sentado a seu lado durante uma refeição.

– E aqui está Lucy! – disse ele, com ainda mais entusiasmo.

Lucy era uma cadela muito pequena, de aspecto um tanto desganhado, que Rupert havia encontrado em um beco fazia mais ou menos um ano.

Lucy olhou para Olivia com ar de adoração, o rabinho fino, parecido com o de uma ratazana, balançando de um lado para outro como um metrônomo programado para um *molto allegro*.

– Hoje não tem torta de carne – sussurrou Olivia, abaixando-se para levantar uma das orelhas compridas de Lucy.

Lucy era, entre todos, aquela que tinha os melhores modos. Lambeu a mão de Olivia apesar da decepção e então trotou atrás de Rupert.

Ele estava se curvando, dobrando-se quase até o chão em saudação aos pais de Olivia, o que deu a ela uma excelente perspectiva daquele nariz monumental e do lábio inferior pendular. Ocorreu-lhe, não pela primeira vez, que estava para se casar com o tipo de homem que as pessoas desejavam que fosse invisível. Ou, se a invisibilidade não fosse possível, que pelo menos ficasse em silêncio. Ela engoliu em seco.

– E agora – anunciou Sua Graça – eu nunca poderia ficar com minha consciência tranquila se não estivesse absolutamente certo de que a Srta. Lytton deseja a união com meu filho tanto quanto todos nós. Uma promessa feita entre estudantes jamais deveria obrigar uma jovem ao sagrado matrimônio.

– Disse isso para ele – falou Rupert, com uma satisfação palpável. – Ninguém poderia me obrigar a casar. A decisão é minha. Cortar minhas asas não funciona.

– Ninguém está tentando cortar suas asas – retrucou o pai.

O Sr. e a Sra. Lytton olharam para o futuro genro com expressões idênticas de alarme e confusão.

– Meu filho quer dizer que está profundamente entusiasmado para se casar com a Srta. Lytton assim que retornar do serviço militar – esclareceu o duque.

A Sra. Lytton piscava loucamente.

– Em primeiro lugar, vou honrar nosso nome – interveio Rupert. – Glória, e tudo o mais.

O duque pigarreou, lançando um olhar significativo ao filho.

– Agora não é hora de falar sobre sua vontade de demonstrar habilidades militares, filho, mas de saber se a Srta. Lytton não se importa de esperar até a sua volta. A pobre dama já é sua noiva há um bom tempo.

O rosto de Rupert se contorceu numa expressão quase cômica de ansiedade.

– Devo conquistar a glória para honrar o nome da família – disse ele para Olivia. – O que quero dizer é que sou o último da linhagem. O resto morreu em Culleron Door.

– Culloden Moor – disse o pai. – A revolta jacobita. Tolos, cada um deles.

– Compreendo perfeitamente – disse Olivia a Rupert, resistindo ao impulso de retirar a mão que ele segurava.

Ele continuou a apertá-la com força.

– Casarei com você assim que voltar. Em busca da glória, compreende?

– Claro – Olivia conseguiu pronunciar. – A glória.

– Não há necessidade de se preocupar com a minha filha – afirmou a Sra. Lytton para Rupert. – Ela esperará o senhor sem qualquer dúvida. Não apenas por meses, mas por anos.

Olivia achou que era um pouco demais, mas obviamente não tinha o controle do cronograma. Se os pais insistissem, ela teria de fato de esperar mais cinco anos até que Rupert retornasse à Inglaterra coroadado de glória ou, o que era mais provável, de ignomínia. A ideia de Rupert na guerra era claramente assustadora: homens como ele não deveriam receber um canivete, muito menos algo tão letal quanto uma espada.

– Minha querida dama – disse o duque para a Sra. Lytton –, não se deve confiar numa mãe para mensurar as profundezas do coração de uma filha.

A Sra. Lytton abriu a boca para refutar a afirmação. Com toda a certeza, ela considerava que havia mensurado todas as profundezas do coração de Olivia e que encontrara nada além de uma placa onde se lia *Futura Duquesa de Canterwick*.

O duque ergueu a mão de modo educado, mas firme. E voltou-se para Olivia. A jovem fez mais uma reverência perfeita.

– Conversarei com a Srta. Lytton na biblioteca – anunciou Sua Graça. – Enquanto isso, Rupert – ele praticamente estalou os dedos –, informe ao Sr. Lytton sobre a situação na França. Meu querido senhor, o marquês vem estudando o panorama com algum fervor e tenho certeza de que ele poderá esclarecer alguns dos graves perigos apresentados pela derrota do outro lado do canal.

Deixaram o aposento ao som da tagarelice de Rupert. Olivia permitiu-se sentar quando chegaram à biblioteca. O duque assumiu sua postura preferida,

os pés afastados, mãos atrás das costas, como se estivesse na proa de um navio.

Teria sido um bom capitão, pensou Olivia naquele momento. O nariz teria sido útil para sentir o cheiro dos ventos tempestuosos ou para farejar artigos apodrecidos no depósito.

– Caso esteja preocupada, minha querida, Rupert não vai colocar os pés em nenhum ponto da costa francesa – anunciou Sua Graça.

Olivia assentiu.

– Fico muito feliz em saber.

– Ele vai desembarcar em Portugal.

– Portugal? – repetiu Olivia, pensando que tinha acertado. Rupert, de fato, ficaria a um país inteiro de distância da batalha.

– Os franceses estão lutando na Espanha, a pouca distância – prosseguiu o duque. – Mas Rupert vai desembarcar em Portugal e ficará por lá. Deseja estar ao lado de Wellington, mas simplesmente não posso permitir.

Olivia voltou a inclinar a cabeça.

O duque transferiu o peso de um pé para o outro; era a primeira vez que Olivia vislumbrara nele a mínima sombra de incerteza. Então ele falou:

– Ele é um bom rapaz, como a senhorita vai descobrir. Em geral, faz o que mandam sem criar muito caso. Aprendeu... Consegue até dançar agora. Não falo de uma quadrilha, é claro, mas da maioria das danças. Entretanto, quando bota uma ideia na cabeça, simplesmente não abre mão dela. E aqui está o problema: ele se convenceu de que não se casará até obter a glória militar.

Olivia não mexeu uma sobrancelha. Mas o duque percebeu algo mais sutil em seu rosto.

– Assombroso, não é? Culpo os tutores por terem passado tempo demais enfiando a história da família na cabeça dele. O primeiro duque comandou 500 homens no campo de batalha, e a melhor forma de descrever essa ação seria como uma gloriosa e épica derrota. Mas, é claro, entre nós contamos a história de uma forma diferente. Ou pelo menos aqueles tutores idiotas assim o fizeram. Rupert deseja liderar uma tropa e voltar para casa coberto de glória.

De repente, Olivia percebeu que sentia piedade pelo duque, algo de que ele, sem dúvida alguma, se ressentiria.

– Talvez ele possa comandar uma pequena escaramuça? – sugeriu ela.

– É precisamente o que penso – disse o duque, suspirando. – Foram necessárias algumas manobras, mas ele está encabeçando um grupo de cem homens.

– E o que ele fará com os soldados?

– Vai comandá-los na batalha – disse o duque. – Em Portugal, a uma boa distância de qualquer tropa inimiga.

– Ah.

– Claro, sempre que ele está longe de mim, eu me preocupo.

Olivia também se preocuparia se tivesse a mais vaga afeição por Rupert. Ele era do tipo que cometeria suicídio. Ele não pensaria nisso intencionalmente, mas seria capaz de vagar por Whitefriars segurando uma caixa de rapé coberta de joias e um diamante preso na gravata. Suicídio.

O duque bateu com a bengala nas lajotas diante da lareira, como se quisesse aplainá-las.

– A verdade é que estou preocupado com a possibilidade de Rupert não aceitar o casamento se for obrigado por mim a subir ao altar.

Olivia voltou a assentir.

O duque a olhou de relance e deu outra boa cutucada na lajota a seus pés.

– Eu poderia mandá-lo à força para uma igreja, obviamente, mas não ficaria surpreso se ele dissesse “não” no momento crucial, mesmo que eu enchesse a catedral com testemunhas. Ele explicaria animadamente os motivos exatos para não ir adiante com seus votos e, com toda a certeza, ficaria feliz de dizer a todos que só planeja se casar depois que conquistar... – Ele ficou sem voz.

– A glória militar – Olivia concluiu a frase por ele.

Estava sentindo pena do duque, de verdade. Ninguém precisava ser humilhado daquele jeito.

– Precisamente. – Outra batida soou, junto com um claro som de madeira se partindo.

– Não tenho dúvida de que o marquês retornará de Portugal satisfeito com sua bravura – disse Olivia.

Também era verdade. Desde que houvesse alguém ao lado de Rupert capaz de descrever uma marcha por uma estrada interiorana como o valente ato de subjugar um inimigo (invisível), o marquês voltaria para casa feliz.

– Tenho certeza de que tem razão. – O duque apoiou a bengala lascada contra a lareira e se sentou diante de Olivia. – O que preciso pedir para a senhorita é algo que nenhum cavalheiro deveria tratar com uma jovem.

– Algo relativo à lei comum? – indagou Olivia.

A testa do duque se enrugou.

– Lei comum? O que isso tem a ver?

– A lei antiga e a nova lei? Meus pais falaram alguma coisa sobre regras mais antigas e mais novas relativas a noivados...

– A lei inglesa é a lei inglesa. E, até onde tenho conhecimento, a lei comum não tem qualquer relação com noivados. – O duque lançou um olhar límpido e penetrante. – As mulheres não deveriam se envolver com as questões do direito. Embora a senhorita necessite desenvolver alguma familiaridade, pois Deus sabe que não será possível deixar que Rupert tome decisões sozinho. Mas lhe ensinarei tudo. Assim que se casar, irá para a propriedade e começarei seu treinamento.

Olivia considerou um grande triunfo o fato de seu sorriso não ter fraquejado, embora seu coração estivesse apressado e uma voz em pânico em sua cabeça gritasse: *Treinamento? Mais treinamento?*

Sua Graça não reparou em seu silêncio.

– Vou ensiná-la a ser uma duquesa, pois Rupert não está à altura da tarefa. Mas a senhorita é bastante inteligente. Percebi quando tinha 15 anos.

Olivia disfarçou e assentiu.

– Compreendo – sua voz parecia um tanto fraca, mas o duque não estava mesmo prestando atenção.

– Talvez não saiba, mas nosso título tem origem em um antigo ducado escocês – disse ele.

Seu olhar ainda não encontrava o dela. Ele estendeu o braço, segurou a bengala rachada e levou-a ao colo, examinando-a como se avaliasse se seria

digna de conserto.

– Estou ciente – disse Olivia.

Obviamente, o duque não tinha ideia da extensão de seus conhecimentos sobre as propriedades dos Canterwick e sua história. Poderia ter lhe dito o nome do primogênito de um primo em segundo grau separado por três gerações. E o nome do sétimo filho, aquele famoso por ter nascido no salão de uma estalagem depois que a mãe bebeu cerveja demais.

– Devido a nossas raízes ancestrais na Escócia, é possível defender que se apliquem as regras escocesas para heranças.

– Ah.

O duque deliberadamente abaixou um joelho com força e a bengala se partiu ao meio, mas ele nem ergueu os olhos.

– Se concebesse uma criança agora, antes que meu filho partisse para Portugal, essa criança seria legítima, segundo a lei escocesa. Quero deixar uma coisa clara desde já: a senhorita não se tornará marquesa até que meu filho volte e se case. Algumas pessoas seriam capazes de lhe dizer coisas cruéis, como fariam com qualquer mulher que esperasse um filho sem o benefício do matrimônio, embora, naturalmente, a senhorita fosse estar imediatamente sob minha proteção.

– Sim – murmurou Olivia.

– Eu não daria a Rupert a menor possibilidade de fugir a seu dever. De fato, se o feliz evento fosse ocorrer, eu enviaria imediatamente documentos para o casamento a distância, para que ele os assinasse em Portugal. Desde que não houvesse contratempos em relação aos documentos... e não vejo motivo para que haja... a senhorita se transformaria em marquesa antes do nascimento da criança.

Ele fez uma pausa.

– No caso de acontecer alguma coisa com Rupert antes da assinatura dos documentos, a senhorita teria a satisfação de ser a mãe de um futuro duque.

Olivia sentiu um impulso terrível de citar uma frase muito bem escolhida, retirada de *O espelho dos elogios: Nada é mais precioso do que a honra de uma virgem!* Mas permaneceu em silêncio, sem sequer argumentar que

poderia ser uma menina, uma possibilidade que não parecia ter ocorrido ao duque.

– Com ou sem filho, eu a presenteari com uma renda e uma pequena propriedade – continuou Canterwick.

– Eu compreendo – prosseguiu Olivia.

Se estava entendendo corretamente, o duque acabara de lhe oferecer bens em troca da perda da sua virgindade antes do casamento. Era um pensamento assombroso.

– Designei lady Cecily Bumtrinket como sua acompanhante ao interior. Não poderá ficar em Canterwick Manor, claro, até que os documentos de casamento sejam assinados ou que meu filho volte para se casar com a senhorita. Não seria apropriado.

– Lady Cecily Bumtrinket? – repetiu Olivia. – E eu não poderia simplesmente permanecer em casa até a ocorrência de um dos dois eventos?

– Não seria adequado permanecer aqui por mais tempo. – O duque olhou o aposento de relance com uma levíssima sombra de desdém indiferente. – A senhorita e sua irmã ficarão na propriedade do duque de Sconce até conseguirmos resolver todos os pormenores legais. A duquesa viúva planejou convidar uma jovem para avaliar sua adequação à posição de duquesa, e eu a convenci de que sua irmã também seria uma candidata adequada. O convite é uma cortesia a seus pais, como deverei informar sua mãe em seguida.

Olivia murmurou:

– Georgiana ficará muito grata pela confiança depositada nela.

– E assim deveria se sentir – declarou o duque. – Tomei a liberdade de informar madame Claricilla, em Bond Street, que ela deve fornecer vestimentas para a senhorita e sua irmã de forma a corresponder a sua nova situação dentro de uma quinzena. Deve saber, minha querida, que nós, os duques, tendemos a permanecer entre os nossos. Podemos fazer cruzamentos híbridos, assim como acontece com cães e cavalos, mas preferimos estar na nossa própria companhia.

A cabeça de Olivia rodava. Aparentemente, ela fazia parte de uma experiência de cruzamento híbrido. E deveria ficar na companhia da duquesa

viúva de Sconce? Ninguém menos do que a autora daquela terrível obra, *O espelho dos elogios*?

O duque se levantou e finalmente a olhou. As sobrancelhas dele eram um tanto peludas e intimidadoras, mais ainda combinadas àquele enorme nariz em forma de bico. Mesmo assim, Olivia conseguia enxergar gentileza e desespero em seus olhos.

– Não se preocupe – disse ela impulsivamente, levantando-se. – Rupert e eu faremos o melhor que pudermos.

– Não é culpa dele, a senhorita sabe – disse o duque. – Ele não estava respirando ao nascer e os médicos acreditam que isso afetou seu cérebro. Não é... seus filhos não vão puxar ao pobre menino.

Olivia deu um passo à frente e segurou a mão do duque. Pela primeira vez em seus inúmeros encontros, ela sentiu um carinho genuíno por ele. De todas as pessoas e bens vinculados ao ducado de Canterwick, seu sogro seria um dos poucos a quem ela não temeria.

– Faremos o melhor possível – repetiu ela. – E Rupert ficará seguro em Portugal. É muito gentil de sua parte permitir que ele persiga seu sonho. Estou certa de que ele ficará feliz por ter viajado para fora da Inglaterra.

O canto da boca do duque se ergueu.

– A mãe dele teria desejado isso. Eu sei. Teria me dito que eu preciso permitir que ele se torne um homem, por mais que eu prefira mantê-lo ao meu alcance.

Olivia pestanejou. Sabia pouquíssimo sobre a duquesa. Os pais sempre disseram que ela era doente e vivia em isolamento.

– Elizabeth quase morreu no parto – disse o duque com pesar. – Sobreviveu, mas nunca mais foi a mesma. Não consegue comer sozinha. Não me reconhece. Mora no campo.

– Sua esposa e seu filho foram prejudicados pelo mesmo evento? – balbuciou Olivia antes que conseguisse se conter.

– É isso mesmo – disse o duque. – É um inferno. Mas Rupert tem um bom coração. É uma alma alegre e bondosa e, se não penso em como poderia ter sido se o parto tivesse sido perfeito, nós dois nos damos bastante bem. E, minha querida, falei sobre seus miolos e seus quadris, mas o mais importante

é que seja sempre gentil com ele. Não é fácil. Ele tende a tagarelar, mas nunca a vi zombando dele.

Olivia apertou-lhe a mão com mais força.

– Prometo ser gentil – disse ela, e, naquele momento, era como se tivesse acabado de pronunciar seus votos.

O duque abriu aquele sorriso estranho de novo.

– Vou mandá-lo a seu encontro.

E partiu.

Capítulo 5



Eventos que não justificam qualquer introdução

Rupert, habitualmente, entrava em qualquer aposento com uma animada sequência de cumprimentos. Como lhe ensinaram as saudações adequadas, era óbvio que ele se deliciava em seguir as regras apropriadas. Mas, naquele momento, ele entrou na biblioteca sem dizer uma palavra, seus olhos alcançando o rosto de Olivia e se afastando.

Olivia permitiu-se lançar uma série de maldições silenciosas, magoadas, a seus pais. Ela esquecera, mais uma vez, de levar em conta o que Rupert poderia estar pensando de tudo aquilo. Pela expressão dele, ela e Georgiana estavam certas ao supor que Rupert não tinha sido orientado para enfrentar aquela situação.

Não mais do que ela, na verdade.

Mas as pessoas vinham cuidando daquele assunto por anos e anos. Por sorte, o pai mantinha uma garrafa com conhaque na biblioteca e ela entregou a Rupert uma taça transbordante e se serviu de outra. Ao diabo com o fato de a mãe considerar bebidas alcoólicas impróprias para uma dama! Ainda sem dizer nada, os dois se sentaram no sofá diante do fogo.

– Deixei Lucy na sala de estar – disse ele, de súbito. – Não pareceu correto.

Olivia assentiu.

– Ela ficará mais confortável por lá.

– Não, ela não está confortável – declarou ele. – Meu pai não gosta dela. Diz que só presta para caçar ratos e nada mais. Ela não deseja matar ratos. Nem saberia o que fazer. E seus pais também não se importam com ela.

– Meus pais nunca permitiram que tivéssemos qualquer tipo de animal de estimação – disse Olivia.

– Mas você gosta de cães – declarou Rupert.

– Gosto.

– Eu disse que faria isso porque você gosta.

Olivia piscou.

– O quê?

– O casamento.

Aparentemente ela subestimara a força da vontade de Rupert. Não percebera que permitiam a ele alguma participação na escolha de sua duquesa. Nem tinha a mínima ideia de que as tortas de carne que ela guardara para Lucy faziam parte de seu teste para o papel.

Ela teria comido tudo sozinha.

– Não é que não goste de você – disse Rupert com sinceridade. – Eu gosto. Mas você também gosta de Lucy, não é?

– Ela é uma cadelinha querida.

Naquele momento, os dois estavam em terreno conhecido. Ela e Rupert tinham passado muitas noites do ano anterior conversando sobre Lucy.

Mas Rupert parecia ter esgotado o assunto, e, com seu silêncio, a atmosfera voltou a ficar tensa e instável.

– Não precisamos fazer nada, sabe – disse ela, depois de um tempo.

– Preciso – disse ele, dando um grande gole na bebida e estremecendo. – Falei para meu pai que faria isso. Agir como um homem. Fazer... *ser* um homem – acrescentou, parecendo confuso.

Olivia bebericou o conhaque e pensou no quanto gostaria de empurrar seus pais e o duque do alto da ponte de Battersea.

– Que tal não fazer nada e dizer que fizemos? – sugeriu Olivia.

Ele se virou para encará-la pela primeira vez, com olhos arregalados.

– Mentir?

– Algo como uma invenção.

Ele balançou a cabeça.

– Não minto. Não é digno de um cavalheiro, mentir. Melhor agir como homem. – Ele deu outro gole e voltou a estremecer.

A seu modo, Rupert era admirável, pensou Olivia, percebendo pela primeira vez que ele teria se tornado um duque bastante excepcional se tivesse completo domínio de suas faculdades mentais. Tinha a força de vontade do pai com uma camada extra de honra que faltava de forma bem evidente a seu antecessor.

– Compreendo – disse ela.

– Não existe momento como o presente – sugeriu Rupert.

– Devo diminuir a luz das lamparinas?

– Como eu poderia ver o que faço?

Boa pergunta.

– Claro – Olivia apressou-se em dizer.

Ele se levantou pousando a taça vazia numa mesa lateral.

– Sei como cair dentro. Eu caio dentro. Você cai para trás. – Ele parecia estar reconfortando a ela e a si mesmo. – É fácil. Todos disseram.

– Maravilhoso – disse Olivia.

Depois de um segundo de hesitação, ela se levantou e foi para trás do sofá retirar as calças. Depois, voltou para a frente do fogo, perguntando-se se deveria tirar os sapatos.

Uma rápida olhada em Rupert demonstrava que ele não planejava o mesmo. Suas calças estavam abaixadas na altura dos tornozelos. Ela deu outro gole, maior, na bebida.

– Talvez você deva acabar de beber – sugeriu Rupert.

Ela engoliu o que sobrara do conhaque e voltou a olhar para o noivo. O rosto dele estava um tanto avermelhado, o olhar, ligeiramente vítreo. Parecia ter reabastecido a taça enquanto ela estava de costas.

– Vamos lá – disse ele, com a voz um tanto fraca, e bebeu tudo.

Olivia respirou fundo e pousou a taça. Então deitou-se no sofá, levantou as saias até a cintura e se preparou.

– Muito bem – disse Rupert. – Você acredita que devo colocar um dos joelhos aqui, perto do seu quadril? Tem uma almofada no caminho.

Os dois passaram algum tempo lutando para acomodar braços e pernas, até que ele se encontrasse mais ou menos na posição.

– Quer um pouco mais de bebida? – perguntou Rupert. – É doloroso para a mulher. Meu pai disse.

– Não, obrigada – disse Olivia. Infelizmente, o conhaque que consumira tinha lhe subido direto para a cabeça e ela estava morrendo de vontade de rir. Não podia imaginar o que a mãe diria daquela situação.

– Se sentir vontade de chorar, trouxe três lenços extras.

Rupert não demonstrava nenhuma pressa de ir em frente.

– Obrigada – repetiu Olivia, engolindo o riso. – Eu nunca choro.

– Verdade? Choro o tempo todo – disse Rupert, piscando para ela.

– Lembro-me de como chorou na festa no jardim, quando aquele pardal morto caiu de uma árvore.

O rosto de Rupert se enrugou com a lembrança.

– Era apenas um pássaro – acrescentou Olivia, depressa.

– Veloz, vibrante... selvagem.

– O pardal?

Ele parecia ter esquecido completamente o que deveriam estar fazendo, embora ele estivesse de joelhos, com a ferramenta na mão. Seu olhar não estava mais perdido, e sim atento.

– Escrevi um poema – contou para ela.

Olivia não estava inteiramente segura, mas tinha quase certeza de que aquela ferramenta não seria eficiente para cumprir a missão no estado atual.

– Que tipo de poema? – perguntou ela, encostando a cabeça no estofado. A vida com Rupert teria o próprio ritmo. Não fazia sentido apressá-lo.

– Veloz, vibrante – ele repetiu –, uma ave tomba para nós, as sombras se amontoam nas árvores.

Olivia levantou a cabeça.

– É o poema inteiro?

Ele assentiu, olhando-a nos olhos.

– É lindo, Rupert – disse ela, e era sincera. Pela primeira vez em sua vida, ela dizia realmente o que pensava para o noivo. – As sombras se amontoam. Adoro isso.

– Nas árvores – disse ele, assentindo vigorosamente. – Chorei por causa daquela ave. Por que você nunca chora?

Ela nunca havia chorado, nenhuma vez, depois da primeira vez em que encontrou com Rupert. Tinha 10 anos; ele, 5. Foi a manhã em que seus sonhos de se casar com um príncipe de contos de fada se desmancharam.

Embora Rupert fosse cinco anos mais novo, Olivia sabia que algo estava gravemente errado com a inteligência dele.

Mas a mãe zombara dela.

– O marquês pode não ter o raciocínio tão veloz quanto o seu – dissera a Sra. Lytton –, mas é como esperar que um duque saiba fazer arranjos florais. Você é esperta demais para o próprio bem.

– Mas... – Olivia começara a argumentar, com um desespero tomando conta de seu peito.

– É a menina mais sortuda do mundo – declarara a mãe.

A absoluta convicção estampada no rosto dela fizera com que as palavras de Olivia se calassem.

Mesmo depois de tantos anos, depois de ficar claro que Rupert tinha sorte por ter dominado a linguagem, quanto mais a alfabetização, a mãe nunca alterara minimamente sua opinião.

– Talvez você devesse começar – sugeriu Olivia.

Ela fez um gesto dirigindo-se para a área geral onde o esforço seria concentrado.

– Certo – disse Rupert, resolutivo. – Em frente. – Enquanto Olivia observava, ele oscilou ligeiramente para a frente e para trás. – Bebida demais – balbuciou, mas colocou-se no local apropriado.

Dobrou-se ao meio.

Rupert piscou, intrigado, olhando para baixo.

– Não está funcionando. Dizem que essa é a parte fácil.

Olivia apoiou-se nos cotovelos. Parecia que ele segurava um talo de aipo velho. Meio dobrado e, embora ninguém ousasse dizer aquilo em voz alta,

flácido.

– Quer tentar de novo? – sugeriu ela.

– Será que está no lugar certo?

– Está – disse ela com firmeza.

Rupert voltou a tentar, falando sozinho. Olivia deixou que ele prosseguisse, demorando a perceber que ele murmurava “*Dentro, dentro, dentro*”. O riso brotou em seu peito, mas Olivia mordeu o lábio com força.

Depois de um tempo, falou:

– Ouvi dizer que esse tipo de coisa nunca funciona na primeira tentativa.

Rupert não olhou para ela. Segurava com força suas partes, de um modo que parecia desesperadamente desconfortável.

– É fácil – repetiu ele.

– Acho que precisa estar duro para trabalhar – arriscou Olivia.

Ele piscou.

– Sabe muita coisa sobre o assunto?

Ele não parecia censurá-la nem um pouco. Estava apenas curioso.

– É só um palpite – respondeu Olivia.

Ela lutava de novo para segurar o riso porque a expressão *pássaro ferido* não saía da sua cabeça.

– Achei que o mais importante era o tamanho – disse Rupert.

– Acredito ter ouvido o mesmo – admitiu Olivia, cautelosa.

Rupert se sacudiu.

– É grande. Sei disso.

– Que bom!

– Mas não funciona. – Ele soltou e olhou para ela, com um ar de infelicidade. – Mais uma coisa que não funciona.

Olivia puxou o corpo para trás e conseguiu se sentar.

– Sabe por que não vai precisar mentir, Rupert?

Ele fez que não com a cabeça.

– Vamos apenas ficar deitados no sofá, juntos, nada além disso. – Ela deu tapinhas no estofado ao lado dela. – E é o que contaremos para eles.

– O que está querendo dizer... não contar?

– Não seria uma mentira.

- Não.
- Diremos apenas que nos deitamos no sofá.
- Nos deitamos no sofá – repetiu ele. – Eu preferia... Eu... Não diga nada para papai? Para os outros? Por favor?
- Olivia tomou-lhe a mão, a outra.
- Nunca contarei, Rupert. Nunca.
- O sorriso dele foi veloz e vibrante.



Mais tarde, naquela mesma noite, Olivia fazia cara feia para a irmã.

– Nossos pais solicitaram que eu e Rupert nos uníssemos sem o benefício do matrimônio e nós dois obedecemos, como se fôssemos um par de cães de raça.

– Não há necessidade de se expressar de modo tão deprimente, embora...
– acrescentou Georgiana com um de seus raros sorrisos – ... depois dessa noite, as perspectivas de Rupert como reprodutor sejam um tanto questionáveis.

– Se sorrisse assim para os homens, Georgie, receberia mais propostas do que poderia administrar.

– Eu *sorriso* – protestou Georgiana.

– Mas seu sorriso faz parecer que você está pensando sobre o fato de que eles são de posições inferiores a um duque – destacou Olivia. – Poderia tentar sorrir *como se fossem duques*.

A irmã assentiu.

– Entendo o que está dizendo. De qualquer forma, ninguém deveria comparar o futuro marido de ninguém a um cão reprodutor.

– *Sua Graça* usou termos semelhantes. Em seguida, informou que premiaria meus esforços na noite de hoje com uma renda e uma propriedade. Uma pequena propriedade, acredito que tenha dito. Nunca imaginei que uma rameira poderia ficar rica com apenas uma ou duas horas de devassidão.

– Olivia! – Mas o protesto da irmã não tinha força alguma.

– Você vai se beneficiar da minha rameirice, minha querida. Ele avisou que madame Claricilla vai nos fornecer trajes adequados a minha nova situação.

Georgiana ergueu as sobrancelhas.

– Os frutos do pecado. Estou pensando nas meretrizes de um modo completamente novo, eu juro. Vamos ganhar um guarda-roupa inteiro e eu me recusarei a ter um único vestido branco ou fita esvoaçante.

– Você não é uma rameira – protestou Georgiana. – Estava obedecendo aos desejos de mamãe e papai.

– Em relação a esse assunto, eu poderia dizer que me ressinto profundamente do fato de mamãe ter passado anos insistindo em que a vida de uma dama deveria se construir em torno da proteção de sua castidade, apenas para vê-la abandonar tal preceito no momento em que achou que eu poderia ter um filho de Rupert.

Georgiana mordeu o lábio por um momento, então disse:

– Você tem toda a razão, é claro. Nossos pais demonstram excesso de entusiasmo por esse casamento e têm agido assim o tempo todo.

– Considerando que o pobre Rupert é tão desmiolado quanto possível, é bem verdade.

– Olivia rolou de novo de barriga para cima. Sentia-se exausta e profundamente triste. Certamente, os efeitos da bebida alcoólica haviam passado. Percebera aos 10 anos que sua vida de casada seria visivelmente diferente daquela das outras mulheres. Mas ainda não havia compreendido quanto aquela realidade seria desoladora.

A simples ideia de compartilhar um desjejum com Rupert, sem falar de anos e anos de desjejuns, fez com que ela se sentisse em desespero.

– Mesmo se o marquês tivesse um cérebro notável, nossos pais não deveriam ter permitido um encontro constrangedor como esse que você acabou de descrever – declarou Georgiana.

– O cérebro dele é mesmo notável – murmurou Olivia. – Existem pouquíssimos como ele. Embora sua poesia seja verdadeiramente bela, de um modo fragmentado.

– Hesito em perguntar – disse Georgiana –, mas por que mamãe ficou tão irritada depois que o duque e o NN partiram? Dava para ouvi-la até no meu quarto, por isso hesitei em descer por algum tempo. No entanto, parece que tudo correu de acordo com os planos dela. Os documentos de compromisso estão assinados e, até onde ela sabe, é possível que você esteja carregando um futuro duque. Sem mencionar a reação fervorosa que demonstrou diante da possibilidade de me ver também como uma duquesa.

– Ah – disse Olivia. – Foi a Lucy.

Bastou pensar naquilo para que ela começasse a sorrir.

– Lucy?

– A cadela de Rupert. Com certeza está lembrada dela.

– Quem não se lembraria? Não é que ela seja o único cachorro da aristocracia... o poodle de lorde Filibert conquistou alguma notoriedade por conta dos laços verdes que usa... mas Lucy é a única com orelhas com mordidas de pulga.

– Nada gentil – disse Olivia, rindo. – Acho que a mordida em seu rabo é mais prejudicial à sua beleza.

– A beleza está nos olhos de quem vê, mas seria preciso ser cego para elogiar Lucy.

– Ela tem olhos muito meigos – protestou Olivia. – E o modo como suas orelhas se viram do avesso quando ela corre é adorável.

– Não é uma característica que eu teria considerado essencial para descrever um belo cachorro.

– Mamãe também não a admira. De fato, ficou verdadeiramente transtornada pela ideia de que eu possa ser vista com ela por alguém importante.

Georgiana ergueu a sobrancelha.

– Lucy não vai para Portugal? Achei que Rupert nunca se separaria dela.

– Ele acredita que a viagem pode ser perigosa. Por isso pediu-me para tomar conta dela em sua ausência.

– É o que a maioria das pessoas costuma dizer dos campos de batalha. Então, onde está Lucy? Com certeza não estava na sala de estar quando nos encontramos. Está no estábulo?

– Na cozinha, tomando banho – disse Olivia. – Rupert exigiu que ela permanecesse comigo o tempo todo. Claro que mamãe foi um doce na frente dele, mas teve um ataque assim que a porta se fechou. Ela considera Lucy uma companheira absolutamente imprópria para uma futura duquesa. O que a torna uma companheira perfeita para mim, você precisa admitir.

– Lucy não tem um ar aristocrático. Acho que é aquele rabinho de rato.

– Ou a cintura fina. Parece mais uma salsicha com pernas. Mas vai ficar cheirosa como uma aristocrata. Mamãe enviou-a para a cozinha, para ser banhada no leite.

Georgiana revirou os olhos.

– Lucy pode estar apreciando o leite, mas a ideia é absurda.

– Mamãe também sugeriu que lacinhos ou outro tipo de enfeite poderiam torná-la mais apropriada para ser a companheira de uma dama.

Durante todo aquele dia comprido e um tanto horrível, o único ponto alto tinha sido a expressão no rosto da mãe quando Rupert, com uma lágrima descendo pelo rosto, colocou a guia de Lucy na mão de Olivia.

– Lucy com lacinhos nas orelhas... naquele rabo... não fica atraente – declarou Georgiana com firmeza.

– Sabe o que está causando o maior incômodo para mamãe? Acho que ela teme que todos chamem Lucy de vira-lata e então pensem o mesmo de mim. Laços para Lucy, fitas para mim, entende o que quero dizer?

– Não fale assim. Mamãe pode perder as esperanças em você, Olivia, mas nós duas sabemos que, quando está disposta a bancar uma duquesa de nariz empinado, você consegue fazê-lo melhor do que quase todo mundo.

– Nem sempre é possível disfarçar a verdade – disse Olivia. – Veja o pobre Rupert e seu talo de aipo, por exemplo.

– Acho que sua experiência na biblioteca foi incomum. Todas as conversas que tive com mulheres casadas me deram a forte convicção de que os homens não necessitam de nada além de uma mulher e de um mínimo de privacidade.

– Rupert, obviamente, necessitava de mais do que uma cativa e um sofá. Mas não estou certa de que essa experiência é representativa do resto da humanidade.

– O que disse quando deixaram o aposento?

– Nada. Prometi a Rupert que não diria nada a ninguém... você não conta. O pai dele deveria saber que aquele passarinho não saberia lidar com a ocasião.

– Rupert a obedeceu?

– Nos mínimos detalhes – disse Olivia, com um ar de triunfo. – Tinha pouca firmeza nas pernas... acho que no futuro ele deveria se limitar à cidra... mas conseguiu se curvar sem despencar e partir sem revelar que nenhum de seus dois órgãos mais importantes está funcionando.

Georgiana suspirou.

– Realmente, você não deveria.

– Sinto muito. Saiu sem querer.

– Chistes como esse não deveriam sair da boca de uma dama.

– Se está questionando meu decoro, não está dizendo nada que mamãe não tenha concluído há muito – disse Olivia. – Basta de falar sobre minhas falhas de caráter. Em todas as conversas empolgadas sobre sua aptidão para o posto de duquesa de Sconce, mamãe chegou a mencionar lady Cecily Bumtrinket?

– Que nome extraordinário! Não.

– Pois bem, como mamãe lhe disse, a duquesa de Sconce, autora de *O Espelho de patetas*, aparentemente concordou com a sugestão de Canterwick, de que você seria um par apropriado para o filho dela. E lady Cecily, que, pelo que entendi, é irmã da duquesa viúva, foi recrutada para apresentar-nos à Sua Graça. A única nuvem negra no horizonte prateado é que teremos realmente de conhecer a mulher que é o grande árbitro do bom comportamento, a duquesa do decoro, a...

– Pare!

– Sinto muito – disse Olivia, franzindo o nariz. – Começo a dizer bobagens quando estou infeliz. Sei que é um defeito, mas não suporto a ideia de chorar, Georgie. Prefiro rir.

– Eu choraria – disse Georgiana, escorregando para perto da irmã e puxando suavemente uma mecha de seu cabelo. – Sinto lágrimas nos olhos só de pensar em Rupert arriando as calças.

– Foi pior do que eu havia imaginado. Mas, ao mesmo tempo, Rupert tem uma ótima alma, pobrezinho. De verdade. Há algo de muito meigo nele.

– Acho que é maravilhoso que você seja capaz de apreciar as qualidades dele! – disse Georgiana, com um pouco mais de entusiasmo do que necessário.

Olivia lançou um olhar zombeteiro.

– De qualquer modo – acrescentou Georgiana, apressada –, suspeito de que tais intimidades sejam sempre embaraçosas. A maioria das viúvas se refere à experiência nos termos mais desdenhosos.

– Mas pense em Juliet Fallesbury e seu Compridão – ressaltou Olivia. – Obviamente ela não fugiu com um jardineiro por causa de suas habilidades na horticultura. De qualquer modo, como Rupert vai partir para a guerra logo ao alvorecer, você, Lucy e eu seremos levadas para o campo, onde seremos apresentadas ao duque de Sconce e à sua mãe.

– Uma perspectiva muito animadora – disse Georgiana, assumindo um ar sombrio. – Mal posso esperar para ver o duque revirando os olhos, tomado pelo mais absoluto tédio de estar sentado a meu lado.

Olivia bateu com o dedo na ponta do nariz da irmã.

– Apenas sorria para ele, Georgie. Esqueça-se de todas aquelas regras e olhe para o duque como se ele fosse alguém agradável. Quem sabe? Talvez ele seja. Apenas sorria para ele como se você fosse um porco e ele, o chiqueiro. Promete?

Georgiana sorriu.

Capítulo 6



Tem início o experimento matrimonial de Sua Graça

Maio de 1812

De volta a seu estúdio, depois da refeição noturna, Quin percebeu vagamente que as visitantes da mãe haviam começado a chegar. Houvera muita comoção na entrada, pouco depois do jantar, o que sugeria a recepção a pelo menos uma possível esposa e sua acompanhante.

Tinha uma curiosidade razoável a respeito das jovens que sua mãe considerava candidatas adequadas ao matrimônio. Mas exatamente naquele momento uma cascata de risinhos subiu as escadas e penetrou o aposento.

A pretendente dos risinhos com certeza fracassaria nos testes da mãe em relação a entusiasmo, ingênuo ou não, e seria, portanto, um desperdício de tempo saudá-la. Tirou a jaqueta e a gravata, jogou-as sobre uma cadeira e sentou-se diante da escrivaninha.

Havia descartado as equações polinomiais por um tempo e retornado ao problema da luz. Ele se intrigava com a luz desde que era menino, quando conheceu um cego e percebeu que, para o homem, o mundo era escuro. Havia perguntado ao tutor se isso significava que a luz existia apenas porque temos

olhos. O homem soltara gargalhadas. Não compreendera que a pergunta tinha sentido mais amplo.

Por um momento, Quin contemplou a escuridão que crescia do lado de fora da janela de seu escritório. O aposento estava virado para o oeste e suas janelas possuíam o vidro mais antigo da casa, o tipo que era grosso como uma garrafa e turvo, com um tom ligeiramente azulado. Quin gostava disso pois estava convencido de que, de algum modo, o vidro tinha a resposta para o mistério da luz.

Havia aprendido em Oxford que a luz era composta por partículas que fluem em uma direção. Mas a luz atravessava o vidro antigo em faixas e as faixas não se comportavam como um rio em fluxo. Parecia mais com ondas que batiam na costa, curvando-se ligeiramente, adaptando-se às imperfeições do vidro.

A luz viajava como uma onda e não como uma enxurrada de partículas. Estava convencido.

O problema era como provar. Sentou-se novamente à escrivaninha, puxando mais folhas de papel. A luz se partia em fitas separadas de diferentes cores, que formavam o arco-íris. Mas arco-íris não são palpáveis, e são difíceis de isolar. Ele precisava...

Quando voltou a erguer a cabeça, a casa estava silenciosa e a janela, perto de seu ombro, estava negra. Por um momento, ele fitou a escuridão, então balançou a cabeça. A luz bastava como preocupação naquele momento. A ausência de luz era outra questão. Além do mais, havia chuva tamborilando nas vidraças, uma tempestade de primavera. Água... a água era feita de partículas...

Levantou-se, sentiu as pernas enferrujadas e então, no meio de um movimento de alongamento, ficou paralisado. Que diabo causava tanto barulho?

Ouviu de novo, pancadas distantes que pareciam vir do batedor da porta da frente. Era tarde demais para que qualquer um atendesse. Cleese deveria estar na cama, confortável, e o último lacaio já se retirara havia muito para a ala dos criados no quarto andar.

Quin agarrou uma lamparina a óleo que estava sobre a escrivaninha e desceu ligeiro pela grande escadaria de mármore que conduzia até a entrada. Pousou a lâmpada, destrancou a pesada porta e a abriu. A luz se derramou, em faixas, sobre seu ombro até a escuridão, mas não havia ninguém, apenas uma mancha branca movediça a certa distância.

– Há alguém aí? – gritou, afastando-se da água que escorria pelo frontão sobre a porta.

A mancha que ele havia vislumbrado na chuva se virou e correu na sua direção.

– Ah! Graças a Deus, ainda está acordado – disse a mulher, aflita. – Achei que ninguém tivesse me ouvido.

Ela se aproximou do círculo de luz que se derramava por trás do ombro do duque, ainda a falar, embora ele tivesse parado de ouvir. Era obviamente uma dama, mas não era uma dama qualquer. Não parecia pertencer a esse mundo, muito menos ao mundo de Littlebourne Manor. Sua simples visão era capaz de arrebatá-lo os sentidos de um homem como se uma das sereias de Homero houvesse, de algum modo, atravessado eras e continentes e chegado à sua porta para enfeitiçá-lo.

A cabeleira escura descia suavemente por sobre seus ombros, fazendo a pele parecer translúcida, como se tivesse uma fonte de luz própria. Não conseguia ver a cor de seus olhos, mas os cílios eram longos e estavam molhados.

De repente, Quin percebeu que a chuva escorria pelos ombros dela, que não usava sequer uma peliça. Com certeza, estava tão molhada quanto uma sereia. Ou seria uma dama do mar?

Estendeu os braços e ergueu-a no colo, balançando-a pela entrada, tirando-a da chuva. Ela engasgou, espantada, e ia dizer alguma coisa, mas ele a pôs no chão e falou mais alto:

– O que está fazendo aqui?

– A carruagem virou e não consegui encontrar o cocheiro. Ele não respondeu quando eu o chamei – disse ela, tremendo de frio.

Quin teve dificuldades para se concentrar naquelas palavras. O cabelo daquela dama era como meadas de seda molhada, tombando escuro e liso

sobre os ombros. O vestido estava empapado, grudado na pele, delineando cada curva de seu corpo... e que corpo!

Tardiamente, ele percebeu que o olhar tenso da dama indicava que ela não estava gostando de ser examinada.

– Posso garantir que seu amo não desejaria que o senhor ficasse aí parado parlamentando comigo – disse ela com acidez.

Ele piscou. Ela achava que ele era um criado? Claro, ele não usava nem jaqueta nem gravata, mas mesmo assim ninguém em sua vida jamais o confundira com nada além de um duque (ou, antes da morte de seu pai, um futuro duque). Era estranhamente libertador.

– *Parlamentando?* – perguntou ele, de um modo meio idiota.

Aquela mulher encharcada parecia ser diabolicamente inteligente, bem mais inteligente do que as debutantes sem graça que ele conhecera da última vez em que estivera em Londres para a temporada.

– Não sou... – Ela interrompeu a frase. – Devo repetir minha solicitação? Por favor, poderia trazer o *mordomo*? – Estava praticamente rangendo os dentes.

Quin teve a sensação de estar vivendo uma experiência alucinatória. Já ouvira falar de tais coisas, situações em que homens haviam perdido a cabeça e, de súbito, beijado a mulher do vigário.

Sempre acreditara que uma imprudência de tal natureza indicava uma profunda falta de inteligência, mas como não estava inclinado a questionar a própria aptidão, teria de mudar de ideia. De fato, era uma boa coisa a sereia não ser a mulher do vigário, pois era provável que ele a beijasse e, assim, não precisaria se preocupar com o abençoado marido.

– A senhorita parece estar muito gelada – disse ele, observando que todo o corpo dela tremia.

Não era por menos que ela parecia falar com a mandíbula cerrada. Precisava ficar junto de um bom fogo. Abaixou-se e ergueu-a nos braços sem pensar duas vezes.

Estava empapada e a água encharcou as calças dele no mesmo instante... o que apenas o fez perceber de forma mais intensa que o corpo concordava com a mente. Se a mera visão havia sido capaz de provocar sensações tão

intensas, com ela em seus braços a situação piorou. Ela era deslumbrante, perfumada, molhada...

– Ponha-me no chão!

Como se pontuasse a frase, um latido zangado soou perto do seu tornozelo. Quin olhou para baixo e viu um cãozinho muito pequeno e muito molhado, com um focinho extraordinariamente longo. O animal voltou a latir, numa clara ordem.

– Esse animal pertence à senhorita? – indagou Quin.

– Pertence! – exclamou a visitante. – Lucy é minha. Pode me pôr no chão, por favor?

– Venha – disse Quin para a cadela. E, dirigindo-se à dama, que começava a espernear: – Em um momento.

Ele se dirigiu à sala de estar, mas viu que o fogo estava apagado. Havia, porém, um fogão à lenha na sala da prataria de Cleese que poderia ser facilmente revivido.

– Para onde vai? – perguntou ela, indignada, enquanto ele mudava de direção. – O cocheiro está lá fora, na chuva, e...

– Cleese chegará em um momento – disse ele.

Os lábios dela eram fascinantes: cheios, arredondados, em um tom de rosa mais escuro como ele jamais vira em outra mulher.

– Ele vai tomar conta do cocheiro.

– Quem é Cleese? – ela quis saber. – E... espere aí! Está me levando para a ala dos criados?

– Não me diga que é uma daquelas senhoras que nunca esteve na ala dos criados – disse ele, abrindo a porta e virando-se de modo que os dois pudessem passar e mantendo-a aberta para Lucy. – Seu cachorro parece mais com uma ratazana lançada nas margens do Tâmis – acrescentou ele.

A sala da prataria ficava logo à esquerda, e ele abriu a porta com um chute.

– Lucy não se parece com uma ratazana! E o que isso tem a ver? Sou a Srta. Olivia Lytton e *exijo*...

Olivia. Ele gostou do nome. Olhou para seus cílios, para os lábios carnudos. Os olhos eram de uma bela cor, uma espécie de verde-água bem

claro – ou talvez fosse da cor das folhas que brotam na primavera?

– Ponha-me no chão, criatura rude! – disse ela com ferocidade, não pela primeira vez.

Ele não queria soltá-la. Na verdade, tinha fortes sentimentos em relação à questão, o que não era característico dele. Em geral, não costumava se importar muito com nada além de equações polinomiais. Ou com a natureza da luz. Mas a Srta. Lytton era arredondada... lindamente arredondada em todos os lugares certos. Ficava bem em seus braços. Ele gostava em especial da curva delicada de seu traseiro. Sem falar que ela cheirava maravilhosamente bem, como a chuva, e, de um modo mais suave, como algum tipo de flor.

– Informarei seu amo!

Definitivamente, ela era dona de um tom de voz ameaçador. Parecido com o de uma rainha.

Ele a pousou delicadamente no sofá de Cleese, e em seguida derramou uma pá de carvão no interior do fogão, atizando o fogo. Chamas amareladas se ergueram assim que ele fechou a porta do fogão. Lançavam luz o bastante para que ele pudesse dar uma boa olhada no rosto dela. Estava furiosa, olhos franzidos, braços cerrados sobre o peito, como se ele fosse um deflorador.

Ele ficaria feliz em cumprir tal papel.

A cadela também saltou no sofá e se ajeitou ao lado da Srta. Lytton. O animal era apenas ligeiramente maior do que uma bíblia, mas tinha os olhos ferozes de um cão de ataque.

Aliás, Lucy e a Srta. Lytton tinham uma certa semelhança, embora não fosse o nariz.

Devia ser sempre possível saber o que pensava a Srta. Lytton, percebeu ele, acendendo a lâmpada de Argand sobre o aparador de Cleese. Naquele momento, os olhos dela estavam cheios de fúria.

– Se não chamar seu amo neste momento, farei com que o mandem embora. Será dispensado e sem carta de recomendação!

O cão latiu como se quisesse reforçar aquela ameaça.

Ele sentiu uma estranha sensação fervilhando em seu peito. Levou um segundo antes de perceber que eram risos.

– Vai fazer com que me dispensem?

Ela levantou-se de súbito.

– Pare de me olhar desse jeito. Se seu cérebro fosse maior do que o piu-piu de um camundongo, teria percebido que estou dizendo algo importante!

Ao ouvir aquilo, ele se surpreendeu soltando uma gargalhada. Sua mãe não ia apreciar o vocabulário pitoresco da Srta. Lytton.

– Não posso perder meu posto. Nasci com ele.

– Mesmo alguém que já está na família há gerações não deve ser tolerado quando ultrapassa os limites do decoro.

Aquilo soava vagamente familiar, provavelmente porque era o tipo de coisa que sua mãe diria. Fazia um estranho contraste com o piu-piu de um camundongo. Nunca conhecera uma dama que admitisse estar familiarizada com semelhantes termos.

Quin seguiu um instinto visceral e deu um passo na direção dela, o suficiente para voltar a sentir seu perfume sedutor. Esperava que ela gritasse, mas ela não gritou.

– Não sou um laçao – declarou ele.

Seus olhares se encontraram. O mundo da lógica e da razão, o mundo que Quin habitava com regularidade, se desmanchou.

– E você é muito bonita – acrescentou.

Ela pestanejou, intrigada. E então, como se ela fosse a mulher do vigário e ele, o homem que subitamente perdera a razão, ele se curvou e encostou os lábios nos dela.

Eram macios e avermelhados como frutas do campo, como uma torta de framboesa. Foi um beijo suave, pelo menos até o momento em que ele a apertou contra o peito. O corpo de Quin ficou em chamas e o beijo mudou, tornou-se mais grave e profundo. Ele soltou um gemido silencioso e pôs uma das mãos no rosto dela, inclinando-o de modo que ele pudesse beijá-la mais ainda...

Sua face estava gelada. Ele se endireitou com relutância.

– É melhor que eu lhe providencie um cobertor.

Aquilo partiu o fio invisível que havia feito com que os dois se olhassem fixamente. No mesmo instante, todo o ultraje voltou a inundar a expressão

dela. Quin sentiu um profundo senso de retidão. Ele *conseguia* lê-la, exatamente como se fosse um livro.

– Suponho que seja o duque – disse ela, com rigidez. – Percebo agora que o senhor soa como um duque, embora não se comporte como um.

– Não fui eu quem trouxe a referência do piu-piu de pequenos roedores ou de outros mamíferos. A última vez que ouvi tal palavra, eu devia ter 5 anos.

Ele ficou fascinado ao ver que, embora uma sombra cor-de-rosa aparecesse em suas faces, ela erguia o narizinho com firmeza.

– Lady Cecily está lá fora, na chuva. Assim como a minha irmã. Por que não manda alguém para resgatá-las? Sem falar daquele pobre cocheiro! Está frio e molhado.

Tinha o porte e o tom de voz de uma duquesa, pensou ele. E em seguida se perguntou: Lady Cecily?

– Lady Cecily *Bumtrinket*? Minha tia? Lady Cecily está pegando chuva?

Enquanto ela começava a dar uma explicação que tinha relação com a carruagem e o cocheiro sumido, Quin finalmente saiu do transe. Puxou as campainhas ligadas aos aposentos de Cleese, à cozinha e ao quarto andar. Para garantir, ele escancarou a porta e berrou:

– Cleese!

Em seguida, voltou-se para a Srta. Lytton. Estava tiritando de frio, os braços dobrados diante daquele busto magnífico. Quin procurou a jaqueta e percebeu que não vestia sequer um colete. Não era de se espantar que ela o houvesse confundido com um lacaio. Um cavalheiro nunca é visto em desalinho.

Havia fardas dos criados penduradas na parede, ele agarrou um paletó.

Os olhos dela estavam sombrios e desconfiados, mas ela aceitou a vestimenta. Como não foi suficientemente rápida, ele mesmo jogou o agasalho sobre os ombros dela e fechou, embora não o agradasse que aqueles seios deslumbrantes desaparecessem sob dobras de tecido negro.

– O que aconteceu? – quis saber ele.

– É o que estou tentando dizer. Colidimos com uma árvore num canto da estrada – disse ela. – Acho que lady Cecily está bem, mas machucou o

tornozelo e sente dor na orelha, no lugar onde ela bateu na beirada da janela. Minha irmã e eu não nos ferimos, por sorte, mas não consegui encontrar o cocheiro em parte alguma. Os cavalos parecem bem, embora não seja possível ter certeza absoluta no escuro.

Quin estava bastante consciente de que não havia nada que ele desejasse mais do que erguer em seus braços aquela visitante ensopada e então sentar-se com ela em seu colo. No mínimo, não queria deixá-la.

Aquele simples pensamento era chocante. Já havia se sentido assim uma vez.

Na primeira vez em que vira Evangeline, ele se sentira intoxicado. Ele a vira dançar, tão delicada e alegre como se flutuasse no vento, e sucumbira de imediato. Mesmo naquele momento, depois de anos de decepções e de luto, ele conseguia se lembrar da sensação de assombro que sentira.

Mas também sentia coceiras na cabeça. Corria o risco de se entregar de novo. Como se fosse uma lebre enlouquecida pela primavera... exatamente aquilo que a mãe dissera que ele não devia fazer.

E mais, considerando-se o vocabulário criativo da Srta. Lytton – sem mencionar o fato de que havia permitido ser beijada por um homem que acreditava ser um laçao –, ela era uma candidata improvável para o papel de duquesa de Sconce, assim como Evangeline.

Se havia algo que ele sabia até os ossos era que nunca mais, em tempo algum, queria se deixar enfeitiçar de novo por uma mulher. Nem queria se humilhar com uma segunda esposa sem qualquer respeito pelos votos matrimoniais. Respirou fundo e usou todas as suas forças para se recompor.

Era o duque de Sconce. A jovem tinha sido convocada à sua casa como candidata a duquesa e era claramente, definitivamente, inelegível. Fim da história.

Verdade, seu beijo impulsivo sugeria a ele que deveria fazer um esforço maior para encontrar uma amante. Não era próprio dele abordar desconhecidas que apareciam à sua porta, por mais reveladores que fossem seus trajés.

Ele se ergueu, com a postura muito ereta.

– Srta. Lytton, confio que me perdoará se deixá-la a sós por um momento.

– Com certeza – murmurou ela.

Estava olhando para ele com um ar de curiosidade divertida.

Ele se curvou.

– Vossa Graça – respondeu ela, ainda segurando o agasalho junto ao pescoço.

Tinha que ser uma criação de sua imaginação achar que havia um tom levemente zombeteiro por trás daquela saudação.

Saiu pela porta sem dizer mais nenhuma palavra.

Capítulo 7



Inelegível! Cada vez mais, a cada instante

Olivia respirou fundo enquanto o duque sumia pelo corredor. Sua mente parecia disparar em mil direções ao mesmo tempo. Quem teria pensado que a mera ausência de uma jaqueta poderia acentuar tanto os ombros de um homem? A princípio, ela achou que os olhos do duque eram negros, mas então percebeu que eram de um tom verde-acinzentado, emoldurados por cílios surpreendentemente longos.

E ele a *beijara*. Ela chegou a tocar os próprios lábios pensando naquilo. Seu primeiro beijo. Sentou-se e Lucy pulou para o seu colo. A cadelinha era uma trouxinha de pelo molhado que não ia deixar seu vestido mais encharcado do que já estava e tremia terrivelmente. Por isso Olivia a colocou dentro do casaco e o fechou.

Havia imaginado que seria beijada por Rupert quando consumassem o noivado. Embora não tivesse se sentido ansiosa para receber a medida, sua imaginação não havia acertado: ele não fizera a mínima tentativa. Aparentemente, o pai não incluía beijos nas instruções para o conagraçamento marital.

Mas esse duque a beijara como se tivesse direito. Como se fosse seu noivo. E... dissera que ela era bonita. Olivia fechou o casaco com mais força

e pensou naquilo. Já havia recebido elogios, claro. Um dia seria uma duquesa e, ocasionalmente, os homens lhe faziam lisonjas de um modo pouco entusiasmado.

No entanto, o duque de Sconce não fazia ideia de sua futura posição ao dizer que ela era bonita. O pensamento era como um pequeno torrão de carvão em seu coração, uma centelha feliz.

Sua mente partiu para um assunto diferente. Nunca havia visto cabelo como o dele. Negro como a meia-noite – a não ser por uma mecha branca na frente –, caindo solto sobre os ombros. Claro, era de se imaginar que ele havia saído da cama. Sem dúvida usava o cabelo preso durante o dia.

Lucy deu um pequeno espirro, e Olivia olhou para baixo e viu a insinuação de uma perna rosada aparecendo nas saias molhadas. Talvez fosse por isso que o duque a fitara com tanta atenção. Ela não suportava usar espartilhos ou meias ao fazer longas viagens de carruagem, mas, em geral, não havia mais ninguém para vê-la além da irmã.

Bem no momento em que ela olhava dentro do casaco para verificar se seus seios estavam tão visíveis quanto os joelhos, um senhor de meia-idade trotou porta adentro, vestindo o uniforme pelo ombro direito.

– O que é? – disse ele ofegante, ao vê-la. – Minha nossa, e não é que está quase afogada? A ponte do vilarejo voltou a submergir?

– O vilarejo? – repetiu ela.

No momento em que o homem ouviu sua voz, toda a sua postura se alterou. Ele se endireitou e algo indefinível transformou todos os traços de seu rosto. De um sujeito sonolento e um tanto irritado, tornou-se o mordomo de uma grande casa.

– Por favor, aceite meu humilde pedido de desculpas – disse ele, curvando-se. – Sou Cleese, o mordomo. Presumi... aconteceu algum tipo de acidente?

A cabeça de um lacaio despontou na porta, e outra empregada vinha logo atrás, as fardas enfiadas de um modo apressado.

– Nossa carruagem bateu – explicou. – O tornozelo de lady Cecily Bumtrinket está machucado. Ela não parece ter se ferido muito, mas o cocheiro deve ter sido jogado longe. Não consegui encontrá-lo de modo

algum. Chamei, mas, quando ninguém respondeu, minha irmã e eu decidimos que eu devia vir até a casa enquanto ela permanecia com lady Cecily.

Subitamente, sentiu-se exausta.

– Sou a Srta. Olivia Lytton – prosseguiu. – Não gostaria de incomodar Sua Graça, mas somos esperadas.

– Seus cômodos as aguardam – disse o mordomo, tranquilizando-a. – Se me acompanhar, Srta. Lytton, eu a levarei para o andar de cima, e logo a senhorita estará seca e confortável. Pelo que entendi sua criada não viaja com a senhorita?

– Havia duas carruagens com nossas criadas e baús, mas aparentemente não nos seguiam muito de perto.

– É comum que, na escuridão, as carruagens percam a entrada. É ainda mais comum quando o condutor nunca visitou a propriedade antes. – Mais lacaios apareceram na porta e o mordomo os despachou, o mais rapidamente possível, para direções diferentes. Então voltou-se de novo para Olivia. – A Sra. Snapps, a governanta, mandará uma aia ao seu aposento, Srta. Lytton. E subirei com banho quente, bebidas e talvez uma refeição leve, se desejar.

– E quanto a lady Cecily e minha irmã? – perguntou Olivia. – Simplesmente não tenho condições de me retirar sem saber se estão abrigadas em segurança. Sem falar no cocheiro, que pode estar morto numa vala. E nos cavalos.

– Mandarei...

Seja lá qual fosse a sugestão que o mordomo estava prestes a fazer foi interrompida por uma barulheira vinda da entrada. Olivia levantou-se em um salto. Lucy escorregou para o chão, o agasalho deslizou pelos ombros da jovem e ela viu os olhos de Cleese descenderem para abaixo de seu pescoço e depois se afastarem bruscamente, com uma expressão de choque.

Uma olhada revelou que suas vestes em nada ocultavam seus seios. Estavam perfeitamente delineados, os mamilos e tudo o mais, sob as roupas molhadas. Com o rosto quente, ajeitou o agasalho e então passou por Cleese, seguindo pelo corredor dos criados.

Lady Cecily estava de pé, na entrada da casa, apoiada no duque, que agora estava encharcado, e em Georgiana. A irmã era uma versão

desgrenhada de sua pessoa normalmente *duquesificada*.

Olivia não pôde deixar de perceber que o duque tinha maçãs do rosto bastante notáveis, enfatizadas por seu cabelo liso. E que a camisa empapada era tão reveladora nele quanto nela. O linho fino grudava nos ombros musculosos... ela desviou o olhar. Que *diabo* estava pensando? Olhando daquele jeito para o homem que provavelmente se casaria com sua irmã?

Naquele momento a porta se fechou atrás de Cleese, e os recém-chegados molhados ergueram os olhos.

– Minha querida Olivia, você é a heroína do momento! – exclamou lady Cecily no mesmo instante. – Correndo na tempestade! Poderia ter se afogado... embora, claro, o afogamento seja aparentemente uma morte bastante agradável. Quer dizer, agradável no que diz respeito à morte. Muito melhor do que o enforcamento, com toda a certeza. – Ela deu uma batidinha no braço do duque. – Srta. Lytton, este é o meu sobrinho.

O cabelo de lady Cecily parecia ter se convertido em ninho comunitário por um bando de vespas, mas, além disso e do tornozelo torcido, ela pouco sofrera com o acidente.

Olivia fez uma reverência.

– É uma honra voltar a conhecê-lo, Vossa Graça.

– De fato – disse o duque, virando-se para a tia. – A Srta. Lytton e eu já nos conhecemos, por assim dizer. Minha desarrumação a levou à conclusão lógica de que eu fazia parte da criadagem.

Olivia devia estar fora de si quando chegou àquela conclusão. Mesmo sem a jaqueta e a gravata, o duque tinha um tipo de compostura férrea que deixava evidente sua aristocracia.

Na realidade, ele parecia estarrecidamente ducal. Olivia não conseguia ver o mínimo vestígio do homem que soltara uma gargalhada quando ela proferira aquela comparação tão indigna, entre o cérebro dele e as partes pudendas de um camundongo. Parecia-se com uma espécie de cartão de visitas de um duque, olhando-a de cima de um modo superior.

Que assim fosse. Ele devia ter sofrido um temporário lapso de loucura e agora voltava a ser o duque.

– Peço perdão pelo mal-entendido, Vossa Graça – disse ela, curvando-se numa reverência profunda.

– Fico surpresa por não reconhecê-lo imediatamente – interveio lady Cecily, animada. – Sempre acho que há uma espécie de vesguice no olhar que identifica um Sconce. Mesmo os ilegítimos têm um toque disso.

O duque não era nem um pouco vesgo, e seus olhos eram de um verde-acinzentado atordoante, como Olivia se lembrava. E frios, com um leve toque de reprovação. Como se ela o tivesse seduzido para que a beijasse. O que, com certeza, não ocorreria.

– Para falar a verdade – disse ela –, acredito que vejo exatamente o que a senhora está dizendo, lady Cecily.

Georgiana soltou uma exclamação que ela disfarçou na mesma hora com uma tosse.

– O que minha irmã quer dizer, Vossa Graça, é que o senhor tem a aparência inconfundível dos Sconce.

– Foi exatamente o que eu disse. – Olivia sorriu para a expressão rígida do duque. – A partir de agora, vou reconhecer essa vesguice em qualquer lugar.

– Fico feliz em recebê-la em minha casa, Srta. Lytton – disse ele, descartando a referência aos olhos como se não estivesse à sua altura. Olivia tinha a sensação de que ele costumava ignorar trivialidades desse tipo. – Confio que a senhorita, Lady Cecily e sua irmã planejem fazer uma longa visita. Minha mãe, a duquesa viúva, ficará extremamente feliz em cumprimentá-las amanhã de manhã, assim como meu primo, lorde Justin Fiebvre, que está passando uma temporada conosco antes de voltar para a Universidade de Oxford.

Ele tinha uma voz muito profunda, mais profunda do que a do Sr. Lytton. Fazia com que ele soasse... era muito masculina, pensou Olivia, antes de afastar o assunto da cabeça.

Georgiana afastou-se de lady Cecily e dirigiu-se rapidamente para o lado da irmã, dando-lhe um beliscãozinho.

– O que pensa que faz, zombando de um duque? – sussurrou. – Ele não é vesgo.

– Nosso condutor foi encontrado numa vala, sem ferimentos – disse lady Cecily –, e, minha querida, ele fedia a gim. Fedia! Deve ser um velhaco, ensopado em bebida. Se dependesse dele, poderíamos ter morrido na carruagem e ter sido devoradas por abutres.

– Devoradas ainda no interior da carruagem? – comentou o duque. – Teria sido bastante incomum.

– É de se espantar que não tenhamos entrado direto num rio! Ou colidido com uma diligência postal. Deveríamos ter examinado suas unhas antes de entrar na carruagem. Está ciente que um homem que tem a unha do dedo mínimo ligeiramente mais longa do que as outras é invariavelmente um ébrio?

– O duque foi surpreendente – Olivia sussurrou em resposta à irmã. – Ele é... eu conto mais tarde.

– Não me diga que você falou algo indigno de uma dama – grunhiu Georgiana.

– Não! Bem, falei, mas conto mais tarde. Está se sentindo bem mesmo, Georgie? Acho que lady Cecily aterrisou em cima de você.

– Mais cinco minutos naquela carruagem sozinha com lady C. e eu seria candidata a uma vaga no hospício – sussurrou Georgiana, tão baixo que a irmã mal conseguia escutá-la.

Olivia apertou-lhe a mão. Olivia e Georgiana tinham sobrevivido aos últimos cinco dias na carruagem recorrendo aos jogos de sua infância, apostando o número de vezes que lady Cecily mencionava sua “queridíssima amiga” lady Jersey, uma das damas mais prestigiadas da aristocracia, do mesmo modo que costumavam fazer com as referências da mãe ao *O espelho dos elogios*.

– Eu não estava ciente da existência de qualquer relação entre o caráter de um homem e suas unhas – disse o duque dirigindo-se a lady Cecily.

Olivia poderia lhe dizer que a tia era um verdadeiro tesouro de teorias esquisitas, a maioria delas relacionada com a digestão. Olivia não acreditava em nenhuma delas.

– Ah, é verdade – garantiu lady Cecily. – Imagino que seja a primeira coisa que o esquadrão da lei de Bow Street olhe quando prendem um

criminoso.

– Sempre ouvi dizer que o sinal revelador era uma certa vesguice – reparou Olivia.

Por algum motivo, a expressão implacável do duque fez com que ela sentisse vontade de mexer na ponta do seu nariz, embora ela nem ousasse olhar para ele para ver o efeito de seu comentário. Então acrescentou depressa:

– Por acaso, as carruagens com os baús e as criadas apareceram?

– Eu tinha um vestido novo em um dos meus baús – lamentou lady Cecily no mesmo instante. – Embora não tenha se nutrido com o leite da corte, meu querido, e com isso deixado de se tornar um cortesão perfeito, qualquer um compreenderia a necessidade de recuperar minhas luvas franjadas. Usei aquelas luvas quando conheci o embaixador espanhol e ele me fez grandes elogios, embora eu não consiga dizer quais, pois ele não falava a nossa língua.

Cleese interveio no momento em que lady Cecily fez uma pausa para respirar.

– Não há, por enquanto, qualquer sinal das carruagens com as serviçais, Srta. Lytton. Tomei a liberdade de designar aias para cada uma das senhoras, e elas ficarão felizes em ajudá-las até a chegada de suas criadas.

– Mas preciso da minha criada – protestou lady Cecily, enfrentando o novo assunto com agilidade. – Apenas Harriet é capaz de cuidar do meu rosto, querido. – Ela lançou um olhar para Georgiana e Olivia em meio às mechas de cabelo gotejantes. – *Uma mulher já passou de seu auge aos 20 anos, está decrépita aos 24 e intolerável aos 30.* Queridas, ainda não completaram 24 anos, não é?

– Ainda temos um ano inteiro antes de nos tornarmos completamente decrépitas – declarou Olivia.

– Fico feliz em saber – interveio o duque, de modo um tanto inesperado. – Minha vesguice pode muito bem indicar um avançado estado de decrepitude.

Olivia ergueu a sobrancelha. Havia um brilho mínimo nos olhos dele... o comentário *quase* sugeria a existência de um senso de humor. Que homem

peculiar ele era.

– Decrepitude! – protestou lady Cecily. – Como se pudéssemos aceitar tal descrição vinda *de você*! Homens não ficam decrepitos.

Olivia voltou a se sentir provocada.

– Lady Cecily – perguntou –, por que os homens não ficam decrepitos, se as damas ficam?

– Ah, os homens *ficam* decrepitos – disse lady Cecily, que não se detinha diante de qualquer pergunta que pudesse estar incluída em sua área de conhecimentos. – Quer dizer, eles apodrecem, o que no final das contas é a mesma coisa, não é? O Sr. Bumtrinket sempre dizia que um homem que não consegue levantar o tiroliroliro, quando a ocasião assim o exige, está totalmente podre.

Olivia quase engasgou, mas o comentário de lady Cecily foi recebido pelos outros em silêncio. Olivia olhou de relance para o duque e descobriu aquele brilho muito sutil em seus olhos, de novo. Parecia tão sério quanto um magistrado de aldeia, mas era possível supor que estivesse gargalhando por dentro.

Então deu mais uma olhada e mudou de ideia. Ninguém com um rosto tão virtuoso poderia ter senso de humor. E mais, presumia-se que houvesse sido criado de acordo com os preceitos encontrados no *Espelho para Pavões Inexpressivos*. A capacidade de rir devia ter sido extraída dele mediante rigorosos treinos.

– De qualquer modo – disse lady Cecily, voltando à conversa com agilidade –, meu sobrinho é famoso em todo o reino pelas coisas astuciosas que faz com os números. Mais do que um contador poderia fazer, eu imagino. Melhor do que contabilidade. Coisas tão astuciosas!

– É uma honra conhecer um matemático tão renomado – disse Georgiana.

Olivia olhou de soslaio e percebeu, com um estranho aperto no estômago, que a irmã sorria para o duque. Claro, nunca ocorreria a *este* homem que o sorriso de Georgiana fosse condescendente, porque não era. Ele era um duque. Os dois eram perfeitamente compatíveis. Era realmente desagradável pensar que ela beijara seu futuro cunhado... por mais contrariada que estivesse.

O duque foi tão suscetível ao sorriso de Georgiana quanto ela sempre soubera que os homens seriam. O olhar dele se suavizou de forma perceptível e ele falou:

– Lady Cecily exagera, Srta. Georgiana.

Era um tanto espantoso como ele conseguia murmurar algo tão modesto e ainda parecer tão orgulhoso.

– Não seja modesto – disse Olivia, incapaz de resistir. – A contabilidade é um conhecimento *extremamente* útil. É muito corajoso de vossa parte reconhecer o desejo de ser um contador, considerando-se vossa posição elevada, Vossa Graça.

A seu lado, Georgiana soltou um minúsculo gemido, provavelmente involuntário. Os olhos do duque se desviaram de uma irmã para a outra.

– A maioria dos duques não tem capacidade de lidar com frações simples – concluiu ela, abrindo um sorriso que em nada se assemelhava ao ar de adoração da irmã.

– Se me dão licença, sugiro que nos recolhamos aos aposentos que Cleese nos preparou com tanta gentileza – disse Georgiana, cutucando com o cotovelo as costelas de Olivia.

– Com certeza – respondeu Olivia, sentindo-se um pouco envergonhada. Havia feito aquilo de novo. No momento em que se irritara com as demonstrações flagrantes de cortesia, ela abandonara todas as características de uma dama inculcadas lentamente por sua mãe. – Se puder nos ajudar, Cleese – disse ela, voltando-se para o mordomo.

– Não vou me recolher antes de tomar leite aquecido com conhaque – anunciou lady Cecily. – É o meu ritual de todas as noites, desde que completei 13 anos, e garanto que cada dose fez toda a diferença para minha digestão. Há uma série de moléstias que eu poderia ter contraído e não contraí por fazer uma limpeza no estômago a cada noite.

– Withers, leve leite quente e conhaque para os aposentos de lady Cecily assim que possível – ordenou Cleese, seguindo até o pé da escada. – Se puderem me seguir, senhoras, eu as acompanharei até seus aposentos.

– Vai precisar me levar para cima, sobrinho – disse lady Cecily. – Espere apenas que as jovens cheguem ao alto da escada, por favor.

Olivia não conseguiu resistir e se virou quando ela e Georgiana se aproximaram do alto da escadaria de mármore. Sentia comichão nos ombros, como se... Com toda a certeza, ele as observava.

As piadas que ela e Georgiana haviam feito sobre sátiros voltaram à sua mente. Havia algo feroz e poderoso a respeito do rosto do duque que seria adequado a um sátiro. Ele tinha um rosto bem talhado, mas algo nos seus olhos... eles ardiam com o tipo de poder absolutamente contido que se imaginaria num sátiro.

Ela odiava cavanhaque, mas tinha de admitir que combinaria com a aparência ligeiramente exótica dele. O cabelo começara a secar e a mecha branca caía sobre a testa.

– Olivia – disse Georgiana, mordaz.

Olivia se virou.

Georgiana, naturalmente, não fez nada tão malcriado quanto admirar, do alto da escada, cada detalhe do corpo do duque. Em vez disso, ela se deixou cair numa reverência e num sorriso comedido e afável tanto para o duque quanto para a senhora. Então lançou um olhar significativo para Olivia que queria dizer “siga-me”, virou-se e dobrou no corredor seguindo Cleese.

Pela primeira vez na vida, Olivia sentiu um profundo desejo de possuir a silhueta da irmã, em vez da sua. Georgiana parecia tão esguia e elegante, mesmo com aquela roupa molhada.

Enquanto ela parecia indubitavelmente com um pão embrulhado num casaco pesado, a saia molhada grudando nas pernas. Que não eram tão bonitas quanto as de sua irmã.

– Vou apenas me apoiar em seu braço, sobrinho – dizia lady Cecily. – Com certeza não desejo ser carregada pela escada como uma trouxa de roupa de cama.

Olivia seguiu pelo corredor, planejando escapar antes que o duque chegasse ao alto da escada e desse uma boa olhada na parte de trás de seu vestido molhado.

– Espero que não se importe que eu diga isso – falou lady Cecily para o duque –, mas seu cabelo parece um pouco desarrumado. Meu marido costumava usar uma pequena rede, à noite, que deixava o cabelo dele no

lugar. Seu valete encontrará uma para você, sobrinho. Eu darei a ele as instruções necessárias.

Olivia riu ao imaginar o duque com uma rede no cabelo. Ela olhou para trás e...

Seus olhares se encontraram.

Mas os olhos dele estavam diferentes. Grudaram-se aos dela, e ela poderia jurar que lia alguma coisa neles.

Desejo. Talvez.

Olivia quase balançou a cabeça enquanto se apressava a acompanhar a irmã pelo corredor. Claro que não era desejo. Ninguém podia sentir isso, não por ela.

Era uma mulher gorducha, nem tão jovem assim, sem nada mais que a recomendasse além de seu noivado com o herdeiro de um duque.

Desejo!

O que ela possuía que um duque poderia desejar? Ele tinha o mundo inteiro nas mãos.

Como ela também teria, assim que se tornasse duquesa.

Capítulo 8



A definição das qualidades de um príncipe de contos de fadas.

Olivia despertou na manhã seguinte ao ouvir a porta do quarto se abrir. Não tinha ideia da hora. A duquesa viúva preferia leitos antiquados a camas com dossel, o que significava que Olivia bem poderia estar dormindo dentro de uma caverna. Até o ar à sua volta parecia azul, refletindo a seda do cortinado ao redor da cama.

– Norah? – perguntou ela, sonolenta.

Mais tarde naquela noite, depois que todos já haviam se recolhido, a criada de Olivia aparecera, sã e salva. O que aconteceu foi que as carruagens com os serviçais não viram a sinalização para Littlebourne Manor e avançaram várias léguas antes que o cocheiro resolvesse fazer uma parada e pedir informações.

– Não, sou eu – disse uma voz animada.

A luz clara do sol se esparramou completamente sobre as cobertas, quando as cortinas em torno da cama foram afastadas para revelar Georgiana.

Olivia soltou uma pequena reclamação.

– Que horas são?

– Já passa das onze. Você perdeu o desjejum, mas deve me acompanhar no almoço. O duque estará presente.

Olivia bocejou e se levantou apoiando-se na cabeceira entalhada.

– Deus sabe que eu não perderia a chance de ser mais uma vez tratada com condescendência.

Embora, na verdade, a condescendência ducal não fosse a primeira coisa em sua mente ao pensar em Sua Graça. Olivia não costumava acordar cedo, mas abriria uma exceção no dia seguinte para descer para o desjejum, se achasse...

Claro, o duque não tornaria a beijá-la e ela mesma, com certeza, nunca permitiria que ele o fizesse. Ele devia estar temporariamente insano por causa do desejo, afinal, lá estava ela, praticamente nua. Entretanto, para isso era preciso supor que ele tinha gostado do que vira.

A ideia fez Olivia sentir uma ponta de felicidade. Sempre se achara gorda, mas ele não parecera notar. Não a olhara como se ela devesse perder uns 15 quilos, nem mesmo 5.

– Ah, Olivia – disse Georgiana, voltando a fechar a cortina ao redor da cama e sentando-se num salto perto dos pés da irmã. – Não é um grupo maravilhoso?

– Não sente em Lucy! – exclamou Olivia.

Georgiana cutucou a bolinha que agora via sob as cobertas.

– Permite que aquela cadela durma *debaixo de suas cobertas*? Já ouvi falar de caninos dormindo na cama, o que me pareceu muito pouco saudável. Acredito que isso seja ainda mais insalubre.

Olivia deu de ombros.

– Rupert disse que é assim que ela gosta de dormir. Dito e feito, foi aí que ela se acomodou na noite passada. Ela até pode ajudar a manter meus pés aquecidos, se eu precisar.

– Por acaso ouviu alguma coisa do que eu disse? Ele não é maravilhoso? – insistiu Georgiana. Tinha sentado do modo recatado que lhe era habitual, mas naquele momento ergueu os joelhos e sentou-se de lado na cama. O rosto se abriu num grande sorriso. – Ele é tudo... ele é tudo o que sonhei.

– Ele é? – Olivia sentiu como se sua mente chafurdasse num pântano de melão.

– Alto e tão atraente – disse Georgiana. – E inteligente, Olivia! Um matemático de verdade... o que não é o mesmo que ser um contador. – Uma leve ruga apareceu em sua testa. – Precisa realmente tentar ser mais educada. E se ele se desagradar com você e pedir que partamos? Nunca mais vou conhecer alguém como ele.

– Eu me comportarei – disse Olivia, automaticamente. – Quer dizer, vou bajulá-lo tanto quanto ele desejar.

Claro que Georgiana amava Sconce. Era um par perfeito para ela. Tinha a posição social, a postura e a inteligência. E Georgiana era tão encantadora, bem mais bonita do que Olivia.

– Simplesmente nunca imaginei – disse Georgiana, sonhadora. – Nunca imaginei de verdade que existisse alguém para mim. E, durante todo esse tempo, aqui estava ele. Tão distinto, brilhante e... – ela começou a rir de repente – parecia maravilhoso molhado pela chuva de ontem.

Olivia assentiu. Era verdade.

A boca de Georgiana esboçou um sorriso travesso que Olivia nunca, em nenhuma ocasião, havia visto no rosto da irmã.

– Sei que é terrível de minha parte, Olivia, mas olhou para ele com atenção quando voltou da chuva?

– Não – mentiu Olivia.

– Ele... as calças dele estava molhadas e... ah, Olivia, acho que tenho uma ideia do motivo que levava Juliet Fallesbury a chamar o laçao de *Compridão*!

– Quem é você e o que fez com minha irmã? – perguntou Olivia, às gargalhadas. – Bateu com a cabeça na noite passada, Georgie? Está se sentindo bem?

– Estou absolutamente bem. Na verdade, sinto-me feliz como não me sentia em muitos anos. Minha única preocupação é você.

– Eu? – Olivia franziu a testa. – Não fui tão mal-educada com Sconce. Apenas provoquei-o. Sinceramente, acho que ele não pensou duas vezes no assunto.

Graças a Deus, a irmã não tinha conhecimento daquele beijo.

– Não, não, você e Rupert! Para falar a verdade, não consegui dormir na noite passada. Fiquei pensando em como o duque é maravilhoso e na forma que ele sorriu para mim. Ele não pareceu entediado em momento algum, Olivia. Em momento algum. Então lembrei que você tem que se casar com Rupert e meu coração se partiu.

– Ah sim – disse Olivia, forçando um tom animado na voz. – Sabe que eu nunca conseguiria me dar bem com alguém como o duque. Morreria de *tédio* se ele comesse a fazer uma exibição de seu virtuosismo matemático.

– Ele é um gênio – disse Georgiana com convicção. – Qualquer um pode notar. Ele é um gênio e ao mesmo tempo não é esquisito nem amalucado.

– O que é espantoso, se lembrar que foi a mãe dele que escreveu *O espelho todo-poderoso*.

– Deve parar de fazer graça com o livro da duquesa viúva. E se você zombar do título acidentalmente na presença dela?

– Imagino que ela sobreviveria ao choque.

– Por favor – implorou Georgiana –, *por favor*, Olivia. É minha chance. Mamãe disse que a viúva pretende selecionar a noiva do filho. Ouviu isso de uma das melhores amigas de lady Cecily. Não deve insultar Sua Graça de modo algum, ou ela pode me privar desta honra.

– Não, ela não poderia – disse Olivia com convicção.

– Quero... quero verdadeiramente me casar com Sconce – disse Georgiana quase cochichando. – Sei que é algo terrivelmente indigno para ser dito por uma dama, mas é a verdade. Quando ele apareceu na escuridão para nos resgatar, foi como num livro, no momento em que o herói aparece. E aí ele falou. A voz dele é tão grossa, firme, sincera, que percebi que ele é mesmo o príncipe de um conto de fadas. Entende o que quero dizer?

“Entendo”, pensou Olivia. “Sim, entendo exatamente o que quer dizer.”

Mas não havia nenhum motivo para pensar em tais coisas, muito menos para dizê-las em voz alta.

– Os príncipes nunca me atraíram muito. – Foi o que disse. – Embora eu admita que esse tipo de homem costuma apresentar uma estranha tendência para permitir que a mãe lhe escolha uma esposa. Quando ele não escolhe a esposa com base em algo idiota como seus sapatos. Se o duque fosse

realmente um herói, teria montado em um cavalo branco em vez de sair correndo pela chuva parecendo o filho do açougueiro. Todos esses pequenos detalhes são muito importantes quando se trata de literatura.

Georgiana gemeu.

– Pare de fazer troça por um momento, Olivia! Sempre pensei que não haveria um príncipe para mim. Simplesmente não imaginava.

– E o cavalo branco? – indagou Olivia.

A irmã foi implacável.

– Seja séria. O que estou dizendo é que quero me casar com o duque. Quero como nunca quis nada na vida.

– Então você se casará com ele – disse Olivia, colocando as pernas para fora da cama.

Toda aquela conversa fez com que ela se sentisse um tanto estranha. Claro que não tinha nenhum direito em relação ao duque. Aquele beijo não significara nada. Nada! Ele estava destinado a ser o marido de Georgiana.

Foi até a penteadeira e jogou para trás sua pesada cabeleira.

– Toda aquela chuva da noite passada deixou meu vestido transparente. Parecia que eu estava completamente nua. Você devia ter visto o olhar scandalizado do mordomo. Quando o casaco escorregou, ele teve uma visão direta. Achei que fosse desmaiar.

– Então ele foi um tolo – disse Georgiana, com lealdade. – Estou certa de que você é tão linda nua quanto vestida.

– Melhor – disse ela, pensativa. – Embora eu esteja esperando que os novos vestidos venham para fazer uma diferença nesse aspecto. Não escolhi um único modelo com cintura alta, e abrindo-se sob o busto. Esse estilo só funciona em mulheres cujos quadris não se equiparam ao busto. No meu caso, fico parecendo uma vaca leiteira.

– Os cavalheiros apreciam um ar bovino – destacou Georgiana.

– Você bateu mesmo com a cabeça – disse Olivia, gargalhando. – Você fez uma piada, Georgie! Uma piada de verdade.

A irmã revirou os olhos.

– Não tem graça. O que vai usar para o almoço? Está tão quente que vamos comer no terraço.

– Interessante. Não teria imaginado que a duquesa viúva abraçaria hábitos alimentares irregulares. Veja só, Georgie, estou começando a apreciá-la.

– Você deveria apreciá-la, já que ela vai se tornar minha sogra. – Georgiana pulou fora da cama. – Acha possível? A criada me contou que lady Althea Renwitt já está na residência. E se o duque já se decidiu por ela? Althea é uma aristocrata. Suponho que não se lembre dela.

– Não me lembro dela. Faz parte do rebanho que entrou para o mercado este ano?

– É. Tem olhos lindíssimos – disse Georgiana afundando numa poltrona. – E um cabelo maravilhoso, da cor de um botão-de-ouro. Mas ela é um pouquinho... pois bem, boba. Não sei se consigo imaginá-la com o duque.

– Boba, é? Então não vai ligar para Sua Austeridade.

– Não tenho dúvidas de que Althea ficaria feliz em se tornar uma duquesa mesmo que Sconce tivesse o cérebro de um percevejo... o que não é o caso.

– Só existe espaço para um duque com cérebro de percevejo neste reino – disse Olivia animadamente – e já garanti o monopólio sobre ele. Como supõe que Rupert deve estar em Portugal, aliás? A essa altura, já deve ter desembarcado.

Georgiana fez um gesto com a mão, dando pouca importância.

– Imagino que esteja sentindo falta de Lucy, mas que, fora isso, esteja bem.

– O que me lembra de que é melhor chamar Norah. É surpreendentemente difícil cuidar de um cão. Parece que ela está sempre precisando sair, ou comer ou tomar banho.

– Olivia! – disse Georgiana com impaciência. – *Não* é o momento para falar de você ou de seu cão. Acha que a duquesa viúva já se decidiu por Althea? O nome parece apropriado para uma duquesa.

– Acho que soa como alguma espécie esquisita de remédio para digestão. *Beba Althea para o bem de suas tripas!* Lady Cecily adoraria. Você não acha estranho, Georgie, que uma senhora como ela fale constantemente sobre sua digestão?

– Só você repararia em algo assim.

– O duque também reparou. Vi um fulgor em seus olhos que poderia ter sido uma gargalhada em um homem que soubesse rir.

– O que quero dizer é que a duquesa viúva com certeza vai procurar combinar berço com elegância. Espero que ela ainda não tenha decidido por Althea. Ou, ainda pior, talvez Althea tenha capturado os sentimentos do duque – preocupou-se Georgiana. – Ela é muito doce.

– Não acho – disse Olivia, prendendo o cabelo e esticando o braço para tocar a campainha.

– Não acha que a duquesa já escolheu a nora ou não acha que o duque decidiu por Althea?

– Não acho que o duque tenha a mínima ideia de quem será sua esposa. Não tem o ar correto em seu rosto – disse Olivia, categórica.

E, nesse caso, provavelmente não beijaria desconhecidas, por mais que suas roupas fossem reveladoras, pensou ela.

– Que tipo de ar ele teria se tivesse tomado tal decisão?

– Seria menos sedutor. No momento, tem uma espécie de charme de criminoso que sugere a intenção de que todas as mulheres próximas ardam de desejo por ele.

Georgiana franziu a testa.

Olivia falou antes que a irmã pudesse discordar.

– E aquele cabelo, Georgie? Solto sobre os ombros? E onde estava a jaqueta na noite passada? Ele não poderia parecer mais óbvio nem que ele fosse um daqueles homens que vagam no Salão da Bomba, em Bath, procurando viúvas com bolsos bem forrados.

– Como pode ousar dizer uma coisa dessas! – exclamou Georgiana. – O duque consideraria tal comportamento como algo inferior.

– Tudo bem, digamos que ele está na metade do caminho para parecer um criminoso – concedeu Olivia. – Tem o cabelo e o glamour, sem o corcel ou a pistola. Embora, se ele gritasse “Mãos ao alto”, imagino que metade das debutantes do baile de Micklethwait teria quase batido as botas.

– Batido as botas?

– Teria quase morrido – explicou Olivia, cutucando a irmã. – Eu amo você, Georgiana, mas você é um pouco tonta quando se trata de fazer graça.

– Eu sei – disse Georgiana, franzindo o nariz. – Nunca entendo muito bem. Pelo menos não entendo suas piadas.

– Isso revela mais sobre o meu senso de humor deficiente do que sobre sua compreensão – concedeu Olivia. – Acho que vou usar o vestido violeta no almoço.

– Não acha que seja talvez um pouco audacioso para essa hora do dia? O vestido violeta é um mais adequado para a noite.

– Na verdade, mandei que todos os meus vestidos ficassem com o mesmo decote generoso. Decidi que, como minhas curvas não vão desaparecer nem que eu me entupa de alface, seria melhor valorizá-las. Se os homens gostam de um encanto bovino, como você disse, com certeza vão desfrutá-lo na minha pessoa.

– Não tenho curvas para valorizar – lamentou Georgiana virando-se para se ver no espelho. – Acha que o duque é o tipo de homem que gosta de uma silhueta mais generosa?

Olivia estava fortemente convencida de que sim, que de fato ele era desse tipo, considerando a forma como seus olhos haviam se escurecido diante da visão de seu vestido molhado. Mas não fazia sentido dizer isso.

– Duvido – disse ela de modo diplomático. – Ele é bastante formal, não acha? Imagino que ele desaprovava se você usasse qualquer decote. Seria uma conduta inapropriada para uma futura duquesa.

Georgiana alegrou-se.

– Usarei o vestido rosa de pregas. Adoro o modo como as mangas acabam formando pequenos triângulos.

Houve uma leve batida na porta e Norah entrou.

– Bom dia – disse Olivia, sorrindo para a criada. – Espero que algum laçao possa levar Lucy para visitar uma área gramada. Mas primeiro tem que nos contar tudo o que souber sobre lady Althea Renwitt. – Ela ignorou a careta de Georgiana. *O espelho dos elogios* era bastante severo no que dizia respeito à informalidade inapropriada com os serviçais, e acrescentou: – Estamos todas ansiosíssimas para saber se ela representa uma verdadeira concorrente para Georgie na disputa ducal.

Não havia nada que Norah gostasse mais do que relatar as conversas do andar de baixo, que, de modo geral, tendiam a ser bem mais animadas do que aquelas do andar de cima.

– Lady Althea e sua mãe chegaram ontem à noite, pouco antes das senhoritas, e o duque não desceu para saudá-las. Ele vai encontrá-la pela primeira vez no almoço. Senhorita Georgiana, preciso acrescentar que Florence a aguarda em seu quarto. Está assim tão ansiosa porque a aia de lady Althea é terrivelmente orgulhosa. Seu nome é Agnès, do jeito francês, porque é de lá que ela vem. Ficou falando sem parar de *politesse*, na noite passada, e ninguém tinha a mínima ideia do que ela estava dizendo. Florence está determinada a colocá-la no lugar dela caprichando na aparência da Srta. Georgiana no almoço.

Norah parou para recuperar o fôlego.

– Que maravilha ser uma mulher comprometida sem preocupações com a aparência – disse Olivia, levantando-se e alongando-se. – Já disse que aquele ferro para fazer cachos nunca mais vai se aproximar da minha cabeça, Norah?

Norah abaixou-se para amarrar um laço na coleira de Lucy.

– Desde que a Sra. Lytton não pense que tive qualquer participação nessa decisão, senhorita, fico igualmente feliz de não ser obrigada a brandir aqueles espetos quentes. Já me queimei muitas vezes.

– Suponho que devo partir – disse Georgiana.

Mas então parou e lançou um olhar para Olivia.

Obedientemente, Olivia voltou-se para a criada.

– Antes de ir, Norah, ouviu algum mexerico sobre Althea, lá embaixo? Como ela é?

– Cleese não é muito dado a permitir tagarelices, como ele chama. Porém, a criada de lady Althea falou um pouco sobre sua ama. – Norah fez uma pausa. – Embora, é claro, eu não devesse repetir tudo, porque Agnès parece uma mulher terrivelmente crítica.

– Norah! – exclamou Olivia. – Não seja tão enrolada!

Norah cedeu.

– Agnès deixou escapar que sua ama seria mais tonta do que uma galinha na chuva.

– Mas como a chuva afetaria as galinhas? – perguntou Georgiana, parecendo perplexa.

– Elas se afogam, Srta. Georgiana – explicou Norah. – Viram o bico para ver o céu e então bebem água demais e tombam. Pode acontecer com um monte delas, como se fossem peças de dominó, caindo uma após a outra.

– Acho que você pode interpretar com segurança que Althea Miolo de galinha não vai superá-la no quesito inteligência – disse Olivia com alguma satisfação.

Norah soltou um gritinho de apreciação.

– Não devo deixar Florence esperando – disse Georgiana com um sorrisinho rígido. – Obrigada, Norah, por... por...

– Por entregar informações do inimigo – interveio Olivia.

Georgiana saiu correndo pela porta antes de ter de concordar com algo tão oposto a seu senso de adequação.

Norah olhou-a.

– A Srta. Georgiana é simplesmente perfeita para o duque. É o que todos estão dizendo lá embaixo. Ele é rápido como um chicote, dizem, mas terrivelmente altivo. Nem tanto quanto a mãe, que leva o prêmio, mas é um cavalheiro que nunca se esquece de quem é, se entende o que quero dizer.

Às vezes, ele se esquece, Olivia pensou com seus botões. Ela não havia sido agarrada por um duque na sala da prataria, na noite anterior.

– A mãe dele, a duquesa viúva, é ainda pior – prosseguiu Norah. – Todos me avisaram que, se eu a encontrar no corredor, devo fazer uma reverência, encostar-me à parede e olhar para o chão. Se ela se dignar a falar comigo, devo fazer mais uma reverência antes de ousar erguer o olhar.

Olivia bufou, mas achou que era melhor não tecer comentários.

– Veja como Lucy está animada em ver você.

Norah abaixou-se e puxou as longas orelhas de Lucy.

– Ela é feiosa, mas há algo muito cativante nela, mesmo assim.

– Acha que ela está tentando dizer algo com tantas lambidas? – perguntou Olivia.

– Sente o cheiro de bacon nas minhas mãos. Ajudei a fazer a limpeza da louça do desjejum.

– Mesmo assim, é melhor levá-la para fora antes que ela molhe o tapete.

– Sua Graça não gosta nada de animais – disse Norah, avançando para a porta com relutância. – A viúva, quero dizer. Aparentemente, o formato de patas faz com que ela sinta vertigens. Não é estranho? Se chega a ver um animal correndo em quatro patas, fica toda esquisita.

– Muito estranho – concordou Olivia.

– E já ouviu falar sobre a primeira esposa do duque? – disse Norah, demorando-se na porta.

– Sabia de sua existência, claro, mas terá que me dar os detalhes mais tarde. A última coisa que gostaria de fazer seria explicar para a governanta por que meu quarto está com um cheiro de xixi.

– Não passava de uma vadia – declarou Norah.

– Não pode ser!

Não convinha à imagem que Olivia tinha do duque imaginá-lo casado com uma sirigaita.

– Terrível! Uma oferecida, se me entende, senhorita. Muito oferecida. Saía sempre na carruagem, para lá e para cá, na companhia de apenas um laçao.

– É horrível – disse Olivia, pensando no rosto sério do duque.

Não era de se espantar que ele tivesse aquele ar sombrio.

– Horrível é a palavra – disse Norah, com ênfase. – E...

Mas, naquele momento, Lucy perdeu a paciência e fez xixi ali mesmo no chão.

E assim a conversa terminou.

Capítulo 9



Em que entra em cena lorde Justin Fiebvre

Enquanto Quin permitia que o valete o vestisse naquela manhã, ele se deu conta de que, felizmente, qualquer vestígio da loucura que o possuía na noite anterior tinha se dissipado depois de algumas horas de sono reparador.

Na verdade, mais do que algumas horas de sono, pois já estava quase na hora do almoço.

Sentia-se ele mesmo outra vez, um homem que valorizava a razão e o intelecto acima de tudo. Obviamente, precisaria manter distância da atraente Srta. Lytton. Havia algo nela que despertava nele seu lado menos razoável. Algo que ele poderia descrever como um desejo um tanto compulsivo.

Chegara a sonhar com ela durante a noite, e era o tipo de sonho que ele não tinha havia anos. Pelo menos, desde os primeiros dias de seu casamento.

No sonho, entrava em um aposento e encontrava Olivia, de costas para ele, lendo um livro. Caminhava até ela, o corpo inteiro consumido pelas chamas da antecipação e, sem dizer uma palavra, curvava-se sobre ela, passando os dedos pelo rosto, pelo pescoço...

Enquanto a carícia se intensificava, ele percebia que Olivia não usava nada além de um leve quimono. E então ela voltava o rosto para ele,

sorridente, abrindo os braços para que ele se aproximasse. O quimono abria-se e...

Era constrangedor ter sonhos desse tipo. Porém, havia algo no sorriso da Srta. Lytton, nos quadris dela, até no modo como ela não parava de insultá-lo que fazia o coração de Quin acelerar.

Mas, se um homem não aprendia com seus erros, então ele era menos inteligente do que qualquer integrante do mundo animal. Até os bichos aprendiam rápido a fugir de um incêndio na floresta.

Ele se virou quando o valete terminou de fechar o botão inferior de sua jaqueta e então se contemplou no espelho. A mãe acreditava com firmeza que um duque devia exibir a aparência e o porte de um membro da aristocracia em todos os momentos. Por sorte, ela não estava presente para vê-lo disparar escadaria abaixo sem a jaqueta.

A jaqueta tinha sido feita por um alfaiate parisiense que fugira para Londres. Era num tom de ameixa escuro e tinha um corte severo, mas possuía um inconfundível toque francês com seus botões de madrepérola e o vislumbre ocasional da seda verde que forrava o colarinho e os punhos. Quin nunca passava muito tempo pensando na aparência, mas estava convencido de que não lembrava em nada um contador.

Seu criado, Waller, entregou-lhe uma gravata de linho engomado. Quin ergueu o queixo e começou a atá-la.

– A Srta. Lytton chegou acompanhada por um pequeno vira-latas.

– Sim, Vossa Graça – disse Waller, abaixando a cabeça. – O cão permanece com ela o tempo inteiro, a não ser quando toma um banho diário. Tem sido um assunto e tanto no andar de baixo, pois não é possível dizer que o animal tenha uma aparência aristocrática.

– Parece uma ratazana – disse Quin. – Diga-se de passagem, uma ratazana amistosa.

– Muito doce, pelo que todos dizem – concordou Waller.

– Minha mãe foi informada? – Quin inseriu cuidadosamente um alfinete com pérola e diamante nas dobras da gravata.

– Não que eu tenha conhecimento – respondeu Waller, oferecendo a Quin um par de luvas e um lenço bem passado, acrescentando: – O Sr. Cleese

ainda não encontrou o melhor momento de fazê-lo.

– Covarde – comentou Quin.

Vislumbrou o sorriso de Waller ao deixar o aposento.

A mãe ficaria extremamente contrariada. Não conseguia suportar nenhum tipo de animal. Para ela, eram brutos ignorantes, controlados apenas pelos instintos mais baixos, incapazes do comportamento civilizado que era essencial para seu sentido de ordem. Ela nunca andava a cavalo e nunca permitira que Quin tivesse animais de estimação quando criança. De fato, poderia acontecer de a visita da Srta. Lytton ser bem breve, encerrada assim que a viúva soubesse do cão.

Afinal de contas, a Srta. Lytton era nitidamente inelegível, mesmo sem levar em consideração o vira-latas. Era excessivamente dada ao prazer – o beijo voltou rapidamente a sua mente –, e havia os risinhos da noite anterior. E mais, ela rira *dele*, da ideia de ele usar uma rede de cabelo.

Mas a irmã parecia bem diferente.

Quin pensou em Georgiana ao descer a escada. Ela proferira um gemido angustiado quando a irmã o comparara a um contador. Parecia ter um delicioso senso de comando e autocontrole. Seria o tipo de mulher que nunca provocaria constrangimento em público ou em particular.

Bastava pensar em Evangeline para reconhecer que o autocontrole é importante para um casamento bem-sucedido.

Cleese encontrou-o no pé da escada e conduziu-o até a biblioteca. O almoço seria servido no terraço com vista para o jardim. Quin caminhou em direção às portas que se abriam para o terraço, irritado por sentir que seu coração estava acelerado. Claro que não o animava a ideia de rever aquela possivelmente promíscua Srta. Lytton.

Em vez disso, dizia a si mesmo, ele sentia um nível natural de ansiedade, dado que estava prestes a passar um tempo com duas jovens, e uma delas muito provavelmente se tornaria sua esposa. Um homem com seu infeliz histórico conjugal tinha todo o direito de ficar inseguro numa situação como essa.

Claro que a primeira pessoa que viu foi Olivia Lytton. Chegou a parar por um momento ao avistá-la, paralisado junto à porta que se abria para o terraço.

Ela usava um vestido cor de violeta, muito suave, que parecia feito de seda e renda. Faixas de seda envolviam seu corpo cruzando-se sobre os seios de um jeito que o fazia querer desembrulhá-la como se fosse um presente. Tinha as curvas de uma pintura de Rubens, uma das exuberantes deusas da caça.

Ela se inclinou para a frente, rindo, e Quin chegou a perder o fôlego. O cabelo estava preso num coque, mas fios escapuliam para seu rosto. Ela era...

Ele baixou o olhar. A jaqueta de corte severo não tinha sido projetada para disfarçar qualquer tipo de reação. Uma compulsão, disse ele a si mesmo, caminhando um tanto desconfortável de volta para a biblioteca. Desejo, disse a si mesmo. O corpo concordava com aquela última palavra, embora desejo não parecesse ser uma palavra com força suficiente para descrever a intensidade do sentimento que consumia suas entranhas.

Houve um ruído a seus pés. Olhou para o chão, e a diminuta cadela da Srta. Lytton estava ali, com o focinho esquisito inclinado para o lado e o fiapo de rabo balançando furiosamente. Quin se ajoelhou e coçou as grandes orelhas do cão.

– É uma sedutora – declarou. – Lucy, não é?

O rabo do animal balançou agitadamente, em evidente concordância. Ela lambeu a mão de Quin com entusiasmo.

Ele respirou fundo e se levantou. Estava novamente sob controle. Calçou as luvas.

– Venha comigo – disse ele a Lucy. – Vamos nos juntar aos outros no terraço.

Mas ao alcançar a porta, o animal sumiu. Desapareceu atrás das cortinas. O grupo estava reunido numa das extremidades do terraço, parecendo bastante florido e pitoresco. Sentiu uma vaga onda de alarme ao perceber que seria o único homem.

Sua mãe virou-se para saudá-lo.

– Aí está você, Quin – disse ela. – Gostaria de apresentá-lo a nossas convidadas.

Quin foi em frente e juntou-se ao círculo. A viúva começou pela esquerda.

– Srta. Georgiana Lytton, meu filho, o duque de Sconce.

Georgiana lembrava apenas vagamente a mulher encharcada que ele ajudara a sair da carruagem virada. O cabelo tinha um tom castanho vivo, com mechas cor de bronze, preso em cachos. Os olhos eram vibrantes e inteligentes, mas acima de tudo ela se portava com uma graça natural e uma dignidade que eram agradáveis de ver.

Ele se curvou. Georgiana baixou a cabeça e fez uma bela reverência. A mãe dele observou com visível calor no olhar.

Está feito, pensou Quin ao beijar a luva de Georgiana. Ela era perfeita. Até parecia uma futura duquesa. Vestia algo cor-de-rosa com inúmeras pregas minúsculas. Não era nada parecido com o vestido da irmã – não o fez ser tomado por um desejo furioso –, mas presumia-se que estava *à la mode*, com mangas curtas que envolviam seus ombros com um tipo de elegância que só podia ter sido criada por uma modista francesa.

Parecia que estava pronta para ter seu retrato pintado e preso na parede, junto com o das outras duquesas que habitaram a casa.

– Srta. Lytton, deixe-me apresentar o duque – disse a mãe dele, sua voz alterando-se minimamente. – A Srta. Lytton é a irmã gêmea da Srta. Georgiana.

Olivia, com toda a clareza, não era uma favorita na disputa matrimonial, o que não surpreendeu Quin de modo algum.

Olivia fez uma reverência bem menos profunda do que a irmã, enquanto Quin se curvava. O cabelo dela era bem mais escuro do que o de Georgiana.

– A Srta. Lytton – prosseguiu a mãe – está comprometida com o marquês de Montsurrey. Embora o marquês não frequente a sociedade tanto assim, estou certa de que conheceu o pai dele, o duque de Canterwick, na Casa dos Lordes.

Quin ficou paralisado no meio do cumprimento, ao ouvir a palavra “comprometida”, e então seus lábios tocaram a luva de Olivia. Sentiu os dedos dela estremecerem na sua mão. Ou talvez fosse a mão dele que estremeceu ao tocar os dedos dela. Ele se endireitou.

– Realmente – disse ele. – Desejo-lhe muita felicidade em seu noivado, Srta. Lytton. Temo ainda não ter tido o prazer de me encontrar com o marquês.

Ela sorriu para ele. Tinha covinhas. Não, apenas uma, na bochecha direita.

– Rupert está comandando uma companhia contra os franceses – disse ela. – É bem patriótico.

– Deve ser – respondeu Quin, recompondo-se e fazendo uma saudação silenciosa para o marquês ausente.

Ele mesmo tinha pensado em servir na guerra contra a França, mas considerara impossível. Como seu pai havia morrido e ele não tinha irmãos, ele era responsável pela imensa propriedade que atravessava três condados ingleses, sem falar das terras na Escócia. Simplesmente não podia partir.

– Tenho o maior respeito pelos homens que estão defendendo nosso país das incursões de Napoleão – completou ele.

– Gostaria de apresentar lady Althea Renwitt e sua mãe, lady Sibblethorp – disse a viúva, ignorando o comentário a respeito de Napoleão. Não aprovava a guerra. Os franceses tinham sido extremamente questionáveis ao trucidar sua nobreza, e ela não conseguia compreender por que a Inglaterra deveria arriscar as vidas de ingleses por isso. Quin desistira de tentar explicar. – Lady Althea, lady Renwitt, meu filho, o duque de Sconce.

Lady Althea era bem diminuta e tinha duas covinhas, enquanto Olivia tinha apenas uma. Sorriu de um jeito que deixava em evidência as duas covinhas e muitos dentes e disse:

– É um prazer conhecê-lo, Vossa Graça.

E ela deu risinhos.

– Minha irmã, lady Cecily, não poderá se juntar a nós pois machucou o tornozelo no acidente da noite passada – anunciou a duquesa. – Tenho certeza de que Cleese deseja que comecemos o almoço agora. Estamos em número terrivelmente desigual, claro. E não há sinal de lorde Justin. – Voltou-se para lady Sibblethorp. – Filho de meu irmão. A mãe dele era francesa e acredito que ele tenha herdado a propensão ao atraso desse lado da família. Às vezes, ele só se junta a nós no segundo prato.

Quin achou que a explicação mais provável para o atraso era que Justin demorava mais para se vestir do que uma mulher. De qualquer modo, sentiu-se melhor ao lembrar que o primo também poderia estar no almoço. Embora

não fosse possível dizer de modo acurado que Justin já se tornara um homem aos 16 anos, era melhor ter a companhia de meio homem à mesa do que de nenhum.

Naquele exato momento, ele ouviu a batida de calçados. Todos se viraram e encontraram lorde Justin Fiebvre fazendo sua característica entrada extravagante. Parou por um momento no umbral, jogou para trás uma mecha de cabelo que constantemente – e, só podia ser, deliberadamente – atrapalhava sua visão, e exclamou:

– Tanta beleza! Sinto como se tivesse acabado de entrar no jardim das Hespérides.

Lucy estava segura sob seu braço, o focinho longo encostado na seda de uma extraordinária jaqueta cor de pérola, bordada com arabescos prateados e contas de um azul claro.

A viúva endireitou seus ombros em sinal de irritação. Permitia que Justin a irritasse, o que para Quin era uma tolice. Justin não era inteiramente inglês nem inteiramente adulto, mas sob todos aqueles babados havia um sujeito decente.

– Lorde Justin – declarou ela –, eu poderia saber por que o senhor está segurando esse... esse animal debaixo do braço?

– Encontrei essa lindeza na biblioteca – respondeu ele, sorridente. – Não podia deixar uma garotinha tão sozinha.

Pela forma com que o examinava, a viúva considerava a jaqueta do sobrinho inapropriada para um almoço no campo, embora fosse difícil distinguir essa desaprovação da evidente aversão a cães.

Mas Justin tinha o atraente hábito de ignorar o desagrado da tia. Possuía um temperamento alegre e preferia, como costumava dizer, “enxergar a felicidade”.

– E então, quem é a dona desta criatura encantadora? – perguntou ele, olhando de uma jovem para outra, enquanto acariciava a cabeça de Lucy.

– É minha – disse Olivia, adiantando-se. – Deixei-a na biblioteca porque ela parecia estar com muito medo de ficar sob a luz do sol. Temo que Lucy não seja uma cadelinha muito corajosa.

– Nem todos precisam ser bravos – disse Justin. – Eu, por exemplo, me considero parte da maioria covarde, mas respeitável. Sua Lucy é completamente encantadora.

– Se puder fazer a gentileza de se juntar a nós, lorde Justin, eu o apresentarei a nossas convidadas.

– Um intenso prazer me aguarda!

Justin deixou Lucy a seus pés e ela saiu correndo até Olivia e se escondeu atrás dela. A viúva afastou as saias, quase fracassando em suprimir um guincho.

Justin curvou-se profundamente diante da mão de cada uma das damas, dispensando beijos e soltando elogios. *Adorou* o vestido da Srta. Lytton (assim como Quin), o anel da Srta. Georgiana, as fitas de lady Althea...

Quin ficou bastante interessado ao perceber que enquanto lady Althea era tomada por um verdadeiro frenesi de exibição de covinhas, Olivia e a irmã pareciam estar achando mais graça do que desfrutando da situação.

Ele respirou fundo e usou sua força de vontade para chegar à calma.

Para um homem que se orgulhava de não experimentar emoções, ouvir a notícia do noivado da Srta. Olivia com o marquês de Montsurrey provocara nele um abalo tão primitivo que mal conseguia se reconhecer.

Teve que se conter para não arrebatá-la em seus braços, levá-la até a biblioteca e bater a porta – e em seguida garantir de uma vez por todas o rompimento de tal noivado.

Mas ele nunca batia portas. Aquilo era para... aquilo era para outro tipo de homens. Do tipo emotivo.

Ele não era emotivo. Isso era bom, lembrou a si mesmo, pois corria algum perigo de se surpreender.

Poderia estar experimentando alguma espécie de insanidade temporária? Talvez fosse uma síndrome descrita pela medicina com sintomas como beijar a mulher do vigário e, no caso de tal senhora não estar por perto, beijar uma desconhecida que porventura aparecesse à porta no meio da noite, durante uma tempestade.

Claro, era provável que todos os libertinos de Londres perseguissem exaustivamente Olivia, enlouquecidos por sua silhueta voluptuosa. Aquele

vestido que ela usava era composto por diferentes tiras que, de algum modo, passavam à volta de seu seios, e por baixo, e havia apenas um toque de renda sobre eles... Talvez pudessem chamar aquela condição de Síndrome de Olivia.

A questão era... qual era a questão? Era incomum que Quin se sentisse à deriva de pensamentos incoerentes.

– Como nos encontramos em número desigual – declarou a duquesa –, lamento que algumas das damas tenham que permanecer desacompanhadas. Quin, pode acompanhar a Srta. Georgiana e lady Althea para o almoço. Lorde Justin, pode acompanhar a Srta. Lytton. Lady Sibblethorp e eu seguiremos juntas.

Ela fez uma breve pausa.

– Srta. Lytton, pediria que devolvesse aquele exemplar canino para dentro de casa, antes de se juntar a nós. Os animais não são tolerados à mesa. De fato, preferiria que aquela criatura permanecesse no estábulo o tempo todo.

– Eu lhe garanto, Vossa Graça, que se estivesse ao meu alcance alojar Lucy no estábulo, eu o faria. Mas, antes de partir para a guerra, meu noivo, o marquês de Montsurrey, implorou para que eu a mantivesse junto a mim durante todo o tempo. Não poderia negar um pedido a um homem que está engajado na defesa de nosso país.

– Estou certa de que ele não pretendia que seu pedido fosse cumprido literalmente – respondeu a viúva com acidez.

– Temo que os pedidos de Rupert sejam sempre literais.

– De fato. – A viúva estreitou os olhos. – Ouvi alguma coisa a respeito disso.

Quin ficou tenso ao ouvir aquilo, mas Olivia disse apenas:

– Na realidade, Lucy parece ter se afeiçoado bastante à senhora, Vossa Graça.

O grupo olhou ao mesmo tempo para o cão de Olivia que, naquele momento, sentava-se na beira das saias da viúva, com uma patinha pousada na ponta do sapato da senhora.

A viúva emitia um som estrangulado.

– Fora!

Lucy pareceu ignorar a ordem. Ergueu apenas o longo focinho e soltou um pequeno latido, deixando a pata no mesmo lugar.

– Tarquin! – exclamou a viúva, com olhos fixos que exibiam o mesmo terror que alguém manifestaria ao saudar a súbita aparição de uma lula gigante durante um banho de banheira.

Antes que Quin pudesse partir para o resgate, Olivia recolheu o cão.

– Sinto muitíssimo! – exclamou. – Não tinha ideia de que se sentisse amedrontada por cães, Vossa Graça.

A duquesa recobrou a compostura no mesmo instante.

– Claro que não tenho medo de caninos. Apenas julgo que são irritantemente sujos. Considerando tudo o que ouvi a respeito de seu noivo, Srta. Lytton, acho que podemos concordar em ignorar o pedido dele. Ponha o cão no estábulo. Em suma, pode começar a agir como pretende fazer no futuro.

Foi a vez de Olivia ficar rígida.

– Tenho certeza de que não era sua intenção falar do marquês de Montsurrey de tal modo, Vossa Graça.

E no momento em que a viúva abriu a boca, Olivia acrescentou:

– Eu mesma ficaria relutante em incorrer à censura da deslealdade, mas não considero que seja o caso, pois estou certa de que a senhora não tinha intenção de fazer uma sugestão que seria uma mancha em sua reputação e que deixaria uma mácula em sua cortesia.

Quin nem se deu ao trabalho de desenrolar tal fala. Ele percebia claramente que uma luva havia sido lançada ao chão, como o convite para um duelo. A mãe mantinha-se tão rígida quanto um soldado durante um desfile militar, assim como Olivia. Tinham aproximadamente a mesma altura e pareciam exibir força de vontade equivalente. E o mais enervante era que cada dama mantinha um leve sorriso nos lábios.

– Como solicitado por meu noivo, Lucy permanecerá em minha presença, exceto nas refeições – prosseguiu Olivia. – E farei o melhor possível para mantê-la longe de seus olhos, Vossa Graça.

Houve um terrível momento de silêncio. Então a viúva falou.

– Deverá bastar.

Olivia afundou em uma reverência, ainda segurando Lucy sob seu braço.

– Confio que não esteja ofendida, Vossa Graça. Fico encorajada pela lembrança de suas próprias palavras: *Uma verdadeira dama prefere a gentil reprovação a elogios extravagantes.*

Uma suave exclamação partiu da direção de lady Sibblethorp e Quin julgou que estava na hora de separar as litigantes, antes que a mãe se esquecesse de alguns dos preceitos que tinha em tão alta conta. Por sua parte, Olivia parecia considerá-los como pouco mais do que armamentos.

– Srta. Georgiana e lady Althea! – exclamou ele. – Posso ter a honra de acompanhá-las para o almoço?

– Srta. Lytton – foi a vez de Justin –, deixe-me entregar Lucy a um laçao. Mas a viúva, com o queixo erguido, ignorou os dois.

– Entendo que subestimei seu vínculo com o marquês, Srta. Lytton.

– Meu noivo não ostenta suas virtudes, mas posso garantir que seu temperamento doce inspira a lealdade.

A duquesa assentiu. Quin se surpreendeu ao identificar um respeito relutante em seus olhos.

– Gostaria de ser perdoada por minha sugestão indigna.

O sorriso de Olivia era muito encantador.

– Vossa Graça – disse ela –, de coração, lamento qualquer palavra desagradável que possa ter vindo da minha parte.

– Minha nossa – gemeu Justin, sem estar exatamente sussurrando. – Eu me sinto como se assistisse a uma aula de locução.

Nenhuma das damas prestou a menor atenção a ele.

– O marquês de Montsurrey tem muita sorte – pronunciou a viúva. – Devo escrever a seu pai imediatamente e informá-lo de que a esposa que selecionou para o filho em muito acrescenta à sua família.

Olivia abaixou a cabeça e voltou a cair numa profunda reverência.

Quin, que tinha momentaneamente esquecido a questão do noivado de Olivia, mal conteve um grunhido.

Sorte? Se ele compreendia corretamente, o pai de Montsurrey escolhera Olivia, assim como a mãe dele, com sua permissão, selecionaria sua futura esposa.

De repente percebeu que Georgiana sorria para ele, ansiosa. Curvou-se com a rigidez de uma marionete.

– Srta. Georgiana.

Ela envolveu o braço dele com a mão.

– Vossa Graça.

Ela não era a sobra.

Não era.

Capítulo 10



Não se deve subestimar o poder do fio de seda

Georgiana parecia ao mesmo tempo admirada e assombrada. Mas tinha compostura e um nítido respeito próprio. Era assim que uma dama deveria se comportar diante de um duque. E ela não soltara sequer um risinho.

Lady Althea, por outro lado, começou a dar risinhos no momento em que ele estendera o braço.

– Espero que o convite de minha mãe não tenha retirado nenhuma das duas de Londres numa época indesejável – disse Quin, atravessando o terraço com Georgiana e Althea, uma dama em cada braço.

Cleese havia arrumado uma mesa do outro lado, sob a sombra da clêmatis florida.

– De modo algum – respondeu Georgiana. – Devo confessar que estava achando a temporada ligeiramente entediante.

– Já frequenta a sociedade há alguns anos, não é? – perguntou lady Althea. Então acrescentou com encantador ar embaraçado: – Espero que não tenha se sentido constrangida com essa observação, senhorita Georgiana. Parece tão jovem que é possível esquecer como o tempo passa depressa.

Quin baixou os olhos para o belo embrulho de feminilidade pendurado no seu braço esquerdo. Althea, aparentemente, percebera que estava ficando para

trás na competição ducal e fazia uma tentativa para se destacar e liderar a disputa.

– É verdade que debutei já faz alguns anos – disse Georgiana, sorrindo para Althea enquanto se sentava.

Quin encaminhou Althea para uma cadeira ao lado da mãe dela. Georgiana não dava qualquer sinal de acusar o golpe.

– Nunca pensei que a juventude seria um indicador particularmente bom para o matrimônio – comentou Olivia, enquanto Justin a acompanhava ao assento à esquerda de Quin. – Existem tantos fatores mais importantes.

Instruído pela mãe nos mínimos detalhes da etiqueta, Quin reparou que a Srta. Lytton não deveria ter interferido numa conversa da qual não fazia parte. Era óbvio que se tratava de uma regra flexível: a viúva foi igualmente incapaz de resistir.

– As virtudes de uma dama – decretou – são seus bens mais preciosos. – Então acrescentou: – Penso que a idade seja uma consideração negligenciável.

– Concordo plenamente – afirmou Olivia. – Acrescentaria, porém, que tudo depende das virtudes em questão. Com frequência excessiva, as jovens apresentam todas as virtudes que mais me desagradam e nenhum dos vícios que admiro.

– Ninguém poderia sentir desagrado diante da virtude! – exclamou Althea.

– Mas depreendo que a senhorita acredita que a inexperiência seja uma virtude, pelo menos do mercado matrimonial?

– Suponho que sim – disse Althea, um tanto insegura. Tinha perdido o controle do diálogo e sabia disso.

– No entanto, pode ser tão assustadoramente entediante. – Com um sorriso brilhante, Olivia voltou-se para Justin e perguntou a ele como estava indo a temporada de caça às tetrazes em Littlebourne Manor.

Althea abriu a boca e tornou a fechá-la.

– Lady Althea – disse Georgiana. – Lembro-me de ouvir dizer que a senhorita é uma grande apreciadora das linguagens. Estou certa de que todos nós gostaríamos de saber mais sobre seus conhecimentos na área. Acho que

tal habilidade é bastante importante quando se pretende receber visitantes estrangeiros, como estou certa de que será seu caso.

Levou um instante, mas logo ela havia conseguido que Althea começasse a balbuciar sobre seu domínio do italiano, do alemão e do francês.

Quin observou em silêncio enquanto pensava em Georgiana. Aparentemente, ela não o deixara abalado, seja lá o que aquilo quisesse dizer. Evangeline, claro, o abalara. Ele precisou enfrentar uma série de admiradores, embora todos os outros tenham deixado de ter a mínima chance assim que o pai da jovem tomou conhecimento de que havia um duque na corrida.

Sempre pensara que o sucesso de Evangeline no mercado fosse atribuído ao fato de que ela reluzia quando estava feliz.

O que um admirador não poderia saber era que Evangeline não reluzia quando estava infeliz. E ela ficava infeliz boa parte do tempo, pelo que ele se recordava.

A Srta. Georgiana não era do tipo que reluzia. Tinha uma pele clara, quase tão clara e alva quanto a da irmã. O nariz também era muito bonito, embora Olivia provavelmente levasse uma ligeiríssima vantagem nesse quesito.

Possivelmente a única característica pouco atraente era o fato de ser tão magra, parecendo mais com um garoto esguio do que com uma mulher feita. O vestido tinha um grande decote, que no entanto só podia contribuir de maneira limitada para acentuar o que havia de tão diminuto por trás dele.

Não que importasse, ele disse a si mesmo rapidamente. Uma duquesa é bem mais do que seu busto. Ele não era um sujeito raso, que ficava de joelho diante de um fio de seda violeta e um par de seios exuberantes.

– Acho muito interessante que o senhor se ocupe com o estudo da matemática – disse Georgiana virando-se para ele, encerrando a conversa sobre idiomas.

Estava à direita dele, e Olivia, à esquerda, pois Althea havia sido colocada ao lado de sua mãe. Quin tentava não olhar demais na direção de Olivia.

Um cavalheiro não devora com os olhos a noiva de um homem que está a serviço de seu país. Especialmente se tal homem for um nobre, alguém que

poderia ter seguido o caminho mais fácil, como Quin havia feito.

Não foi a primeira vez que ele sentiu uma pontada de intensa culpa. Não era fácil permanecer como *uma mariposa da paz*, como Shakespeare expressara. Quando menino, sonhava vestir o traje escarlate e comandar um batalhão.

– O estudo da matemática – disse ele, enfim. – Sim, tenho grande interesse pelas artes matemáticas.

– Li a respeito da obra de Leonhard Euler sobre funções matemáticas – disse Georgiana com alguma timidez. – Acho fascinante.

– Leu... *leu* a respeito de Euler?

Georgiana franziu a testa ligeiramente.

– Até onde sei, Vossa Graça, não existe uma lei que diga que as mulheres não podem ler a *London Gazette*. A obra de Euler mereceu um exame bastante extenso no periódico há alguns meses.

– Claro – disse Quin, apressado. – Peço desculpas por ter parecido cético.

Georgiana tinha belos modos. Lançou um olhar límpido com um sorriso doce para ele.

– Também trabalha com funções matemáticas?

– Sim, trabalho – disse ele, hesitante.

Mas ela voltou a sorrir e ele partiu para uma descrição de um método para calcular raízes quadradas originado na Babilônia. Emergiu do discurso dez minutos depois e descobriu que a mesa estava em absoluto silêncio e que todos o encaravam atentamente.

Olhou para Georgiana para verificar se ela demonstrava o mesmo mal disfarçado ar de descrença. Não era o caso: seus olhos estavam alertas e interessados.

– Se compreendo corretamente – disse ela –, está tentando enfatizar que este processo não funcionará com números negativos.

– Essa também é a minha compreensão – disse a mãe de Quin.

Mesmo um asno poderia ter interpretado a voz da duquesa. Georgiana acabara de passar no primeiro teste. Sem ser uma sabichona, ficara claro que era inteligente e interessada em assuntos que extrapolavam a vida doméstica.

Olivia, por outro lado, parecia achar graça dele em vez de ficar admirada, e obviamente não se deixara impressionar. Não estava enfeitiçada pela palestra matemática.

– Tedioso, eu sei – disse ele, um pouco sem graça.

– *De modo algum!* – suspirou Georgiana.

– Foi sim, com certeza – disse Olivia, precisamente no mesmo instante. – Talvez da próxima vez possa haver venda de ingressos com antecedência.

– *Ingressos*, Srta. Lytton? – perguntou a viúva.

– Exatamente – respondeu Olivia com um sorriso sereno. – Sei que é um grande defeito, mas acho que fico bem mais feliz se pago para ouvir uma palestra, mesmo se adormecer no meio. A educação deve ser cara, não acha?

– É um absurdo – proferiu a viúva.

– Como a senhora mesma escreveu, Vossa Graça: *Uma dama deve estar sempre ciente das fraquezas de seu caráter*. – Então acrescentou: – Não é preciso dizer que minha mãe é uma grande admiradora de *O espelho dos elogios*.

– Estou ciente – disse a viúva, lisonjeada. – Encontrei sua mãe em diversas ocasiões e ela sempre me pareceu de uma sagacidade notável para alguém de sua posição.

Um brilho de raiva surgiu no olhar de Olivia por um segundo. Em seguida seu sorriso aumentou. Nenhuma covinha apareceu. Mentalmente, Quin deu um passo para trás. Qualquer um que confundisse aquele sorriso com uma expressão de apreciação estaria completamente iludido.

– Vem à minha mente outro aforisma que poderia ser adequado – disse Olivia com doçura. – *Até os fantasmas dos ancestrais mortos prefeririam dormir a ouvir alguém tagarelar como um papagaio que bebeu demais*. – Ela fez uma pausa. – Embora, pensando nisso agora, este talvez não possa ser atribuído a *O espelho dos elogios*.

– Tem um senso de humor muito vivo, Srta. Lytton – declarou a viúva. Não era um elogio.

– Fico curioso com os fantasmas dos meus ancestrais vivos, não com os mortos – disse Justin, com o olhar cheio de malícia. – O que fazem quando Quin tem um ataque de matemática?

Quin interferiu.

– Srta. Lytton.

– Vossa Graça?

– Prometo não informá-la sobre raízes quadradas novamente, sem antes emitir ingressos.

– Por mim, adoraria receber um desses ingressos – disse Georgiana com um caloroso sorriso. – E peço desculpas pela irreverência de minha irmã. Temo que estamos habituadas a brincadeiras entre nós duas.

Ela era perfeita para ele sob todos os aspectos.

– Não tenho mais a fortaleza moral para suportar palestras sobre matemática – interveio Justin. – Assim, se me perdoa, primo, não vou adquirir ingresso para as palestras a respeito das complexidades da raiz quadrada.

– Srta. Georgiana – disse a mãe de Quin. – Gostaria de saber sua opinião a respeito dos batentes de pedra das janelas no estilo gótico.

– Seu comentário sugere que já teve a fortaleza moral para suportar palestras de matemática – voltou-se Olivia para Justin.

Ela sorria com o olhar quando falava, como se tivesse pensamentos travessos, que Quin descobriu que apreciava bastante.

– Não, não. Nunca tive – respondeu Justin, inclinando-se ligeiramente para a frente. – Pelo menos quando se trata de matemática. Se estivesse falando de algo verdadeiramente interessante...

– Moda? – adivinhou ela.

– Adoro! – exclamou Justin, e acrescentou: – A vida não é nada sem o embelezamento oferecido pelos trajes adequados. Mas minha verdadeira paixão é escrever poesia e baladas.

– Justin escreveu 138 sonetos, todos para a mesma mulher – disse Quin, incluindo-se na conversa, embora devesse estar conversando com Georgiana.

Não tinha nada a dizer sobre batentes, fato que a mãe devia levar em consideração.

– Mesmo? – disse Olivia, parecendo bastante impressionada.

– Um ciclo de sonetos, é como se chama – informou Justin.

– É uma enormidade de sonetos, e mais ainda de rimas. Quando escreve um ciclo como esse, é permitido repetir algumas rimas pelo caminho? Como *amor e flor*?

– Sem flores – disse Justin com um gesto da mão. – Flores são para enfeitar e para presentear. E *amor* é mais difícil de rimar do que imagina. Quantas vezes é possível escrever sobre o *rubor*, por exemplo? Depois de dizer que gostaria de ser o rubor nas faces da sua dama, o que mais há para ser dito?

– Por que alguém haveria de querer ser o rubor na face de uma dama? – indagou Quin.

Justin revirou os olhos, algo que tinha propensão a fazer sempre que Quin participava de uma conversa.

– Porque assim ele tocaria em sua face, *claro*.

– Talvez em outros lugares também – disse Olivia, pensativa.

Quin surpreendeu-se ao quase gargalhar.

– Como o nariz – acrescentou a jovem.

– Não é muito romântico – disse Justin, balançando a cabeça para ela.

– Temo não ter uma alma romântica – Olivia desculpou-se.

– Espero que não – disse a viúva, intervindo. – Será uma duquesa, Srta. Lytton, e garanto que uma alma romântica é um prejuízo notável para uma mulher em nossa posição. – Lançou um olhar significativo para Quin. – Estou certa de que preferiríamos falar de algo mais elevado do que das fracassadas tentativas de versos de lorde Justin. Lady Sibblethorp, como vão progredindo seus trabalhos de caridade em prol dos jovens perdidos?

Lady Sibblethorp ficou mais do que feliz em detalhar as camisas azuis e os sapatos robustos que estavam sendo distribuídos aos rapazes problemáticos. Ou aos jovens de antecedentes problemáticos. As duas categorias pareciam se confundir.

– Que interessante – disse Georgiana, conseguindo parecer genuinamente interessada. – Como decidiu pelas camisas e os calçados, lady Sibblethorp?

Parecia tão inteligente quanto caridosa. Maravilhoso.

A senhora em questão ficou inchada de orgulho e dedicou-se a uma empolgante descrição de lenços, meias, camisas e casacos.

Quin ouviu pelo tempo que julgou ser absolutamente necessário e então se voltou para Justin e Olivia. Os dois tinham ignorado as instruções da viúva despreocupadamente. Justin recitava trechos de sua poesia e Olivia fazia troça. Os dois, obviamente, estavam se divertindo muito.

– *Nasci sob uma estrela* – recitava Justin –, *assim a lua está a meu alcance.*

– O que raios você quer dizer quando fala que nasceu sob uma estrela? Nasci de noite, então com certeza eu me qualifico. Quer dizer que a lua pode desabar na minha mão?

– É um tributo – explicou Justin. – Costumo comparar minha amada com a Deusa da Lua, Cynthia. Ela se encontra a meu alcance porque sou filho da estrela. – Fez uma pausa. – Filho da estrela. Gostei disso. Preciso lembrar de contar para meu tutor. Vai aplaudir, tenho certeza.

– Achei que o Sr. Usher supostamente estaria preparando você para o próximo semestre em Oxford e não alimentando sua paixão pela poesia – retrucou Quin.

– Ele me ensinou um sem-número de coisas importantes sobre matemática – disse Justin, com evidente falta de veracidade.

Quin franziu a testa.

– E quem é sua amada? Já leu para mim uma série de poemas, mas acredito que nunca respondeu essa pequena pergunta tão importante. Talvez alguma jovem que conheceu em Oxford?

– Ah, ainda não tenho uma amada – admitiu Justin, alegremente.

– Fez 138 sonetos para uma dama inexistente? – Olivia parecia muito impressionada. – Já a descreveu alguma vez... essa pessoa lunar, quero dizer?

– Deusa da Lua – corrigiu Justin. – Claro que sim. Seu cabelo é prateado.

– É uma surpresa – disse Olivia. Sua voz soava tão divertida que Quin sentiu que outra gargalhada queria sair do peito. – Deixe-me adivinhar. Olhos faiscantes?

– De modo geral, cintilam. Faíscam em apenas dois poemas, um soneto e uma balada.

– Ela parece ter um quê de bruxa. Não se preocupa que ela assuma um ar de lanterna de abóbora?

– De modo algum – disse Justin com dignidade. – Minha dama não tem qualquer semelhança com um legume retalhado. Ela supera o sol e as estrelas com sua beleza.

– E como trata seu vestuário? Ela prefere vestidos de cintura alta? Ou é mais antiquada, por ser uma deusa e possivelmente estar viva há muito tempo?

– Já ouvi o suficiente dos poemas para saber que deve imaginar uma lady Godiva e não uma abóbora – interveio Quin.

– Vossa Graça – disse Olivia, mostrando a covinha. – O senhor me surpreende.

De fato, ele surpreendera a si mesmo.

Justin revirou os olhos.

– Meus poemas são *atemporais*. Se descrevesse um vestido, estaria apenas colocando uma data neles. E se descrever minha Deusa da Lua com um turbante na cabeça? No próximo ano, ela já seria considerada fora de moda e eu teria desperdiçado todo aquele tempo no poema.

– Com certeza ninguém gostaria de escrever um poema que não poderia ser reutilizado – concordou Olivia. – Percebo que a nudez é a melhor opção. Sua Deusa da Lua faz um corajoso ataque às regras de conduta cansativas contra as quais todos nós penamos, tenho certeza.

– Penamos? – perguntou Quin, inclinando-se na direção dela. – Está revelando um toque da lady Godiva que existe em si, Srta. Lytton?

Ele voltou a encontrar seu olhar, até que viu um leve tom cor-de-rosa despontar nas suas faces.

Quin recostou-se na cadeira, percebendo vagamente que seu coração batia forte no peito, de um modo deselegante. A simples menção à lady Godiva fez com que ele imaginasse Olivia nua e exuberante, os seios ora aparecendo ora se escondendo por trás da cabeleira negra, aquela boca perversa rindo dele.

– Minha Deusa da Lua não está nua. – Justin voltou a revirar os olhos. – Simplesmente não menciono roupas. Além do mais, prefiro escrever sobre como é estar apaixonado. Aqui estão alguns de meus versos preferidos: *Por vós, escalaria a mais alta das torres; atravessaria correndo o oceano.*

– Detesto ser pedante, mas esses dois versos não formam um pentâmetro iâmbico, nem rimam – indicou Olivia. – Estou certa de que um par de versos deve rimar.

– Para mim, é mais problemático que as duas atividades sejam tão pouco similares – intrometeu-se Quin. – É bem provável que pudesse escalar a torre de uma igreja, se precisasse, Justin, mas não poderia caminhar, muito menos correr sobre a água.

– A não ser que esteja ocultando sinais de divindade – disse Olivia, com a covinha aparecendo de novo no canto da boca. – Afinal de contas, é filho da estrela.

Os dois contemplaram o jovem Justin e então o olhar de Quin encontrou com o de Olivia mais uma vez, causando um choque profundamente agradável.

– Não há sinais visíveis – comentou ele. – Nenhuma auréola paira sobre sua cabeça.

Justin era uma alma boníssima.

– Filisteus – disse ele, sem força. – A poesia não precisa de rimas. Só os puristas se incomodariam com esse tipo de coisa.

– Um par de versos deve rimar – afirmou Quin com firmeza. – Mas tem razão quanto à descrição. Por que se prender? Entendo que as metáforas estão em voga no que se refere aos versos.

– Suspeito que são muito difíceis de escrever – disse Olivia. – Os únicos poemas que consegui guardar de memória empregam muitas metáforas, mas eu não poderia escrever nenhuma delas.

– Por exemplo? – perguntou Quin.

Os olhos dela riam para ele.

– *Era uma vez uma donzela de Zaragoza, que no manejo da agulha era muito habilidosa...* Vou parar por aqui, se não se importam. Mas garanto que, no que diz respeito a metáforas, nada se compara a uma quintilha.

– Já ouvi essa – interrompeu Justin, olhando para a convidada com respeito renovado. – Não achava que as damas apreciassem esse tipo de verso.

– De modo geral, não costumam gostar – disse Olivia para ele. – Sou uma aberração. A maioria das damas desmaiaria de emoção ao receber um belo poema de amor do senhor. Pergunte só à Sua Graça. Talvez ele tenha escrito versos desse tipo na juventude.

Justin bufou.

– Quin não conseguiria escrever um poema nem se Shakespeare lhe ditasse as palavras.

– Claro que conseguiria! – protestou Quin. Estava se sentindo bastante imprudente, inebriado pelas faíscas do olhar de Olivia. – *Minha dama é uma flor rosa e eu... eu sou uma torre formosa*. Pelo menos, eles rimam.

A risadinha de Olivia fez uma onda de calor descer pela virilha de Quin.

– Surpreende-me, Vossa Graça. Eu não esperava que exibisse tamanha habilidade metafórica. Flores e torres são surpreendentemente... evocativas.

Se Quin havia compreendido corretamente, ela acabara de transformar sua metáfora deplorável em algo bastante erótico. E, aparentemente, Justin não conseguira captar.

– Eu conseguiria fazer algo com flor silvestre, mas não sobre uma flor rosa – disse Justin, franzindo a testa. – É banal demais.

– Está certo – concordou Olivia. – Acho que deveria permanecer fiel às metáforas arquitetônicas, Vossa Graça. Talvez possa criar algo com castelo?

O sorriso dela era uma provocação.

– Castelo seria difícil – disse Justin, com autoridade. – Não rima com muita coisa.

– *O castelo de seu corpo é meu por direito de conquista* – declarou Quin, erguendo a taça. Bebericou e então virou-se para Olivia, sabendo que seus olhos estavam cheios de desejo.

Houve tal onda de calor entre os dois que Quin se surpreendeu momentaneamente ao constatar que a toalha de mesa não havia pegado fogo por combustão espontânea.

– E o fosso? – perguntou ela, com um sorrisinho perverso brincando de novo em seus lábios. – Com certeza... alguém vai... digamos... mergulhar no fosso?

Justin finalmente compreendeu e caiu na gargalhada também.

– Muralhas – disse ele, quase engasgando. – Não pode esquecê-las, Quin! Diante de toda aquela alegria, a viúva entrou na conversa.

– Devo perguntar se há um assunto hilariante a ser compartilhado com a mesa.

Justin deu um sorriso doce.

– Estamos discutindo a arquitetura dos castelos medievais, querida tia. O assunto naturalmente nos leva à animação.

– As ameias – confirmou Olivia, balançando a cabeça. – No contexto da literatura.

A viúva estreitou os olhos. Então com ar severo perguntou a Georgiana e Althea sobre o uso de veludo pintado nos cortinados dos leitos. Presumia-se que tal pergunta fosse relevante ao matrimônio. Quin logo devolveu sua atenção para Justin e Olivia.

– Prefiro ideias dramáticas – dizia Justin. – Por exemplo, 67 dos meus poemas prometem fazer o impossível por amor.

– Suponho que é aí que entra “andar sobre as águas” – disse Olivia. – Que outras coisas já prometeu fazer?

– Caminhar sobre o fogo – disse Justin. – Segurar o mundo nas mãos.

– Essas duas sofrem da mesma incompatibilidade – disse Quin. – Embora eu suponha que você até conseguisse caminhar sobre o fogo... acho que saltar seria uma descrição mais acurada...Você claramente sofre de delírios de grandeza.

– Lorde Justin, se tiver um lado divino, seria um bom momento para revelá-lo.

Olivia parecia esperançosa.

– Acho que podemos concordar que os dois têm almas tristemente prosaicas – declarou Justin. – A poesia é meu *destino*. A zombaria não me detém. Algum dia encontrarei uma dama tão linda quanto a lua e já terei a poesia escrita.

– Adoraria conhecer tal dama – disse Olivia. – Vossa Graça, já foi enfeitiçado pela lua em algum momento da vida?

Quin olhou-a e rejeitou toda a noção sobre a lua.

– Fria demais, pálida, insípida – respondeu ele. – Preferiria uma deusa que produzisse luz própria em vez de simplesmente refletir a luz de outrem.

– Não consigo imaginá-lo apaixonado, mas *nunca* se deve dizer nunca – interveio Justin.

– A poesia também poderia ser o destino de Sua Graça – disse Olivia, com o olhar inquieto. – Veja só sua criatividade com um castelo... e não chegou nem às muralhas. Muitos não pensam na arquitetura das fortificações em termos tão sugestivos.

– Que termos? – perguntou, de súbito, a viúva, virando a cabeça.

– Como edificações – disse Olivia com inocência. – Sua Graça usa imagens arquitetônicas na sua fala.

Se a mãe de Quin tivesse uma queda para o drama, como Justin, teria revirado os olhos.

– Daremos um pequeno baile, dentro de alguns dias – anunciou a duquesa. – Um evento íntimo, naturalmente. Mas não ficaria surpresa se tivérmos, no mínimo, uma centena de convidados.

Devia estar seguindo para a próxima etapa do processo de testes, percebeu Quin. O pensamento provocou um calafrio na sua espinha.

Sim, Olivia era encantadora. Com certeza era divertida e tinha um apelo sensual inegável. Não importava que estivesse noiva de outro. Era totalmente errada para ele.

Totalmente errada.

Quin virou a cabeça bruscamente para o outro lado, para Georgiana. Os olhos dela eram claros, doces e um tanto ansiosos. Não devia ser fácil ser a irmã gêmea de Olivia.

Georgiana era uma peça elegante da mais fina porcelana, mas, em comparação, Olivia acenava como se fosse a terra prometida.

Ele queria, não, tinha de lembrar que não podia confiar no que *queria*. O que queria era totalmente errado. Precisava lembrar da dor violenta causada pelas noites em que Evangeline não voltava para casa, ou da amargura ao ouvi-la gritar com ele, contando-lhe de seus fracassos evidentes, de sua incapacidade de satisfazê-la, de fazê-la feliz...

Sorriu para Georgiana.

– Agora que entediei a todos com meu monólogo matemático, diga-me quais são seus passatempos preferidos. Quer dizer – acrescentou –, se dispõe de tempo livre. Sei como as jovens podem ser ocupadas.

Ela soltou uma risada que mais parecia um soluço.

– Gosto de fazer renda de bilro, de costurar e coisas assim.

– Imagino.

Atrás de seu ombro esquerdo, a irmã dela estava rindo e, ao rir, os seios de Olivia...

Ele redirecionou a atenção.

– E o que prefere? Renda de bilro?

– Por acaso, tem alguma ideia do que é *renda de bilro*?

– Claro – disse Quin, antes de pensar. – É... alguma coisa. – Encontrou seu olhar que estava cheio de uma alegria tranquila, o que fez com que ele também sorrisse. – De costurar? – arriscou.

– O bilro é um método usado para criar um tipo de renda bastante resistente.

– Renda resistente – repetiu Quin. – Isto não me parece correto.

– Um oximoro. Ideias contraditórias – concordou ela.

– Percebo que não liga para a renda de bilro. – Ela sorriu de novo, com uma espécie de doçura fugidia que era a diferença entre o dia e a noite, se comparado ao sorriso malicioso de sua irmã.

– Não tanto quanto outras coisas.

– Do que gosta então? – perguntou Quin, realmente curioso pela primeira vez.

Ela hesitou. Então falou:

– Gosto de ler.

– É uma sabichona?

– Eu não acho que mereço tal rótulo. Penso numa sabichona como alguém com uma educação rigorosa e extremamente inteligente.

– Eu não teria nenhuma dificuldade para acreditar que é bastante inteligente, embora não possa falar sobre a sua educação.

– Sei de cor o livro de sua mãe – arriscou ela.

Ele deu um sorriso um tanto torto e devolveu a brincadeira para ela.

- *O espelho dos elogios* não substitui a Universidade de Oxford.
- Que não permite a passagem de mulheres por seus augustos portões.
- É verdade. Então deixe-me adivinhar.

Ele a examinou. Era um pacote perfeito de feminilidade inglesa: recatada, mas ao mesmo tempo dona de uma firmeza inegável. Suas opções eram limitadas, mas ela não parecia particularmente rebelde.

- Toca harpa. Quando não está lendo livros sobre viagens pelo Nilo.

Georgiana era de uma tranquilidade deliciosa. Ele sabia, por instinto, que nunca faria uma cena, muito menos quebraria a louça quando se irritasse com ele – como acontecia naquele momento.

– Não toco harpa. Embora aprecie bastante a leitura sobre o Nilo, fico mais feliz quando me dedico àquilo que acredito que os cavalheiros chamam de química.

- Química? – Ele nunca teria imaginado.

– Talvez seja uma palavra excessivamente formal para o que faço – disse ela, inclinando a cabeça para um lado como se fosse uma ave curiosa. – Gosto de misturar poções. Olivia diz que sou aprendiz de feiticeira.

- Que tipo de coisas prepara?

– Tento aprimorar produtos que já existem – disse ela. – Produtos domésticos, na maioria das vezes. As duquesas sempre têm... – Ela parou, uma onda cor-de-rosa tomando conta de suas bochechas.

- Duquesas? – provocou ele.

Ela respirou fundo.

– As damas das grandes casas sempre têm, claro, mais tempo e mais lazer do que outras mulheres. E muitas dedicaram seu tempo à química, por falta de uma palavra melhor. Margaret Cavendish, duquesa de Newcastle, é agora considerada a primeira mulher cientista. Na realidade, ela é a única mulher cientista que conheço, embora tenha vivido no século XVII.

- A não ser pela senhorita – disse Quin.

– Não sou nada parecida com ela – discordou Georgiana, parecendo ligeiramente horrorizada. – Eu apenas brinco.

– E a sua irmã, a Srta. Lytton, também tem interesse pela ciência? – indagou Quin. – Ela também é uma aprendiz de feiticeira?

– De modo algum – disse Georgiana. – Olivia têm talentos bem diferentes dos meus.

– Suspeito que gêmeos costumem se definir por oposições. Nosso juiz de paz tem dois filhos que são tão diferentes quanto seria possível.

– Olivia e eu confirmaríamos sua hipótese. De fato, sou fascinada por objetos concretos, enquanto Olivia se interessa mais pela linguagem.

– *Linguagem*? Refere-se ao estudo de diferentes idiomas?

– Estudamos diversos idiomas. Mas o que Olivia realmente aprecia são os jogos de palavras. – Ela olhou para Quin com um ar um tanto agressivo. – Nos dias de hoje, pensamos nas brincadeiras com palavras como simples tolice, mas acredito que será assunto de estudos sérios no futuro.

– Jogos de palavras – repetiu Quin. – Palavras que têm mais de um sentido?

– Exatamente.

– Agora que menciona, reparei numa propensão notável para os jogos de palavras durante a conversa da Srta. Lytton com lorde Justin.

Georgiana voltou a enrubescer diante do interesse de Quin. Talvez imaginasse o tipo de verso que Olivia poderia ter citado, a donzela, a agulha etc.

Mas naquele momento... a mãe de Quin pigarreou.

– Devo cuidar dos arranjos finais para o baile esta tarde e ficaria grata se a Srta. Georgiana e lady Althea pudessem me assistir neste assunto. – Deu um sorriso para as duas. – Tenho grande desejo de ouvir suas ideias para o entretenimento.

Teste número dois, pensou Quin.

Enquanto lady Althea apressava-se em garantir para a viúva que estava pronta para ajudá-la de todos os modos, Georgiana aceitou o convite de uma maneira bem mais digna. Na verdade, Quin gostou dela.

De sua parte, Olivia não ofereceu ajuda. Sua assistência não tinha sido solicitada nem seria bem recebida. Ela e Justin pareciam estar fazendo planos para algum tipo de excursão a cavalo.

Sem contar os eventos da noite anterior, ele conhecia Olivia Lytton havia uma hora, no máximo, portanto era óbvio que não podia se importar com ela.

Não do modo como se importara com Evangeline.

Mas Quin nunca tinha sido muito bom em mentir para si mesmo.

Ele se importava.

Por alguma razão impenetrável, ele dera uma boa olhada nos olhos verdes da Srta. Lytton, em seu corpo exuberante e na forma com que mantinha os ombros erguidos até ensopada de chuva. E ele a queria.

Era perspicaz, adorável, bela... selvagem.

Completamente errada para uma duquesa.

Ele inclinou-se para a frente.

– Tenho uma égua no estábulo que seria perfeita para a senhorita – disse ele.

– Lorde Justin prometeu me ensinar a empinar pipas! – exclamou ela. – Sempre quis fazer isso, desde que as vi em Hyde Park pela primeira vez. Lady Althea, Georgiana, gostariam de se juntar a nós em nossa expedição?

– Não gostariam – decretou a viúva. – Não há tempo livre para voos de pipas hoje. Depois do almoço, caminharemos até o vilarejo para entregar cestos aos pobres. Depois disso, as damas vão passar muitas horas planejando as festividades vindouras.

– Eu ajudaria, mas sei que a senhora não ficaria feliz em dividir a sala matinal com a pequena Lucy – disse Olivia, abrindo um grande sorriso para a viúva. – Talvez a familiaridade possa ser capaz de gerar algo mais caloroso do que o desprezo. Não?

– Pode se dedicar à expedição das pipas amanhã – prosseguiu a viúva, com esmagadora indiferença, como se estivesse ditando os horários das crianças da casa. – Não posso dispensar lady Sibblethorp como sua acompanhante, pois estaremos envolvidas em muito trabalho. – Ela falou como se parecesse que as damas planejassem passar a tarde escavando minas de carvão. – É possível que lady Cecily faça a gentileza de acompanhá-la, Srta. Lytton, se seu tornozelo apresentar uma melhora considerável. Caso contrário, eu me sentiria confortável se meu filho a acompanhasse nessa excursão. Acredito que possamos dispensar a acompanhante em nossa propriedade.

Quin assentiu.

A mãe ergueu o dedo enquanto levantavam-se da mesa.

– A digestão é sempre ajudada por uma breve caminhada. Senhoras, solicitaria que se encontrassem comigo na sala de estar chinesa assim que estiverem vestidas para caminhar, e seguiremos para o vilarejo.

– Temo ter outros planos – disse Justin, animado. – O Sr. Usher e eu vamos nos debruçar sobre lições muito importantes. Latim... matemática... nunca termina.

Quin abriu a boca para oferecer uma desculpa semelhante, quando percebeu Olivia debruçando-se sobre a balaustrada de pedra, tentando colher um ramo de flores que estava fora do seu alcance.

Seu corpo inteiro enrijeceu com uma onda de desejo tão intensa que ele precisou respirar fundo. Aquelas curvas doces e generosas eram pura tentação. Sem perceber, descobriu-se ao lado dela, os corpos roçando quando ele alcançou a flor que ela tentava pegar.

O galho partiu-se e ele se virou. Dessa vez, Olivia não estava rindo. Encontrou seu olhar por um momento, então seus longos cílios se cerraram e ela interrompeu o contato.

Quem teria imaginado que olhos verdes claros poderiam parecer tão nebulosos?

Quin deu um passo para trás, curvou-se de modo elaborado, a saudação de um duque. Ao se erguer, perguntou:

– Srta. Lytton, poderia oferecer-lhe esta flor?

Ela fez uma reverência. Quin amaldiçoou-se silenciosamente por perceber que o movimento lhe oferecia uma visão ainda melhor de seios macios. Que diabo estava acontecendo com ele?

Então ela se ergueu e seu olhar fez seu pulso acelerar a ponto de soar como tambor a seus ouvidos. Era um olhar franco. *Carnal*. Ele não estava sozinho.

Mas em um segundo, tudo mudou.

– Querida! – exclamou Olivia, voltando-se ligeiramente para a direita e olhando atrás dele. – Veja quanta gentileza do duque de colher um ramo desta trepadeira. Deve ficar com ela. Gosta de flores bem mais do que eu.

Quin sorriu, educado, enquanto Georgiana recebia as flores.

E Georgiana olhou para ele: encantadora, bonita... uma perfeita dama.

– Quanta gentileza, Vossa Graça. A clêmatis está com um perfume tão agradável. Fizemos comentários a esse respeito durante toda a refeição.

Ele não percebera o perfume. Sentado ao lado de Olivia, sentira algo diferente... melhor.

Sabonete de limão. Mulher limpa.

Em comparação, a clêmatis era excessivamente doce.

Capítulo 11



A arte do insulto

Era excelente que sua irmã tivesse encontrado o marido perfeito. Claro que era. Não que repetir aquilo sem parar a fizesse se sentir melhor. A inveja era um sentimento reprovável, especialmente entre irmãs. No entanto, sentia inveja.

– Isso não está à sua altura – disse Olivia para seu reflexo no espelho.

– Disse algo, senhorita? – perguntou a criada, do outro lado do quarto.

– Estou feliz com esses trajes de caminhada – respondeu Olivia depressa.

Norah veio apressada e consertou a barra do vestido de Olivia.

– Esse tom de amarelo-manteiga cai maravilhosamente bem na senhorita.

E essa jaqueta é uma graça. – Ela hesitou. – Sua Graça vai acompanhá-las ao vilarejo?

– Claro. Vai vigiar a pobre Georgiana para garantir que ela não dê um mal passo.

– Lá embaixo, todos dizem que ela é terrivelmente rígida – confirmou Norah. – Eu não gostaria de ser a nora dela.

– Um destino terrível, sem dúvida, mas tenho certeza de que Georgie será capaz de domá-la.

Norah assentiu, mas foi capaz de transmitir sua completa descrença.

– Com o passar do tempo – esclareceu Olivia. – Acha que eu deveria prender uma fita no meu chapéu? Talvez num tom de ouro velho, para se sobressair sobre o amarelo?

As duas olharam para o espelho. O vestido de Olivia para caminhadas vinha com uma bela jaqueta feita de bombazina. Era curta, parando logo abaixo do corpete, e enfeitada com uma franja. Olivia imaginava que ela fazia um bom serviço acentuando suas curvas.

– Não – disse a criada, decidida. – Sugiro um chapeuzinho menor. Aquele com a pena do lado.

– Claro.

– Sua Graça não vai apreciar seu vestido – disse Norah, examinando os chapéus e as toucas de Olivia. – Nem um pouquinho.

Olivia grunhiu.

– A bainha está alta demais e ela provavelmente vai desmaiar ao ver seus tornozelos. Ela faz com que o mordomo meça as roupas das criadas toda semana para garantir que estejam na devida altura, rente ao chão. Não têm permissão para exibir nem a sombra de um tornozelo.

– Meus tornozelos são minha parte favorita – disse Olivia, voltando a se olhar no espelho.

Com certeza, estavam totalmente à mostra, acentuados pelos sapatinhos delicados. Os tornozelos pareciam particularmente ossudos. Era verdade: seu ponto alto.

– Vão ser a parte favorita dos cavalheiros também – disse Norah com uma risada –, com aquelas fitas subindo pelas suas pernas. É bom que sua mãe não esteja aqui para ver.

– Ora... – disse Olivia com leveza. – Se uma futura duquesa não pode usar o mais novo modelo de sapatos, quem poderia? Estou certa de que a viúva concordaria.

Ou... não concordaria.

Quando o grupo se reuniu diante da casa e começou a perambular em direção ao vilarejo, Olivia decidiu que os olhares da viúva... silenciosos, mas ferozes... indicavam que ela não era favorável a saias curtas nem aos novos e delicados sapatos.

Na verdade, Olivia achou mais seguro andar ligeiramente atrás do grupo no caminho para o vilarejo. Era um impulso caridoso, uma vez que a visão de seus tornozelos, bem como de Lucy, obedientemente trotando ao lado deles, parecia estar deixando a viúva à beira da apoplexia.

No entanto, até onde Olivia podia dizer, os homens pareciam bem mais interessados em bustos e em coxas do que em tornozelos. Eram apenas mulheres como ela, desejosas de ossos salientes, que davam a mínima importância aos tornozelos.

Seria de uma estupidez extraordinária manifestar tal ideia para a viúva. Não se provocava uma leoa deliberadamente.

– Olivia! – chamou Georgiana, deixando o grupo para trás.

Olivia girou a sombrinha. Era uma coisinha frívola feita de rendas e babados que parecia um gigantesco botão-de-ouro. Ela adorava.

– Sim? – perguntou, sem saber exatamente o que viria a seguir.

Mas Georgiana a surpreendeu.

– Não tive uma oportunidade de lhe dizer antes de sairmos. Esses sapatos são extremamente atraentes.

– Estou exibindo meu ponto forte. E, por mais estranho que pareça, toda essa raiva mal contida pela viúva está fazendo com que eu me sinta em casa, de um modo alarmante. Talvez, à noite, eu declame uma quintilha à mesa.

Georgiana ajustou a sombrinha cuidadosamente para que a luz do sol não tocasse no seu rosto. Nem seria preciso dizer que a sombrinha de Georgiana era bem mais substancial do que a de Olivia, com uma cobertura elevada que projetava sombra em cada centímetro do seu corpo, da cabeça aos pés.

– Mamãe não está nos acompanhando nessa visita.

– Na verdade, ninguém citou *O espelho dos vermes* na última hora e, digo por mim, se não escutar algumas frases bem escolhidas em breve, poderei começar a esquecer os preceitos. Embora a versão encarnada esteja nos guardando, bem à nossa frente.

– A mamãe não está aqui – repetiu a irmã. – Portanto, não há necessidade de se comportar como se ela estivesse por perto, tentando obrigá-la a fazer algo que abomina... como se casar com Rupert. – Ela fez um sinal com a mão enluvada. – Olhe em volta, Olivia. Não há mais ninguém, só nós duas.

– Isso se você ignorar a viúva, o duque, lady Sibblethorp, a jovem Althea Altiva. Sem falar dos pobres lacaios carregando os cestos e morrendo de calor dentro daquelas fardas. Gostaria que lorde Justin tivesse escolhido nos acompanhar nesta excursão. Acho caminhadas absolutamente entediantes, e pelo menos Justin me faz rir.

– O que conversavam na sala de estar, antes de sairmos? – perguntou Georgiana. – Parecia que vocês estavam se divertindo muito.

– Como somos rasos por natureza, Justin e eu começamos um jogo para ver quem seria capaz de inventar o pior insulto.

– Por que raios tentariam inventar insultos? – Georgiana parecia genuinamente incomodada, como se estivesse pensando que Olivia soltaria a língua diante da anfitriã. – Quando poderia encontrar uso?

– É apenas um jogo sem finalidade prática – explicou Olivia. – Justin inventou isso aqui para um homem: *Seu cabeça de cachorro vira-lata de rabo torto!*

Georgiana lançou um olhar para as costas da viúva.

– Pelo amor de Deus, Olivia, fale baixo. Estou certa de que está bem ciente de que os dois estavam envolvidos numa atividade de um mau gosto extraordinário. E o que raios é um rabo torto?

– Não sei bem – respondeu Olivia, desejando nunca ter repetido aquilo para Georgie. Naturalmente a irmã nunca aprovaria uma forma tão fútil de passar o tempo. – Nós dois adoramos o som – acrescentou, defendendo-se debilmente.

– Rabo torto – repetiu Georgiana. – Parece tão vulgar. Estou certa de que significa algo em que você não deveria estar pensando, muito menos falando em voz alta.

O duque deixou-se ficar para trás e se virou:

– O rabo torto de um cão é um rabo enrolado. Ou seja, um rabo de um cão que não é um puro-sangue. – Ele pediu desculpas por estar ouvindo a conversa.

O ritmo do pulso de Olivia acelerou imediatamente. Sua Graça tinha os mais largos ombros que ela já vira num aristocrata. Eram um desperdício em

alguém que, aparentemente, passava o tempo brincando com pedaços de papel cobertos de números.

– E qual é sua resposta no jogo que estava brincando com meu primo, Srta. Lytton? – perguntou, olhando para ela com aqueles olhos escuros e intensos.

Se ela tivesse escolha, não teria compartilhado sua contribuição, mas tanto Quin quanto a irmã esperavam ansiosamente sua resposta.

– O meu é um insulto para uma mulher: *Sua gambá esquálida, de coxas de gafanhoto e traseiro ossudo!*

Ao ouvir aquilo, o duque realmente caiu na gargalhada. O som parecia um tanto enferrujado, mas era uma risada.

Georgiana, naturalmente, não riu.

– Confio que não estivesse pensando em mim – cochichou, suas palavras cobertas pelo som das gargalhadas do duque.

– Na verdade, não pensei – disse Olivia, fazendo um sinal com a cabeça na direção da esguia, mas bela, lady Althea.

– O insulto diz mais sobre você do que sobre ela – retrucou Georgiana, com um olhar significativo. Então voltou a arrumar a sombrinha e escondeu a mão no braço do duque. – Fale mais sobre cálculo infinitesimal, Vossa Graça.

Olivia, para falar a verdade, nunca vira Georgiana *arrulhando* antes. Abaixou-se, fingindo que uma das fitas no seu tornozelo havia se soltado, esperando que os dois aproveitassem para continuar a caminhada.

Podia com facilidade imaginá-los casados. Lorde e Lady Afetados, o duque e a duquesa dos dândis...

O duque se virou.

– Srta. Lytton, detestaríamos deixá-la para trás.

Ele olhou-a, sem sorrir, e o coração rebelde de Olivia voltou a bater forte.

O grupo estava reunido diante de um portão branco numa cerca que rodeava uma casa pequena e um tanto dilapidada. A viúva entregou a bengala para um dos lacaios.

– Pode dar uma boa surra naquele portão, por favor – ordenou. – Vai alertar os habitantes.

– Com licença – disse o duque. Ele se separou de Georgiana. – Permita-me. – E abriu a tranca da porta.

– Não precisava fazer isso, Tarquin – disse a viúva. – Sempre sinalizo assim as minhas chegadas. Ninguém vai querer que as pobres almas saiam por aí semivestidas, ou coisa parecida. Ficaríamos todos chocados.

Sem responder, o duque abriu o portão e segurou-o para que todos passassem. Os chapéus coloridos e as sombrinhas faziam um duplo contraste com a casa maltratada e o jardim negligenciado.

Então a porta da frente se abriu e crianças começaram a sair, todas levantando e abaixando num frenesi de reverências.

– Uma boa tarde para a senhora, Sra. Knockers – disse a viúva, fazendo um meneio com a cabeça para uma mulher simples, de aparência cansada, com mãos avermelhadas e calosas. Todas as crianças já se encontravam enfileiradas. – Avery, Andrew, Archer – disse a viúva, acenando para cada uma. – Sou Alfred – disse o menor dos meninos. – Archer está no pub.

A viúva fez uma cara feia.

– No pub, Sra. Knockers? Com certeza, Archer é extraordinariamente jovem para estar consumindo bebidas alcoólicas.

– Nosso Archer está ganhando um penny por semana lavando canecas, Vossa Graça. Estamos orgulhosos dele.

– Um penny com certeza não deve ser desprezado. – A viúva voltou a olhar para a fila. – Boa tarde, Audrey e Amy. Onde está Anne?

– Está lá dentro, se sentindo um pouco mal – disse a mãe, torcendo o avental.

– Espero que não esteja aumentando a família, Sra. Knocker? – perguntou a viúva. – Sei que Anne anda com o filho mais novo do açougueiro.

– Ah, não – disse a Sra. Knocker, piscando loucamente. – Nossa Anne é uma boa menina. Sentou-se em algum canteiro e está toda empolada. Chamamos aqui de comichão púrpura.

A viúva gesticulou para o laçaio.

– Leve o cesto para dentro. Sra. Knockers, se me permite a audácia, uma das minhas convidadas, a Srta. Georgiana Lytton, tem uma habilidade notável na cura das moléstias da pele.

Olivia inclinou-se e sussurrou no ouvido da irmã.

– Lady Althea deveria chamar a carruagem e partir para Londres neste momento.

Mas lady Sibblethorp aparentemente ainda não estava pronta para desistir.

– Minha filha, lady Althea, também fez grandes estudos sobre leves problemas de pele – disse ela, categórica. – Vamos examinar a garota.

A Sra. Knockers não parecia particularmente feliz com a iminente invasão de sua casa, mas percebeu que não havia como conter uma enchente depois que o rio sai das margens. Deu um passo para trás, piscando ainda mais.

Georgiana avançou.

– Sra. Knockers, deve estar tão preocupada. Poderia me contar mais sobre o que aconteceu? – Ela entrou na casa de braços dados com a mulher, a cabeça inclinada para ouvir suas palavras.

A viúva acenou para que lady Althea e sua mãe entrassem na casa, depois se virou.

– O senhor não seria bem-vindo, duque. E Srta. Lytton, tenho certeza de que compreende que o canino deve permanecer do lado de fora.

– Não sei nada sobre infecções de pele – interveio Olivia, esperando loucamente que a viúva tocasse em algo e pegasse uma comichão púrpura.

– Muito bem – disse a viúva. A porta se fechou assim que ela passou.

Olivia suspirou.

Então percebeu que estava diante de uma fila de crianças pequenas que não pareciam dispostas a vagar como os pequenos costumam fazer. Eram magras e estavam um tanto sujas. E pareciam ansiosas.

– Vejamos – disse ela para o mais velho. – Seu nome é Maçã porque tem lindas bochechas vermelhas. – Olhou para o seguinte. – Você parece rápido, então deve ser Flecha. E esse aqui deve ser Avental porque...

– Não sou Avental – disse o pequeno, indignado. – Isso é coisa de menina.

– Hummm – disse Olivia. – Que tal Formiga? Você é do tamanho de uma ervilha.

– Vou ficar maior – disse ele com firmeza.

– É verdade. – Ela percebeu que sorrisos se abriam. A fila se desmontou e as crianças estavam agora se amontoando em torno dela. – Vamos ver as meninas. Você deve ser Pêssego, pois seu cabelo tem um tom de gengibre que invejo com todas as forças.

A garota riu.

– Minha vó diz que é a cor da barba do diabo.

– Não é uma comparação das mais lisonjeiras, mas todos nós devemos ter a sorte de ter uma fogueira que arda durante todo o inverno, sem falar numa barba de pêssego. E você – disse ela, voltando-se para a última, uma menininha bem pequena –, você parece... – A imaginação lhe faltou.

– Uma Bolotinha de carvalho – disse uma voz profunda, atrás dela. O duque se abaixou e pôs o dedo no queixo da criança. – Não passa de uma Bolotinha de carvalho.

A menina caiu na gargalhada.

– Meu pai também me chama assim!

– Tudo bem, Srta. Bolotinha – disse Olivia, abrindo um sorriso surpreso para o duque. – Posso apresentar a Srta. Lucy?

Lucy tinha ficado sentada junto ao tornozelo de Olivia, mas ao ouvir seu nome, dirigiu-se para a frente balançando muito o rabinho.

As crianças a cercaram, dando gritinhos. Olivia estendeu a guia de Lucy.

– Alguém gostaria de levar Lucy para um pequeno passeio?

Momentos depois, Avery e Audrey seguiram para a praça do vilarejo seguidos por Lucy.

Olivia olhou para as três crianças que ficaram.

– Então me contem, quais são as últimas novidades no vilarejo?

– Zekiel Edgeworth comprou uma égua nova! – exclamou Bolotinha.

– Minha nossa. E onde o Sr. Edgeworth guarda seus cavalos?

– Bem ali! – gritaram.

E lá no canto do quintal via-se uma égua de pelo castanho.

– Estamos cuidando dela – disse Formiga, com um ar importante.

Olivia estendeu a mão, olhou para baixo e depois tirou a luva.

– O que eu estava pensando? – disse ela, provocando outra tempestade de risos, ao estender a mão de novo para Formiga. – Então, Mestre Formiga, que tal me apresentar ao belo corcel que mora em seu jardim?

– Ela não é linda? – suspirou Formiga, logo depois.

– Tem alguns aspectos interessantes – reconheceu Olivia. – Qual o seu nome?

– Bem – disse Flecha com ar de importância –, o Sr. Edgeworth gosta de chamá-la de Starstruck. Mas achamos que é um nome bem ruim. Por isso a chamamos de Alice. Está vendo, ela já sabe seu nome. *Alice!*

Realmente, a égua ergueu a cabeça ao ouvir aquele grito, provocando muitas gargalhadas. Olivia tentava ao máximo ignorar o homem atrás dela. Ele era o futuro marido de sua irmã, pelo amor de Deus.

– Alice é um caso sério de pés para dentro... ou melhor, cascos, para ser exato – observou o duque, aproximando-se ainda mais dela.

Olivia e as crianças fizeram uma cara feia para ele.

– Nós todos concordamos que cascos como o dela são muito atraentes num cavalo – anunciou.

Houve um coro de aprovação.

– Com certeza, não tinha a intenção de desdenhar de seus pontos fortes – disse o duque. Ele estendeu o braço e acariciou o pescoço da égua. Também havia removido as luvas. – Por exemplo, ela tem uma testa larga e um pescoço comprido.

– Um pescoço bem comprido – concordou Bolotinha. – Costas compridas também, porque todos nós já subimos nela uma ou duas vezes. Ao mesmo tempo, quero dizer.

– Deve ser por isso que ela tem aquele balanço – murmurou Olivia para o duque.

Ele estava olhando para ela de novo com atenção, então ela deu um passo para se afastar, sob a desculpa de examinar as costas da égua.

– Ela tem pontos ainda mais fortes do que o pescoço – disse o duque, a voz assumindo um tom curiosamente inocente. – Qualquer homem seria sortudo por ter essa égua.

Flecha pareceu um pouco desconfiado.

– Meu pai não diz o mesmo que o senhor. Ele diz que o Sr. Edgeworth jogou dinheiro fora quando comprou Alice. Ele não gosta de Alice.

O menino fez carinho no focinho da égua, como se quisesse consolá-la.

– Eu me referia à sua pelagem castanha, claro – disse o duque. – Olhos suaves, uma boca delicada, cílios longos. – Ele acariciava a égua, mas olhava direto para Olivia.

Ela nunca ouvira alguém descrever um cavalo exatamente naqueles termos. Olhou-o de relance mais uma vez. O duque não parecia o tipo de pessoa que se envolveria em jogos de palavras. Embora durante o almoço ele certamente havia mencionado lady Godiva de um modo sugestivo.

– O pelo é extraordinariamente aveludado – disse ele para Formiga. – Não acha? – Seis mãozinhas sujas acariciaram a barriga da égua e muitas vozes concordaram com ele. – Ninguém quer parar de tocá-la – disse ele. O riso em sua voz era positivamente perverso.

– E ela tem cascos *muito* delicados – prosseguiu, apontando para baixo. – Belos e arredondados na frente, leves na parte de trás. Saidinha, sem dúvida. – A égua havia sucumbido às carícias e esbarrava no ombro dele, implorando por mais atenção.

– Está dizendo que ela é saidinha? – perguntou Olivia, ainda tentando entender até que ponto ele pretendia levar o jogo de palavras. – Porque com toda a certeza, ela não é.

– Isso seria dizer que nossa Alice é uma vadia – disse Avery, cheio de desaprovação. – Não se diz isso de um cavalo.

– Está absolutamente certo – disse o duque. – Eu me corrijo. Alice, com toda a clareza, é uma criatura virtuosa.

– O senhor não diz coisa com coisa – observou Olivia. – Alguém poderia quase... quase!... pensar que está sugerindo que Alice foi feita para dar grandes saltos.

– Não é o caso – interferiu Avery. – O Sr. Edgeworth diz que ela não consegue nem pular um degrau.

– Achamos que é porque ela tem essa barriga muito arredondada – opinou Bolotinha.

– Realmente. – O duque voltou a sorrir e Olivia ficou furiosa ao sentir o calor subir devagar a seu rosto. Ele não podia estar se referindo a ela. – Tudo o que um homem poderia desejar – disse ele. – E belas ancas rechonchudas também.

Sim, ele poderia estar se referindo a ela. Manteve-se mais firme, resistindo com todas as forças ao impulso de dar meia-volta e sumir dali com suas ancas rechonchudas. Talvez até chegar no próximo condado.

– É por causa de todo o capim que damos para ela – disse Formiga, cheio de importância. – Tiramos da área pública e trazemos aos punhados.

– Que animal de sorte – murmurou o duque. Era um demônio... a não ser que ela estivesse fazendo uma interpretação totalmente errada.

Como seria possível que ele quisesse dizer aquilo?

– Então, Srta. Lytton, concorda com nossa avaliação desse belíssimo animal?

As palavras saíram de sua boca antes que ela pudesse pensar.

– Ancas rechonchudas? Desde quando isso é algo que um homem deseja em sua montaria?

De forma estúpida, ela só conseguiu perceber o duplo sentido depois de ter dito aquilo. Mas o duque não ignorou aquela intimação. Seus olhos se iluminaram com uma luz profana, flamejantes, uma promessa secreta que fez com que o corpo dela começasse a arder.

– Por quê, Srta. Lytton? – disse ele, com a voz profunda. – A senhorita me surpreende.

Ocorreu a ela que ele havia deliberadamente mencionado lady Godiva durante a conversa do almoço.

– Hum – disse ela, meio sem graça. – Eu me surpreendo.

Havia um ar de desejo naquele olhar que não era para ela – não podia ser para ela. Nunca teria aquilo que ele lhe oferecia.

Aquele olhar deveria ser para Georgiana. Desde os seus 10 anos, ela sabia que o futuro não incluía... *aquilo*.

Ela não conseguia pensar no que dizer.

As crianças não tinham a mesma hesitação.

– Está olhando para a Srta. Lytton do jeito que nossa Annie olha para Bean – Maçã informou ao duque.

– Acho que os dois andam se encontrando – exclamou Pêssego. – Mamãe disse que o duque ia se casar, lembram?

O duque não parecia disposto a responder. Num momento, parecera sem qualquer emoção, ducal, por falta de uma palavra melhor, e no seguinte seu rosto estava transformado por um tipo de sensualidade rude.

– É assim que o Bean olha para a Annie – disse Bolotinha, aparentemente interpretando o silêncio como uma forma de encorajamento. – Com ar de encrenca, é o que mamãe diz. – Ela se virou para Olivia. – É por isso que Annie não sai de casa. Porque aquelas marcas vermelhas estão por todo o traseiro dela, e como foi que ela arranhou aquilo...

Olivia franziu a testa.

– ... se ela estava vestida? – questionou Bolotinha após sua explicação.

– Olha só, Bean é o filho do açougueiro e os dois andam se encontrando – acrescentou Pêssego. – Embora você não devesse falar coisas assim com pessoas de nível – disse ela para o irmão dando-lhe um cutucão na barriga. – Ela é uma dama e as damas não sabem de nada sobre as próprias roupas.

– Não sabemos? – perguntou Olivia.

– Não consegue tirá-las sozinha, não é? É o que mamãe diz. Embora ela possa estar errada.

Infelizmente, Olivia teve que confirmar.

– Está certo. Meus vestidos são todos abotoados atrás e preciso de alguém que me ajude a despi-los.

– Pois bem, a notícia boa é que você não vai arranjar uma comichão púrpura, então. Pelo menos no traseiro.

– É *muito bom* saber disso – falou o duque, com ar sério.

Mas ele nunca mais enganaria Olivia. Aquele duque podia parecer rígido como um bastão, mas havia algo de diferente dentro dele.

Um sorriso. Um sorriso oculto.

Capítulo 12



Os méritos dos pudins de ovos e das groselhas

Depois que o pequeno grupo voltou para Littlebourne Manor – assim que a alergia de Annie foi tratada –, a viúva se despediu e mandou todas as damas de volta para seus aposentos, para se trocarem, e então foi até Quin.

– Acompanhe-me, por favor, duque – disse ela. – Ficaria muito agradecida se pudesse me dar seu braço enquanto dou uma volta rápida pelos jardins.

Assim que se distanciaram das convidadas, ela parou.

– Tarquin, não estou apreciando a companhia da Srta. Lytton.

– Sim – concordou Quin.

– No entanto, sua irmã, a Srta. Georgiana parece ser uma candidata muito apropriada para se tornar sua duquesa. Foi notável o modo como ela conversou com a Sra. Knockem e a oferecida da sua filha. Aquela comichão, aliás, não é mais do que ela merece por seu comportamento estouvado. De qualquer modo, a Srta. Georgiana demonstrou compaixão pela jovem, além de uma atitude gentil, mas reservada, em relação à família como um todo. Manteve distância, mas sem jamais ser arrogante. Aprovei inteiramente.

Quin murmurou alguma coisa, deduzindo que Olivia não parecia se importar nem um pouco em manter-se distante da família Knockem.

– De fato, o único problema que consigo identificar nesta união – prosseguiu a mãe – está na irmã mais velha. No entanto, a Srta. Lytton se casará assim que o jovem tolo voltar da França, por isso o prazer da sua companhia, para não dizer o contrário, pouco importa.

– Jovem tolo? – indagou Quin.

– Montsurrey. – A mãe fez um gesto de impaciência com a mão. – A Srta. Lytton parece aceitar muito bem a questão. Devo reconhecer. E tinha razão quanto a meu escorregão. Eu não deveria ter falado mal de um aristocrata do reino, por mais que já tivesse ouvido comentários a respeito do futuro duque. – E acrescentou: – Apesar de o próprio pai descrevê-lo como dono de miolos mais moles do que um pudim de ovos.

– Pudim de ovos – repetiu Quin.

– Isso é irrelevante – disse a viúva. – Meu ponto é que você deve manter a Srta. Lytton e seu cão longe da minha vista, Tarquin. Como sabe, considero muito importante realizar meus testes de forma judiciosa. E não posso fazê-lo se estou trocando farpas com uma criatura que tem metade da minha idade.

– Ela não se deixa abater – disse Quin, assegurando-se de que a satisfação não aparecia na sua voz.

– Estou ciente disso – respondeu a mãe, um tanto sombria. – Pela minha paz de espírito, então, pediria que se ocupasse da jovem megera e de seu vira-lata enquanto continuo a explorar o caráter de lady Althea e da Srta. Georgiana.

– Muito bem – disse Quin.

A mãe apertou o braço dele com mais força.

– Compreendo que a Srta. Lytton seja uma companhia cansativa e complicada, e peço-lhe desculpas por essa incumbência. Pelo menos não tenho qualquer preocupação de que você corra o risco de sucumbir aos encantos *dela*. Sua silhueta, aliás, a torna muito pouco atraente. E o que poderia estar passando por sua cabeça ao usar trajes tão reveladores quando ostenta tantas carnes de sobra?

Quin nada disse.

– Além do mais – prosseguiu a mãe, falando para si mesma como costumava fazer –, a Srta. Lytton parece ser admiravelmente devotada a

Montsurrey. Portanto, entre nós, *en famille*, acredito que podemos dispensar acompanhantes. Realmente, devo dar crédito a Canterwick. Posso perceber por que ela é perfeita para o seu menino.

– Menino?

– Montsurrey deve ser pelo menos cinco anos mais novo do que ela – disse a mãe, dando meia-volta, para que pudessem retornar à casa. – Acho engraçado que tanto eu quanto Canterwick tenhamos contemplado a família Lytton para uma possível aliança entre nossos filhos. É verdade que os Lytton são bem relacionados pelos dois lados, mas dificilmente seriam chamados de aristocracia. É um tributo a...

Mas Quin havia parado de ouvir. Olivia estava noiva de um menino, um menino com juízo de passarinho, se fosse crer na mãe. Olivia... Aquela jovem tão espirituosa e mordaz?

Impossível.

– Não concorda, Tarquin? – perguntou a duquesa, incisiva.

– Perdão. Temo ter perdido o fio da conversa.

– Eu disse que a Srta. Lytton era extremamente afortunada por ter sido escolhida pelo duque de Canterwick como esposa para seu filho. Seu berço não é nada notável, sua silhueta olvidável e seus modos, impertinentes.

Quin encarou a mãe.

– Mas ela é bonita.

– Bonita? Bonita? Com toda a certeza *não é*. É redonda como uma groselha, o que revela uma mente gulosa. E não gosto de seus olhos.

– Na verdade, eles têm a cor da groselha verde – disse Quin. – Um verde como nunca encontrei antes nos olhos de ninguém.

– Que raro! – exclamou a mãe. Ela não pensava nisso como um elogio. – Mas os olhos da irmã são totalmente aceitáveis. E tem uma bela silhueta. Acho estranho que uma das irmãs tenha formas tão cheias enquanto a outra é elegante sob todos os aspectos. Imagino que se trata de uma questão de autocontrole, sempre a melhor arma de uma dama diante das atribulações do mundo. A Srta. Georgiana, obviamente, tem excelente autocontrole.

– Sim – concordou Quin.

– Não vai fazer pirraça – prosseguiu a mãe. Um sorriso apareceu no canto de seus lábios. – Posso imaginar os dois cercados por um grupo de crianças pequenas. Gostaria disso, não gostaria, Tarquin?

O coração dele foi tomado por um duro golpe. Não deu qualquer resposta. Não importava.

A mãe seguiu tagarelando, até chegar em casa, pintando um retrato de Quin e Georgiana sorrindo afetuosamente para seus filhos de olhos castanhos.

Capítulo 13



O que significa comandar um exército

Na tarde seguinte

O novo traje de montaria de Olivia tinha um toque militar. Galões ornavam o casaquinho astucioso e também desciam pela saia. Havia minúsculas dragonas nos ombros. Na cabeça, não usava uma touca. O encantador chapeuzinho era uma versão arrojada do quepe de tenente, em um tom escuro de carmesim que valorizava seu cabelo e sua pele.

A roupa fazia com que ela não se sentisse excessivamente rechonchuda, nem impertinente demais (como diria a mãe dela). Era como se tudo estivesse certo no mundo, com ela no posto de general de seu exército pessoal.

Uma ilustração perfeita da mesquinhez fundamental de seu cérebro, pensava ela, caminhando lentamente pela trilha até o estábulo. Georgiana tivera seu momento mais feliz depois de cozinhar alguma mistura malcheirosa que poderia, ou não, curar as brotoejas no bumbum da filha do segundo lacaio. Olivia, por sua vez, tinha seu melhor momento quando se via no espelho e saía para se envolver num flerte irresponsável e imprudente com o duque.

E nem era com o duque com quem ia se casar.

Pior ainda. Era com o duque com quem *sua irmã* ia se casar.

Obviamente não podia flertar com ele. Quanto mais rápido botasse na cabeça que Sconce era o futuro *marido* de Georgiana, melhor. Ela chegou a estremecer um pouquinho diante da ideia de flertar com o futuro cunhado. Somente a pior irmã de todas – sem mencionar a mais desleal – seria capaz de algo parecido.

Já se sentia suficientemente culpada. Tinha deixado Georgiana recostada no sofá, com um pano úmido sobre os olhos. A troca de comentários entre Olivia e a duquesa viúva, durante a refeição no meio do dia, da qual Olivia havia gostado bastante, provocara uma forte enxaqueca na irmã.

Lucy soltou um pequeno grito e correu adiante, balançando o rabo furiosamente. Um jardineiro idoso plantava algumas mudas sob a sombra de um velho muro de pedra que separava os jardins de Littlebourne Manor dos estábulos. Estava ajoelhado, de costas para ela, as solas gastas das botas inclinadas para os dois lados.

– Uma pequena sapeca, não é? – disse o jardineiro, coçando Lucy entre as orelhas.

A voz do homem era cálida e rouca, e fez Olivia pensar nas características das vozes: na forma com que a voz da duquesa viúva era clara e fria, tão diferente do tom profundo e intenso do filho. O duque soava como se cada uma de suas palavras tivesse sido cuidadosamente escolhida, enquanto as dela, Olivia, se esparramavam em qualquer direção, em geral de um modo muito impróprio para damas... “A senhorita tem um senso de humor muito vibrante”, dissera a duquesa no dia anterior.

Ela afastou aquele pensamento e se aproximou do jardineiro.

– Bom dia. O senhor vem de Gales?

No momento em que ouviu a voz dela, o homem levantou-se depressa, as juntas estalando alto, e então recuou contra o muro, cobrindo a cabeça.

– Minha dama – disse ele, com os olhos no chão. – Não de Gales. – Ele pareceu desgostoso. – De Shropshire. – Tinha as pernas tortas, como uma macieira numa encosta, acostumada a lutar contra os ventos.

– Não tive a intenção de interromper seu trabalho – desculpou-se Olivia. – Por favor, continue a fazer o que estava fazendo. É minha cadela, Lucy, que

está farejando suas botas. Lucy, comporte-se!

Lucy parecia dançar, tentando lambe a mão do jardineiro. Ele abaixou-se lentamente e com delicadeza puxou uma das orelhas da cadelinha.

– É uma belezinha, não é?

– Não acho que seja *uma belezinha*, se quer dizer que é bonita. – Os dois olharam para Lucy. – O pelo é muito curto e tem aquela mordida em uma das pálpebras.

– Verdade, ela perdeu um pouco da pálpebra, mas os olhos são uma beleza – sugeriu ele. – O rabo também.

– É um rabo de ratazana – argumentou Olivia.

Ele voltou a se ajoelhar na terra escura e se abaixou até que Lucy ficasse na altura do seu ombro. Então falou, como se falasse para uma de suas plantas:

– Existem aquelas que são decorativas, como essas flores aqui serão. E existem outras da flora que não são tão belas, pelo menos até que as pétalas caiam.

Olivia se aproximou mais e tentou olhar para as plantas.

– Que flores são atraentes depois que as pétalas caem?

– Já andou numa nuvem de pétalas dançando no vento?

Ela circulou em torno dele, olhando para o boné desgastado pelo tempo e não para o ombro.

– Que bela descrição.

– Essa senhorinha – disse ele, cutucando Lucy com o cotovelo, o que a fez ficar tonta de alegria – é uma delas. Alegre o coração de quem está mal-humorado. Embora seja provável que existam aqueles que prefiram alguma coisa mais peluda e com uma cauda diferente.

Olivia pegou-se sorrindo para Lucy.

– O senhor está certo, claro. Não pensava grande coisa dela, a princípio, mas me apeguei. – Ela abaixou-se e olhou para o chão. – Essas mudas se transformarão no quê?

– Esporas-bravas.

– Aquelas grandes e roxas?

– É.

Olivia franziu a testa.

– Achei que essas flores precisavam de muito sol. Receberão o suficiente atrás deste muro?

– Sua Graça gosta que fiquem aqui, senhora.

A terra escura caía de seus dedos enquanto ele batia no chão, em torno de cada pequeno galho.

– Detesto plantar coisas que não sobreviverão por muito tempo.

– Talvez, como chefe dos jardineiros, possa ensinar Sua Graça sobre as esporas-bravas.

Ele olhou-a de relance.

– Uma dama quer seu jardim verdejante, arrumado, doce, perfumado.

– Isso rima – disse Olivia, pensando que Justin poderia aprender alguma coisa com o jardineiro.

Uma mão cálida tocou suas costas de repente. Olivia estremeceu e ficou de pé.

– Srta. Lytton – disse o duque, os olhos escuros e indecifráveis. – Peço desculpas por assustá-la. – Ele se curvou. – Vejo que conheceu Riggle, nosso muito estimado jardineiro-chefe, que está conosco desde que eu tinha 6 anos. Riggle, posso apresentar-lhe a Srta. Lytton?

Riggle olhou para trás e disse alguma coisa.

– Fico muito feliz em conhecê-lo, Riggle – disse Olivia. – Bom dia, Vossa Graça.

– O duque também estava vestido para cavalgar. As coxas musculosas se distinguiram sob as calças justas. Uma rápida olhada fez o coração de Olivia disparar.

O desejo, pois Olivia não seria capaz de fingir uma emoção mais dignificante quando a palavra certa se apresentava, era uma sensação avassaladora, como rapidamente descobria. Podia imaginar o toque fugaz da mão dele em todo o seu corpo.

Cunhado, pensou ela com seus botões. *Cunhado*.

– Não me diga que ela voltou a mandar plantar esporas-bravas – disse o duque. Abaixou-se e olhou a planta com atenção. – Sim, são folhas palmadas. Eu disse a ela para não fazer mais isso, Riggle.

– Sua Graça tem uma fé intensa – justificou o jardineiro, acomodando outra muda.

– No quê? – indagou Olivia.

– Nos próprios planos – o duque respondeu por Riggle. – Minha mãe é adepta do pensamento de que, se todos simplesmente aderirem a um plano... o plano dela, de preferência... então o mundo será um lugar são e organizado.

– Esperar que uma flor prospere apesar da falta de sol demonstra uma extraordinária confiança no próprio plano – observou Olivia.

– Estou cercado por familiares que acreditam ter poderes divinos.

Houve um profundo faiscar nos olhos do duque que, para Olivia, era como uma gargalhada. Parecia inflamável, perigoso.

Ela não conseguiu conter o sorriso, embora o rosto dele estivesse, na aparência exterior, bastante sério. *Cunhado*, ela voltou a se lembrar.

– Riggle, sinto termos de abandoná-lo – disse o duque, pegando o braço de Olivia. – Srta. Lytton, mandei que nos preparassem duas montarias. Justin já levou a charrete até a porta, para encontrar com lady Cecily, pois o tornozelo dela continua instável.

Olivia despediu-se de Riggle e caminhou em silêncio ao lado do duque. Tinha de dizer alguma coisa... qualquer coisa. Era como se fosse a primeira vez na vida em que seu cérebro parecia incapaz de invocar uma única palavra.

Depois do almoço, a irmã se mostrara muito convencida de que o duque tinha tomado grande implicância de Olivia por causa de seu comportamento espetado. Mas o duque não parecia estar incomodado com ela.

– É uma amazona entusiasmada, Srta. Lytton? – perguntou ele, depois de um ou dois minutos.

– Sim! – respondeu Olivia, grata por receber um tema para conversação.

– Tive um pônei quando era pequena e, hoje em dia, eu e minha irmã andamos a cavalo regularmente em Hyde Park. Já estive por lá, Vossa Graça?

– Já faz muitos anos – disse ele. – Seu noivo gosta de montar?

– Rupert? Ele tem alguma dificuldade para se manter na sela – disse Olivia, lembrando-se tarde demais de que não deveria contar para quase

desconhecidos que Rupert não conseguira se manter sobre a sela até completar 15 anos. – Embora tenha progredido muito no último ano. Tem uma fraqueza... uma fraqueza no joelho – acrescentou apressada.

– Mais motivos ainda para admirar sua decisão de participar da batalha.

– O pai dele ficou bastante preocupado, mas Rupert é muito persistente. Quando decide fazer algo, ninguém o convence a mudar de ideia.

O rosto do duque se fechou por um breve momento.

– Suponho... – Ele interrompeu o que ia dizer.

– Sim?

– Seu noivo parece ser um homem excelente sob todos os aspectos. Leal ao país, corajoso, apesar dos limites físicos, e resoluto em suas convicções mesmo com a desaprovação do pai. Conheço o duque de Canterwick e imagino que ele deve ter exercido considerável pressão sobre o filho para que ele permanecesse na Inglaterra. Estou ansioso por conhecer Montsurrey.

Olivia assentiu. Não poderia dizer mais nada sem ser desleal a Rupert e tinha decidido que simplesmente não faria tal coisa.

Mas o duque não havia terminado.

– Aparentemente, Canterwick contou para minha mãe que o filho tem o juízo tão mole quanto um pudim de ovos.

– Ah – disse Olivia.

Claro que ela concordava, mas tinha percebido, quando a duquesa demonstrou tanto desdém a Rupert, que ela poderia passar a vida inteira ouvindo risinhos às costas do marido ou poderia deixar claro que ninguém deveria ousar insultar Rupert na sua frente.

– O duque demonstra uma triste incapacidade de reconhecer os pontos fortes do filho – disse ela, combinando as palavras e o pensamento. – As ideias de Rupert costumam ser de uma notável clareza.

Era verdade. Rupert sabia precisamente o que achava de Lucy, por exemplo. Olivia baixou o olhar, com uma onda de carinho. A cachorrinha trotava a seu lado, balançando tanto o rabo que ele não parava de roçar na perna de Olivia.

– Os pais às vezes têm essa inclinação – disse o duque.

Era impossível ler sua expressão.

– Claro, Canterwick teria preferido que Rupert permanecesse na Inglaterra, pois não tem outros herdeiros – disse Olivia. – Mas Rupert não sacrificaria a própria honra, nem a honra de seu país, em nome de algo tão efêmero quanto um título.

Ao ouvir aquilo, o duque fez uma careta visível. Talvez fosse a primeira vez que alguém invejava Rupert. Ela ficou triste por ele não estar ali para apreciar aquele feito.

– Gostaria de ter partido a serviço de Sua Majestade, Vossa Graça? – perguntou ela.

– Claro. – Ele falou um tanto mal-humorado. – Mas já sou um duque, e um duque sem herdeiros. Não poderia, em boa consciência, deixar minhas responsabilidades nas mãos de outras pessoas.

– Rupert ainda não tem responsabilidades. Sentiu no coração que devia partir. – O duque realmente parecia sombrio e Olivia começou a sentir um pouco de pena dele. – É provável que não faça nenhuma diferença no desenrolar da guerra – sugeriu ela. – Seguiu com uma companhia de apenas uma centena de homens.

– Até onde entendo, o número de homens é importante, mas não tão importante quanto o planejamento estratégico – disse o duque.

Olivia nem tentou imaginar Rupert envolvido em planejamento estratégico.

– Está preocupada com a segurança dele?

– Estou – admitiu Olivia.

E estava mesmo, por mais estranho que parecesse. Pois, apesar de choramingar tanto em relação ao casamento, algo havia se transformado dentro de si na última vez em que se despediram. Rupert não era perfeito, mas era dela, para o bem e para o mal.

Ela hesitou um momento e então decidiu que tinha de ser absolutamente direta.

– Eu e o senhor, Vossa Graça, nos metemos em um tipo de flerte.

Ele virou a cabeça, um tanto devagar, e olhou-a. As labaredas em seu olhar não podiam ser descritas por uma palavra tão inócua quanto flerte.

– Eu não diria isso – disse ele, dando voz ao pensamento dela.

Estaria ele tentando envergonhá-la? Se havia algo que Olivia odiava era gente que escondia as emoções por trás de uma máscara de convenções. Já convivera demais com esse comportamento, por parte da própria família. Embora amasse seus pais, havia muito que concluía que era a ganância que ditava o relacionamento deles com ela.

– Compreendo se preferir fingir que não existe tal sentimento, mas não posso concordar – disse ela.

– Na verdade, eu tenho dito a mim mesmo que fui tomado por um desejo compulsivo – disse ele, brusco. – Garanto-lhe, Srta. Lytton, que nunca beijei uma desconhecida de maneira tão impetuosa antes de sua aparição na porta da minha casa.

Olivia sentiu uma descarga súbita tomar conta de seu corpo inteiro. Seu coração batia forte. Não ousava olhá-lo. Parte de si queria protestar: ele não percebia que ela era rechonchuda e pouco atraente? Olhou-o, furtiva.

– Está comprometida – disse ele, a voz saindo quase como um rosnado.

– Desde a infância – respondeu ela, assentindo.

Caminhavam junto a uma cerca de lilases. O perfume das flores flutuava no ar, em torno deles. Ele parou, soltando seu braço para que ela tivesse que olhar para ele. Uma mão forte ergueu seu queixo. Os olhares se encontraram.

– Olivia – disse ele.

E foi tudo.

Ela estava em seus braços e os lábios dele se encontraram com os dela. Por um momento, beijaram-se do mesmo modo que acontecera na sala da prataria: experimentando, como se os dois, delicadamente, se provassem. Então, os braços dele a apertaram e ela inclinou um pouco a cabeça e tudo mudou. Abriu os lábios e lá estava ele, enredando-se nela.

O perfume dos lilases cedeu. Em vez de flores, ela sentiu o cheiro de sabão e de especiarias, uma combinação de cavalheiro e bandido que descrevia bem o duque.

Ele tinha razão. Não era um flerte. Era uma fome tão intensa, tão profunda, que o corpo inteiro de Olivia vibrava com a necessidade de ficar cada vez mais perto dele. Envolveu o pescoço dele em seus braços, ficou na ponta dos pés, deixou que a mão dele pressionasse seu corpo contra as partes

enrijecidas do corpo dele. Quin segurou a parte de trás da cabeça dela, acomodando numa posição que permitia que ele lhe desse um beijo forte, faminto, fumegante, capaz de dizer sem necessidade de palavras que ele não a considerava gorducha nem pouco atraente.

O cabelo dele escapou do laço e roçou o rosto de Olivia. Os olhos de Quin estavam fechados, o que o tornava um homem diferente. Com olhos abertos, ele era feroz, um tanto frio, parecido com uma ave de rapina. Com olhos fechados, era outra pessoa.

Um homem tomado pelo prazer, o instinto dizia a Olivia.

Os lábios dele se afastaram dos dela, procurando a curva delicada do pescoço. Ela suspirou e estremeceu. Os olhos dele abriram.

– Isso não é um flerte. – A voz de Quin soou rouca enquanto seus lábios acendiam uma trilha de calor na face de Olivia.

– Não – sussurrou ela, trêmula.

– É um maldito incêndio florestal – disse ele, dando um último beijo, curto, forte e então afastando-a de si.

Olivia engoliu em seco.

– Entretanto, está noiva.

Era uma declaração, mas aqueles olhos escuros faziam uma pergunta. Olivia sentiu como se o mundo estivesse se dissipando em torno deles, como se só existissem os dois em todo aquele jardim batido pelo vento: aquele homem alto, empertigado, com olhos que buscavam seu rosto, e a Srta. Olivia Mayfield Lytton, comprometida ao nascer com um marquês. Seu coração batia forte contra as costelas, mas...

Precisava pensar em Rupert, e em Georgiana.

Ela juntou suas forças e conseguiu dizer as palavras em voz alta:

– Um incêndio florestal não é motivo para trair duas pessoas que eu... para trair meu noivo.

– Duas pessoas. – Ele fez uma pausa. – Georgiana?

– É irrelevante – disse ela, depressa. – Não quis dizer... de qualquer modo, é completamente irrelevante.

– Não, não é. Ela está aqui porque minha mãe a convidou.

Olivia assentiu.

– Não é como se nós a estivéssemos examinando como um cavalo num leilão do Tattersall – disse ele, meio na defensiva. – Meu primeiro casamento foi muito mal. Minha mãe está ansiosa porque não quer que eu repita o erro.

Olivia tocou no seu rosto com leveza, mesmo assim sentia um formigamento na ponta dos dedos.

– Georgiana nunca o trairia.

– Então ouviu os mexericos?

Os olhos do duque estavam bem fechados.

– Minha criada mencionou a reputação da sua primeira esposa.

– Evangeline certamente mereceu sua reputação, temo eu. – Não havia vergonha nem condenação em sua voz. – Acredito que agora é melhor seguirmos até o estábulo, Srta. Lytton. Minha querida tia, para não mencionar o jovem Justin, ficará muito irritada se tiver de esperar muito na charrete.

Olivia voltou a pegar o braço dele. Os joelhos dela estavam bambos.

– Entendo então que Montsurrey tem sua lealdade.

Ela assentiu, mas percebeu que ele olhava para a frente.

– É. – Sua voz saiu rouca. – Ele... ele ficaria muito magoado se eu... não... não daria certo.

– É uma resposta bem inglesa – disse ele, voltando o olhar para ela. – Não daria certo. Mas tem razão. A pior coisa que um homem pode fazer para outro, especialmente para alguém que está servindo seu país, seria roubar sua futura esposa. Talvez quando ele tiver retornado em segurança possamos conversar melhor?

– Eu e você mal nos conhecemos – disse Olivia, tentando com muito custo manter a firmeza da voz.

– Quero conhecê-la melhor. É para isso que nos dedicamos à conversação. – A voz dele era sombria, rouca.

O rosto esperançoso de Georgiana apareceu diante dos olhos de Olivia.

Ela se recompôs. Rupert era uma coisa, mas Georgiana era sua irmã gêmea, sua outra metade. E ela sentia instintivamente que a irmã tinha razão: esse homem era perfeito para Georgie. Não para ela.

– Ninguém se casa com base em uma loucura – disse ela, dando uma nota de frieza à sua voz.

Ele deu mais alguns passos sem dizer uma palavra. O silêncio... o silêncio apenas fez Olivia ficar ainda mais consciente do poderoso corpo a seu lado. *Cunhado*, ela disse a si mesma.

– Então está familiarizada com esse tipo de loucura? – Sua voz estava sem cor. – Costuma acometê-la com frequência?

Como acontecia com sua esposa. É isso o que ele está pensando. Abriu a boca para negar. Então pensou de novo.

– Rupert e eu estamos noivos desde que ele nasceu. Claro, não tenho... – Tentou de novo. – Nenhum de nós dois pôde escolher o cônjuge. Compreendemos que a fidelidade não era parte do pacto de nossos pais, pelo menos antes do casamento.

Estavam contornando o estábulo naquele momento. Um menino olhou pela porta, então entrou de volta, seguido pelo som de ferraduras, enquanto uma égua malhada emergia à luz do sol.

– Vou ajudá-la a montar – disse o duque.

Ele a conduziu até a égua, então pôs as mãos na sua cintura. Por um momento, os dois ficaram paralisados. As mãos dele a seguraram e ele a ergueu cuidadosamente para a sela.

– Eu agradeço, Vossa Graça – murmurou ela, ajeitando a perna sobre a sela e arrumando as saias.

– Prefiro ser chamado de Quin.

Surpresa, ela olhou para ele.

– Seria muito inadequado.

– Inadequado seria se eu a arrancasse desse cavalo diante de quatro criados e a beijasse até perder os sentidos.

– Não pode fazer isso! – gritou Olivia.

– Posso – disse suficientemente calmo. – E posso apenas presumir que isso não a perturbaria, *Olivia*, considerando que acaba de se caracterizar como uma namoradeira experiente... para manter sua descrição da melhor forma possível.

O que ela deveria responder? “Para você, é Srta. Lytton”? O duque já tinha se virado e montado o próprio cavalo com um único elegante movimento. Estava zangado. Ela percebia a fúria contida em seu corpo pela

forma com que as maçãs do rosto pareciam ainda mais másculas do que de hábito.

Mas não sabia como responder. Tudo nela – exceto o orgulho e a lealdade – ansiava por buscá-lo, por tocar sua mão, por puxar-lhe a manga. Dirigir-lhe um olhar febril, de algum modo, e atraí-lo para que ele voltasse a beijá-la daquele jeito. Como se ela fosse desejável. Sensual.

Olivia olhou para a própria perna, curvada em torno da sela. A visão devolveu-lhe bruscamente os sentidos. Ele a queria, por algum motivo.

Mas ela era gorda. A perna era gorda. Ele não percebera ainda. Tinha ignorado, mas não o faria, *não poderia* ignorar, se um dia estivessem juntos numa situação que dispensasse roupas.

Pensar naquilo revirou seu estômago, mas ela acolheu bem aquele leve enjoo. Era um aviso para que voltasse a si. Quin ficaria feliz com Georgiana. Esqueceria essa besteira, esse “incêndio florestal”, como chamava.

Ela sorriu para o menino do estábulo que segurava as rédeas do cavalo.

– Pode cuidar de Lucy até que eu volte? Acredito que ela acha que existem ratazanas no estábulo.

– Ela teria razão – disse logo o menino. Lucy estava farejando a parede, o rabo rígido, cheia de alegria.

– Encontre-as – sugeriu Olivia.

O garoto abriu um sorriso torto e entregou-lhe as rédeas. Com agilidade, Olivia apertou-as, provocou a égua e partiu atrás de Quin, o duque.

Chegaram à casa por uma estrada que fazia uma curva antes de colocá-los diante de Littlebourne Manor. Era uma fachada magistral, percebeu ela, prestando atenção pela primeira vez.

Em vez de se espalhar em muitas direções, como tantas mansões ancestrais que receberam acréscimos com o passar do tempo, ela se mantivera firme, elegante e perfeitamente simétrica, cercada por gramados cuidados com todo o esmero possível.

Era perfeita demais para ela. Todos os elementos tinham duplicatas exatas do lado oposto: janelas, torreões, chaminés.

– O que acha? – perguntou o duque quando ela deteve a montaria.

– Arrumadinha demais para o meu gosto – disse ela, gesticulando em direção às janelas enfileiradas como soldadinhos de chumbo. – Sou uma pessoa mais desorganizada.

– O que a desorganização significa em termos arquitetônicos? – perguntou ele.

Mas ela viu que lady Cecily e Justin esperavam por eles e fez a égua entrar num trote.

– Lamento muito por fazê-la esperar, lady Cecily – disse ela, inclinándose assim que alcançou a charrete.

– Deveria pedir desculpas *para mim* – disse Justin, com alguma indignação. – Tia Cecily chegou nesse instante, enquanto eu tive tempo de escrever um rondó inteiro. Não ficou ruim, se posso ter a audácia de dizer isso. – Ele agitou uma folha de papel diante deles.

– Estou ansiosa por ouvi-lo em breve – disse Olivia. – Como está seu tornozelo, lady Cecily?

– Excelente! Apliquei um pó que comprei há dois anos em Veneza. O medicamento é poderoso, e particularmente adequado para os ossos. Lembro-me de que o vendedor... foi na praça de São Marcos... dizia que era ótimo para os dentes, que eles seriam capazes de dançar como teclas do cravo. E funcionou, embora, claro, tenha funcionado com meu tornozelo e não com os meus dentes.

– Vamos para a colina de Ladybird – disse o duque para Justin. – Procure não derrubar a charrete ribanceira abaixo, se puder.

– Seria impossível não virar esse negócio – disse Justin, parecendo desgostoso. – Agora, se me deixar conduzir seu faetonte, eu terei pelo menos uma chance...

O duque não se deu ao trabalho de responder. Em vez disso, voltou-se para Olivia.

– Podemos ir?

– Gostaria que sua querida irmã estivesse conosco – exclamou lady Cecily, dirigindo-se para Olivia. – Entendo que está com dor de cabeça, por isso enviei-lhe uma dose desse pó. É precioso como ouro, eu garanto, estou

convencida de que já deve estar se sentindo recuperada. Devemos chamar alguém para consultá-la?

– Não – disse o duque antes que Olivia pudesse responder qualquer coisa.
– Estamos de partida agora.

Ele fez o cavalo dar uma volta. Era um grande capão negro que saltou e fez uma tentativa pouco entusiasmada de derrubá-lo.

Olivia seguiu-o com sua égua.

Capítulo 14



O voo da pipa cor de cereja

Claro. Olivia não desconhecia o que era um flerte, muito menos o desejo, Quin dizia a si mesmo. Fazia todo o sentido do mundo. Não era preciso conduzir uma terceira experiência para demonstrar a seguinte hipótese: por sabe-se lá que motivos ignóbeis, ele era particularmente vulnerável a mulheres que mantinham um relacionamento liberal com o conceito de castidade.

Pior ainda, sentia-se mais inebriado naquele momento do que quando conhecera Evangeline.

Evangeline o fascinara: ele quis levá-la para casa, adorá-la e fazer amor com ela. Pensara em como eram encantadores os cachos de seu cabelo e o som de seu riso. Mas não conseguia lembrar de sentir aquele tipo de sensualidade avassaladora, uma loucura que emaranhava sua razão e enviava todo o sangue de seu corpo para um ponto específico localizado entre suas pernas.

Não precisava sequer olhar para Olivia para catalogar seus traços. Os cílios eram um pouquinho mais longos no canto dos olhos, o que lhe dava um ar perverso, um toque de Cleópatra. O simples ato de pensar em seu corpo

fazia com que ele sentisse uma verdadeira agonia. Ela era toda feita de curvas, toda feita de carne macia e succulenta.

E os olhos... eram honestos. Ao contrário de Evangeline, ela dizia a verdade sobre si mesma, sem rodeios. As duas mulheres eram, poderia dizer, menos do que castas. Mas Olivia não fingia ser o que não era.

E mais. Quando ele perguntara se ela o consideraria no lugar de Montsurrey, Olivia permanecera leal ao marquês. Quin também tinha a noção de que sempre seria assim. Por mais coquete que se comportasse enquanto jovem, assim que se casasse com seu guerreiro, ela seria fiel a ele.

Havia ainda outra diferença. Olivia demonstrava um genuíno desejo. Em seus braços, ela parecia uma chama veloz.

Evangeline... pois bem, Evangeline queria palavras. Era o que ansiava. Quando faziam amor, ela gritava e batia em seu peito, detestando que ele ficasse por cima dela. Para ela, era uma questão do que se passava antes e do que se passava depois: as palavras. E ele era terrível com as palavras.

Diminuiu o ritmo de sua montaria a um passo lento e Olivia o alcançou. Estava corada pelo exercício e pelo vento.

– Gosto do seu chapéu – disse ele, subitamente encontrando algumas palavras.

O chapéu de Olivia era como uma cereja, encarapitada no alto de um exuberante monte de cabelos cor de bronze. Como não poderia ter uma função, obviamente era desenhado para fazer um homem sentir ganas de arrancá-lo.

Ela pareceu assustada por um momento, depois sorriu.

– Não serviria para me proteger da chuva.

Ele entrou numa trilha de terra batida, o cavalo que puxava a charrete marchando atrás dos dois.

– Vamos levar as pipas até o alto do morro – disse ele para Olivia, indicando a direção com a cabeça. – Voam melhor numa colina, e esse é um lugar onde há particularmente muito vento. Às vezes podemos usar toda a linha, antes de perderem altura.

Olivia olhou-o com curiosidade.

– Parece um especialista em pipas, o que é um tanto parecido com encontrar um adulto que admita ser adepto do jogo da bugalha.

O coração dele deu um salto.

– Eu costumava brincar... – disse ele, antes de perceber o que estava fazendo. Não havia motivo para contar os detalhes. Estava se acostumando com a ideia de que Olivia não seria dele. Pertencia a outro homem, um sujeito patriota e de miolo mole.

Então preferiu fazer uma afirmação um tanto fraca.

– Empinar pipa é algo que não se esquece.

– Imagino – disse ela.

Mas parecia curiosa, como se enxergasse por dentro dele.

Ele saltou do cavalo, jogou as rédeas num arbusto e voltou para Olivia. Era realmente ridículo. Tinha certeza absoluta de que o desejo estava gravado em seu rosto, o que o fazia se sentir vulnerável e ligeiramente zangado. Mesmo assim, foi até ela e segurou-a pela cintura porque, afinal de contas, o que são os homens? Apenas animais, tão sujeitos às vicissitudes do acasalamento quanto qualquer outro bípede. Ou quadrúpede, aliás.

– No que está pensando? – perguntou ela, sacudindo as saias quando ele a pousou no chão.

– Na ciência – respondeu ele, sem estar sendo completamente sincero.

– Está interessado em mais do que nas funções matemáticas?

Ela prendeu as rédeas de sua montaria no mesmo arbusto.

– Sim. Mas não quero que adormeça de tédio, então não vou entrar em detalhes. Você acabaria tendo que voltar na charrete.

Justin prendia o cavalo da charrete. Ele se aproximou para perguntar se a tia gostaria de descer. Mas ela declarou que tinha uma visão melhor do conforto de seu assento.

Ele tirou a caixa com as pipas da parte de trás da charrete. A tampa se abriu como se a caixa tivesse sido usada no dia anterior, como se todo aquele tempo de intervalo não existisse. Teve que respirar fundo antes de retirar a primeira: cor de cereja, rápida e leve, que subia a toda velocidade e geralmente tombava ao chão com a mesma rapidez.

Debaixo dela, encontravam-se duas pipas robustas que tinham resistido a muitos ventos. E, embaixo delas... Ele tocou a estrutura pequena por um momento, os dedos acariciando a madeira delicada como se pudessem ainda tocar a criança que costumava segurá-la.

Engoliu em seco e fechou a caixa sem tirar aquela pipa.

– Temos três – disse ele, virando-se.

Sua voz soou tensa e sombria e ele percebeu o olhar de Olivia voando para seu rosto. Obrigou-se a sorrir, por mais severo que parecesse.

Justin saltou para junto deles.

– Nunca gostei da vermelha – disse Justin animadamente, como se as pipas não tivessem história. – Agitada demais. Vou ficar com uma das outras.

– Precisa prendê-la ao carretel – lembrou-lhe Quin, entregando uma das pipas ao primo.

Olivia agarrou a pipa cor de cereja.

– Adorei essa aqui!

– Combina com seu chapéu – disse o duque, pigarreando. – Vou prender a linha no carretel para a senhorita.

Então abaixou a cabeça, concentrado na tarefa, evitando os olhos dela. Por alguma razão, ele conseguia ler os olhos de Olivia e parecia que a jovem tinha o mesmo poder sobre ele. Poderia ter jurado que ela percebia sua desolação e que vislumbrara o monstruoso silêncio que habitava seu peito.

– E agora – disse, depois de cuidar dos dois carretéis – vamos caminhar até o topo do morro.

Consumiu tempo e muitas risadas – não da parte de Quin, mas só porque ele raramente ria – até que as três pipas alçaram voo e, livres, balançavam-se numa corrente de ar que passava.

– Adorei! – gritou Olivia.

Estava correndo para a frente e para trás, os sapatinhos cintilando sob a bainha da saia.

Como se tivessem se passado apenas cinco minutos e não cinco anos, a pipa cor de cereja deslizava pela corrente de ar, despencava e voltava a subir. Enquanto isso, a pipa de Quin atingiu o ponto mais alto e ali ficou, um retalho branco oscilando bem acima da sua cabeça.

Justin se jogara no chão e, deitado sobre as costas, manobrava sua pipa, indiferente à possibilidade de sujar seus magníficos trajes de montaria verde-musgo.

Mas Olivia corria pelo morro, seguindo o voo errático de sua pipa.

Justin parecia sonolento e confortável, com os olhos pregados na pipa distante.

– Melhor ir atrás de Olivia – disse ele, lançando um olhar preguiçoso para Quin. – Não consigo mais vê-la.

Com um suspiro, Quin recolheu sua pipa.

Olivia correria para algum lugar... para cima ou para baixo, embrunhando-se na vegetação do outro lado. Olhou para a charrete e viu que a tia Cecily dormia profundamente, o queixo frouxo e relaxado.

Pôs a pipa no chão e caminhou pela encosta. A Inglaterra estava diante dele, campos bem cuidados marcados por cercas vivas, uma minúscula carruagem atravessando a distância, a curva convoluta de um rio à direita. O vento trazia o cheiro de grama recém-cortada, com um leve toque de fumaça, que sugeria uma fogueira em algum lugar.

Por um momento, a alegria borbulhou em seu peito e então o sentimento antigo e tão familiar se apresentou, como se estivesse pronto para ser revisitado. Culpa. No entanto, ao afastá-la dessa vez, ele se sentiu diferente. Mais limpo. Mais em paz.

Talvez estivesse na hora.

De repente, ele vislumbrou algo carmim, que só podia ser das saias de Olivia. Havia descido o morro, perseguindo o vento, e agora estava parada sob uma árvore, olhando para cima.

A pipa cor de cereja invariavelmente encontrava uma árvore para mergulhar. Ele diminuiu o ritmo e aproveitou a caminhada até ela. O corpo inteiro estava tenso, feroz, como se ele fosse incapaz de se controlar. O que era um absurdo, pois ele *sempre* estava no controle, e sempre tinha sido assim.

Mesmo cinco anos antes, quando se afastara do cais, sabendo que tinha chegado tarde demais... nem assim perdera o controle. Não. Não era inteiramente verdade. Não deveria reescrever a história. Tinha tentado se

jogar no oceano, berrara pedindo um barco, precisou ser contido pelo capitão do porto.

Mas depois... depois, ele se afastara sem dizer uma palavra. Um pé diante do outro.

Era um tipo diferente de emoção, como um fogo incontrolável no seu sangue. Olivia estava com as mãos na cintura e, enquanto ele observava, ela soltou o chapeuzinho tolo e o pôs para o lado. Não podia estar pensando em...

Estava.

Desabotoou o casaco e colocou-o bem dobrado no chão.

Sem se dar conta de que ele a olhava, Olivia alcançou o galho mais baixo da árvore e começou a escalar o tronco, apoiando os sapatos na casca com a agilidade e a confiança de alguém que já havia subido em uma árvore antes. Mais precisamente, subido em muitas árvores.

Já havia passado dos primeiros galhos, e de outros, quando ele chegou perto do tronco da árvore.

– Olivia Lytton! – berrou ele, lá de baixo. – Que diabo pensa que está fazendo?

Ela olhou para baixo, em meio a ramos cheios de folhas verdes.

– Ah, olá! – exclamou ela. – Estou resgatando minha pipa, claro.

Estava de pé num galho robusto, parecendo tão arrumada quanto quando saíra de casa, como uma espécie rara de ave.

– Não suba mais! – ordenou ele.

O som das risadas de Olivia chegou um tanto abafado pelas folhas, mas Quin já havia se livrado da jaqueta. Ele se ergueu até o galho mais baixo em um movimento suave. Ela voltou a subir; por isso ele manobrou de forma a se posicionar logo abaixo, para pegá-la caso caísse.

O ângulo permitiu que desse uma boa olhada nas saias dela. Uma das pernas estava sobre um galho e ele viu uma liga escarlate e, acima dela, uma coxa macia. O coração deu um salto feroz e assumiu um ritmo mais acelerado.

Por um momento ele mal conseguia respirar. As meias de Olivia eram de seda branca e terminavam logo abaixo do joelho. Acima, ele percebia um delicado tecido rendado... sua roupa íntima, ele tinha que supor.

Interessante. Ele não sabia que as damas usavam roupas de baixo daquele tipo. Evangeline não usava.

Um pensamento cínico passou pela sua cabeça. Evangeline não queria desperdiçar tempo. Ele descartou a ideia. Era indigno demais pensar aquilo.

– Srta. Lytton, posso ver suas pernas! – exclamou ele, percebendo, ao pronunciar aquelas palavras, que aquele comentário também era indigno.

Olivia ficou paralisada. Mas tinha acabado de jogar o peso naquela perna. Assim, subiu até o galho seguinte, quase escorregando, mas conseguindo se equilibrar a tempo. Quando estava com os dois pés apoiados, em segurança, fez uma cara feia para ele.

– Olhar por dentro das saias de uma dama não é um ato digno de um cavalheiro.

– Não tenho certeza, mas talvez subir uma árvore desqualifique alguém de pleitear o título de cavalheiro... ou, como poderia acrescentar, de dama. – Com agilidade, ele se colocou no galho que ela acabara de abandonar. – A árvore não aguenta meu peso acima da altura em que a senhorita se encontra neste momento.

Ela apontou. Por muito pouco, a pipa pendia fora do alcance da sua mão, presa por uma volta da linha. Quin testou o galho onde ela se encontrava.

– Vá para aquele galho perto do seu pé – ordenou ele. – Estou subindo.

Olivia pulou para um galho próximo, com a mesma firmeza que apresentava no chão. Um segundo depois, Quin se encontrava ao lado dela. De perto, ele percebia que a jovem estava corada pelo esforço, seu busto subia e descia. O corpete de sua roupa era feito com linho fino e seus seios pareciam se espremer contra o tecido.

Ele segurou firme o galho acima. Com um pouco de sorte, ela não olharia para as calças dele.

– Como consegue escalar uma árvore com espartilho e todas essas anáguas?

Os olhos dela reluziram, maliciosos.

– É um segredo.

Ele apoiou-se num galho próximo, sentindo uma certa fraqueza nos joelhos.

– Sei guardar segredos.

– Sem espartilho – disse ela, meio cochichando, meio rindo. – Aprendi há muito tempo que é simplesmente impossível subir uma árvore de espartilho. Não que eu estivesse pensando em subir em árvores hoje, quando me vesti. Mas achei que era possível que empinar pipas também fosse uma atividade um tanto enérgica. E, com toda a certeza, eu tinha razão.

– Desde quando subir em árvores se tornou parte da educação de uma dama?

– Desde a primeira vez que minha mãe me pôs numa dieta emagrecedora – disse ela, torcendo o nariz.

Ele franziu a testa.

– Uma *dieta*?

– Preciso perder peso. Preciso perder peso desde meus tenros 13 anos, na realidade. Talvez até antes disso.

– Não, não precisa. Discordo.

– Bem, acho que preciso. Sua mãe concorda, pelo que se conclui do preceito constantemente repetido em seu livro: *A farda da virtude está nas formas agradáveis*. E – acrescentou ela, pensativa – a maioria da aristocracia está com ela, se considerar o número de conselhos de emagrecimento que já cochicharam para mim no aposento das damas.

Quin sentiu como se algo houvesse se soltado dentro de seu coração, diante da crueldade que era o fato de Olivia ter sido ensinada a odiar um aspecto de si que, com toda a franqueza, ele considerava perfeito. Ele se ergueu e inclinou-se na direção dela. A cabeça de Olivia fez um ângulo de forma instintiva e as bocas se encontraram, quentes e doces, a respiração acelerada pela subida ou talvez apenas pela proximidade... Ela tinha gosto de sol e de grama. Como a felicidade.

Com cuidado, ele se aproximou mais, sem interromper o beijo, apoiou-se no tronco da árvore e puxou-a para seus braços, com cuidado para que ela não deixasse de se segurar num galho, na altura do ombro.

– Olivia – murmurou com a boca sobre os lábios dela. – Qual é o meu nome?

Ela abriu os olhos pesados.

– O que disse?

– Meu nome. – Mas não conseguiu esperar, beijando-a com a boca aberta, num encontro sedoso de línguas.

– Quin – disse ele, recuando.

E então ela acrescentou:

– Voltamos a flertar.

– Deixamos o flerte e caímos no fogo. Mas, de qualquer modo, ninguém na nossa posição poderia se beijar numa árvore.

– Então isso quer dizer que não somos aquilo que pensamos? – Os olhos dela brilhavam, divertindo-se, e os lábios pareciam inchados depois de tantos beijos dele. – Ou não somos nós na árvore? Ou você não é um duque?

– Não devo ser – disse ele, sedento, apoiando uma das mãos na nuca de Olivia. – Não sou um duque. E você também não está comprometida com um marquês.

Entregaram-se àquele beijo como se estivessem se beijando por muitos anos. As mãos dele ardiam com o desejo de levar o beijo adiante, de passar um dedo, uma mão, as duas mãos, por dentro do tecido fino do seu corpete. Sem espartilho.

Ele mal conseguia olhar.

E então olhou e gemeu suavemente.

– Você tem... – disse ele, e teve de parar por um momento. – Acho que os seus são os mais belos seios que já vi.

Olivia olhou para baixo e depois para ele. Ainda que parecesse estranho para alguém tão experiente quanto ela, suas faces coraram e ela pareceu intimidada por um momento. Desconcertada.

Mas logo pareceu superar o constrangimento.

– Precisamos daquela pipa – disse, apontando, o que fez com que seu corpete se apertasse mais ainda. – Com certeza o senhor eu-não-sou-um-duque pode alcançá-la, não?

Quin lutou contra a parte do corpo que manifestava – com força – que ele preferia não pegar a pipa, mas sim naquele delicioso corpo feminino diante de si. Olivia ainda arfava por causa da subida, ou por causa dos beijos, ou pelos dois motivos, e o movimento de seus seios o enfeitiçava.

As folhas agitavam em volta deles, formando uma espécie de caramanchão, um aposento em que as paredes variavam com a luz do sol e as sombras verdes.

Se houvesse uma cama ali! Imaginou Olivia sob seu peso, lutando para respirar, as bochechas tomadas por um tom de rosa selvagem, o cabelo esparramado em volta da cabeça, como um travesseiro.

– Não me olhe assim – disse ela, incisiva. – Não deve.

– E se eu só olhá-la assim enquanto estiver no alto de uma árvore? – sugeriu ele.

– Não vai acontecer de novo.

– Exatamente – voltou a olhá-la da cabeça aos pés. – Você é belíssima, Olivia.

Procurou por mais palavras, mas não conseguiu encontrá-las, naturalmente. Nunca conseguia achar as palavras certas quando mais precisava delas.

– Você também é muito atraente – disse ela, com recato. – Não que isso importe, pois não somos aves e não podemos morar nesta árvore. Fico surpresa por sua família ainda não estar procurando por nós.

– Tia Cecily estava dormindo na charrete e tenho quase certeza de que Justin cochilava na grama. Sua pipa, provavelmente, voou para longe. Ele é preguiçoso demais para retirá-la de uma árvore ou de qualquer outro lugar.

– Por favor, pode pegar minha pipa? – perguntou ela, voltando ao motivo original que os levava a subir tão alto naquela árvore.

Obediente, ele estendeu o braço e soltou a pipa, conseguindo evitar que a seda frágil se rompesse. Com cuidado, deixou que o objeto caísse no chão em movimentos espirais, controlando a queda em meio aos galhos, jogando o carretel em seguida.

– Você está todo salpicado pelas folhas e pelo sol – observou ela.

– Assim como você – disse ele, passando um dedo na curva de sua face. – Se Justin estivesse aqui, ele escreveria um poema. Suponho que devemos descer desta árvore. Vou primeiro, assim poderei segurá-la, se cair.

– Espere – disse ela, tocando o braço dele com leveza. Aquele toque enviou uma onda de calor direto para a virilha dele. – Posso perguntar uma

coisa? O que aconteceu quando retirou as pipas da caixa, Quin?

Ele não esperava aquela pergunta. Mas deveria.

– Nada.

Olivia deixou que sua mão subisse pelo braço dele até o ombro, chegando até o pescoço.

– Não quer que eu empurre você deste galho, quer? – Sua boca sorria, mas o olhar estava sério.

– Houve um tempo em que eu teria implorado para que fizesse isso – disse ele, as palavras saindo de um lugar além de seu controle.

Ela esperou.

Mas ele não conseguiu dizer mais nada.

– Devemos voltar – disse ele, sabendo que o tom taciturno era uma espécie de confissão.

– Sua esposa gostava de pipas? Essa aqui era dela? – Olivia fez um sinal na direção da pipa vermelha pousada na grama.

– Não. Era... – Ele precisou aguardar um momento. Aplicar a camada de gelo no local adequado até que ele conseguisse falar. – Ela pertencia à babá. O nome dela era Dilys... Era... Era... Gostava de cores fortes e de risadas. Vinha de Shropshire.

– Como Riggle?

– Tinha me esquecido de que você o conheceu. Sim, era a filha dele. Ele me perdoou, Deus sabe como.

O olhar dela encontrou com o dele, delicado e firme.

– Tenho certeza de que não havia nada a ser perdoado. Qual era a idade de seu filho?

– Cinco anos. – A voz saiu como um sussurro rouco, ele pigarreou e tentou de novo. – Alfie estaria com 10 anos agora.

– Alfie? – O rosto dela se transformava quando ela sorria. – Adoro o nome.

– Foi batizado com o nome de meu pai. Alphington Goddard Brook-Chatfield. Embora eu o chamasse de Alfie, para o enorme desespero de minha mãe. Dilys lhe deu o apelido. Estava com ele desde o nascimento. E...

– ele parou por um momento e depois acrescentou com firmeza – no final, morreram afogados. Minha esposa também.

Com muita delicadeza, Olivia passou o braço em torno do pescoço dele. Soltou-se e passou para o galho onde Quin estava. Ele sentiu um momento de pânico, mas o galho era robusto. E ela estava perto dele, nublando sua mente.

– Sinto muitíssimo – sussurrou ela.

– Certo – disse ele, desajeitado como sempre.

Devia saber o que dizer, pensou ele, frustrado.

A boca de Olivia roçou na dele.

– Rupert vê o pai todas as quintas-feiras, das duas às três da tarde. Tenho a sensação de que Alfie o via mais do que uma vez por semana.

– Eu não conseguia ficar longe dele – disse Quin, apoiando-se de novo no tronco, com um braço em torno da cintura dela e o outro firme num galho sobre suas cabeças. – Desde o momento em que o vi... não conseguia ficar longe.

Olivia abriu a boca, mas ele a silenciou com um rápido beijo.

– Não diga que ele está num lugar melhor – disse ele, sabendo que sua voz estava ríspida. – Nem que tive sorte por conviver com ele pelo tempo que tivemos. Nem que ele é um anjo. Nem que nos reencontraremos quando eu atravessar os portões do paraíso.

– Existe alguma coisa adequada a se dizer?

Quin pensou.

– Leve-me agora?

Ela riu e seu riso suavizou a dor aguda da tristeza.

– Curto e grosso. Não vou dizer nada.

Ela envolveu o rosto dele com as mãos e deu-lhe um beijo nos lábios. Aquilo o controlava mais que todos os votos de condolência que ele recebera reunidos.

Nem conseguiu falar.

Os dedos dela entraram por seu cabelo, tirando a fita.

– Seu cabelo sempre foi branco na frente, ou foi uma consequência do luto?

– Sempre foi assim. Devo ter sido um dos bebês mais esquisitos nascidos em Kent.

Os dedos dela se sentiam possessivos, acariciando o cabelo dele como se fosse sua dona. Embora aquilo fosse impossível.

Ele pigarreou.

– Sei que vai se casar com o marquês.

Ele sentia que seus dedos ardiam, simplesmente porque tocavam nas costas dela.

Olivia ficou parada. Não se mexeu, mas ele sentiu que ela estava a ponto de dar um passo para trás, por isso segurou-a com mais força.

– Olivia, estamos numa árvore!

– Devemos descer – declarou ela.

– Um momento. Se não fosse se casar com o marquês... – sussurrou ele em seu ouvido. – Eu trocaria de lugar com você.

– O quê?

– Eu a apertaria contra o tronco. Eu...

– Não diga! – gritou ela. – Não sou uma espécie de acrobata que poderia...

– Poderia o quê?

– Bem, você sabe.

– É essa a mulher que quase contou para toda a mesa uma quintilha sobre uma jovem particularmente habilidosa com uma *agulha*?

Ele sentiu o riso em seu peito. Era algo desconhecido, um pouco intoxicante.

– As quintilhas não são nada mais do que piadas mais longas. Eu as memorizo porque enfurecem minha mãe, e isso permite que eu mantenha uma pequena sensação de domínio sobre mim mesma. E agora, poderíamos *por favor* descer desta árvore? Eu poderia acrescentar que minha mãe explodiria se pudesse me ver agora.

– A minha também – disse Quin, à vontade, permitindo que sua mão vagasse pelas costas dela.

– Não! – ordenou Olivia.

Ele se deteve, com a mão pairando acima de uma magnífica curva.

– Por favor? – Sua voz tinha uma rouquidão que o deixaria constrangido no solo, mas quem se sentiria constrangido no alto de uma árvore? Ele deslizou os lábios pelo rosto dela, e mordiscou sua orelha.

– Olivia Lytton, penso que você será sempre minha companheira favorita para subir em árvores.

– Espero ser sua única companheira para subir em árvores – respondeu ela, fazendo uma careta brincalhona. – E agora estou voltando para a terra firme.

– Espere! Vou descer primeiro.

Ele deslizou para o galho de baixo e olhou, sentindo uma antecipação perversa na boca do estômago. Quando ela não se mexeu, ele se curvou para trás para ver o rosto dela.

– Está planejando olhar minhas pernas, não está?

– Amo suas pernas – disse ele, o que era a mais pura verdade. – E, se não as olhasse, teria deixado de cumprir o meu dever, que neste caso é impedir que se machuque.

Ela bufou, e então, de um modo muito mais veloz do que ele antecipara, deu uma volta, deslizou e pousou do lado dele. O galho balançou e, por instinto, ele estendeu os braços para estabilizá-la. Porém, naquele momento, ele perdeu o equilíbrio, bateu em duas camadas de ramos e acabou aterrissando com força no chão.

Quin perdeu a respiração e a dor que resultou foi espetacular. Pontos pretos dançavam diante de seus olhos fechados. Ele não parecia conseguir levar o ar a seus pulmões de modo algum.

– Meu bom Deus! – ouviu ele, antes de conseguir enxergar de novo. – Ah, Quin, ah, Quin, por favor, não morra. Por que eu fiz isso? – Olivia desceu da árvore. – Por favor, respire... Você está respirando?

Ele estava respirando. Tinha certeza disso porque inspirar doía... uma série de palavras impróprias vieram-lhe à mente e por pouco não saíram por sua boca.

Ele sentiu que Olivia batia de leve por todo o peito dele. Embora a dor estivesse provavelmente prejudicando sua agilidade mental, Quin tomou no mesmo instante a decisão de manter os olhos fechados. Nenhum homem em

seu juízo perfeito interromperia uma mulher imbuída de uma missão. Ou pelo menos daquela missão. Ele preferia parar de respirar a desencorajá-la.

– Não sinto nenhuma costela quebrada – balbuciou Olivia, batendo com mais firmeza.

Podia ser porque ela havia descido para uma região onde Quin tinha certeza de que não havia costelas, mas não estava se queixando. As mãos dela hesitaram por um momento e então, bem rápido, bem de leve, deram algumas batidinhas na parte baixa do abdome.

Um gemido deixou seus lábios antes que ele pudesse impedir. Quin fez uma careta. Não estava acostumado a agir com tão pouca disciplina. Sempre tivera controle completo de todas as suas reações físicas, mesmo com Evangeline, que era sua esposa.

– Ai, meu Deus! – voltou a exclamar Olivia. – Vou buscar Justin. Agente firme! Temo que tenha quebrado algum osso. Espero que não tenha sido na coluna. Nunca me perdoarei.

A voz dela parecia tão irregular que ele abriu os olhos e agarrou seu braço antes que ela desse um pulo e ficasse de pé.

– Estou bem – grunhiu. – Só preciso de um momento.

– Sinto muito! – disse Olivia, a voz falhando. – Foi uma estupidez de minha parte, Quin. Nunca pensei nisso. É assim que costumo descer da árvore que fica diante do meu quarto. Eu me jogo depressa e depois encontro o equilíbrio.

– Você sai pela janela do quarto?

Ele estava obrigando o ar a entrar nos pulmões e percebia que, apesar da dor no corpo inteiro, nada devia estar quebrado.

– É a única forma que tenho para deixar a casa sem que minha mãe saiba – disse ela. – Pode mover os dedos dos pés? Ouvi dizer que se uma pessoa não consegue mover os dedos dos pés é um sinal terrível. Percebo que está mexendo outras partes, mas...

Ele ergueu a cabeça, gemendo. Ela olhava na direção dos pés e, portanto, podia ver aquela parte específica que manifestava vida própria.

– Consigo mexer os dedos dos pés – disse ele, sentando-se depressa para impedir a visão. Sua cabeça girou.

Olivia não parecia reconhecer o que via na região das calças. Para ele, não estava bem claro se era apenas habilidosa no flerte ou se era mais experiente.

Evangeline não era virgem quando chegou à sua cama. Tinha se surpreendido na época, mas, ao conhecê-la melhor, compreendeu. Evangeline não tinha um desejo sexual voraz, mas tinha um desejo voraz de ser desejada, um sentimento tão profundo que nenhum homem conseguiria lhe proporcionar satisfação.

A cabeça latejava. Mesmo assim, sentia o cheiro de Olivia, alguma fragrância delicada e doce que era dela e só dela. Era como tentação engarrafada. Como a carência.

Tê-la ajoelhada a seu lado o deixava imprudente. Mesmo naquele momento, com o corpo dolorido e a cabeça aparentemente presa por um torno, ele só queria jogá-la no chão e subir no seu corpo.

E possuí-la.

Voltou a gemer diante daquele pensamento.

– Vou buscar Justin – exclamou Olivia, ficando de pé. – Você está cheio de dores. Ele pode carregá-lo até a charrete.

– Não! – Quin quase riu ao imaginar seu esguio primo tentando arrastá-lo pela ribanceira. – Posso me levantar. – E foi o que ele fez, apesar do protesto dos ossos e dos músculos. – Não caí de tão alto assim – disse em voz alta, como se estivesse tentando se convencer de que era verdade. – E os galhos amorteceram a queda.

– Não diga bobagens – disse Olivia, zangada. – Poderia ter morrido. Não devia ter subido naquela árvore atrás de mim. Obviamente, está... – Ela parou.

– Velho demais? – Ele fez uma cara feia e começou a caminhar com passos lentos e doloridos.

Já sabia que estava bem. Mas, raios, estava mesmo velho demais para subir em árvores.

– É – disse ela, sem papas na língua. – Está velho demais. – Então perguntou: – Qual a sua idade?

– Tenho 32 anos – disse ele. – Mas, por um momento, senti que tinha 63.

– Há quantos anos perdeu Alfie?

Ele não a olhou, apenas caminhou.

– Completam-se cinco anos em outubro.

– Casou-se muito jovem.

– É. – Mas ela parecia estar esperando e as palavras fluíram, vindas de algum lugar, e então ele continuou: – Eu tinha acabado de voltar da França e da Alemanha e fui para Londres, para minha primeira temporada. Era também a primeira temporada de Evangeline. Não a encontrei nos primeiros dois meses, mas assim que a vi...

– Amor à primeira vista? – sugeriu ela.

– Algo parecido.

Nunca havia pensado ser capaz de amar. Mas com certeza era capaz de se deixar fascinar. Ou de se obcecar.

Justin caminhava em direção a eles, em grandes passadas.

– Lady Cecily quer ir para casa! – berrou. – Melhor andarem mais depressa, Quin. Ela está chiando como uma chaleira a ferver.

Olivia soltou um pequeno gemido e começou a correr na direção da charrete.

Mas Quin já sobrevivera a mil chiliques da tia e não tinha condições de ir mais rápido. Apenas manteve o passo, pensando no que queria dizer amor à primeira vista.

Sabia que aquela capacidade se esgotara nele ou talvez apenas não fosse parte de seu caráter. Não conseguia imaginar de verdade ninguém de sua família próxima – exceto Justin – que pudesse experimentar tal emoção. No entanto, ele não conseguia deixar de se lamentar por ter encontrado Evangeline e não Olivia. Olivia era o tipo de mulher por quem um homem poderia se apaixonar, até mesmo à primeira vista.

A não ser que fosse dono de um coração seco como um nabo murcho, mais ou menos como ele.

Capítulo 15



“Patife remelento, corpulento, farelento e flatulento!”

— Você empinou uma pipa e subiu numa árvore? – Georgiana franziu a testa. – Tudo parece muito peculiar para mim.

As duas haviam se retirado para o quarto depois da refeição noturna.

– A pipa ficou presa na árvore – explicou Olivia.

Georgiana baixou a xícara de chá.

– Quando vai crescer, Olivia? – Seu tom de voz tinha uma nota incisiva que não lhe era característica.

Olivia sentiu uma pontada de mágoa.

– Eu me considero uma adulta.

– Você sobe em árvores – repetiu Georgiana, mexendo nos dedos da mão esquerda. – Acha divertido insultar uma duquesa. Traz Lucy para dentro da casa quando sabe que poderia simplesmente deixá-la com os outros animais lá fora, Rupert nunca ficaria sabendo. Faz chistes com lorde Justin como se os dois tivessem a mesma idade, e ele é um rapaz de 16 anos ainda bem bobo.

– Não poderia mentir para Rupert sobre Lucy – disse Olivia, justificando o ponto mais defensável entre aqueles levantados pela irmã.

Georgiana deu de ombros.

– Acha que a mesa inteira não ouviu você e lorde Justin rindo, hoje à noite? Como acha que nos sentimos, tentando manter uma conversa séria, quando tudo o que vocês querem é fazer graça? A duquesa disse a lady Sibblethorp que parecia estar na hora de tirar as cobertas que protegem a mobília da ala infantil. Eu me senti humilhada.

– Lamento se interrompi sua conversa – disse Olivia. Sua voz estava tensa, apesar do esforço. – Lamento de verdade. Não era minha intenção. Justin estava inventando mais insultos idiotas, e não consegui deixar de rir.

– Você poderia – disse a irmã, impassível. – Todos nós ouvíamos. Nem o duque podia deixar de ouvir. Aquele insulto longo que você e Justin inventaram... o que era?

– *Patife remelento, corpulento, farelento e flatulento.*

– Exatamente! *Remelento? Flatulento?* Como pôde, Olivia? Não se importa nem um pouco comigo?

– Claro que me importo com você! Não chamei você nem o duque de remelentos. Nem mesmo a pernóstica autora de *O espelho dos elogios*. Estávamos apenas fazendo graça!

– Estão sempre fazendo graça – retrucou Georgiana, erguendo a xícara de novo com um movimento tão brusco e zangado que derramou chá no pires. – Não vou conseguir nada se você continuar assim.

– Conseguir o quê? – perguntou Olivia.

Parte dela queria responder que ela evitara a conversa adulta num esforço para convencer o duque de que estava tão desinteressada que preferia brincar com Justin.

Mas outra parte de si, a boa irmã, deu uma bela olhada em Georgiana e percebeu a expressão sofrida e infeliz que a jovem costumava apresentar depois de uma longa noite na companhia das viúvas. Ajoelhou-se ao lado da cadeira.

– Qual é o problema, Georgie? Percebo que tenho sido insuportavelmente desastrada. Se eu prometer não fazer mais nenhum comentário, a não ser que sejam distintos e apropriadamente tediosos, você vai ficar mais feliz?

– Não está funcionando – respondeu Georgie, a voz falhando.

– O quê? Acha que não conseguiria gostar de Sconce?

– Eu conseguiria – sussurrou a irmã. – Conseguiria de verdade. Ele é cuidadoso, sóbrio e tudo o que mais honro num cavalheiro.

Olivia deslizou a mão sobre a da irmã, que estava agarrada firmemente à frágil porcelana.

– Vai quebrar a xícara.

Georgiana olhou para baixo, insensível, e então afastou a xícara.

– Diga-me, o que não está funcionando? Não fiquei brincando com Justin o tempo todo, sabe. Fiquei de olho em você e em Sconce e os dois pareciam estar envolvidos numa conversa sobre ciência. A natureza da luz, não era?

Georgiana ergueu os olhos.

– Era fascinante – disse. Então calou-se.

– Pois bem, é uma maravilhosa afinidade entre vocês dois – comentou Olivia. – O tipo de interesse compartilhado que mantém um casamento duradouro e vibrante. Olhe para nossos pais.

– O que tem nossos pais?

– Sempre compartilharam uma paixão: a *duquesificação* das duas filhas. Não diria que foram particularmente bem-sucedidos no meu caso, mas com certeza conseguiram transformar você num modelo de boa educação. Depois que se casar com Sconce eles terão duas filhas duquesas. Tenho certeza de que, para eles, isso valerá todos os sacrifícios que fizeram.

Georgiana assentiu.

– Também penso assim. Acredito que sempre ficaria interessada no que Sua Graça investigasse, seja um tema científico ou matemático. E ele também pareceu interessado em minhas ideias sobre química. Não acho que estivesse sendo apenas educado.

– Tenho a clara impressão que Sconce é virtualmente incapaz de prevaricar – comentou Olivia.

– Pois bem, então ele tem interesse nas minhas poções. Até me pediu para lhe dar a receita da loção para artrite, pois gostaria de mandar prepará-la para o seu jardineiro-chefe. Imagino que o homem sofre terrivelmente o efeito de anos passados na umidade.

– É maravilhoso – disse Olivia, perguntando-se por que sua voz parecia tão oca. – Esplêndido! E ninguém merece tanto quanto você, Georgie. Então

por que não está simplesmente ignorando a boba da sua irmã e dedicando-se às conversas com o belo duque?

– Acha que ele é belo?

Olivia piscou.

– Não há como negar. Acho que ele é...

Olivia engoliu as palavras. A última coisa que desejaria fazer era confessar para a irmã que nunca tinha visto nem imaginado um homem tão belo quanto Quin.

– Ele tem uma aparência mais do que tolerável.

– Não acha o cabelo dele meio esquisito?

– Não – disse Olivia, pensando no jeito em que deslizava em sua mão feito seda, preto e branco juntos, como os dois lados da vida, a escuridão e a luz, o bem e o mal, tentação e moderação. Principalmente tentação.

– Pois bem, eu acho. Supõe que se eu mesma misturar uma tintura ele permitiria que eu fizesse uma coloração? Lembra-se daquela zebra que veio com a feira ambulante, Olivia? Sconce me faz lembrar daquela criatura.

– Sim, eu me lembro, e o duque não se parece em nada com uma zebra. E não, ele nunca tingiria o cabelo. Não acho que seja o tipo de homem que acredita em enganar os outros. Acho que nem sabe como fazer isso.

Olivia não estava bem certa do que a fazia se sentir tão convencida disso, mas ela estava.

– Não achei que aceitaria.

– O que não está funcionando? – Olivia voltou a perguntar depois de um momento. – Para mim, parece-me que você se encontra na primeira linha, Georgie. Você tem cinco vezes mais brilho do que a pobre Althea. A criada estava absolutamente certa ao descrevê-la como um frango na chuva. A mãe de Sconce não poderia escolhê-la de modo algum.

– As viúvas sempre gostam de mim. – Georgiana claramente não considerava isso uma vantagem.

– E o duque gosta de você. – Olivia relaxou o maxilar de uma forma evidente. Parecia estar desenvolvendo a tendência de tensionar os dentes. – Seu casamento seria um paraíso. Pense em como mamãe e papai ficarão felizes.

– Acha mesmo? – O rosto de Georgie parecia estranhamente pesaroso para uma mulher prestes a ficar noiva de um duque. – Parece possível, agora que estamos falando do assunto, mas quando estávamos na mesa, fiquei tão zangada com você.

– Por quê? É o que não entendo, Georgie, meu amor. Sempre fui uma tola presunçosa, comparada a você, embora eu prometa me comportar direitinho, como a melhor das damas, de agora em diante. Por que raios perdeu seu tempo olhando para Justin e eu, do outro lado da mesa?

– Porque *ele* estava olhando.

Olivia pigarreou.

– *Ele*? Está referindo-se ao duque?

– Sim. – Georgiana torcia os dedos no colo. – Quando você ri, ele olha para você. Todas as vezes. Não pude deixar de reparar.

– Sinto muito, Georgie. É minha gargalhada estúpida, como mamãe costumava chamar. Ela também ficava louca. Vou me comportar melhor amanhã, prometo. – A vergonha pesou em seu peito, mas não era nada com que ela não estivesse acostumada. – Não percebi que tinha horrorizado todo o grupo.

– Não entende – disse a irmã, olhando para os dedos cruzados. – Você se senta do outro lado da mesa e não é possível ignorá-la. Nós olhamos para você. Fico me sentindo uma bonequinha de papel.

Olivia franziu o cenho.

– O que quer dizer?

– Pálida. – Georgiana fez uma careta e acrescentou: – Frágil e impotente.

– Que absurdo! Diga apenas o que quer que eu faça e eu farei. Não preciso fazer piadas. O que mais estou fazendo de errado?

– Não está entendendo meu raciocínio. Quando você ri... todo mundo ri.

– Deve estar maluca. Se você viu a duquesa abrir um sorriso, quanto mais uma risada, eu com certeza perdi esse momento. Quanto a seu duque, Sconce tem muitas virtudes, mas não diria que tem o dom para o riso fácil.

Georgiana apenas balançou a cabeça.

– O duque sabe rir. Ele é bastante controlado. Mas posso ver uma mudança no olhar dele quando você ri.

– Bobagem – disse Olivia, firme, fingindo que não havia percebido o mesmo.

Mas a irmã alcançou-a e puxou uma mecha do seu cabelo.

– Tem uma risada maravilhosa, Olivia. Sempre achei que era uma das coisas mais tristes sobre mamãe e papai. Estavam tão ocupados tentando transformá-la em duquesa que nunca riam com você.

Olivia sentiu lágrimas ardendo em seus olhos.

– Ah, Georgie. Acho que é a coisa mais bonita que você já me disse.

– Seu riso tem tanta alegria. Se me perguntar, diria que Sconce está fascinado por você por esse motivo.

Um remorso ansioso subiu pela espinha de Olivia. Ela se levantou, deu uma volta, ocupando-se em servir mais uma xícara de chá. As mãos tremiam um pouco.

– Claro que não é verdade, Georgie. Não seja absurda. Eu estava rindo como uma hiena e o pobre homem provavelmente não conseguia ouvir o que dizia em meio a todo o barulho.

Ela colocou três colheres de açúcar no chá antes de perceber o que tinha feito.

Sentou-se diante da irmã e mexeu o chá.

– Os homens não se deixam fascinar por gracejos irreverentes, Georgie.

– Acredito que não. Mas qualquer um pode perceber que ele se sente atraído por você.

– Sou uma mulher barulhenta, gorda, que está noiva de outro homem – disse Olivia, num tom indiferente. – Interpreta errado as atenções dele pois me ama.

– Você não é gorda! É um pêssego, lembra?

– A verdade é que não me importo tanto. Você é uma pessoa linda, esguia, e eu não. Rupert não dá a mínima importância.

Georgiana abriu a boca para discutir, mas Olivia ergueu a mão.

– Está valorizando demais o fato de o duque ter lançado um ou dois olhares em minha direção. A partir de agora, vou agir como a aristocrata mais metida a besta de todas, assim nada perturbará o brilho ducal que cerca nossa mesa.

A irmã sorriu, relutante.

– Espero que esteja certa. Considerando a perda da esposa e do filho, o pobre homem deve ter esquecido como se divertir, se é que algum dia já soube. É por isso que olha quando você ri.

Olivia conseguiu apenas assentir com a cabeça. Alguma parte teimosa e estúpida de si queria uivar, berrar que Quin era *dela*. O que era ridículo. Sabia perfeitamente bem que não poderia deixar Rupert. E Quin era a melhor possibilidade disponível para que sua irmã se tornasse a aristocrata que merecia ser.

– O que vai usar amanhã no baile?

– Estou pensando no vestido de seda azul com a renda de Chantilly.

– Ah – provocou Olivia. – As armas poderosas adentram o campo de batalha.

– Tenho um sentimento muito estranho de que a mãe de Sconce está organizando esse baile como uma espécie de teste – disse a irmã. – Não é esquisito? Parece estar interrogando a mim e a Althea como se comparasse nossas repostas a uma lista ideal.

Olivia deu de ombros.

– Se esse for o caso, você será a vencedora. O que foi nossa infância senão uma série de testes?

Georgie franziu a testa.

– Pensa mesmo desse modo? E não volte a dar de ombros!

– Penso sim.

– Suponho que consigo entender o que quer dizer.

– Tudo pelo qual ralhavam conosco ou celebravam conosco dirigia-se a apenas um objetivo – disse Olivia. – Transformar-nos em duquesas.

– Posso entender sua amargura.

– Pode?

– Porque você nunca conseguiu passar num único teste! – disse a irmã, soltando uma gargalhada e dando a volta no sofá enquanto Olivia a perseguia com um guardanapo na mão.

Capítulo 16



*Variadas angústias relacionadas a filhos e caninos,
mas não a canapés*

Sempre que a duquesa viúva de Sconce anunciava um baile, mesmo quando se tratava de um evento pequeno, havia mudanças de planos em todas as grandes casas num raio de 60 quilômetros. Ninguém que pudesse alegar pertencer à pequena nobreza ou à aristocracia pensaria em perder uma ocasião dessas, a menos que tivesse de ir ao funeral da própria mãe.

E, para alguns, até o funeral da própria mãe poderia esperar.

Não porque um baile dos Sconce fosse especialmente elegante. Sua Graça nunca se deu ao trabalho de importar duzentos limoeiros carregados de frutos ou de forrar o salão de baile com orquídeas, nem mesmo encomendava sorvetes especiais na casa de chá Gunter's.

Em vez disso, ela seguia a rotina prescrita pelas duquesas que a antecederam. Uma ancestral havia recebido o rei Henrique VIII em duas ocasiões diferentes, saudando duas esposas diferentes, e outra acolhera a rainha Elizabeth três vezes.

A saber: o salão de baile era esfregado e encerado até ficar um brinco, uma pequena orquestra era contratada. Encomendava-se uma quantidade

razoável de comida e um monte de excelentes garrafas de vinho saía das adegas.

E era tudo.

O resto se cuidava sozinho, pelo que pensava a viúva, e sempre funcionava. Não havia nada mais lamentável do que a visão de uma anfitriã ansiosa.

Como era seu hábito, no início da noite em questão ela comandou uma pequena refeição para a qual foram convidados aqueles que passariam a noite em Littlebourne, tendo viajado uma boa distância. Depois da refeição, os convidados foram reunidos e conduzidos ao salão de música. Ainda faltava algum tempo para o início do baile e Sua Graça julgara que o intervalo era um momento oportuno para testar as pretendentes a nora em outra área de seu inventário de adequação.

Com esse fim, ela deu uma ordem, mal disfarçada como convite.

– Acredito que todos nós ficaremos gratos se as jovens aqui presentes nos fornecessem alguma diversão leve.

Lady Althea e a Srta. Georgiana se levantaram imediatamente, assim como as duas senhoritas Barrys. (As Barrys moravam do outro lado do condado e eram muito bem-educadas, mas nada elegíveis como noras em consequência da infeliz existência de um tio-avô ébrio. Nunca se sabia quando essa mancha poderia se manifestar nos descendentes). Sua Graça posicionou-se em um sofá pequeno com uma visão límpida para os instrumentos, instruindo a amiga Mary, lady Voltore, a acompanhá-la.

As senhoritas Barrys conduziram-se de modo bastante afinado. Lady Althea cantou muito bem. A Srta. Georgiana não apenas cantou muito bem, uma ária de uma ópera e uma balada mais ligeira, como também forneceu o próprio acompanhamento ao cravo. Estava absolutamente claro que a Srta. Georgiana Lytton seria uma duquesa de Sconce inteiramente respeitável. A viúva nunca se permitia excessos de emoção, mas por dentro estava ciente de que, se confessasse uma fraqueza, esta seria seu filho único. A dor que ele sofrera com o fim do primeiro casamento havia sido inaceitável.

– Vossa Graça?

A duquesa ergueu os olhos e encontrou as duas senhoritas Barrys fazendo uma reverência diante dela.

– Sim?

– Vossa Graça – disse uma delas, um tanto ofegante –, poderia nos conceder a gentileza de permitir que o lorde Justin cante alguma coisa para o grupo?

A outra fez mais uma reverência.

– Todos adorariam, estamos convencidas.

A viúva permitiu-se erguer uma sobrancelha. Sim, tinha tomado a decisão correta ao descartar as Barrys da lista de possíveis duquesas.

– Se lorde Justin concordar, estou certa de que não faço objeções – disse ela, um tanto gélida.

Naturalmente, o sobrinho não captou a deixa em seu tom de voz, e saltou de um modo pouco atraente para se sentar ao piano. Não era apropriado, pensava a duquesa. As damas costumavam cantar e tocar instrumentos musicais. Mas os únicos homens que cantavam ou tocavam eram do tipo profissional, daqueles com quem não se deseja manter associações.

Na realidade, Justin era insatisfatório em mais de um aspecto. Naquela noite, por exemplo, ele usava roxo. Na cabeça da viúva, usar aquela cor era como cantar: os cavalheiros sabiam ser algo que simplesmente não se fazia. Mas lá estava o próprio sobrinho (se bem que era um sobrinho pelo casamento), usando a cor dos lilases, com rendas acinzentadas nos punhos, o que tornava tudo pior. Vulgar era a palavra certa. O finado duque daria voltas na sepultura se pudesse ver um traje daqueles em um parente, mesmo que fosse um parente meio francês.

E por que raios todas aquelas jovens se reuniam em torno do piano como se fossem peixinhos mordiscando casca de pão?

Mandou que lady Voltore se calasse, pois estava falando baboseiras sobre um novo tipo de rosa. Voltou sua atenção para o sobrinho e seu cortejo de admiradoras.

– O que ele está cantando? – berrou Mary. Ela era mais do que um pouquinho surda. – Não parece “Greensleeves”. Gosto quando cantam “Greensleeves”. Mande ele tocar, por favor, Amaryllis?

A viúva tolerava ser chamada pelo primeiro nome por lady Voltore apenas porque as duas se conheciam desde os 2 anos.

– Simplesmente não posso mandar que toque essa canção – disse ela. – Posso solicitar, se quiser.

– Não seja absurda, Amaryllis. Pagou ao sujeito. Pode muito bem fazer valer o seu dinheiro.

Mary sempre fora um tanto crassa, para colocar de uma forma caridosa.

– Não paguei a ele – disse com relutância. – É um parente.

– Atraente? É, eu diria o mesmo. Trabalha no circo? Eu não convidaria gente do circo para minha casa, se fosse você.

A viúva se contentou em lançar um olhar para Mary.

– Não sei por que contratou aquele garoto, mas devo dizer que gosto bastante dele. Bela canção. Belo rosto. – Mary tinha uma risada um tanto grosseira. – Não sou tão velha que não possa apreciar um belo rosto. Afinal, ele quase pode ser confundido com um cavalheiro, não fosse por aquela jaqueta, claro. Ficou parecido com o macaquinho do realejo.

Justin estava cercado por um jardim de jovens. Cada uma das Barrys gravitava em torno de um cotovelo e lady Althea pendurava-se no seu ombro.

A duquesa viúva voltou sua atenção para a cena e ouviu. *Ela era seu sol*, cantarolava Justin, *Ela era seu solo*. Pois bem, aquilo parecia suficientemente inócuo. Mas considerando-se que lady Althea tinha recebido a honra incalculável de ter sido considerada para o título de duquesa de Sconce, ela deveria ao menos se comportar de maneira digna. Na verdade, Althea era desmiolada como uma porta. Nunca faria Tarquin feliz.

Justin acabara de começar uma nova canção, alguma coisa falando de amor. O amor! Na opinião da duquesa, o amor era algo destrutivo, desagradável. Bastava olhar e constatar o que fizera a Tarquin: praticamente despedaçara o pobre rapaz.

Ela virou de costas, notando com aprovação que a Srta. Georgiana estava sentada ao lado de uma tia idosa da família do falecido duque, envolvida numa conversa tranquila. Não demonstrava desejos de se juntar à turba ao redor do piano, o que dizia muito sobre seu bom senso.

E Tarquin?

Levou um momento, mas ela conseguiu encontrar o filho. Estava sentado num canto e parecia estar observando a Srta. Lytton, sentada no outro canto conversando com o bispo de Ramsgate. Naquela noite, Olivia Lytton era a imagem da futura duquesa de Canterwick. A única objeção possível era seu decote, um tanto audacioso.

A viúva forçou a vista até conseguir enxergar com mais clareza. O bispo, aquele bode velho, parecia apreciar a vista fornecida pela *fartura* da Srta. Lytton.

Mas foi o rosto de Tarquin que prendeu sua visão. A expressão tinha algo de familiar. De fato, ela havia visto aquilo antes e esperara nunca rever. Antes que percebesse, praticamente se levantou da cadeira.

Mas relaxou no assento.

Não podia ter ido longe demais. De fato, revendo os últimos dias com cuidado, a viúva estava bem convencida de que o relacionamento, se é que poderia ser chamado assim, não existia. Pelo menos, não para a Srta. Lytton. O que era importante. A Srta. Lytton já estava noiva de um marquês. E mais: parecia leal ao pobre tolo.

Além disso, o próprio Canterwick insinuara a ela que a Srta. Lytton poderia estar carregando o herdeiro do ducado.

Claro, não queria dizer que Olivia Lytton não jogaria o noivo para o alto na mesma hora, se percebesse que poderia trocar um marquês por um duque com o juízo perfeito.

Os dedos da viúva apertaram os braços da cadeira. A Srta. Lytton era, quase com certeza, uma nova Evangeline.

Poderia estar carregando o herdeiro do duque, apesar de o menino ter pouco mais de 18 anos e ser completamente simplório, pelo que ouvira. E agora a jovem estava flertando com um bispo! Incrível.

– Devo dizer que seu cãozinho é muito feio, Amaryllis – disse Mary, interrompendo seus pensamentos.

– Não sou dona de um canino! – A irritação com a Srta. Lytton coloriu sua voz.

– De quem é, então?

Com um sentimento de apreensão, a viúva seguiu a direção do pincenê de Mary. Aquele cachorro esquisito da Srta. Lytton, que mal podia ser classificado de canino devido a seu tamanho e sua péssima aparência, estava sentado nas suas saias. Sentado com as patinhas horríveis pousadas sobre seu sapato. De novo!

Por um momento, apenas fitou o animal, desconcertada.

– Não é tão ruim assim – disse Mary. – E, com certeza, ele a adora. Lembra os cães de caça que meu marido tinha. Olhavam para ele do mesmo jeito.

– Odeio cães. Tire-o daí, por favor.

Mary deu aquela gargalhada estranha que a fazia soar como uma bruxa demente.

– Que bobagem, Amaryllis! Na nossa idade, não podemos nos dar ao luxo de cultivar esse tipo de medo.

– Odeio animais com patas. – Era uma declaração verdadeira, embora não pudesse deixar de notar que aquele animal em questão parecia ter olhos um tanto meigos.

– Devia parar com isso – disse Mary. – Faz você parecer uma boba. Está velha demais para se comportar como uma menininha.

E, depois de dizer aquilo, lady Voltore levantou-se, os joelhos estalando, e se afastou.

O cachorro era uma coisinha feia, quase sem pelo e com uma cicatriz visível sobre a pálpebra. O focinho era mais longo do que o necessário para um cão. A duquesa lançou um olhar furioso para o animal a seus pés.

– Não é tolice nenhuma não gostar de patas – disse em voz alta.

Mas não pôde deixar de olhar para aquela patinha preta, minúscula, que aos poucos voltava a se aproximar do seu sapato. Logicamente...

Afastou aquele pensamento e voltou a olhar para Tarquin. Conseguiu chamar sua atenção com um aceno rápido e imperioso. Um momento depois, o filho a saudou.

– Mamãe?

Tarquin sempre a obedecera, mesmo quando era pequeno. Solene demais, pensara ela na época. Tinha herdado o título ainda muito jovem. Mas havia se

adaptado com tanta facilidade a seus deveres que parecia ter sempre ocupado o posto de duque.

– Gostaria que levasse a Srta. Georgiana para dar uma volta no jardim – decretou. – Já está conversando com lady Augustina há meia hora, o que é caridade suficiente para uma noite. Você pode acompanhá-la antes do começo das festividades.

Tarquin se curvou, silencioso como sempre, e se afastou. Mas a mãe o observou e pensou.

Georgiana Lytton era a esposa perfeita para o filho. Sentia nos ossos. Georgiana não era uma bobinha que seguia as regras apenas porque elas existiam. Tinha uma decência profunda, digna de uma autêntica dama. Compreenderia por que *O espelho dos elogios* tinha de ser escrito: porque a civilização era a única coisa que se colocava entre a humanidade e a dor brutal.

O tipo de dor que Evangeline causara a Tarquin. A viúva escrevera o livro no ano seguinte ao primeiro casamento do filho, uma obra nascida do desespero, da tristeza e da convicção de que, se as damas se comportassem como damas, aquela tristeza não teria acontecido.

Entretanto, a dor que Evangeline causara a Tarquin ao saltar para a cama de desconhecidos, de vizinhos, de amigos... aquilo nem se aproximava do que ele havia sentido depois de sua morte. Aquela mulher tola, tola. Morreu e levou o pequeno Alphington consigo. A viúva acreditou com sinceridade que Tarquin nunca mais seria capaz de sorrir.

Não havia necessidade de testes adicionais. Georgiana era a duquesa perfeita. Podiam ficar noivos naquele dia mesmo. Por um momento, pensou em ordenar ao filho que fizesse o pedido de casamento naquela noite, mas então lembrou que havia ocasiões em que Tarquin, seu sóbrio e tranquilo Tarquin, tinha mantido pé firme. E, depois de tê-lo visto observando Olivia Lytton, ela sabia que precisava ser muito cuidadosa.

Amanhã, disse ela para si mesma, relaxando no assento. Amanhã poderemos resolver toda essa confusão.

Capítulo 17



Na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença

Georgiana era uma companhia muito tranquila. Os dois caminharam até os fundos do jardim, onde havia um pequeno banco. Georgiana estava tão fascinada quanto ele pela composição da luz em termos de ondas e de partículas. Era um verdadeiro prazer examinar a questão com ela.

Quin nem percebeu que tinha ficado um pouco frio, até que, por acaso, tocou no braço dela e percebeu que estava gelado.

– Srta. Georgiana, parece estar com muito frio. Devemos voltar para casa. Ela o ignorou.

– Fico pensando se o experimento seria influenciado se você inclinasse o papel que está usando para dividir a luz em arco-íris.

– O que quer dizer?

– Pois bem, se compreendi corretamente, o senhor segura um cartão com uma fenda vertical diante da janela.

Ele assentiu.

– À medida que a luz encontra a fenda, ela se parte em arco-íris, demonstrando assim que a luz é composta de raios e não de partículas. Embora não esteja claro para mim por que os raios se evidenciam apenas quando atravessam uma fenda no papel.

– Pode ser porque eles se dobrem ao passar. Para dizer a verdade, não tenho certeza.

– E se a fenda fosse de um canto a outro? Os raios ainda se dobrariam do mesmo modo? E se a fenda fosse paralela à moldura e não vertical? O que aconteceria?

Ele fez uma pausa.

– Não sei – disse por fim. – Mas é um ponto muito bom. Vou tentar amanhã. – Ele pôs a mão sob o cotovelo gelado dela e a ajudou a se levantar. – Também estou ficando com frio.

Georgiana sorriu para ele.

– Nem reparei no clima, porque nossa conversa estava muito interessante.

Ela tomou o braço dele e os dois começaram o caminho de volta para a casa. Havia um silêncio satisfeito entre os dois. Quin pensava furiosamente sobre o alinhamento das fendas em relação à luz, e Georgiana não parecia se importar com a ausência de conversa.

O som de passos interrompeu seus pensamentos e, ao erguer os olhos, Quin encontrou Olivia correndo pela curva do caminho. Ele não era bom na descrição daquele tipo de coisa, mas o vestido dela era feito de um tecido dourado e fosco coberto por rendas presas dos lados. A renda era composta por pequenos fios, milhares de pequenos fios que provocavam um homem a passar os dedos em torno dela.

Os fios balançavam enquanto ela corria. No mesmo instante, o corpo dele foi do frio para o quente. O calor cantava ao ritmo da corrente sanguínea que consumia seu corpo.

– Georgie! – disse Olivia. – Vossa Graça. – Ela fez uma reverência.

Os dedos de Georgiana apertaram o braço dele.

– Lamento que tenha vindo me buscar, Olivia. Estávamos no meio de uma discussão sobre a base científica da luz.

– Claro que sim!

O sorriso de Olivia era largo e natural, até que notavam-se seus olhos.

Ou ele havia imaginado um brilho de possessividade?

Deliberadamente, Quin colocou a outra mão sobre os dedos de Georgiana.

– Estávamos numa conversa tão fascinante que, infelizmente, permiti que sua irmã ficasse com bastante frio.

Georgiana olhou-o, com a expressão indecifrável, e então voltou-se para a irmã.

– Estávamos mesmo retornando para casa, Olivia. Obrigada por vir até aqui.

– Peço perdão por ter interrompido a conversa – disse Olivia em um tom perfeitamente amigável. Deu um passo para trás e caminhou ao lado de Georgiana.

– Ouvi chamar sua irmã de “Georgie”? – perguntou Quin, olhando para ela.

– Sim – disse Olivia. – É meu apelido para ela. Minha nossa, está mesmo frio aqui, não está? Quase posso ver minha respiração. – Ela respirou e soltou o ar.

Georgiana riu.

– Não seja boba, Olivia! Para haver visível condensação da umidade da sua respiração, deveria estar bem mais frio do que está.

Quin mal registrou a resposta de Georgiana: não conseguia encontrar um jeito de fazer com que as palavras chegassem à sua boca. Toda vez que Olivia respirava fundo, seus seios se espremiavam contra os delicados fios de renda. A ele, parecia que alguns desses fios eram os únicos responsáveis por impedir que seus mamilos ficassem expostos para todos os homens no salão.

Um rosnado ameaçou sair de sua garganta, mas foi reprimido a tempo.

– Gosto do nome Georgie – disse ele.

As palavras vieram com um tom rouco, como se ele quisesse dizer algo inteiramente diferente.

Georgiana – Georgie – olhou para ele com um sorriso surpreso. E Olivia piscou e afastou o olhar.

As duas ouviram a voz dele e as duas cometeram um erro de interpretação.

– Pois bem – disse ele, brusco. – Sugiro que sigamos direto para a biblioteca para nos aquecermos diante da lareira, antes de encontrarmos todo mundo no salão.

– Ah, não estou sentindo frio nenhum – disse Olivia com leveza. – Vou me aquecer com a dança.

Estavam se aproximando dos degraus que conduziam ao terraço de mármore. Bastava pensar em Olivia nos braços de outro homem para que Quin se sentisse atravessado pela lâmina de uma espada.

Custou apenas um movimento suave. Educadamente, ele fez com que Georgiana subisse no degrau diante dele, deslizou para o lado, deu um passo preciso para a frente, de modo que seu pé baixasse na cauda do vestido dela, prendendo-a no degrau. Então, ele jogou seu peso para a frente, parecendo tropeçar.

O cientista que existia dentro dele ficou muito satisfeito com o prolongado som de tecido rasgado que resultou da ação.

Reprimindo um sorriso, ele se derramou numa série de elegantes pedidos de desculpa – de modo surpreendentemente natural. Georgiana permaneceu calma, numa situação que levaria muitas damas à histeria. A costura na cintura do vestido tinha se separado e estava aberta, revelando sua roupa de baixo.

– Caminho por trás de você – disse Olivia para a irmã. – Temos apenas que atravessar a sala e subir a escada.

– Bobagem – disse Quin. – Eu causei todo esse prejuízo e vou carregá-la até seus aposentos. Srta. Georgiana, a senhorita torceu o tornozelo.

Ele a ergueu e descobriu que ela não pesava quase nada. Era como segurar um pássaro, nada além de ossos ocos e penas.

Georgiana não disse nada, mas respirou fundo, ansiosa.

– Olivia, você terá de nos acompanhar – disse Quin, olhando para trás. – Posso levar sua irmã, mas preciso que nos faça companhia.

Sem esperar resposta, ele entrou pelas portas abertas. Um burburinho crescente os saudou, conforme as pessoas perguntavam sobre o acidente ocorrido com Georgiana.

– É apenas um tornozelo torcido – repetia Olivia, caminhando na frente dos dois.

– Estou perfeitamente bem – disse Georgiana, com a voz tranquila como sempre. – Na verdade, acho que vou repousar um pouco e então voltar ao

salão.

– Eu a entregarei à sua criada – anunciou Quin, garantindo que todos por perto haviam ouvido. – A senhorita, é claro, deve decidir se é aconselhável retornar. Ninguém quer vê-la dançar com o tornozelo machucado, Srta. Georgiana.

Aquela conversa fiada durou até chegarem à escada. Quin começou a subir, pensando na diferença entre as irmãs. Georgiana parecia uma trouxa de plumas, em seus braços, enquanto a ideia de segurar Olivia daquele jeito... de levá-la para cima, para o quarto...

Ele acelerou. Quando chegaram ao alto da escada, ele se deslocou para o lado de modo a permitir que Olivia passasse na frente.

Assim que entraram no quarto de Georgiana, ela se libertou dele de modo educado, mas firme, e fez uma reverência perfeitamente calibrada.

– Muito obrigada por me ajudar, Vossa Graça.

– Fico feliz em ser útil, afinal de contas, fui o responsável pelos seus problemas. E acho que poderíamos nos chamar pelo nome – disse ele, pegando a mão dela e beijando. – Os mais chegados me chamam de Quin.

Houve algo de estranho no olhar dela, algo que ele não conseguia interpretar, pelo menos não do mesmo jeito que conseguia ler o olhar de Olivia.

– Posso chamá-la de Georgie? O nome combina com você.

Ela assentiu.

– Ficaria honrada. – Então virou-se para a irmã. – Olivia, eu me encontrarei com você lá embaixo dentro de meia hora aproximadamente. Mais uma vez, obrigada, Vossa Graça.

– Meu nome é Quin – insistiu ele.

Era realmente uma jovem muito séria. O sorriso não se aproximava do olhar.

– Claro – concordou ela.

Então fechou a porta na cara dos dois.

Olivia olhou fixamente para a porta, franzindo a testa, mas Quin não dava a mínima para o que Georgiana pensava ou sentia. Olhou rapidamente em volta e percebeu, para sua profunda satisfação, que não havia ninguém à vista

e que ninguém os veria lá de baixo. Sua mão se fechou na de Olivia como um torno e ele a arrastou pelo corredor, escancarou a porta do seu quarto e a jogou para dentro como se fosse uma criança desobediente.

– O que pensa que está fazendo? – perguntou ela, ríspida, num sussurro.

Quin sabia não apenas o que estava pensando como o que ela estava pensando também. Podia protestar quanto quisesse, mas ele aprendera a ler o seu olhar.

Sem uma palavra, ele fechou a porta e a jogou contra ela, abaixou a cabeça até sua boca, alimentado a paixão selvagem, ardente, que sempre existira entre os dois.

– Quin – disse ela, com dificuldade, mas ele estava inclinando a sua cabeça, incapaz de pensar, o corpo inteiro transformado em uma bola de desejo feroz. Estava consumido pelo desejo de tocá-la, pelo desejo de possuí-la, pelo desejo de estar dentro dela.

– Preciso de você – disse ele, quase a gaguejar. Passou as mãos pelo traseiro dela e puxou para junto de si, mais perto ainda, grudando-se naquele corpo exuberante. – Olivia! – O nome dela veio num tom baixo e profundo, como um pedido ou uma oração. Ela estava na ponta dos pés, retribuindo os beijos, mas ainda não bastava.

Num giro suave, ele a tirou do lugar onde estava, junto à porta, e colocou-a na cama. Abaixou-se sobre ela lentamente, garantindo que cada centímetro dele encontrasse sua maciez, observando-a para ver se ela compreendia o que ele estava fazendo.

Ela soltou um som doce e incompreensível, mais como uma exclamação, mas não disse nada. Também o beijava e seu corpo parecia macio sob aquelas coxas musculosas, seus dedos prendiam o cabelo dele.

Ficaram ali, sem se mover muito por longos minutos. Não eram beijos do jeito que Quin sempre pensava em beijos. Achava que sabia exatamente o que era um beijo: uma carícia de lábios que poderia ou não envolver a exploração da boca da destinatária pela língua do doador.

Mas nada se comparava àquilo. Era um inferno e uma conversa, tudo ao mesmo tempo. Sentia cada toque com dupla ferocidade: a forma como ela acariciava o cabelo dele com os dedos, e então se fechava de modo quase

doloroso se ele jogava os quadris para a frente. O hálito dela, doce e com perfume de chá e limão. Os pequenos sons que produzia no fundo da garganta, encorajando-o a ir em frente, dizendo a ele, sem palavras, que...

Ele recuou e ficou olhando para ela, passando uma mão possessiva pelo pescoço, pelos ombros, continuando até os seios. Sentiu que ela estremecia ao seu toque.

Olivia abriu a boca, prestes a falar, e por isso ele colocou o dedo sobre seus lábios. A ponta da língua escapuliu e tocou o dedo. Ele apertou só um pouquinho, permitiu que o dedo deslizesse para dentro daqueles lábios macios, para dentro daquele calor líquido. Um gemido saiu do seu peito reverberando por todo o seu corpo.

Era a cristalização de seus pensamentos.

– Não me casarei com Georgiana.

Ele foi brusco, porque não era bom com as palavras, embora fosse um pouco mais fluente perto de Olivia. De algum modo, conseguia falar com ela.

Os olhos dela se abriram, escancarados, e o corpo inteiro ficou rígido.

– Meu Deus, sou a pior irmã do mundo. Deixe-me levantar!

Ele balançou a cabeça, arrastando o polegar pela curva do queixo dela.

– Sua pele é linda.

– Estou enjoada – disse ela, com a voz baixa e brava. – E você... Você está me seduzindo.

– Estou.

– Pare. E me deixe sair.

Com relutância, ele rolou para o lado, mas manteve o braço sobre o corpo dela.

– Não posso me casar com ela e isso não tem nenhuma relação com você.

– Mentiroso!

Ela o olhava com fúria e ele saboreou aquilo por um momento. Olivia era como uma chama.

– Na realidade, nunca minto.

– Está mentindo agora. Se nunca tivesse me encontrado, teria se casado com Georgie e ficariam felizes como dois percevejos numa cama ou, mais a calhar, como dois alquimistas num laboratório.

– Não posso saber com certeza, claro, mas acho que não. Só depois que minha mãe trouxe lady Althea e a Srta. Georgiana para cá foi que eu percebi que não conseguiria simplesmente me casar com alguém que ela escolhesse para mim.

– Ela escolheu certo – disse Olivia, teimosa como sempre. – Vocês são perfeitos um para o outro. O que há entre nós é apenas um incêndio florestal, como disse. Temporário. Vai se extinguir. Deixe que eu me levante, por favor.

– Não acredito que eu saiba o que é o amor, pelo menos o tipo que as pessoas falam, entre homens e mulheres. Mas arriscaria dizer que algumas pessoas caracterizam o sentimento que tive por Evangeline como amor. Acho que *me importar* é uma descrição melhor, especialmente quando se compreende que a expressão inclui um desejo duradouro.

Ela parou. Ergueu uma das mãos, tocou no rosto dele.

– Sinto muito.

– Não foi um bom casamento. Ela não estava apaixonada por mim e tinha uma profunda necessidade de ficar com outros homens. Era problemático. Mas eu me importava com ela, mesmo depois que ela me traiu e finalmente me deixou. Não podia impedir. É estúpido, eu sei.

Olivia se debruçou e deu-lhe um beijo, ficando grudada nos lábios dele.

– Na realidade, deveria estar orgulhoso da sua lealdade. Você é maravilhoso, Quin.

– Não, sou bastante tolo. Eu deveria ter me detido. De algum modo.

– Acho que ninguém tem a capacidade de escolher se vai ou não se apaixonar.

– Exato – disse ele, com profunda satisfação. – Concordo. Quando disse que não minto, falava a sério.

Ela balançou a cabeça.

– Devo retornar ao salão de baile, caso Georgie decida participar da festa.

– Eu estava tentando dizer alguma coisa.

Ele tentou lembrar o que era, mas sentiu que o corpo inteiro estava concentrado nas curvas doces e cheias dos lábios dela.

– Não mente nunca – disse ela, sentando-se e interrompendo o contato visual. – Eu acredito.

– Não sou bom em... interpretar frases complexas.

Ela ergueu os joelhos e envolveu-os com os braços, então repousou o queixo neles, olhando para Quin com curiosidade.

– No entanto, é uma das pessoas mais inteligentes que conheço.

– Só porque você não frequentou a universidade.

Ela deu uma boa risada.

– A maioria das pessoas se comportaria com falsidade diante do cumprimento, e insistiriam que estou exagerando.

– Como disse, não minto. Há uma possibilidade extremamente boa de que eu seja a pessoa mais inteligente que conhece. Mas não significa que eu seja o mais sábio. Veja só o fato de me importar tanto com Evangeline.

– Um fato que demonstra sua humanidade.

– É um modo infeliz de alcançar a humanidade – disse ele, ácido. – O que quero dizer é que não poderia ter feito aqueles votos sem levá-los a sério.

– Votos? – O olhar de Olivia se transformou. – Ah. Os votos matrimoniais.

– Na alegria e na tristeza – citou ele. – Na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe.

Ela engoliu em seco.

– Pobre Evangeline.

– Ela faz parte do passado agora. – E ele falava a sério. – Mas não posso dizer tais palavras para qualquer uma. Significam muito para mim. São poderosas.

– Apesar de Evangeline não ter respeitado esses votos?

– Sim. Sabe como ela morreu?

Olivia abraçou os joelhos com mais força.

– Não.

– Estava me deixando. Tinha decidido fugir para a França com o amante do momento, um sujeito absurdo chamado Sir Bartholomew Fopling.

Olivia engasgou.

– Não estou brincando – disse ele. – Fopling era um homem de muitos dons. Sabia cantar em diversos idiomas, dançar quase tudo que merecia ser dançado, suas gravatas estavam sempre perfeitas. De qualquer maneira, ela e Fopling levaram Alfie com eles. – Ele parou e pigarreou. – Decidiram partir para a França, embora uma tempestade estivesse chegando. Foram aconselhados a não embarcar, mas Evangeline subornou o capitão. Estava apavorada que estivesse sendo seguida, que eu a alcançasse.

– Tem certeza de que quer me contar essa história?

– Por que não? Não é mais do que sua criada contaria, se você perguntasse.

– E você a seguira?

– Quase matei meu cavalo, tentando fazer com que galopasse mais depressa, mas era tarde demais. O diabo é que ainda sonho com aquele cais. Haviam partido e tudo o que eu conseguia ver era o mar agitado. O barco afundou a apenas uns dois ou três quilômetros da costa.

Houve um momento de silêncio.

– Suponho – disse Olivia, devagar – que uma futura duquesa não deva pronunciar palavras de baixo calão, especialmente relacionadas aos mortos. Então eu diria o seguinte, Quin, enquanto tento não praguejar: sua esposa era uma besta.

Ele sentiu um sorrisinho maroto nos lábios.

– Faz muito tempo. Cinco anos. Praticamente uma vida.

– Bobagem – disse ela. – Nunca se supera a perda de uma pessoa amada. Especialmente de uma criança.

Não havia necessidade de responder àquele comentário. Era cruelmente verdadeiro.

– De qualquer modo, não posso me casar com Georgiana. – Ele tornou a dizer. Então acrescentou: – Nunca.

– Acho que você poderia vir a amá-la... ou *se importar* com ela, se preferir assim.

– Evangeline não foi fiel a mim, mas eu fui fiel a ela. Sentia um desejo tão febril que houve vezes em que tive dúvidas da minha capacidade de manter o autocontrole. Embora, claro, eu tenha mantido.

Uma sombra passou pelos olhos dela.

– Evangeline jogou fora algo que todas as mulheres deste reino adorariam ter. Ela não o merecia.

– Merecendo ou não, eu era dela. Quando ergui sua irmã escada acima, não senti a mínima sombra de desejo.

Olivia fez uma cara feia.

– Georgie tem uma silhueta perfeita. Na verdade, é perfeita em tudo.

– Parecia que eu estava carregando uma criança pela escada, só pernas e cabelo.

– Ela é *elegante* – decretou Olivia. – Eu seria capaz de matar para ter aquele corpo.

– Verdade?

– Claro. Sempre quis ser exatamente como ela. Embora, obviamente, nunca tenha querido o suficiente para evitar a comida – acrescentou ela.

– É uma loucura. Você tem tudo o que ela não tem.

Olivia abriu a boca, pronta para discutir.

– *Tudo* o que ela não tem.

Ela fez uma careta.

– Inclusive eu.

Capítulo 18



Loucura, em todas as suas formas

As últimas duas palavras de Quin, pronunciadas com a tranquilidade racional que o caracterizava, abalaram Olivia inteiramente.

– O quê? – sussurrou ela. – O que está dizendo?

– Estou dizendo que me importo com você. De modo embaraçoso, parece que me importo mais com você do que me importei com Evangeline. Pode ser que eu esteja louco. – Ele fez uma pausa, pensativo. – Não percebo, porém, outros sinais de fraqueza mental, por isso estou inclinado a reconhecer simplesmente que se trata de uma fraqueza humana. Estou relutante em rotular como um defeito.

Ela balançou a cabeça, atordoada.

– Talvez eu seja apenas o tipo de homem governado pelo desejo.

Olivia respirou fundo.

– Sinto-me honrada pelo que disse. Garanto que nenhuma mulher considera ruim ouvir que é objeto de desejo. Mas deve me ouvir, Quin. Não trairei Rupert, abandonando-o enquanto ele está no estrangeiro, na guerra. Acima de tudo, jamais trairei minha irmã. Você fez companhia a ela no jardim durante quase uma hora. Você a trouxe aqui para cima. Você a cortejou.

– Não fui mais cortês com ela do que seria com qualquer jovem hospedada sob o meu teto.

– Ficaria sentado no banco do jardim por quase uma hora com qualquer jovem? Não consigo imaginá-lo fazendo isso com qualquer outra convidada.

– Sua irmã é dona de uma inteligência notável. Conversamos sobre ciência. É um prazer dialogar com ela. No entanto, uma conversa de quarenta e cinco minutos de duração não me obriga a me casar com ela.

– Junte tudo. Significa que ela tem uma expectativa razoável de vir a se casar com você. E eu nunca, jamais frustrarei o desejo dela. Se vocês dois não se casarem, seja lá por qual motivo, que assim seja. Não vou tolerar que digam que roubei o pretendente de minha irmã.

Ela se levantou.

– Preciso prender o cabelo...

Ele a segurou com uma veemência silenciosa, numa onda de poder e velocidade.

– Não se case comigo – disse ele, apertando-a com força.

– Não me casarei!

Mas Quin percebeu que a voz dela não estava firme.

– Só não finja que não deseja isso. Que não existe nada entre nós que extrapole em muito aquilo que compartilhei com Evangeline e você com Montsurrey, ou mesmo com sua irmã.

O coração de Olivia batia tão alto que ela achou que ele devia ser capaz de ouvir.

– Acho que não importa.

– Não importa? – berrou ele. – O que importa mais do que isso? O quê?

– Silêncio – disse ela, incisiva. – Serei obrigada a me casar com você se formos encontrados aqui, e nunca o perderei por isso.

Ele a puxou um pouco mais para perto, de um jeito que o corpo dela ficou pressionado contra o dele.

– Não sabe o que quero dizer porque nunca perdeu alguém. Não há nada que importe mais, nem a ciência, nem as hipóteses matemáticas, nem meu título, nem minhas terras... Nada.

– Existe a honra – disse ela, sentindo uma dor acertar seu coração como uma flecha. – Minha honra. Não posso trair minha irmã nem Rupert.

Algo mudou no olhar dele.

– Seu amor não é tão infinito quanto o mar, nem tão profundo.

– Eu nunca disse a você que o amava, muito menos com esse tipo de metáfora – retrucou ela, mantendo a firmeza na voz. – Mal o conheço.

Os dedos dele apertaram com mais força os quadris dela, como se ele fosse discutir. Olivia sentiu um tremor profundo. Ele sabia o que ela sentia por ele.

Mas ele a soltou.

– Minha mãe sempre disse que sou um tolo incorrigível quando se trata de emoção. Raramente sinto, mas, quando sinto, é como uma espécie de loucura.

Olivia sacudiu as saias, evitando olhar para ele. Tinha a mesma espécie de loucura, embora não pudesse dizer. Se dissesse... ele a tomaria. Via em seus olhos. Ele berraria “É minha!” e convocaria todos os convidados para o quarto.

E ela teria de viver com a ideia de ter ferido – e traído – a própria irmã.

Não.

– Estou me recolhendo para meus aposentos por alguns minutos e depois voltarei para a festa – declarou ela. – Se fizer a gentileza de retornar agora para o baile, há uma chance de que ninguém tenha percebido que nós dois estávamos ausentes.

Ele se curvou e ela passou por ele, fechando a porta silenciosamente.



O pulso de Olivia não se acalmou antes que Norah tivesse prendido seu cabelo de novo e ela retornasse ao quarto da irmã.

– Georgie?

Georgiana estava sentada perto da lareira, lendo um livro. Era o retrato da serenidade.

– Já passou tempo suficiente para que eu possa descer de novo?

– Acredito que tenha repousado seu tornozelo o suficiente – disse Olivia, conseguindo sorrir.

– Não acha que devo fingir que estou mancando, não é?

– Claro que não. Você banhou o pé em vinagre e água fresca... embora naturalmente não seja tão indelicada a ponto de mencionar os detalhes. Sentiu-se melhor na mesma hora. Talvez não deva dançar.

– Não será um sacrifício. Não gosto de dançar. – Georgiana levantou-se e ajeitou o cabelo diante do espelho.

– Não gosta de dançar? – perguntou Olivia, surpresa. – Eu não fazia ideia.

– Estou descobrindo que existem aspectos da vida de uma duquesa que eu não aprecio – respondeu a irmã, virando-se. – Dançar, por exemplo. E também não gosto de conversar sobre bordado, como aconteceu esta tarde, com a mãe de Althea. Foram duas horas.

– Você conversou – disse Olivia. – Eu entrei em algo parecido com um estupor.

– Se houvesse um caixão disponível, eu teria me jogado nele.

Olivia riu.

– Georgie! Não está parecendo você.

– Acho que estou me tornando eu mesma. – Georgiana não riu. – No jardim, falei com o duque sobre a composição da luz.

O riso de Olivia se calou no mesmo instante.

– Claro. E isso foi bem mais interessante do que bordado. Naturalmente que foi.

– Não é justo que eu não possa ir para a universidade – respondeu a irmã, com olhos ferozes como os de um falcão com um cordão prendendo suas patas. – Eu poderia fazer isso, Olivia. Poderia fazer tão bem quanto ele. Talvez melhor.

– Mesmo?

A irmã assentiu, seca.

– Não sei nada... tão profundamente. Mas seria uma questão de estudar. Como aprender a ser uma duquesa, só que bem mais interessante! – A exclamação saiu do fundo da sua alma.

Olivia parou de forma abrupta.

– Está dizendo que aprendeu a ser uma duquesa apenas porque era o único tema de estudo disponível?

Georgiana passou por ela e saiu para o corredor.

– Você sempre foi emotiva demais. Recebemos uma tarefa. Podíamos fazê-la bem ou mal. Escolhi fazer bem. Você permitiu que a emoção atrapalhasse suas realizações.

Olivia a seguiu e tomou sua mão.

– Georgie!

– Sim? – Os olhos da irmã pareciam frios.

– Está zangada comigo?

Ao ouvir essas palavras, o olhar de Georgiana ficou mais brando.

– Não, de modo algum. Estou zangada pelo fato de ter sido treinada para ser a esposa de um duque. Mesmo se tivesse sido treinada para ser a esposa de um cientista, não teria sido suficientemente bom para mim.

– *Você quer ser a cientista.*

Houve um aceno ríspido.

– Gostei de conversar com o duque. Mas, ao mesmo tempo, senti tamanho ressentimento que poderia ter me engasgado.

Olivia se aproximou e beijou o rosto da irmã.

– Você poderia estudar qualquer coisa que quisesse, Georgie.

A irmã deu de ombros, um gesto pouco refinado que revelava melhor do que as palavras que ela estava a ponto de ceder à tensão.

– Falo sério! – prosseguiu Olivia, fechando a porta do quarto. – Para que precisa de uma universidade? Está tudo nos livros, e podemos conseguir todos os livros que você quiser ler.

– Está se referindo a você e Rupert?

– Exatamente. E poderíamos chamar um professor vindo de Oxford ou Cambridge. Pagaremos para que ele ensine tudo o que você não conseguir aprender apenas nos livros. Você vai aprender rápido como um raio, Georgie.

– Eu poderia. – A voz dela ficou mais alta. – Realmente poderia.

– Depois que se casar com Sconce, você vai ter condições de comprar qualquer livro que quiser, e além disso poderá discutir suas ideias com ele.

Nem é preciso dizer que nem Rupert nem eu seríamos capazes de fornecer qualquer conversa intelectual séria.

Georgiana avançou pelo corredor, mas parou.

– Sei que eu disse a você que ele era perfeito, Olivia. Mas não é. Não há uma faísca. Nada.

– Talvez com o tempo? – arriscou Olivia, obrigando-se a proferir as palavras.

– Achei... Realmente achei que quando eu encontrasse o homem ideal eu sentiria algo. Um desejo de estar com ele. Paixão, amor, seja lá o nome que você escolher. A princípio achei que era isso o que estava experimentando com Sconce. Gosto de conversar com ele. Mas não quero chamá-lo por aquele apelido ridículo, Quin.

– Não gosta do nome dele?

Georgiana começou a descer a escada.

– Parece uma fruta, uma espécie de marmelo.

Olivia fitou as costas da irmã, afastando o sentimento alegre de alívio que tomava conta de seu corpo inteiro.

– Mesmo que ele não tivesse a aparência do cruzamento de uma zebra com um marmelo – disse Georgiana, olhando para trás. – Ele não me olha como olha para você.

– Ele não... – disse Olivia, debilmente.

Georgiana deu meia-volta quando chegaram ao andar de baixo.

– Não sou *estúpida* – salientou ela, desnecessariamente. – Posso ter desejado me casar com Sconce antes de conhecê-lo melhor. Mas, mesmo se ainda quisesse me casar com ele, o que não quero, não sou um osso que você pode lançar para ele simplesmente por se sentir culpada demais para agir de acordo com os seus sentimentos.

– Não penso em você como um osso.

Os olhos da irmã ficaram mais duros.

– Se você o deseja, Olivia Lytton, *fique com ele*. É um duque, pelo amor de Deus. Tem a chance de deixar mamãe e você mesma felizes. Rupert logo voltará, e o cérebro dele não vai funcionar melhor do que quando deixou o país. O que está esperando?

– Rupert – disse Olivia, com a voz fraca. – Não posso trair Rupert.

– Você trairia Rupert se entregasse Lucy aos ciganos. Pessoalmente, acho improvável que ele lamente por mais de cinco minutos o fato de não se casar com você.

– Achei... – Olivia sentiu um nó na garganta. – Achei que ia trair você.

O sorriso de Georgiana era fulgurante.

– Se eu o quisesse, teria duelado por ele com você. Floretes ao alvorecer. Mas não o quero.

Olivia agarrou-a e deu-lhe um abraço, com cuidado para não desarrumar seu cabelo.

– Vamos providenciar um dote, Georgie. Sabe disso.

– Sei – disse ela. Parecia mais feliz do que nunca, muito mais do que estava quando adentraram o salão de baile em sua primeira temporada. – É melhor que cuide disso. Porque, caso tenha passado por sua cabeça, não vou substituí-la e me casar com Rupert. Ainda sinto enjoos só de pensar na cena da biblioteca. Prefiro permanecer uma solteirona. Se conseguir livros em número suficiente para ler, farei exatamente isso.

– Pode fazer o que quiser – disse Olivia, sentindo um calor febril tomar conta de seu corpo. – Basta que uma de nós seja sacrificada no altar ducal.

Georgiana começou a rir tanto que dois cavalheiros se viraram para ver o que estava acontecendo.

– Se você está se sacrificando, então devemos ser mesmo muito sortudas.

Olivia sentiu o rubor chegando às faces.

– Eu sei...

A irmã tocou seu rosto rapidamente com a ponta do dedo.

– Você merece, depois de toda a gentileza que demonstrou para Rupert. Podemos encontrar uma esposa para ele, sabe. Althea não, mas alguém com compreensão e bondade.

– E inteligência suficiente para administrar a propriedade – disse Olivia. – Acha realmente que...

Georgiana abriu um sorriso maroto e então olhou para o lado.

– Minha nossa, parece que o duque está dançando com Annabel Trevelyan. Ela ia adorar se tornar a duquesa.

Olivia girou e ouviu a risada da irmã. Viu então Quin, encostado à parede, olhando para os dançarinos com ar melancólico.

– Ele fica onde consegue vê-la – disse Georgiana em seu ouvido. – E se você atravessasse o salão e entrasse na biblioteca... ele a seguiria.

– Eu não ousaria – disse Olivia, sentindo o coração na boca.

– É essa a mulher mais corajosa que conheço? – zombou Georgiana. – A mulher que entrou no escritório de papai com Rupert sabendo que as horas seguintes incluiriam a experiência mais desagradável que qualquer uma poderia suportar? Você tem coragem, Olivia. Use-a.

Olivia respirou fundo. Naquele momento, Quin virou a cabeça. Georgiana estava certa: ele estava verificando onde ela se encontrava.

Ele a amava. Ou melhor, nos termos dele, ele *se importava* com ela.

Quase sem ver o que estava fazendo, ela adentrou o salão deixando para trás o som da risada de Georgiana. No momento preciso, olhou para Quin e deixou que seus olhos fizessem o convite.

Ele endireitou-se no mesmo instante e os olhos se iluminaram em resposta. Ela foi em frente, ziguezagueando pelo salão, parando para responder saudações e se livrando das pessoas o mais rápido que podia, recusando-se a dançar. Era como um jogo, o mais emocionante de que já participara.

Quin, com toda a certeza, estava atrás dela, seguindo-a. Olivia seria capaz de apostar sua vida que ele não resistiria ao olhar que ela havia lançado. O poder era inebriante... vibrava em seu sangue, fazia os joelhos perderem a firmeza.

Do outro lado do salão, ela foi direto para a porta que conduzia à biblioteca, abriu-a e entrou.

O cômodo estava tranquilo, vazio a não ser pela presença de um lacaio. A duquesa não acreditava que os convidados deviam ter oportunidade de praticar namoricos e com este fim mantinha criados em cada aposento.

Olivia fez um sinal para o homem.

– Roberts. Tem sido uma noite tranquila?

O lacaio descansou de sua pose rígida ao reconhecê-la.

– Três casais até agora – disse ele, com um sorriso maroto no rosto.

– Deixe-me adivinhar... estão fazendo apostas?

– Para cada aposento – disse ele. – Dois pence por cômodo. Apostei que cinco casais tentariam ficar aqui.

A porta se abriu silenciosamente atrás dela. Não precisaria se virar. O ar mudava quando ele estava próximo.

– Roberts – disse Quin. Sua voz profunda fez com que ela sentisse arrepios. – Sua Graça sem dúvida tem necessidade da sua presença nos fundos da casa.

Roberts era bem treinado demais para demonstrar sequer uma ponta de curiosidade. Ele fez uma saudação e partiu tão silenciosamente quanto Quin havia entrado.

Só então Olivia se virou.

Ele era magnífico: ombros largos, parecendo ainda maiores na casaca azul-escura que ressaltava o verde de seus olhos.

O brilho naqueles olhos fez com que ela recuasse um passo.

– Quin! – guinchou, ofegante, tola, como uma menina de 13 anos.

– Convocou-me – disse ele, direto como sempre. – E aqui estou, Olivia. Espero que tenha tido essa intenção, pois acredito que nunca serei capaz de resistir a você.

Ela não conseguia pensar no que dizer. Ele era tão belo... esguio e forte e musculoso. Até o cabelo era extraordinário.

Enquanto ela era gorducha e comum.

Ele deu um longo passo e se aproximou. Quando estavam muito próximos, o contraste entre eles era ainda mais óbvio. Era impossível. Ele tomou suas mãos e levou-as até os lábios, provocando-lhe mais arrepios.

– Sou gorda – balbuciou ela.

– Não é gorda. É a mulher mais bela, mais voluptuosa que eu conheço. – Os olhos de Quin passearam pelo corpo dela de forma deliberada, lenta, e então voltaram para seu rosto. O que ela viu neles fez com que um fogo começasse a arder em sua barriga e mais embaixo.

– Quero todos os centímetros de você – disse ele, num sussurro. – Quero cair de joelhos e adorar seus quadris. – Estendeu os braços e acompanhou-lhe

as curvas, dos seios aos quadris, com um gesto ardente de uma das mãos, algo que um homem só teria permissão para fazer em sua esposa.

Mas Olivia não seria capaz de suportar se ele se arrependesse depois... se visse em seus olhos o mesmo desencanto que via constantemente nos olhos da mãe. Apressou-se.

– Não serei uma duquesa muito boa. Acho que a viúva não gosta muito de mim. Ela ia preferir que você se casasse com Georgiana. Na verdade, tenho quase certeza de que ela ficaria chocada pela ideia de vê-lo casado comigo.

– É precisamente por isso que minha propriedade é equipada com uma residência para a duquesa viúva. Não vou me casar com minha mãe. Vou me casar com você.

Os olhos verde-acinzentados de Quin estavam tão... ela nunca havia sonhado que um homem a olharia daquele jeito.

Mas tinha uma lista, uma lista na sua cabeça, das características que a desqualificavam para o posto de duquesa de Sconce.

– Faço piadas grosseiras. Quer dizer, meu senso de humor não é muito ducal.

Os olhos dele riam, embora o rosto se mantivesse neutro.

– Conheço apenas um poema semelhante, que o primo Peregrine me ensinou quando éramos crianças. *Era uma vez uma dama de Almada, que um belo dia foi nadar na lagoa.*

Fez uma pausa, esperou... um convite. Olivia sentiu que estava ficando cor-de-rosa.

– *Um homem na canoa* – disse ela baixinho – *enfiou a vara na água à toa...*

Ele continuou o verso:

– *E disse: Aqui não pode nadar, propriedade particular.* A verdade é que nunca entendi muito bem. Estou certo quando penso que a dama é de Almada pois está nadando *pelada* e não *na lagoa*?

– Está sim.

– Entendo a *vara*. Mas se é preciso explicar, não é tão engraçado. Tem certeza de que quer ficar com alguém que não apenas consegue extirpar todo

o humor de um jogo de palavras malicioso, como também tem absoluta necessidade de fazer isso para entender o sentido?

– Tem certeza de que quer ficar com alguém que não compartilha do seu amor pela ciência? Tenho medo...

– Medo do quê, minha querida?

– Você vai se entediar comigo – ela falou apressadamente. – Não consigo falar sobre a qualidade da luz, e se você me explicar funções matemáticas, com certeza vou cair no sono. Tenho uma mente muito trivial.

– Você compreende a emoção. Eu não. Não quer dizer que minha mente seja inútil. Gostamos de coisas diferentes. Por que deveria aborrecê-la falando de matemática? Em vez disso, você pode me ensinar a rir.

Algo parecido com um soluço subiu na sua garganta.

– Vai ensinar versos marotos a nossos filhos, em vez de cantigas de ninar? – perguntou ele.

Ela ponderou.

– Talvez.

– Então terá que me ensinar primeiro. Lamento dizer que Alfie nunca aprendeu uma única poesia.

As mãos dele se apoiaram nos ombros dela, deslizaram para seu cabelo, puxando fios com seus dedos.

– Sabe que eu me peguei querendo falar sobre Alfie pela primeira vez, desde que ele morreu? Disse o nome dele em voz alta para você e não tenho a sensação de que estou caindo num poço escuro.

Ela engoliu em seco.

– Acha – começou ele, com delicadeza – que devemos conferir a um de nossos filhos aquele nome infeliz de Alphington? Só para que ele seja... lembrado?

– Ah, Quin – sussurrou ela. Então, como a pergunta não necessitava de resposta, pois ele sabia a resposta tão bem quanto ela, Olivia prosseguiu: – E quantos filhos você acha que teremos?

– Muitos? – Os olhos dele estavam grudados nos dela. – Sempre quis que a casa estivesse cheia de crianças, tantas que ninguém pudesse se sentir sozinho.

O coração de Olivia ficou apertado por causa dos dois pequenos e solitários futuros duques, Quin e Alfie.

– É por isso que você empinava pipas com ele? Para que Alfie não se sentisse sozinho?

– Evangeline se recusou a ter mais filhos. Ficou horrorizada pelas mudanças em seu corpo. Ainda mais porque eu adorava como ela havia ficado.

– Verdade?

– Achava que ela nunca tinha estado tão bela. E ela achava que nunca tinha sido tão repugnante. Não me deixou tocá-la, nem mesmo vê-la sem roupas, durante dois anos.

Olivia piscou.

– Então ela não foi infiel durante todo o tempo em que estiveram casados?

– Ela foi. – Quin disse aquilo com uma voz calma, como se estivesse conversando sobre o clima. – Tinha sentimentos diferentes em relação a mim e seus amantes.

Olivia pensou, não pela primeira vez, que não fazia sentido exprimir em voz alta o que pensava sobre Evangeline.

– Não quero falar sobre minha primeira esposa – disse Quin. – Na verdade, preferia nunca mais falar no nome dela.

– Tem certeza? Sou tão sem graça quando comparada a você, Quin.

O ar de completa perplexidade no olhar dele não poderia ser fingido.

– Que diabo quer dizer? Você é linda, engraçada, e todos nesta casa a amam. – Em seguida acrescentou: – Com a possível exceção da minha mãe, mas ela aprenderá a gostar de você.

Um soluço escapou dos lábios de Olivia, trazendo consigo uma ou duas lágrimas.

– Não – disse Quin, puxando-a para seus braços. – Nada de lágrimas.

Ele começou a beijá-las, roçando com os lábios o rosto dela, sem parar, na mais suave das carícias.

Olivia se acomodou em seus braços.

– Importa-se em me dizer exatamente o que a trouxe a este aposento? – Quin sussurrou entre beijos. – Quando a vi, uma hora atrás, estava pronta para me sacrificar em nome da honra.

Olivia riu, um tanto nervosa.

– Sinto-me terrível por Rupert. Mas Georgie diz que vamos encontrar a esposa certa para ele: uma pessoa compreensiva, forte e bondosa.

– Ah, então sua irmã percebeu a verdade.

– Disse que não existe uma faísca entre vocês dois.

– Como eu lhe falei. – Havia uma profunda satisfação na voz dele. – Sua irmã seria uma cientista extremamente competente.

– Ela é uma cientista extremamente competente e será brilhante assim que comprarmos todos os livros que ela quiser. Papai nunca permitiu, sabe? Achava que os livros não eram apropriados para as damas. Mamãe concordava.

Quin bufou.

Ela se aninhou ainda mais, aproveitando os braços fortes em torno de si, o cheiro masculino, de especiarias, do peito dele, o aço de seu corpo...Aquela rigidez contra seu abdome que deixava claro, sem palavras, o que ele queria dela. Que ele achava que cada centímetro de seus seios, da sua barriga e quadris merecia ser beijado.

– Sinto algum remorso por roubá-la de Montsurrey. Roubar a noiva de um homem enquanto ele serve a seu país não é muito honroso.

Olivia apoiou-se nele, deixando aquele calor tomar seu corpo inteiro.

– Rupert teve um nascimento complicado – tentou explicar. – Nunca será tudo o que poderia ser.

– Ele já é mais do que o suficiente – disse Quin com simplicidade. – Está servindo a seu país, arriscando a vida para proteger a Inglaterra.

Mais algumas lágrimas chegaram à casaca de Quin.

– Tem razão.

– Sempre seremos amigos dele. – Era uma espécie de juramento. – Ele a tinha, e agora eu a estou tomando, e nunca esquecerei o que o obriguei a deixar.

Olivia fungou de forma pouco elegante e aceitou o lenço que ele lhe ofereceu.

– Rupert ficaria mais ressentido se você tomasse Lucy.

Quin riu.

– Falo sério – protestou ela. – E Georgie concorda.

Ele levantou a cabeça dela, voltou a beijar seus olhos úmidos. Então sua boca encontrou a dela. E as mãos estavam em toda parte: possessivas, clamando, marcando.

Olivia desmanchou-se como se sempre tivesse pertencido ao corpo dele. O beijo de Quin era doce, mas havia também uma demanda implacável, um ataque devastador. Os braços de Olivia envolveram o pescoço dele e ela o agarrou, abrindo a boca, convidando-o. Sua cabeça rodava com aquele perfume másculo, com aquele gosto de champanhe e de algo mais, algo que pertencia intrinsecamente a Quin.

Aquele beijo fez com que ela se sentisse selvagem e intensamente viva. A mão dele estava no seu rosto, inclinando-lhe a cabeça, enquanto a beijava com ferocidade.

Aquilo era *intimidade*, percebeu ela de repente.

Quin mordiscou-lhe o lábio inferior e Olivia estremeceu como se tivesse sido atingida por um vento frio. Ele reagiu com um pequeno grunhido e jogou a cabeça dela mais para trás. Sua boca deslizou pela curva do queixo, fazendo com que ela se mexesse indócil sob ele. Os braços passavam mais devagar pelas costas, puxando-a ainda mais para perto dele.

Olivia ficou nas pontas dos pés, tão concentrada pelo calor intoxicante daqueles braços, daqueles lábios que...

Que quase não ouviu quando a porta se abriu.

Capítulo 19



Muitos beijos espontâneos e também de outros tipos

Olivia afastou-se com uma exclamação e se virou, ainda nos braços de Quin. A viúva não parecia zangada nem recriminadora. Ela apenas os encarava.

- Tarquin – declarou ela.
- Mãe – respondeu Quin, sem tirar os braços de Olivia.
- O que pensa que está fazendo?
- Beijando Olivia – disse Quin. – Espontaneamente.

A testa da duquesa poderia ter se franzido, mas era preciso admitir que ela não era adepta de expressões faciais extravagantes desse tipo.

- Srta. Lytton, eu poderia fazer a mesma pergunta para a senhorita.

Olivia pensou em dizer “Estou sendo beijada”, mas decidiu que a dissimulação seria a opção mais prudente.

– Acredito que a exaustão da noite tenha provocado um inesperado nível de exuberância indesejável – disse ela, recorrendo ao palavreado na esperança de que a viúva se sentisse confusa.

O que estava pensando? Aquela mulher havia escrito *O espelho dos elogios*. Sentiria-se perfeitamente à vontade num labirinto de linguagem.

– A mim, não parece uma manifestação de exuberância – retrucou a viúva. – Tarquin, poderia lembrá-lo do papel desastroso que a espontaneidade desempenhou em seu primeiro casamento, mas não o farei.

– Muito bem – disse Quin, apertando Olivia em seus braços.

– Não necessito fazer isso – prosseguiu a mãe –, pois a jovem está prometida a outro cavalheiro, então, diante disso, beijos espontâneos, exuberantes ou de outros tipos não terão consequência. Srta. Lytton, antes de se deixar levar por esse acesso de exuberância desmedida, teria lembrado a meu filho que em breve será uma duquesa?

Olivia teve a súbita impressão de que a viúva era uma ave de rapina, fazendo círculos ao alto. O que provavelmente a tornava um leão ferido. Ou algo ainda mais vulnerável: um coelho atropelado pelas rodas de uma carruagem.

– Sim – disse ela. Então olhou para Quin. – Como eu o informei, Vossa Graça, estou comprometida.

– Com o marquês de Montsurrey – disse Quin. – Assim que Montsurrey voltar para a Inglaterra, você ficará comprometida comigo e casaremos em seguida. – Ele se virou para a mãe. – Olivia será a duquesa de Sconce.

– Não concordo.

Houve um longo e carregado momento de silêncio.

– Talvez devessem discutir o assunto em particular – tentou Olivia, com delicadeza, livrando-se do abraço de Quin.

A viúva a ignorou completamente, os olhos fixos no filho.

– A Srta. Lytton é mais do que adequada para alguém tão simplório quanto Montsurrey. Além do mais, demonstrou louvável lealdade em relação ao pobre diabo. Escrevi ao pai dele sobre isso. Porém, ela não é adequada para você.

– Acho que é – decretou Quin.

Olivia deslizou para o canto.

A duquesa virou-se para ela.

– Confio que não pretende sair de fininho deste aposento, como uma criada culpada com um pires rachado, certo Srta. Lytton?

Olivia ergueu as costas.

– Achei que seria mais delicado permitir que continuasse a conversa com seu filho em particular.

– Eu concordaria. No entanto, o que tenho a dizer lhe diz respeito... bem como a sua irmã. *Ela* é adequada para se tornar a duquesa de Sconce, título que é bem mais antigo e *augusto* do que aquele de Canterwick. Você não é adequada ao posto.

Diante do olhar direto da duquesa, Olivia percebeu que podia baixar os olhos, e nunca mais recuperar uma posição de força, ou reagir.

– Minha irmã seria, com toda a certeza, uma notável duquesa de Sconce – disse ela, esperando evitar uma guerra em campo aberto.

– O fato é irrelevante – disse Quin. Olivia não precisava se virar para ver que ele sorria. Dava para ouvir na voz dele. – Pretendo me casar com Olivia e não com Georgiana.

– Por amor, sem dúvida! – A duquesa disse aquilo numa explosão de fúria. – E o que você ganhou do amor, Tarquin, além da reputação de chifrudo que não o abandonou nem depois de tantos anos? – Ela se voltou para Olivia. – Sabe que ele parou de falar por um ano depois que aquela maldita esposa dele morreu afogada? Ele parou de *falar*!

– Eu falava – protestou Quin.

– Ah, deve ter pedido uma fatia de rosbife, mas não dizia nada digno de nota. Durante um ano inteiro, você não demonstrou interesse em estar vivo.

– Era parecido com sonambulismo mesmo – concordou Quin.

Olivia ficou um pouco atônita ao perceber que ele não parecia nem um pouco zangado.

– Montsurrey é um bobo – declarou a viúva.

Olivia ficou rígida.

– É um fato – retrucou a viúva antes que Olivia pudesse dizer qualquer coisa. – Ele é um ótimo parceiro para você, mas o mesmo não é verdade no caso de meu filho. Você é, Srta. Lytton... se perdoar minha sinceridade... excessivamente carnuda e grosseira, e possui uma criação um tanto deficiente. O que é particularmente surpreendente quando se considera que sua irmã gêmea atingiu o mais alto grau de refinamento. Para ser mais direta,

a senhorita é desinteressante. Não demonstra nenhuma capacidade de se preocupar com assuntos de importância para meu filho.

Olivia fez com que seu corpanzil ficasse bem ereto, tão alta quanto possível, e disse com precisão gélida:

– Responderei apenas à alegação a respeito de meus pais, embora deva reparar que sua falta de civilidade dispensaria qualquer tipo de resposta. Meus pais podem não ser membros da aristocracia, Vossa Graça, mas são aparentados com seus membros pelos dois lados. Na verdade, o título de escudeiro de meu pai existe há uma geração a mais do que o título dos Sconce. E poderia acrescentar que, quando falamos de berço, eu diria que ninguém da minha família se casou com um *Bumtrinket*.

O peito da viúva subiu ligeiramente, parecendo um balão de ar quente que Olivia vira certa vez em Hyde Park.

– Não estava me referindo ao seu berço – retrucou a duquesa, pronunciando as palavras com desdém frígido –, e sim às suas maneiras.

– Gosto da aparência de Olivia – disse Quin, interferindo. Pela primeira vez, a voz dele apresentava uma nítida nota de alerta. – De fato, adoro tudo nela. E acho que seus modos são perfeitos para uma duquesa.

– Tenho certeza de que acha – retrucou a viúva.

Duas manchas vermelhas apareciam em suas bochechas e seus olhos negros reluziam de raiva.

– O que quer dizer? – desafiou Olivia.

– Quero dizer que você é feita da mesma matéria-prima da primeira duquesa, Evangeline. Ele também *adorava* a aparência dela, e descobriu tarde demais que toda aquela sensualidade travessa na realidade mascarava uma mulher que deveria se sentir lisonjeada ao ser chamada de vadia.

– Mãe. – A voz de Quin assumira um tom tão gélido quanto o de sua mãe.

– Está indo longe demais. Imploro, pelo bem de todos nós, que modifique sua voz e seu comportamento.

– Não o farei! – A duquesa estava claramente fora de si. – O duque de Canterwick escreveu-me antes da sua chegada – disse ela, voltando-se para Olivia com o ar de uma tigresa que defende um filhote.

Olivia aguardou, com a cabeça erguida.

– Já informou meu filho que você pode estar carregando o herdeiro ao título de Canterwick? Deve ter percebido que não fiz menção ao fato de ainda não ser casada e ao de que o futuro duque é reconhecidamente tão inocente que é quase certo que tenha molestado o pobre homem. Nem mencionei que ele mal completou 18 anos. São fatos tão profundamente desagradáveis que só se pode esperar que ninguém descubra, além de seus parentes mais próximos, Srta. Lytton, porque não dizem boas coisas a seu respeito.

– Está me *ameaçando*? – assustou-se Olivia.

A viúva chegou a dar um passo para trás. Então pôs as mãos na cintura e manteve o terreno.

– Certamente que não. Nós, os membros da aristocracia, não temos necessidade de recorrer a métodos como esse que você parece imaginar com tanta clareza.

Os olhos de Quin encontraram os de Olivia com uma pergunta silenciosa.

– Não existe herdeiro – ela conseguiu dizer.

– Mãe! – A voz de Quin era letal, fria como gelo. – Poderia me fazer a cortesia de instruir seus criados sobre sua mudança para a casa das viúvas amanhã de manhã? E não me refiro à residência que fica nesta propriedade, mas sim àquela localizada em Kilmarkie, na nossa propriedade escocesa.

Para a surpresa de Olivia, foi ela, e não a viúva, quem soltou um “Não!” em resposta àquela fala.

A viúva ficou em absoluto silêncio por um segundo. Então abaixou a cabeça e fez uma reverência.

Olivia agarrou Quin pelo braço e sacudiu-o.

– *Não* vai fazer isso! – disse para ele, sem gentileza.

Ele franziu a testa.

– Eu não...

– Sua mãe e eu temos todo o direito de discordar sobre o que é melhor para você, sem sua interferência.

– Não estava interferindo. Estava reagindo ao que minha mãe disse sobre você. Não consigo tolerar isso, e não vou tolerar, de ninguém. – Ele olhou para a mãe e repetiu, rangendo os dentes: – De *ninguém*. Você deveria saber que qualquer homem, seja da minha família ou não, que sugira que Olivia e

Evangeline têm qualquer coisa em comum me dará a satisfação do combate com a espada.

– Ah, pelo amor de Deus – disse Olivia, com intensidade, segurando-o pela gravata, pois parecia que o braço não tinha tido qualquer efeito. – Poderia descer de sua montanha ducal por um momento e prestar atenção? Sua mãe está doente de preocupação com você, e você ameaça enviá-la para a Escócia? Não estava brincando quando disse que nem sempre compreende as emoções, não é?

A viúva fez um ruído, mas Olivia não olhou para ela. Mantinha o olhar preso em Quin.

Ele franziu a testa.

– Claro que sua mãe acha que lembro Evangeline... bem, em tudo menos na silhueta. Vim para cá comprometida com um duque e quando todos esperavam que você ficasse noivo de minha irmã, eu roubei você para mim. Sua mãe entrou num aposento e nos encontrou sozinhos, sem acompanhante, e por sorte não estávamos jogados no chão. Eu pareço o pior tipo de vadia. Se estiver planejando duelar com todos os homens que insinuarem tal assunto, deveremos ter um casamento muito curto.

A testa de Quin ficou ainda mais vincada.

– Não vai haver tempo para os filhos que você imagina – continuou ela, sem remorso. – Não vai haver tempo para fazer nada além de viajar pelo país atacando gente que diz o óbvio. Não se engane, eles não vão apenas falar disso. Aposto dez contra um que também vão fazer chifrinhos nas suas costas, pelo menos por alguns anos.

Algum tipo de racionalidade parecia estar voltando ao olhar de Quin.

– Não vê? – disse ela, soltando a gravata dele. – Nada disso importa. Sua mãe o ama. Ela quer poupá-lo dos chifrinhos, dos cochichos e também da esposa gorda... – Ela olhou para a viúva. – É a única parte em que sinto dificuldade para perdoá-la.

Quin estendeu os braços, virou-a para si e puxou-a para dentro de seus braços. Apertou-a com força, com tanta força que ela mal podia respirar.

– Preciso de você – disse ele, em voz baixa e intensa, dentro do seu cabelo. – Meu Deus, Olivia, como pude viver sem você?

Ela ergueu a mão e puxou o rosto dele para junto do dela.

– Sou sua, por bem ou por mal.

Houve um pequeno estalo quando a porta do salão se fechou, mas Olivia não prestou atenção.

– Você é a parte que me falta – disse Quin. – Você me faz *sentir*.

– Sempre sentiu. É um dos homens mais sensíveis, mais amáveis que conheço. Qualquer um pode perceber.

Ele balançou a cabeça, então ela apenas puxou seu rosto para perto e lhe deu um beijo tão ardente que nenhum dos dois foi capaz de dizer nada...naquele momento.

Sem uma palavra, Quin deixou-se cair numa poltrona, levando Olivia com ele. Dessa vez, não havia como interrompê-lo e ela sabia. Ele sabia. Beijaram-se até que ela começou a soltar uma série de gemidos e a estremecer, tocando-o em todos os lugares onde conseguia alcançar, com dedos trêmulos.

Quin puxou delicadamente o corpete... e um seio foi parar na sua mão. Por um momento, ele ficou paralisado. Então disse:

– É a mulher mais bonita que eu já imaginei, Olivia. Posso?

Ela não estava inteiramente certa sobre o que ele planejava fazer, mas assentiu. Sempre diria sim para ele, embora fosse mais sábio não informá-lo disso.

A boca de Quin estava quente e úmida acompanhando a curva do seio de Olivia. Ela se arqueou, ofereceu-se até que aqueles lábios alcançassem seu mamilo.

Olivia não estava bem certa do que aconteceria em seguida. Teria pensado que o máximo que faria seria arfar de surpresa, talvez um minúsculo gemido digno de uma dama, mas não. Com o salão de baile repleto de aristocratas do outro lado da porta, ela gritou de prazer, uma expressão de necessidade e desejo ardente.

Sem parar, Quin colocou a mão sobre sua boca e chupou com mais força.

Olivia mordeu o dedo dele, sentiu como se seu corpo estivesse sendo tomado por uma força vermelha e dourada, que fazia seu coração parecer estar na boca.

Ele ergueu a cabeça, tirou a mão de sua boca, esfregou um dedo áspero no mamilo. Olivia voltou a se jogar para trás nos braços dele, louca de desejo, atordoada pelas sensações selvagens que a atravessavam.

– Não podemos fazer isso aqui – disse Quin, num grunhido emitido contra o pescoço dela.

– Não? – Ela se sobressaltou, chocada com o tom da própria voz, cheio de fome e carência. – Claro que não. – Ela sentou-se, preparando-se para se levantar.

Quin olhou para ela, como se estivesse fazendo um convite perverso e voltou a esfregar o polegar no mamilo. A coluna vertebral de Olivia desmoronou contra o corpo dele, as pernas se abriram, como uma espécie de convite que ele não aceitou.

As mãos dele finalmente pararam de acariciar o seio dela. Olivia se acalmou, lutando contra o impulso de pedir mais.

– Tem certeza de que não está carregando o filho de Montsurrey? – A voz dele não trazia qualquer condenação. Era um simples pedido de informação.

Ela aconchegou a cabeça no peito dele.

– Tenho.

– Mas vocês dois...

Olivia tentou pensar em como poderia dar aquela explicação sem desonrar a promessa feita a Rupert. Georgiana era sua irmã gêmea, a outra parte de si. Rupert compreenderia se soubesse que tinha contado a verdade a ela.

Mas Quin... Quin era o homem que ia tomá-la de Rupert. E, mesmo que Rupert não a quisesse realmente, com certeza estava acostumado com a ideia de que se casaria com ela. Para alguém que amava o que lhe era familiar, seria terrível perdê-la. Não havia dúvidas de que Rupert não ia querer que Quin soubesse do aipo murcho.

– O pai de Rupert estava preocupado pois ele ia para a guerra – disse ela, escolhendo as palavras com cuidado.

Silêncio.

Então:

– Canterwick obrigou-a a dormir com o filho simplório antes do casamento porque preocupava-se em ficar sem herdeiro?

Parecia horrível quando colocado dessa forma.

– Não fui obrigada.

– Ofereceu-se voluntariamente?

– Não.

– É estupro – disse peremptório.

– Não! Rupert não... Rupert *nunca*.

– Então foi um estupro duplo, dos dois.

Olivia soltou o ar.

– Faz tudo parecer muito desprezível. Tenho muita estima por Rupert, e ele por mim. Fizemos o melhor que podíamos. E ele declamou um poema que havia escrito. Era muito bom.

– Sobre o que era?

– Falava sobre a morte de um pássaro que despencara de uma árvore. *Veloz, vibrante, uma ave tomba para nós, as sombras se amontoam nas árvores.*

Quin fez uma careta.

– Não entendo por que seria melhor do que a quintilha que Peregrine me ensinou. O que ele quer dizer com sombras que se amontoam nas árvores? Como alguém que estuda a luz, posso garantir que sombras não se amontoam em lugar nenhum.

Olivia endireitou o corpete no lugar e apoiou-se no braço dele para olhar seu rosto.

– Nem o poema de Rupert nem a quintilha foram feitos para serem analisados. Eles só provocam uma pequena dose de emoção. Só isso.

– Sombras que se amontoam são um sentimento? – Quin parecia adoravelmente confuso.

– Fala sobre a dor: a dor que ele sentiu quando o pássaro caiu da árvore. O pássaro era veloz e vibrante e de repente se foi. A escuridão se amontoou na árvore em que o pássaro costumava cantar.

O olhar de Quin mudou.

– Isso, como Alfie – disse ela, colando o rosto no peito dele.

A emoção de Quin era tão crua que era doloroso testemunhar.

Ficaram sentados por algum tempo, Quin apertando-a em seus braços. Os acordes de uma contradança penetraram no silêncio, esparramando-se do salão de baile por baixo da porta. A música era alegre e doce, como se viesse de muitos quilômetros de distância, de um mundo em que nem menininhos nem pássaros despencavam das árvores.

Por fim, Quin pigarreou.

– Percebe que Montsurrey...

– Rupert – ela o corrigiu. – Rupert detesta que o chamem pelo título. Se fosse possível, seria íntimo de todo mundo.

– Percebe que Rupert se torna cada vez mais uma pessoa de quem não gosto? Escreveu a única poesia que compreendi, está defendendo nosso país enquanto durmo confortavelmente em casa e roubei sua noiva.

– Rupert adoraria a ideia de que você sentiu inveja dele, por menor que seja – disse Olivia. – Pode não pensar com clareza, mas compreende os sentimentos, e se magoa quando as pessoas o ignoram.

– Com certeza ele compreende sentimentos.

– Acho que o dano cerebral o libertou. Ele chora quando se comove, quando ouve ou vê algo triste.

Quin digeriu aquilo em silêncio. Por fim, levantou-se, colocando-a de pé.

– Tem certeza de que quer se casar comigo? Não senti emoção em resposta àquele poema até que você me explicou. Por que não poderia ser em frases completas?

– É extremamente raro que Rupert fale frases completas.

– Mas ele poderia ter sido mais claro. Por que não disse: *Quando o passarinho veloz morreu, provavelmente de velhice, e caiu da árvore, senti como se meu coração tivesse ficado muito sombrio.*

Olivia abraçou-o.

– Esqueceu do vibrante, mas acho que resolveu muito bem o sombrio.

– Vibrante não faz sentido. As aves da família Passeridae tendem a ser cinza ou marrons. Percebo que minha versão é mais longa, mas é mais precisa. E gramatical.

– Mas sua versão fala dos sentimentos de Rupert, enquanto a de Rupert falou para você sobre seus sentimentos a respeito de Alfie.

– Ah. – Ele ponderou. – Ainda acho bastante ilógica a forma com que ele reuniu palavras específicas.

– Considere como o equivalente poético de uma função matemática – sugeriu Olivia. – Então, imagina que devemos entrar no salão e fingir que nada aconteceu? Vai precisar prender o cabelo novamente.

– Não.

– Não vai para o salão ou não vai fingir que nada aconteceu?

– Não tenho objeção em ir para o salão, pois é a única forma de chegar às escadas que levam aos quartos. Mudei de ideia.

Olivia suspirou.

– Está dizendo...? *Não!* Criaria um escândalo terrível. De modo algum.

As mãos dele a apertaram com mais força.

– Os passarinhos despençam a cada minuto, Olivia.

Deu-lhe um beijo que era uma exigência erótica.

Levou um momento, mas Olivia conseguiu se afastar do beijo e do alcance de seus braços.

– Sua mãe ficaria horrorizada com um escândalo desses. Você permanece aqui por mais meia hora, no mínimo. Vou entrar disfarçadamente no salão e, com sorte, as pessoas vão pensar que eu estava apenas me recompondo depois de uma conversa com sua mãe.

– Há um lacaio diante da porta.

– *O quê?*

– Minha mãe postou-o ali depois de partir, para assegurar nossa privacidade. Olhe pela fresta junto ao chão e verá a sombra de suas botas. Os criados de minha mãe são treinados para ficar de costas para a parede. Se abrir a porta, vai atingi-lo, o que chamará atenção.

Olivia mordeu o lábio.

– Não tinha planejado embarcar numa vida de mulher infame com tanta rapidez.

Ele voltou aos fundos do aposento, escancarou a janela e a chamou.

– Que bom que você domina a arte de escalar com agilidade.

– Por quê? Estamos quase no nível do chão.

Quin passou uma perna sobre o parapeito da janela e saltou aproximadamente meio metro até o chão. Então estendeu os braços para ela, com um sorriso maroto e um olhar francamente lúbrico.

– Acabei de perceber que não há como chegar aos quartos sem passar pela cozinha.

Olivia levantou as saias da forma mais recatada possível e conseguiu passar a perna sobre o parapeito da janela. Era mais difícil do que parecia e ela acabou desabando nos braços de Quin, agitando saias e anáguas.

– Então – disse ele, segurando-a com muita firmeza enquanto ela colocava os pés no chão. – Não vamos entrar na casa. Acho que, em vez disso, vamos fazer uma subida.

– Subir? Subir onde? – Olivia olhou em volta.

Estavam na lateral da casa, próximos do salão de baile. A não ser onde a luz amarela se derramava pelas janelas, os jardins estavam prateados, frescos, sob a luz da lua cheia.

– Está falando de uma escada para seu quarto? Porque eu me recuso absolutamente a subir uma escada. Não sou uma maluca sem salvação fugindo sob a luz do luar.

– Não me disse que eu só poderia olhá-la *assim* se estivéssemos no alto de uma árvore?

– Não quero subir em mais nenhuma árvore, Quin! E se você cair de novo? Teve sorte de não morrer daquela vez.

Quin deu apenas um sorriso torto.

– Mesmo na minha idade avançada consigo subir nessa árvore. – Ofereceu-lhe a mão.

Mas Olivia se manteve afastada.

– Está frio aqui. Não sei o que tem na cabeça, mas estou certa de que não é apropriado.

– Não é nada apropriado. E não se preocupe com o frio. Vou pegar um ou dois cobertores dos estábulos.

– Quer ficar ao *ar livre*?

Olivia estava prestes a enumerar toda uma série de objeções, mas Quin escolheu rebater todos os argumentos beijando-a. O beijo foi tão bem-sucedido que ela se viu novamente encarapitada no parapeito da janela, o que deixou seus seios em uma altura que Quin obviamente apreciava.

– Que bom que a porta está fechada – disse ele algum tempo depois. Sua voz estava rouca de desejo.

Olivia engoliu em seco e recobrou os sentidos. Os grampos de seu cabelo há muito haviam se desalojado, e seus cachos estavam soltos, caindo pelos ombros. E mais, o corpete pendia quase na cintura. A pele... pele demais... reluzia sob a luz do luar.

– Ah, não! – exclamou ela, puxando o vestido. – Essa não.

– Essa sim – disse Quin, as mãos dele pegando as dela, separando-as para que ele pudesse admirar seus seios. – Nunca vou me cansar de você, Olivia. É como uma droga. – Ele soltou as mãos e voltou a abaixar a cabeça.

Olivia ficou paralisada, as mãos nos cabelos negros que pareciam seda e que roçavam seus seios enquanto ele a beijava, beijos úmidos, com a boca aberta, beijos que faziam suas pernas sentirem verdadeiras agulhadas, um doce tipo de tortura.

– Não sinto mais frio – sussurrou ela, tomando as rédeas da coragem. Era a coisa certa a fazer.

Estava escolhendo seu duque.

– Onde fica sua árvore?

Ela o seguiu.

Mas, na realidade, ela seguia o riso solene, e era mesmo riso, que desabrochava no olhar dele quando ela ajeitou a roupa mais uma vez, sentindo a doçura dele na boca, o som ríspido da voz dele pronunciando seu nome.

Ela o seguiria a qualquer lugar.

Capítulo 20



A dama afortunada de Zaragoza

A árvore ficava atrás do estábulo, mas não era uma simples árvore: abrigava uma casa na árvore.

Olivia parou debaixo dela, olhando estupefata.

– Que diabo é isso?

– Uma casa na árvore. A casa de Alfie.

– Alfie tinha uma casa na árvore?

Era uma pergunta estúpida, afinal de contas estava naquele momento olhando para ela: uma minúscula casa, encarapitada numa árvore. Tinha até janelas e uma porta.

– Alfie gostava de fazer muitas perguntas – disse Quin, ainda segurando a mão de Olivia. – Perguntava tudo: o que segura a lua no céu, por que as maçãs ficam escuras, quem inventou o alfabeto. Um dia, quis saber por que moramos no chão e não sobre as árvores.

Olivia inclinou-se e deu-lhe um leve beijo na boca.

– Ele era seu passarinho.

– Era. – Mas agora a voz de Quin não estava cheia de pesar. Na verdade, parecia alegre. – Mandeí construir uma casa para Alfie porque achei que era

uma pergunta particularmente boa que merecia experimentação. Moramos nela durante dois dias.

– E o que Alfie concluiu?

– Que os duques de Sconce moravam no chão porque era muito difícil para os lacaios subirem os degraus no tronco segurando a bandeja com o jantar. Cleese não conseguia de jeito nenhum chegar lá em cima. E Alfie compreendeu que Cleese só fica feliz se ele souber o que todo mundo está fazendo, por isso não seria gentil com ele se decidíssemos morar na árvore para sempre.

Olivia riu alto.

– Um raciocínio digno de um futuro duque. Espere! Estou vendo mais alguém rir?

Quin puxou-a para junto de seu corpo.

– Se subir naquela casa da árvore comigo, Olivia, nunca permitirei que se case com Rupert. Entenda que deixei que Evangeline perambulasse por onde queria, mas com você é outra coisa, sinto algo diferente por você. Se você sequer olhar para outro homem, provavelmente vou matá-lo.

Olivia ficou na ponta dos pés e beliscou seu queixo.

– Vale para os dois. Se eu o pegar olhando para os peitos de outra da mesma forma que olhou para os meus, eu não matarei a mulher. Vou direto em você. Considere-se avisado.

Quin riu.

– Foram duas vezes em um minuto – provocou Olivia. – Cuidado, poderá horrorizar sua mãe se resolver se tornar um adepto da gargalhada tão rapidamente.

– Fui fiel à Evangeline – disse ele, ignorando as brincadeiras dela. – E o que sinto por você é pelo menos o dobro do que sentia por ela. Suspeito de que não sou capaz de ser infiel a você.

O sorriso de Olivia vacilou e ela sentiu um nó na garganta. Respirou fundo e dirigiu-se para o tronco da árvore.

– Como é que se chega lá em cima?

– Existem degraus presos ao tronco. Espere um momento.

Ele entrou no estábulo e reapareceu com dois cobertores nos ombros. Olivia entrou na casa da árvore um momento depois.

A casinha tinha janelas nos quatro lados, abertas para o luar que se derramava como se pó de fadas tivesse se transformado em prata líquida. A casa era suficientemente alta para que Olivia ficasse em pé, mas Quin precisava se curvar. O chão estava coberto com tapetes, sobre os quais ele jogou os cobertores.

Olivia hesitou. Achava ótimo ouvir Quin falar quanto amava os seios dela, mas ali estava claro demais, e não havia como fechar aquelas janelas. Tinha pensado que fariam amor num quarto, no escuro.

Quin sentou-se e estendeu a mão.

Ela deu um sorriso fraco.

– Não é permitido arrependimentos – disse ele alegremente. Esticou o braço, agarrou a mão de Olivia e puxou-a até que ela estivesse em seu colo.

– É que aqui não tem cortinas.

– Eu sei... e o som viaja.

– Não precisa parecer tão alegre assim! Acho que prefiro o velho Quin que nunca sorria.

– Tarde demais. – Mordiscou-lhe a orelha, suavizando a dor com a língua quente. – Mandei todos os cavaleiros para a cozinha, exceto dois velhos que estão surdos demais para ouvi-la.

– Ouvir-me?

O comentário não era bem-vindo. Fazia parecer que ela não tinha autocontrole.

Num movimento rápido, Quin rolou e se colocou sobre ela, acomodando-se entre suas pernas. Eles encaixavam perfeitamente. Olivia sentiu que sua pele havia subitamente despertado. Talvez ela não tivesse autocontrole mesmo.

Ele apoiou o peso do corpo nos cotovelos e fitou-a por um longo momento.

– Até que a morte nos separe?

Uma levíssima sombra de ansiedade e de medo de ter o coração partido mais uma vez estava visível no olhar dele. Olivia engoliu em silêncio uma

praga dedicada à falecida esposa... e assentiu.

– Na saúde e na doença.

Quando o duque de Sconce se dedicava a compreender o mecanismo de algo, ele em geral desvendava seu funcionamento em instantes e a roupa de Olivia não foi uma exceção. Mais rápido do que ela julgava ser possível, ele a livrou dos sapatos, do vestido, do espartilho.

Ajoelhado a seu lado, com olhos ardentes de desejo, ele dirigiu-se para a combinação usada por ela.

– Não! – exclamou Olivia, segurando sua mão.

Aquela peça era traiçoeiramente delicada. Por que havia decidido vestir algo tão transparente quanto uma vidraça? Quando olhou para a combinação, descobriu que ela estava justa em sua barriga. Por que ela *havia* comido tantas tortas de carne? Não teria sido capaz de imaginar um momento como aquele? Ficou rígida de horror e de arrependimento.

Ah, se ela pudesse ser Georgiana, alguém com autocontrole suficiente para não comer tanto.

Seria tão melhor para os dois se ela tivesse as coxas esguias de Georgie, ela as valorizaria, começaria a dançar e *saberia* que os olhos dele não conseguiriam deixá-la.

Sofreu silenciosamente até que impôs:

– Não farei nada se não puder manter-me de combinação. Falo sério. – As palavras eram tão resolutas, cortantes e severas quanto ela conseguia fazer com que fossem.

As sobranças de Quin se juntaram por um segundo, mas ele assentiu. Parecia uma espécie de falcão, domesticado, mas ainda selvagem. A pele dele reluzia como mel ao luar. Olivia sentou-se e ajeitou a peça de roupa para que não ficasse tão reveladora.

O que fazia uma dama numa situação daquelas? Uma pequena área de sua mente então percebeu que o programa de *duquesificação* de sua mãe negligenciara todo esse tema. E seria desnecessário acrescentar que *O espelho dos elogios* se concentrava na manutenção da castidade, não no seu abandono.

– Não sei bem o que fazer agora – admitiu, esperando que ele não pedisse detalhes a respeito de sua suposta experiência com Rupert.

A expressão no olhar dele era de um imenso júbilo masculino e arrogante.

– Por sorte, eu sei.

Ela esperou.

– Tire minha jaqueta – sussurrou ele tão baixo que ela mal o escutou.

Um sorriso tremulava em seus lábios e ela puxou a peça e tirou-a de seus ombros. Depois, desabotoou o colete, jogou-o para o lado e soltou a camisa da calça. Foi tirar a camisa pela cabeça, mas acabou distraída com a pele quente que encontrou na altura da cintura. Pôs-se de joelhos também e passou as mãos sobre o abdome, seguindo os músculos até as costas dele.

– Como consegue ter esse corpo forte? Pelo que sei, os homens costumam ser flácidos.

Ele deu de ombros.

– O exercício físico, com toda a certeza, tem um efeito positivo na fisiologia humana. Parece haver evidências suficientes para praticá-lo de forma regular.

A pele dele era lisa e quente sob o toque dela. Olivia deixou que as mãos passeassem por baixo da camisa, subindo até as costas largas e os ombros, descendo de novo, subindo pela frente. Apesar de sentir alguns pequenos espasmos, Quin permitiu que ela fizesse o que queria.

Ao passar os dedos sobre os mamilos, um gemido viril deixou os lábios dele. Olivia olhou para ele e viu que estava de olhos fechados.

– Mantenha os olhos fechados – ordenou ela, sentindo um lampejo de coragem.

Se os olhos dele permanecessem fechados o tempo todo, seria tão bom quanto ter cortinas num quarto escuro.

Ele assentiu com obediência. Olivia se sentia mais confiante quando ele não estava olhando para ela. Não precisava se preocupar com quanto aquela combinação horrorosa estava revelando.

Conseguiu tirar a camisa dele, descobrindo que seu tórax era belo, com uma cintura estreita e firme. Acariciou toda a superfície e então, olhando para

os olhos dele ainda fechados, aproximou-se e colocou a boca por onde suas mãos haviam passeado.

Sons saíram da boca de Quin.

– Nada de abrir os olhos – avisou ela.

Os lábios dele ficaram tensos, mas ele assentiu.

Olivia curvou-se de novo, beijando-o, provando-o, salpicando beijinhos em todo o seu peito. E voltava sempre aos mamilos, pois cada vez que roçava os lábios ali, Quin reagia. Era como champanhe, aquele som que ele fazia. Era poder, e ela o sorvia.

Esqueceu-se de ficar de olho no rosto dele, garantindo a si mesma que ele não olhava. Em vez disso, aproximou-se ainda mais, enroscando-se em seu colo, para poder roçar mais do que apenas os lábios nos dele.

– Olivia – a voz dele era suave, líquida de paixão.

Atordoada, ela levantou os olhos e encontrou os olhos dele, verde-acinzentados, contemplando-a. O luar clareava seus cílios espessos e fazia com que ele parecesse algo de sobrenatural: um ser encantado, e não um simples mortal.

– Era para manter os olhos fechados – disse ela, cedendo à tentação e passando a ponta dos dedos nos cílios. – É tão belo, Quin. Belo demais para mim.

Ele riu ao ouvir aquilo. Uma terceira risada num intervalo de uma hora.

Ela desceu suavemente com o dedo, roçando seu lábio inferior, inclinou-se para a frente e cuidadosamente seguiu a mesma linha com a língua.

– Posso tocá-la agora? – murmurou ele, com a boca encostada na dela.

– Hummm – foi sua resposta, adorando seu sabor.

Grandes mãos chegaram às suas costas e a apertaram contra o tórax desnudo. Olivia ficou sem fôlego enquanto seus seios eram pressionados contra a superfície do corpo dele. Pareciam arredondados e estranhamente sensíveis.

Uma mão a mantinha grudada a ele, enquanto a outra deslizava por suas costas, de forma lenta e sensual.

– Não vai retirar o resto das minhas roupas? – perguntou ele em voz baixa e suave, um desafio ao qual ele sabia ser impossível de resistir.

Olivia quase caiu do colo dele e se virou para encará-lo.

– Precisa desabotoar minha calça – disse ele, sem se mexer para ajudar.

Olivia abaixou-se um pouco. Desajeitada, seus dedos tentavam manipular os botões, ciente de que a respiração dele se acelerava e se tornava mais irregular. Ao perceber como ele estremecia quando o tocava, ela diminuiu o ritmo, acariciando-o por dentro da calça, amando a forma com que ele inspirava bruscamente quando seus dedos mergulhavam mais fundo.

Devagar, devagar, ela fez com que as calças descessem pelos quadris estreitos, pelas coxas fortes. Quando estavam na altura dos joelhos, ele mesmo as retirou depressa e as jogou para o lado. Não usava nada além da roupa de baixo, que contribuía bem pouco para esconder o que ali se encontrava.

Nada de aipo murcho – embora Olivia tenha afastado o pensamento no mesmo instante, por considerá-lo desleal a Rupert. Poderia não se casar com ele, mas sempre seria sua amiga sincera.

De uma forma lenta e cuidadosa, ajudou Quin a se libertar da última peça de roupa, tentando não demonstrar espanto ao constatar seu tamanho.

Ele jogou a roupa de baixo no mesmo lugar onde havia arremessado as calças e voltou-se para ela, ajoelhando, mãos paradas ao lado do corpo. Olivia sentia o poder armazenado dentro dele esperando para se libertar, esperando para se libertar sobre ela.

Uma onda de ansiedade voltou a inundá-la e fez com que desviasse o olhar do dele, de toda aquela perfeição que era, até as próprias coxas – apenas para descobrir que aquela maldita combinação estava colada ao corpo dela e enfatizava sua forma roliça. Sentiu o calor nas faces, enquanto se ajeitava.

Ele não disse uma palavra. Ela o olhou e percebeu que ele a observava com uma expressão tão carinhosa que Olivia chegou a se arrepiar.

– Não *ouse* ter pena de mim – retrucou.

Os olhos dele foram tomados pela surpresa.

– O que quer dizer?

– Nada – disse Olivia. – Sinto muito. Interpretei mal. Pois bem... – Para seu desespero, sentiu que lágrimas ameaçavam desabar. Acrescentou depressa: – E o que fazemos agora?

O rosto dele voltou a ficar sério, com a expressão que costumava exibir quando pensava sobre a luz ou a poesia.

– É porque não sei bem o que fazer – disse ela, a voz falhando. As lágrimas voltaram a subir a seus olhos.

– Minha querida – disse ele –, qual é o problema? – Ele a envolveu em seus braços.

– Nada – balbuciou, sentindo-se dez vezes tola. – Me beija?

Os olhos dele reluziram.

– Boa ideia. – Ele a beijou devagar, com doçura, de olhos fechados: ela verificou antes de relaxar e desfrutar do sentimento de estar perto de Quin.

Então, depois que os beijos a levaram a um estado de confusão, ele se moveu de tal forma que ela se descobriu deitada de costas, o cabelo esvoaçando em volta dela. Era quase demais para ela: tentar absorver a sensação do corpo nu pesado a seu lado, a ereção urgente. E a lua, impiedosa, lançando uma luz fria e prateada por toda parte.

Era bonito. Ela tinha que admitir. O interior da casinha cintilava de um modo que parecia mágico. Se não fosse tão revelador. Um pouco menos mágico, era tudo o que pedia.

– Há alguma coisa errada – disse Quin, apoiando-se nas mãos e olhando para ela.

O lábio estremeceu e então, incapaz de se conter, uma lágrima desceu apesar de dizer para si mesma: *Não chore, não chore, não chore.*

Quin passou o polegar sobre o rosto dela e esfregou delicadamente.

– Ajude-me, querida. As emoções não são meu ponto forte. Preciso que me diga qual é o problema.

Ela balançou a cabeça.

– Não é nada! Estou apenas sendo tola.

Os olhos dele procuraram os dela e Olivia desviou-os, depressa. Ele enxergava demais com aqueles olhos malditos e tão inteligentes.

A próxima coisa que ela percebeu foi que ele tinha se deitado sobre ela, prendendo as mãos dela sobre a cabeça.

– Se não vai me dizer, terei de recorrer à lógica. Não tem medo de ficar comigo. E disse que não é uma virgem, então não pode sentir medo da dor.

Ela havia mesmo dito aquilo? Ele concluía que ela e Rupert tinham feito amor. E ela não podia contar mais nada sem quebrar sua promessa.

– A não ser – hesitou ele – que eu seja consideravelmente maior do que Rupert?

O olhar de Olivia demorou-se sobre ele com prazer, e Quin parecia pulsar e crescer durante aquela contemplação.

– Sim – murmurou ela, a voz rouca.

Ele riu.

– Não é medo que eu ouço em sua voz.

– Você não se importa por eu... por eu ter visto Rupert antes de você?

Ele franziu a testa.

– Por que deveria? Você não escolheu entregar sua virgindade para Rupert mais do que ele escolheu o contrário. Sinto uma dose de desprezo pelo pai de Rupert, mas não por vocês dois.

Era bem característico de Quin: ao mesmo tempo lógico e justo. Ela conseguiu abrir um sorriso hesitante.

– De qualquer modo... – começou a dizer.

Mas ele a interrompeu.

– Quando estou com dúvidas, faço listas de perguntas – disse ele, abaixando-se e mordendo o lobo da orelha dela até que ela soltou um gemido baixo. – Primeira pergunta. Será que a querida Olivia tem medo do meu órgão?

Ele pegou sua mão e fez com que ela segurasse sua ereção. Olivia novamente soltou um gemido, dessa vez de espanto, e depois deliciou-se com aquele calor sedoso, suave, com a forma com que saltava na sua mão. Deslizou-o para cima... para baixo. Olhou de relance e percebeu que Quin tinha fechado os olhos e jogado a cabeça para trás. Bem como ela gostava. Apertou e perguntou-se qual seria o seu sabor.

Quin afastou sua mão, satisfeito com a silenciosa resposta à sua pergunta.

– Não tem medo – murmurou, com uma voz um pouco mais profunda, mais sombria do que antes.

– Segunda pergunta. Será que minha Olivia tem medo da dor?

Ele a olhou atentamente.

Ela balançou a cabeça.

– Achava que não – disse ele, com satisfação. – Além do mais, pretendo deixá-la tão louca de prazer que vai me implorar por mais.

Dessa vez, o sorriso dele era de um puro macho, sem adulações.

O coração de Olivia deu um salto.

– Terceira pergunta – disse ele. Apoiou-se nos joelhos. – Poderia ser que a tola, tola Olivia teme que eu não vá gostar do seu corpo?

E então, veloz como um gato, antes que ela tivesse decidido como responder – mesmo sabendo que ele estava certo, não queria admitir –, Quin estendeu o braço e rasgou a combinação de Olivia de cima a baixo.

Foi bom que os trabalhadores estivessem longe do estábulo, pois o grito de ultraje de Olivia poderia ser ouvido até nos jardins.

Mas Quin já terminava de rasgar o último pedaço de pano. Olivia fechou os olhos com força sem querer ver o rosto dele. O maldito luar estava por toda parte, iluminando cada curva de seu corpo, cada parte flácida.

Ele não a tocava, nem dizia nada. Para Olivia, parecia que o tempo tinha parado, deixando-a à deriva no momento mais humilhante de sua vida.

Quando ele finalmente falou, sua voz era faminta e áspera.

– Você realmente não queria ser uma coisinha esquelética como sua irmã, não é?

– Georgiana não é esquelética! – exclamou Olivia, arregalando os olhos.

– Feito um talo de aipo – disse Quin. – Pernas de gafanhoto. Um homem quer isso aqui, Olivia.

As mãos dele chegaram delicadamente, moldando seus seios.

– Eu sei – disse Olivia, tremendo enquanto o toque dele enviava chamas que queimavam seu corpo inteiro. – Gosto dos meus seios.

As mãos dele desceram, passaram pela barriga que não era rígida como uma tábua, como a dele, nem esguia como a de uma bailarina, como a de Georgiana.

– Um homem quer isso. – A voz de Quin estava ainda mais intensa, rouca de paixão enquanto os dedos penetravam em suas curvas e afundavam em seu calor.

Eles continuaram a deslizar para baixo, até os quadris.

– Lembra-se de que eu nunca minto? – perguntou ele, os olhos fixos nas próprias mãos.

Olivia também olhou para baixo, curiosa, vendo aquelas mãos cor de mel agarrando seus quadris. Ela parecia brilhar ao luar, como se sua pele emitisse algum tipo de luminescência interior.

– Eu lembro – conseguiu dizer.

– Acho que o que eu mais amo são seus quadris e seu traseiro. – A emoção na voz dele era inconfundível. – Então, eu me lembro dos seus seios e de quanto eu os amo. Amo cada curva deliciosa, exuberante, mordiscável, Olivia, inclusive aquelas que você ainda não me deixou tocar ou beijar.

Até aquele momento, Olivia mantinha o corpo rígido, as coxas tensas, a barriga encolhida. Lentamente, ela relaxou, observando-o. Quin não era capaz de mentir, ela sabia. Tinha dito aquilo para Georgiana. Ela acreditava.

O desejo no rosto dele, o modo como a tocava quase reverente, abaixando a cabeça, beijando-a avidamente... Aquilo era a verdade.

– Suculenta – murmurou ele.

– Faz com que eu me sinta um frango assado.

– Madura, rechonchuda e deliciosa. *Macia*.

Olivia balançou a cabeça.

– Não são as palavras que uma mulher deseja ouvir de um homem que olha para suas coxas.

Mas estava se sentindo melhor, e os dois sabiam disso.

– Georgie não tem pernas de gafanhoto – disse ela, cutucando-o para ter certeza de que ele a ouvia. O que ele fazia naquele momento ia transformá-la em uma trouxa inerte, mas antes de desabar, precisava garantir que ele compreendia aquilo. – Tem pernas elegantes, esguias, que qualquer mulher adoraria ter.

Quin olhou para ela com olhos predatórios, segurando-a com aquelas grandes mãos.

– Não a minha mulher. Não você.

Olivia estava prestes a defender a irmã novamente, mas ele abriu suas pernas e pôs a boca ali, naquela parte dela.

Ficou rígida de novo, por um segundo, o suficiente para sentir a língua dele passar áspera e depois suave, para que um dedo acariciasse o mesmo lugar onde a língua estivera, um...

Então ela esqueceu Georgie. Esqueceu o próprio nome. Esqueceu tudo, exceto o homem que a levava cada vez mais para dentro de um incêndio a cada toque da língua dele. Não conseguia parar de se retorcer nem tentar suprimir os gemidos que queriam sair da sua boca um atrás do outro, nada decorosos, guturais, *animais*.

As mãos de Quin estavam em toda parte, tocando-a, adorando-a, deslizando por baixo dela e apertando seu traseiro e depois reduzindo a força, escorregando pelas coxas, deixando claro que cada centímetro sedoso tinha sua satisfação e finalmente subindo, separando as dobras, introduzindo um dedo... *ali*.

Olivia voltou a se retesar, um gemido torturado escapou de seus lábios.

– Você é tão apertada – murmurou Quin. – É isso, Olivia. *Agora*. – Um último toque brusco de sua língua, um movimento daquele dedo astucioso.

A parte dela que era a Olivia inteligente, sarcástica, amante de jogos de palavras foi engolida por uma onda de prazer tão intenso que fez seu corpo se retorcer, se arquear em um grito silencioso que combinava com aquele que deixou sair de seus lábios.

Quin ficou por cima dela, capturou sua boca com um beijo selvagem, colocou-a na posição certa e penetrou-a...

Foi no final daquela cegueira ardente, daquela absoluta entrega do seu ser, e por um momento Olivia não percebeu a intrusão.

E no momento seguinte, sentiu. Era imenso, quente. *Torturante*.

No entanto, era Quin quem estava em cima dela, com a cabeça jogada para trás, os olhos fechados.

– Você é tão... – A voz era profunda, apaixonada. Não conseguiu terminar a frase.

Era tão instintivo quanto respirar. Ela jogou o corpo para trás, arqueou-se, engoliu os últimos centímetros dele.

Mudou de ideia e desejou não ter feito aquilo. Desejo era uma coisa. Dor insuportável era outra.

Quin soltou uma espécie de grunhido masculino de posse e prazer.

Se a mente de Olivia estivera enevoada, naquele momento ela já havia recuperado a clareza. Aquilo doía como... como... encontrou algum alívio ao lembrar silenciosamente de algumas expressões rudes que Georgiana jamais pronunciaria em voz alta. Não era apenas imenso, como também ardia. Quem poderia imaginar que uma parte do corpo podia ser tão quente?

De repente, a expressão dele mudou e os olhos abriram.

– Tem alguma coisa em você...

Olivia tentou, sem sucesso, dar a impressão de estar apreciando tudo.

– Você era virgem!

Ela não se deu ao trabalho de responder. Estava pensando se não havia mulheres que desmaiavam durante o ato.

Quin baixou o corpo alguns centímetros, aproximando seu rosto do rosto dela. Olivia silenciou um gemido. Movimento... não era uma boa ideia. Por sua cabeça passaram em silêncio mais algumas palavras rudes que Georgiana jamais havia ouvido, muito menos pronunciado.

– Fale comigo, querida. – A voz de Quin atravessou o violento protesto do corpo dela. Ele voltou a se mexer.

– Pare com isso – disse ela, muito sombria. – Não se mexa.

Ele assentiu.

– Lembra da quintilha sobre a dama que era habilidosa com a agulha?

Outro sinal positivo.

– Por que não pude me apaixonar pelo homem com quem ela desenvolveu seus talentos? Não quero que você volte a se mexer, nem para a frente nem para trás. Você é *grande* demais.

Um fulgor zombeteiro venceu a intensa fome no olhar de Quin. Ele baixou a cabeça e beijou-a demoradamente.

– Ficarei feliz de permanecer aqui para sempre – sussurrou. – Acho que é meu lugar favorito no mundo.

– Vão ter de nos enterrar em um caixão bem grande – disse Olivia, fazendo graça, porque, se não o fizesse, ela voltaria a pensar em como aquilo tudo era trágico.

Eles não se encaixavam. Ele era simplesmente grande demais.

– Não vai funcionar – disse ela, quando Quin não reagiu a sua brincadeira sobre o caixão. Ele estava beijando seu rosto e a orelha. Era tudo muito bom, mas todos os nervos de seu corpo se concentravam nas espirais de dor que varriam a região entre suas pernas. Ela ficaria feliz de dispensar os beijos.

– Na verdade, voltei atrás em relação a não mexer. Acho que provavelmente está na hora de você sair – disse ela, tentando ser simpática.

Ele fez um pequeno murmúrio e começou a beijar as sobrancelhas dela. Irritante. Muito irritante.

– Fora! – disse ela, dando um empurrãozinho.

– Não posso. Alguém me disse para não me mexer.

– Não está na hora de desenvolver um senso de humor.

Ele roçou no nariz dela com uma ternura tão surpreendente, que ela se calou.

– Não teria feito desse modo se soubesse que você era virgem. E fiquei com a impressão de que havia me informado da sua experiência.

– Você tirou suas conclusões – disse Olivia. – Não foi minha... eu não podia esclarecer.

– Mas pôde deixar o duque pensando que um herdeiro talvez estivesse a caminho?

Os olhos dele brilhavam com o riso.

– Ele merecia – disse ela, dando uma mordidinha no queixo de Quin, só porque ele estava ali e era belo. – Detesto falar como se eu tivesse um compromisso, mas tenho certeza de que devia estar em algum lugar importante.

– Dói, não é?

Ele deu um beijo em seus lábios.

– Não consigo nem descrever quanto.

– Porque é uma dama?

Ela assentiu.

– Se eu soubesse que você era virgem, teria levantado seus joelhos e entrado com delicadeza, bem devagar.

– O resultado seria o mesmo.

Olivia não conseguia imaginar como a mecânica poderia ser alterada, considerando-se os tamanhos estabelecidos para as partes de cada um.

– Mas você dobraria os joelhos? Só para experimentar...

Ela dobrou os joelhos de má vontade.

– Às vezes, uma mulher envolve a cintura de seu amante com as pernas.

Ela se imaginava fazendo aquilo. Como uma espécie de acrobata. Por que nunca havia percebido como era pouco afeita às atividades do quarto? Podia não insistir para fechar as cortinas todas as noites, mas daí a levantar as pernas de forma tão pouco digna?

– Absolutamente, não. Nunca – acrescentou, só para ter certeza de que ele entendia.

O olhar dele ria dela, mas era porque Quin não compreendia quanto tudo aquilo doía.

– Olivia – disse ele, baixando a boca na dela de novo, inteiramente relaxado, como se tivesse a intenção de permanecer naquela posição a noite inteira. – Amo você. – E então ele a beijou, exigindo que ela abrisse a boca, e ela obedeceu.

Ele mergulhou a língua, num jogo quente e úmido com a dela, e Olivia compreendeu pela primeira vez. Essa forma de beijar era... *carnal*. Era ultrajante.

– Não é de se espantar – murmurou ela.

Ele se afastou uma fração de centímetro e arqueou a sobancelha.

– Não é de se espantar que não permitam que as debutantes beijem – explicou ela. – É mais uma forma de fazer amor, não é?

Em resposta, ele tomou sua boca de novo, possessivo, quente, doce. Todos os lados de Quin, ao mesmo tempo.

– Minha querida – disse ele, um pouco depois, quando a mão alcançara o seio dela. – Ainda dói tanto quanto antes?

– Claro – disse Olivia automaticamente.

Embora estivesse apreciando as carícias – e como não apreciaria? –, estava sempre ciente da dor, da sensação de ter algo estranho e grande demais dividindo-a ao meio.

Então ela se ajeitou um pouquinho e percebeu que não doía *tanto* quanto antes.

– Melhorou um pouco. Suponho que você murcha quando não fazemos nada por algum tempo.

Ele piscou.

– Querida, se acha que um homem que descobriu o caminho para o lugar mais doce, mais apertado do mundo murcharia...

Ela voltou a se mexer, pensou em toda aquela sensação maravilhosa que ele lhe proporcionara antes de *tudo aquilo* ter começado. Não era justo impedi-lo de desfrutar do mesmo. Não tinha medo da dor. Ou melhor, não se permitia sentir medo da dor.

– Deve recomeçar – disse ela. Na verdade, estava amedrontada, mas isso não significava que não tivesse coragem.

Ele parecia cético.

– Agora – Olivia acrescentou. – Pode se mexer para a frente e para trás agora.

Ele se retirou lentamente. Por estranho que parecesse, assim que saiu, ela se sentiu vazia. Ridícula, mesmo. Então ele voltou, dessa vez devagar, bem devagar. Parte dela desejava que ele fosse rápido, para acabar logo com tudo. Outra parte estava fascinada por aquela lenta invasão. Provocava algo...

Descobriu que sua respiração se agitava e que as costas se arqueavam um pouco.

– Melhor? – perguntou ele, com tranquilidade, mas ela percebia a impaciência na sua voz.

Ela assentiu.

– De novo?

Ela concordou.

Ele entrou, lento e constante. Não foi confortável. De modo algum, mas era suportável. A sensação áspera da fricção era até bastante agradável por alguma estranha razão.

E havia um vestígio de ansiedade no olhar de Quin, roubando-lhe algum prazer.

– Estou começando a adorar isso aqui – disse ela, abrindo um grande sorriso. – Poderia fazer isso a noite inteira. Eu vou...

– Mentirosa – rosnou ele, contendo o sorriso em seu olhar. – Sei que é um inferno para você, mas Olivia, é o paraíso para mim. Nunca imaginei sentir nada parecido.

Apoiado nos antebraços, ele olhou-a com os olhos semicerrados, entorpecidos de paixão.

Olivia deixou a alegria preencher seu coração. Arqueou as costas, foi na direção dele. Era um movimento desajeitado, mas ele compreendeu.

Jogou a cabeça para trás, de olhos fechados, e penetrou-a rápido e com força, uma, duas vezes, de novo... Exatamente quando Olivia começou a achar que talvez não fosse tão horrível, Quin fez um som, um som brutal e perigoso e penetrou-a pela última vez.

Se tivesse desabado sobre Georgiana daquele jeito, como uma árvore, poderia matá-la.

A boa notícia era a seguinte: como Olivia nunca havia adotado a dieta da alface, o corpo de Quin parecia estar perfeitamente bem sobre o dela. Na verdade, Olivia apertou os braços em torno do pescoço dele, para mantê-lo ali. A terrível sensação ardida entre as pernas parecia ter diminuído também. Aliás, ela sentia uma espécie de formigamento. Lá embaixo, parecia quase confortável.

Era tão íntimo. Ele era parte dela. Estavam ligados, duas pessoas, unidas como um quebra-cabeças que não podia ser separado. O pensamento a deixou com lágrimas nos olhos.

– Quin – disse ela, suavemente, virando a cabeça para beijar o rosto dele.

Queria dividir esse momento de êxtase, perfeição e intimidade.

Ele estava adormecido.

Olivia começou a rir e as risadas borbulhando em seu peito o despertaram.

– Desculpe, meu amor – disse ele, com a voz cheia de sono. Foi para o lado. – Não temos onde nos lavar – balbuciou.

Voltou a fechar os olhos e apagou.

Olivia rasgou uma tira da combinação destruída e se limpou da melhor maneira possível. Não havia tanto sangue, o que era realmente surpreendente. Pela dor que havia sentido, o sangue devia ter jorrado.

Mas não.

Ela procurou o segundo cobertor e cobriu o corpo de seu primeiro amante – de seu único amante – e se aconchegou a seu lado, preparando-se para dormir.

O corpo latejava e formigava de um modo pouco familiar, o que dificultava o sono. Então, começou a pensar de novo na maldita dama com a *agulha*.

Era uma descrição ridícula para algo que parecia mais com o ataque de um aríete.

Mas...

Havia algo avassalador, maravilhoso, naquela experiência. Fazia com que se sentisse...

Absurdo, disse a si mesma, aconchegando-se mais.

Nenhum ser humano pode ser dono de outro. Possessividade? Não.

Devia ter compreendido mal o olhar de Quin. Ainda nem era sua esposa.

No entanto, adormeceu pensando na forma como olhava para ela: feroz, faminto, possessivo.

Hummmm.

Capítulo 21



A definição de casamento

Quin acordou bem cedo pela manhã, como de hábito. Mas percebeu imediatamente que não havia nada de familiar naquele despertar. Normalmente, abria os olhos numa cama macia, imaculada, sem abraçar nada.

E ali estava ele, numa superfície áspera e dura, com os braços em torno de uma mulher macia, adormecida. E mais, a luz do sol, sem o filtro das cortinas, banhava seu rosto. Parecia que alguns pássaros bêbados cantavam dentro de seu ouvido.

De repente, o mundo – e o reconhecimento de onde se encontrava e com quem – invadiu sua cabeça. Era Olivia quem ele abraçara a noite inteira como se tivesse medo de que escapasse. Olivia, dona de olhos risonhos, de um senso de humor tolo e de uma inteligência que o surpreenderam e o encantaram... e que o deixavam louco de desejo.

Olivia era *dele*. De algum modo, conseguira encontrar uma mulher que era o oposto de Evangeline.

Evangeline havia bancado a virgem, mas, na verdade, não era.

Olivia tinha bancado a mulher experiente, mas na verdade, não era. Por um instante, ele chegou a ficar intrigado com o que havia acontecido

exatamente entre ela e o casto Rupert, mas deixou para lá. Ela nunca contaria. Devia ter feito alguma promessa para Montsurrey.

Se soubesse daquilo antes... Ele a penetrara acreditando que ela era uma mulher que conhecia o prazer. A primeira esposa o treinara para agir daquele modo. Sendo direto, fazer amor com Evangeline parecia uma cavalgada na estrada pública.

Fazer amor com Olivia era completamente diferente, e não apenas pelas diferenças físicas. Cada gemido, cada tremor dela parecia desencadear mudanças no próprio corpo.

E com isso, apareceu um senso selvagem de posse. Olivia era dele, toda dele. Nenhum outro homem a tocara como ele. A ferocidade de sua possessividade era espantosa... e nada lógica.

Ficou deitado por algum tempo, ouvindo o canto de um tordo e pensando em que tipo de traição torna um homem tão desesperado para encontrar uma mulher que ame *apenas* a ele. A virgindade de Olivia tinha sido o mais belo presente que ela poderia lhe dar.

Seus braços a apertaram com mais força só de pensar naquilo. Ele lhe havia causado dor e, por esse motivo, se sentia péssimo. Mas saber que fora o primeiro...

Afastou aquele sentimento. Era ilógico. Não importava com quantos homens uma mulher já havia dormido. Ele disse aquilo para si mesmo depois que Evangeline, na noite de núpcias, detalhou para ele suas muitas aventuras (a começar por um lacaio, quando ainda tinha tenros 15 anos). Estava certo.

Nenhum daqueles homens modificara o essencial em Evangeline, nem a forma que ele se sentia em relação a ela.

No entanto, aquele calor, aquela voracidade, animalesca, possessiva, no fundo do coração, não se desfazia. Descartou aquilo como sendo algo parecido com poesia: insensato, ilógico.

A pobre Olivia devia estar, sem dúvida, dolorida depois dos eventos da noite anterior. Ele a acomodou de costas, então passou um tempo acariciando aquelas curvas macias e intoxicantes. Ela continuou a dormir. Quin acrescentou um beijo. Ela se mexeu algumas vezes, mas não antes que ele

começasse a explorar com uma das mãos a pele delicada da parte interna da sua coxa, enquanto a boca se aproximava de um doce mamilo rosado...

Ela despertou.

Não murmurou uma saudação. Em vez disso, sentou-se com as costas eretas e gritou:

– Aiminhanossa, onde estou?

Quin não era bom em responder perguntas (a não ser, claro, que tivessem relação com matemática). Em vez de responder, estendeu os braços e puxou para junto do seu peito aquela deliciosa obra de arte feminina e a beijou. O que fez com que aquele sentimento de posse voltasse a tomar conta de seu corpo.

Deixou que acontecesse.

Não era lógico. Não era *ele*. Porém, era uma sensação poderosa.

– Ah, Quin – sussurrou Olivia depois de um tempo.

Estava deitada de costas enquanto ele percorria todos os centímetros de seu corpo, beijando-a pelo caminho.

– Hummm.

– Adoro quando rosna em meu ouvido – disse ela.

Quin pensou um pouco e concluiu:

– Você me faz parecer um buldogue raivoso.

Ela jogou as mãos para cima da cabeça, num alongamento feliz que sinalizava puro prazer.

– Não estou dizendo que rosna como um cão. Você... parece tão feliz por eu estar aqui.

– Você é minha – disse ele, com naturalidade. – Claro que estou feliz com você. – Separou as pernas dela.

– O que está fazendo aí embaixo? – perguntou Olivia, olhando para ele.

– Beijando suas coxas.

Ela tentou juntar os joelhos.

– Absolutamente não. Devemos voltar para a casa antes que seus convidados reparem na nossa ausência. Ainda bem que esses pássaros nos acordaram com todo esse barulho.

Ele passou a língua levemente pela coxa de Olivia, o que a fez estremecer apesar de todo o falatório, e deslizou a língua até se aproximar de seu ponto mais quente, acariciou-lhe os seios de um jeito que ele agora sabia que a deixava louca de prazer.

– Quin, Quin... – disse ela naquela voz ofegante que ele ouvira apenas algumas vezes. – O que...

Passou o dedo delicadamente sobre as belas dobras rosadas.

Ela voltou a se sentar.

– Não! – E em seguida começou a tagarelar.

Tinham que entrar, tinham que se banhar e se vestir, tinham que evitar a mãe dele, tinham que...

A única coisa que sua amada Olivia ainda não percebera sobre ele era que quando Quin tomava uma decisão... ele conseguia o que queria.

A única forma de deter a enxurrada de palavras e de ansiedade era calar-lhe com um beijo. Como a mão, ele havia encontrado o lugar mais macio e mais úmido do seu corpo inteiro, e não estava propenso a dar ouvido a protestos.

Na verdade, ele queria mais do que acariciá-la. Mas tinha recuperado o autocontrole que perdera, momentaneamente, na noite anterior. Olivia, a doce Olivia, precisava experimentar um prazer atordoante antes que ele se aventurasse de novo.

Finalmente, ele a deixou ofegante e contorcendo-se contra o seu dedo e implorando *por favor, por favor, por favor*. Rejeitou, implacável, o desejo premente de se deitar sobre ela. Em vez disso, cuidadosamente, colocou outro dedo junto ao primeiro... e foi o que bastou. Ela gritou, agarrada aos ombros dele, o corpo inteiro estremecendo.

Era tão sensual que Quin precisou parar por um momento e obrigar seu corpo a se acalmar.

Ela era tudo o que ele queria... tudo o que ele jamais poderia desejar.

Não podia estragar.

– Quin – disse ela, lutando para respirar. – Ah, assim. Assim.

Ele assentiu, rolou e fez outro pequeno sermão para o seu corpo. Não, não ia se esfregar nela.

– Sua vez – disse ela, parecendo um soldadinho corajoso que enfrenta um batalhão de elefantes prontos para a batalha.

Foi o suficiente. Sua ereção tinha finalmente cedido o suficiente para que ele pudesse se sentar.

– Hora de voltar para a casa – disse ele, procurando a roupa de baixo. Num momento, vestiu as calças e a camisa. – Devemos voltar antes que haja muitos criados andando pela casa.

– Meus joelhos estão fracos – disse Olivia. A voz estava rouca, e parecia que ela o convidava para fazer justamente o que ela não queria.

– De pé! – disse ele.

– Vá você – sugeriu ela. – Vou tirar um cochilo e vou depois.

Ela se encolheu até formar uma bola e se cobriu de novo. Os olhos se fecharam.

– Não posso deixá-la numa árvore.

– Pode, com toda a certeza. Deve entrar e tomar o desjejum com todo mundo. Eu vou mais tarde. Assim, ninguém vai pensar que passamos a noite fazendo coisas perversas no alto de uma árvore, o que de certo viria à mente se aparecêssemos juntos. Sei disso porque costumo presumir que há sempre gente fazendo travessuras nas árvores.

– Não posso deixá-la aqui – insistiu ele, paciente.

– Vou ficar bem. Foi você quem caiu daquela outra árvore, não eu.

Quin agachou-se.

– Olivia, acorde. Vamos entrar e não posso carregá-la.

– Estou cansada demais. E dolorida demais. Não vou descer até ter descansado. Acorde-me dentro de algumas horas.

Era uma ordem. Quin levantou-se da melhor forma que conseguiu e olhou para sua futura duquesa. Parecia estar dormindo pacificamente, uma mão sob o rosto, o cabelo deslumbrante, desarrumado esparramando-se pelo cobertor. Não tinha nem mesmo um travesseiro, mesmo assim parecia feliz e confortável.

Ele percebeu que estava sorrindo. Estava todo amarrotado e ainda sem se lavar, mas estava mais feliz do que se sentia havia anos.

Ela abriu um olho.

– Pode me trazer um chá quando voltar?

– Como expliquei, os lacaios não conseguem subir a escada carregando bandejas. Espere um minuto... a Srta. Lytton está pedindo a um *duque* para lhe trazer o chá?

Ela fechou os olhos de novo, mas ele percebeu um leve sorriso no canto da boca. Sua Olivia estava testando seu poder.

– Sim – disse ela, com doçura. – É para isso que existe o casamento.

– Para quê?

– Para ser bom, porque – ela sorriu – você quer que o outro também seja *bom* para você.

Ele levou o chá.

E bolinhos.

Capítulo 22



Coroado pela glória

Início da noite

— **S**implesmente não consigo acreditar que fez isso! – A forma com que Georgiana fitava Olivia era um pouco insultuosa, mais ou menos como se ela fosse um bezerro de duas cabeças numa feira. – Não é para menos que não tenha aparecido na hora do desjejum. Nem no almoço.

– Dormi direto. Mas não foi como se tivéssemos passado a noite ao ar livre – Olivia tentou explicar. – É uma casinha minúscula. Por acaso, fica no alto de uma árvore.

Georgiana fechou a boca. Os olhos gargalhavam, porém.

– Simplesmente não consigo crer. Ninguém me faria subir numa árvore. Estou convencida de que encontrou o único homem do mundo que gosta de subir em árvores.

– É um tanto espantoso, não é? – disse Olivia. Ela mal conseguia encontrar as palavras. – Ele é tudo o que eu teria sonhado, se eu achasse que *conseguiria* sonhar.

Georgiana balançou a cabeça.

– Nem mesmo você teria sido capaz de sonhar com um homem que gosta de dormir em árvores.

– Eu sei. – Olivia estava tão feliz que parecia que ia explodir. – Como foi o almoço?

– Devemos nos juntar aos convidados no salão – disse Georgiana, preparando-se para descer. – Não podemos nos atrasar. Sua Graça está terrivelmente irritada. Você e Sconce não apareceram na refeição do meio-dia. E mais, nenhum dos convidados partiu e, pelo que entendi, alguns planejam ficar por, no mínimo, uma semana. Ela foi *extremamente* impaciente com o Sr. Epicure Dapper, o cavalheiro com a notável mania de usar ombros bufantes em suas jaquetas.

Olivia soltou uma gargalhada.

– E assim tombam os poderosos!

– Lorde Justin realmente se diverte em atormentá-la, sabe? Depois do almoço, todas as jovens imploraram para que ele cantasse para elas. E ele cantou canções *francesas*!

– Ele é metade francês, não é? – Olivia deixou que Georgiana saísse do quarto na sua frente. – Por que não deveria cantar em sua língua natal?

– Ah, Olivia, sabe perfeitamente bem que as canções francesas são bem diferentes das inglesas. Parecem inapropriadas, mesmo quando não são.

– A irritabilidade da duquesa não tem nenhuma relação com a propensão de Justin a cantar na língua de sua mãe.

Georgiana parou bruscamente no alto da escada.

– Não me diga que você voltou a duelar com ela na noite passada?

– Não está feliz por ela não se encontrar na nossa companhia? Teria arranjado uma enxaqueca dupla, se é que isso existe.

Olivia começou a descer, mas Georgiana segurou seu braço.

– Conte-me tudo.

– Não sei se lembra, mas *você* me mandou ir à biblioteca, e disse que Quin me seguiria.

– Foi o que ele fez. Observei-o quando a seguiu como uma raposa que persegue uma galinha.

– Tínhamos acabado de acertar algumas coisas para nossa satisfação mútua quando a viúva entrou no aposento. Ela nos interrompeu, se compreende o que estou dizendo.

– O que está *dizendo*?

– Não, isso não – disse Olivia, dando gargalhadas. – Estávamos apenas nos beijando.

– Minha nossa.

– Ela ficou terrivelmente aborrecida. Disse que eu era gorda demais para me casar com o filho dela – disse Olivia, indo direto ao único ponto de que se recordava com clareza. – Ao que parece, ela acredita que sou uma opção sensata para Rupert porque meus quadris amplos compensam os miolos moles dele.

– Não posso crer que a duquesa viúva tenha dito tal coisa. – Georgiana engasgou. – Ela pode ser ríspida, talvez, mas nunca se portaria de um modo tão sem civilidade. E um comentário desses... tão distante da verdade... vai muito além da incivilidade comum.

– Garanto a você que foi o que ela disse, mas não falava a sério – defendeu Olivia. – Está apenas zangada porque não vai ter a Maravilhosa Georgiana como nora... E, realmente, quem poderia culpá-la?

– É muito gentil, Olivia, mas estou *desapontada* – disse Georgiana, seu pequeno busto subindo e descendo com tanta indignação que ela chegava a ter uma vaga semelhança com a própria duquesa viúva. – Uma dama de tal posição ser capaz de descer tão abaixo dos próprios padrões tão bem estabelecidos... é algo chocante.

– Provavelmente é a minha influência. Acredito que ela é apenas raios de sol e margaridas de um modo geral. Eu faço vir à tona o predador que mora dentro dela.

– Não está descrevendo um predador. Isso é um comportamento rude e vulgar. – Georgiana finalmente começou a descer a escada. – Pois bem, a duquesa pode ter ficado infeliz, mas mamãe vai ficar em estado de êxtase.

– Duvido muito.

– Um duque é tão bom quanto o outro.

– Assim que ela perceber que você vai se recusar a assumir meu lugar... bem, nem gosto de pensar. Lembre-se: papai prometeu que uma de suas filhas casaria com Rupert. Embora, para falar a verdade, Georgie, quando penso no assunto, você poderia arranjar *coisa pior*. Você foi treinada para essa tarefa.

– Você não quer que eu me case com Rupert – declarou Georgiana. – E eu não quero me casar com Rupert. E, com franqueza, enquanto você sempre foi uma boa filha, exceto pelos detalhes, eu não sou assim.

– Você não é? – perguntou Olivia.

– Mamãe e papai cometeram o erro de pensar que eu era obediente, apenas por ter dominado todas as tarefas que me propuseram. Eu não sou.

Ela chegou ao pé da escada e se virou para encarar Olivia.

– Georgie! – exclamou Olivia. – Você é... isso é maravilhoso!

– Também cometeram o erro de pensar que *você* era a rebelde, apenas por recitar versinhos vulgares e fazer cenas. Mas isso era apenas bobagem. Você é a filha obediente.

Olivia desceu e ficou ao lado dela.

– Acho que prefiro ser a rebelde. Parece que sou uma pateta.

– O duque de Sconce nunca se sentiria atraído por uma pateta – disse Georgiana com um sorriso maroto. – Está doido por você. Fiquei na expectativa, na hora do almoço, de que ele aparecesse e anunciasse, diante de todos, que havia escolhido você como esposa, mas ele conseguiu se conter.

Naquele exato momento, um dos lacaios que estavam diante das paredes próximas à entrada deu um salto e abriu as grandes portas.

Olivia virou-se, achando que poderia ser Quin. Então ficou paralisada, impossibilitada de falar. A pessoa na porta decididamente não era Quin.

Georgiana não experimentou semelhante hesitação.

– Vossa Graça – disse ela, enquanto Cleese acompanhava o duque de Canterwick. – É um imenso prazer revê-lo.

– É Rupert! – exclamou Olivia. – Alguma coisa aconteceu com Rupert?

– Não! – O duque virou o pescoço e a viu. – Minha querida, minha querida, é a melhor notícia possível!

(Como Olivia diria mais tarde para Georgiana, até então ela achava que *a melhor notícia possível* para o duque seria a sua gravidez, e ela sabia muito bem que não era o caso.)

– Rupert se superou! – gritou o duque.

O rosto dele brilhava de felicidade.

– O quê?

– Coroadado pela glória – disse Canterwick, ainda gritando. – Coroadado! O conde de Wellington mencionou-o em seus despachos... O príncipe regente foi informado... honrarias especiais estão sendo consideradas. Boa noite, Srta. Georgiana! E como está indo com Sconce?

– Muito bem, obrigada – disse Georgiana, sorrindo. – Fico feliz em ouvir tais notícias, Vossa Graça.

– Não está tão feliz quanto eu – disse o duque, um pouco menos *fortissimo*. – Feliz é pouco! Nem consigo descrever o que estou sentindo. Não pude acreditar a princípio. O mensageiro de Sua Majestade teve de repetir a notícia quatro vezes para mim. Então mandei um homem até Dover para esperar meu filho e trazê-lo para cá assim que chegar à praia. O que deve acontecer a qualquer momento, segundo o mensageiro. Vim direto compartilhar as notícias. Tenho de contar para todos.

Ele interrompeu o falatório e voltou-se para Olivia botando as mãos nos ombros dela e sacudindo-a de forma paternal.

– Percebo que está estupefata como todos, minha querida. Pois bem, é a verdade. Vejo que há um grupo reunido aqui esta noite, o que é esplêndido. Esplêndido! Contarei para todos de uma vez.

Depois de dizer aquilo, ele arrastou Olivia para o salão. A viúva avançou com um sorriso. Quin interrompeu uma conversa e se virou. Antes que qualquer um pudesse saudá-lo, Canterwick fez um gesto para que todos se calassem, como se fosse o dono da casa.

Ele se comportava como um ator, de certo modo, pensou Olivia, começando a superar o choque da chegada e das notícias estarrecedoras que ele trazia. Num primeiro momento, chegara a pensar que Rupert poderia estar morto, e agora... E agora?

– Como talvez saibam, meu filho, o marquês de Montsurrey, é major da Primeira Companhia dos Rifles de Canterwick – dizia o duque, mais uma vez quase a gritar. Oscilou sobre os calcanhares, para a frente e para trás, as palavras saindo aos borbotões. – Por alguma razão, os Rifles desembarcaram na cidade do Porto, em Portugal. Pelo que entendi, no momento em que meu filho descobriu o erro, ele organizou os homens e atravessou o país até Badajoz, o forte de Badajoz.

Todos no aposento estavam fascinados, atentos ao duque. Exceto Quin. Seus olhos estavam grudados nas costas de Olivia. Olivia chegava a sentir um formigamento na escápula.

– Como certamente sabem, a cidade espanhola de Badajoz está cercada sob o comando do general Thomas Picton. Houve muitas tentativas de escalar as muralhas... algumas detalhadas pelos jornais londrinos... sem nenhum sucesso. Quer dizer, sem sucesso até a chegada de meu filho!

Olivia duvidava que o duque percebesse como era triunfante o som de sua voz ao pronunciar as palavras *meu filho*.

– Ele está iluminado – murmurou Georgiana para ela. – Não é maravilhoso, Olivia? Quer dizer, maravilhoso para Rupert. Isso vai mudar tudo para ele.

Olivia assentiu.

– O general deu aos Rifles de Canterwick o rótulo de “Esperança Vã” – prosseguiu o duque. – É o termo que usam para uma companhia que não tem qualquer perspectiva de sucesso. “Esperança Vã”! Meu filho! Picton precisou engolir suas palavras!

– Espero que Picton não tenha tentado impedir que eles escalassem as muralhas – Olivia cochichou para Georgiana. – É muito bom descobrir que nem um general consegue deter Rupert quando ele decide fazer alguma coisa.

– Meu filho e seus homens sobrepujaram aquelas muralhas, apesar de todas as outras companhias inglesas terem fracassado – urrou o duque. – Escalaram e as mantiveram sob controle por diversos dias, até que a Quinta Divisão conseguiu retornar. Tinham desistido, sabem? Desistido e partido, pensando que os franceses controlavam o forte em Badajoz. Não controlavam nada, graças a *meu filho*!

Olivia não conseguiu se conter. Olhou de relance para a direita. Quin olhava para ela. Os olhares se encontraram e parecia que havia um mar entre os dois.

– A maior parte da defesa francesa se retirou para San Cristóbal e se rendeu ali – disse o duque, cada vez mais alto. – O marquês comandou a companhia por aquelas muralhas e depois tomou conta do forte e capturou muitos soldados franceses. Tomou conta. Com uma centena de homens, ele tomou conta de todo o forte. – O duque lançou um olhar feroz por todo o aposento. – Houve gente que disse coisas pelas costas de meu filho. Zombaram dele. Nunca mais! Estão falando em lhe conceder a Ordem de Bath! Uma honraria conquistada por, no máximo, 24 homens. Meu *filho*!

Houve um momento de silêncio e então, de forma espontânea, começaram os aplausos... espalhando-se de mão em mão até que todos no salão estavam vibrando, alguns até com lágrimas nos olhos.

De súbito, o duque virou-se para o lado, pegou o braço de Olivia e puxou-a.

– A Srta. Lytton acreditava nele – disse ele, olhando em volta, feroz. – Apresento-lhes a noiva de meu filho, a futura marquesa de Montsurrey.

Olivia quase tropeçou, recompôs-se, sorriu. Os aplausos aumentaram durante alguns instantes e diminuíram quando a duquesa viúva de Sconce avançou majestosa até se encontrar diante do duque. O silêncio era completo quando ela se deixou cair numa reverência um pouquinho enferrujada.

– Vossa Graça – disse ela –, será a honra desta nação acolher seu filho de volta às praias da Inglaterra, coroado por sua merecida glória.

Olivia não voltou a olhar para Quin.

Não conseguia.

Capítulo 23



Por que os heróis não são tão divertidos quanto os duques

O jantar que seguiu à chegada do duque de Canterwick nunca foi esquecido por nenhum dos convidados, que estavam nada menos do que encantados e que, depois do alegre espocar das rolhas das garrafas de champanhe, tornaram-se inebriados. Embora um dos presentes fosse se lembrar, mesmo anos depois, do sentimento de completo desespero que tomava lugar em meio a toda aquela celebração.

Quin vagou entre os convidados sentindo-se um fantasma: uma casca humana que parecia possuir um rosto e nenhuma outra característica notável além de um incrível azar com as mulheres.

Dançou com Georgiana depois da refeição. Seguiu Olivia com os olhos, viu como ela passava de um homem para outro, como eles a desejavam e riam com ela, apaixonando-se e morrendo de inveja do marquês.

Claro, ninguém manifestaria uma emoção tão desprezível, não naquela noite, não depois de os franceses terem se rendido naquele forte que havia custado tantas vidas inglesas.

Ia de salão em salão, porque se continuasse em movimento as pessoas não tentariam detê-lo para conversar sobre o marquês. “Inveja” era uma palavra leve para descrever a emoção que ele sentia. Era alguma coisa mais parecida

com fúria, com puro ódio, com ciúme em estado bruto e profundo. A mãe pousou uma das mãos em seu ombro, parou e deixou-o seguir.

Ele não sabia o que ela vira em seus olhos. Não importava.

O diabo era que ele saía de uma sala onde Olivia se encontrava... e se pegava voltando ao local, logo depois. Não podia enganar a si mesmo e dizer que era um movimento aleatório. Ele tentava se afastar, mas pegava-se procurando por ela de novo. E de novo.

Pareceu levar uma eternidade até que a maioria dos convidados se retirasse para seus aposentos e o duque, ainda empolgado e volúvel, fosse acompanhado até a Câmara da Rainha, assim chamada porque a rainha Elizabeth havia dormido ali em três ocasiões.

Quin foi para seus aposentos e se banhou. Pôs um roupão e então dispensou Waller e voltou a se vestir. Esgueirou-se para fora do quarto, desceu o corredor, abriu a porta do quarto de Olivia e entrou.

Ela estava sentada de costas para ele, os dedos dos pés estendidos na direção do fogo, lendo um livro, como em seu sonho. O corpo dele se transformou numa tocha pulsante e dolorosa.

Aproximou-se em silêncio, jogou seu cabelo sedoso para o lado e abaixou-se para beijar-lhe o pescoço.

Seu coração batia com força. Ele reconheceu a emoção que inundava suas veias. Talvez não fosse muito bom na identificação das emoções, mas qualquer tolo podia captar aquela. Era medo.

Rupert tinha conseguido. Tornara-se um herói. Um herói de guerra.

Olivia tinha a opção de se casar com um homem que havia ficado em casa, como um chapeleiro, ou se casar com um homem que ultrapassara as muralhas, tomara conta do forte e salvara a pátria. Que inferno, Rupert poderia até mesmo ter provocado uma virada na guerra. Ele e seus insignificantes cem homens.

Seus lábios tocaram o pescoço dela e ele aspirou aquela delicada combinação de flores e mistério que era Olivia... enquanto aguardava com uma sensação de pânico que se estendia da ponta dos dedos até os confins da sua alma.

Já estivera antes naquele estado. Na primeira noite em que Evangeline não voltou para casa. Quando ela enfim chegou, ao alvorecer, ela disse que ele era tedioso, falando apenas de matemática até lhe dar ganas de gritar. Passara a noite com um cavalheiro da região.

– Não consegui dizer não – dissera Evangeline, sonhadora. – Ele participara de uma caçada e desbaratara uma quadrilha de contrabandistas. Capturou todos eles. É um *herói*.

Mesmo meses depois, quando os “contrabandistas” foram a julgamento e descobriu-se que não passavam de aldeões famintos, tentando desesperadamente caçar coelhos no bosque que o cavalheiro julgava ser seu... mesmo então, ela ainda pensava no homem como sendo um herói.

Naquele momento, no presente, os braços de Olivia se ergueram e o capturaram pelo pescoço. Lábios cor de cereja e um brilho nos olhos que era só para ele...

– Sinto muito. – Ele por fim conseguiu dizer, após alguns minutos.

– Por quê?

Ele a levava da cadeira para o tapete, as chamas da lareira saltando aqui e ali, brilhando naquela pele macia. Como pôde constatar, ela estava vestida apenas com um roupão e, embora tentasse mantê-lo amarrado, ele havia conseguido abri-lo.

O sangue circulava veloz por seu corpo. Mas precisava ser dito.

– Poderia ter se casado com um herói de guerra, se eu não tivesse tirado sua virgindade. Todas as mulheres adoram um herói.

– Não é maravilhoso para Rupert? – disse ela, sorrindo.

– Absolutamente. – A voz dele estava inexpressiva, mas ele a manteve sob controle.

– Não teremos problemas para encontrar uma esposa para ele – prosseguiu ela. – Alguma coisa está errada, Quin? Você não está com ciúme do pobre Rupert, está?

Só havia uma forma de responder aquilo.

– Estou.

Olivia apoiou-se num dos cotovelos e pousou uma mão suave no rosto dele.

– Por favor, não me diga que deseja ir para a guerra.

– Não posso. Responsabilidades demais. Mas sim, eu *gostaria*. Li Maquiavel, Julio César e De Saxe. Gostaria de fazer alguma diferença no mundo.

– Entendo o que quer dizer – disse ela, deitando-se de barriga pra cima e dobrando os braços atrás da cabeça. – Está dizendo que tem que ficar em casa e cuidar de uma propriedade com milhares de alqueires, garantir que centenas de pessoas sob seus cuidados, que trabalham em suas terras, sejam alimentadas, vestidas e capazes de viver mais um dia... Espere aí! Isso não é fazer diferença? – Ela deu uma batidinha no queixo. – Não, tem razão. Se você não for até a França matar gente, sua vida terá sido um *desperdício*.

Quin se obrigou a dizer as palavras, forçando-as a sair da boca.

– Sob as atuais circunstâncias, ainda quer se casar comigo?

Ela franziu a testa.

– Que circunstâncias? Os triunfos de Rupert ou o episódio com o ataque do aríete na noite passada?

– O ataque do aríete? – Seu sorriso indelicado fez com que ele se perdesse por um momento, mas logo se recobrou. – Refiro-me aos triunfos de Rupert. Porque você poderia se casar com aquele que possivelmente será um dos maiores heróis da história do Império Britânico.

Um sorrisinho tocou os lábios dela.

– É verdade, não é?

– É.

– Eu poderia passar o resto da vida discutindo o que Lucy comeu mais recentemente com um grande herói nacional... ou poderia ficar deitada num tapete com você.

O coração dele batia alto.

– Nua – acrescentou ela. Seu olhar dizia tudo. – Vulnerável ao ataque de um...

– Não diga isso de novo. – O aperto no coração diminuiu. Ele se levantou e tirou as botas. Ela o observou com olhos semicerrados.

Ele tirou a camisa, baixou a calça.

– Olivia.

– Hummm...

– *O ataque de um aríete?*

Desfez-se da roupa de baixo e os olhos dela foram direto para o lugar certo.

– É uma descrição acurada – declarou. – Basta olhar.

Quin olhou para baixo. Estava animado, por assim dizer. Nada mau.

– Não deveríamos fazer amor até Montsurrey voltar para a Inglaterra e ser informado sobre a mudança das circunstâncias.

Com uma emoção que era puro prazer, ele percebeu a alteração no olhar dela e a viu ficar boquiaberta. Afinal de contas, parecia que o ataque do aríete não era *tão* aterrador.

Ele se ajoelhou e passou os dedos de modo sensual sobre o relevo de seu rosto, até o pescoço, mais devagar...

– Não quer dizer que tenhamos de agir como desconhecidos.

– Não? – sussurrou ela, envolvendo o pescoço dele com seus braços.

Ele abaixou a cabeça, um gemido baixo escapou de seu peito.

– Não.

Capítulo 24



Bigodes franceses, um amigo em apuros e o espírito da aventura

Anos mais tarde, Olivia consideraria aquela noite passada no tapete ao pé da lareira, sendo arrebatada por um duque ciumento, possessivo e completamente perfeito, como um momento de decisão, o ponto que separaria para sempre sua vida entre o “antes” e o “depois”.

Foi a noite em que descobriu como a vida pode ser deslumbrante.

E foi seguida pela manhã em que descobriu como ela é frágil e rara.

Ela e Quin tinham se arrastado para a cama dela, cercada pelo cortinado, e cochilado, acordando um ao outro, rindo e cochichando, explorando-se mutuamente.

Ele partiu quando o sol se esgueirava no horizonte, não antes de explicar a ela exatamente por que os raios da aurora que penetravam pela janela eram de suave tom de rosa e não de um branco ofuscante. Ela nem precisou fingir que estava fascinada. Estava mesmo.

Embora tenha voltado a dormir pensando na luz dos olhos de Quin e não naquela que entrava pela janela.

A próxima coisa que sentiu foi uma mão sacudindo seu corpo.

– Olivia, acorde! *Acorde!*

O pânico mal contido na voz de Georgiana interrompeu a sonolência sonhadora e fez com que Olivia abrisse bem os olhos.

– O que houve?

O senso de urgência de Georgiana foi rapidamente desviado pelo seu senso de decoro.

– Por que não está usando uma camisola? Não, não quero saber. – Georgiana voltou a fechar o cortinado, fazendo agitar os elos que o prendiam. – Precisa se vestir. Norah vai chegar a qualquer momento e não deve vê-la nesse estado.

– O que aconteceu? – Olivia cobriu-se e jogou as pernas para o lado da cama, procurando pelo roupão. Era muito estranho acordar nua, especialmente sob o olhar desaprovador da irmã. – Foi alguma coisa com mamãe ou papai?

– É Rupert – disse Georgiana, encontrando o roupão jogado no chão e lançando-o para a irmã. – Vista isso, pelo amor de Deus.

– Rupert? – disse Olivia, num salto. – O que aconteceu?

Georgiana mordeu o lábio.

– Está gravemente ferido, Livie. Não se sabe ao certo se vai sobreviver. Eu me sinto tão... pobre Rupert! Pobre, pobre Rupert. – Os olhos reluziam com as lágrimas. – E não é tudo. Assim que o mensageiro da companhia de Rupert deu a notícia, o duque caiu duro no chão.

– *Morto?*

– Não morreu. Mas está desacordado. Não despertou de modo algum. O mensageiro chegou de Dover no meio da noite, depois que todos tinham se retirado. Assim que Canterwick tombou, o mordomo tentou encontrar Sconce, mas...

– Ele estava aqui, comigo.

– Imaginei. Por isso Cleese despertou a duquesa e ela convocou um médico. Mas Canterwick não se mexeu nem falou e, pelo que entendi, o médico não está muito esperançoso. O duque parece estar morto, mas ainda respira.

Olivia permaneceu de pé no meio do quarto, segurando a gola do roupão e pensando em tudo que conseguia.

– Rupert está em Londres? Vou encontrá-lo imediatamente. Deve estar muito assustado, e se o pai não consegue estar a seu lado, então devo ir.

Georgiana balançou a cabeça.

– Está na França. Provavelmente foi isso que deixou seu pai tão devastado.

– Na *França*?

– Não sei de todos os detalhes, mas o mensageiro disse que seus homens o acompanhavam pela costa da França, tentando levá-lo até Calais, onde planejavam fazer com que cruzasse o canal no primeiro barco, mas... Olivia, é tão triste... os ferimentos são muito graves. Então um dos soldados veio sem ele, trazendo a mensagem para Canterwick, e recebeu instruções para seguir de Dover para cá.

Olivia afundou de novo na cama, sentindo-se arrasada.

– Está ferido demais para atravessar o canal?

– Temo que sim. – Georgiana também se sentou e passou um braço em torno de Olivia.

– Deve estar terrivelmente assustado. A menos que... talvez ele esteja desacordado?

– Acho que não. Aparentemente, ele chamou pelo pai.

– Imagino que tenha chamado por Lucy também.

– E por você. Ele tem grande estima por você – disse Georgiana.

– O pai iria para junto dele se não tivesse sofrido esse ataque – disse Olivia, com o coração batendo infeliz.

– Suponho que sim. Mas é um empreendimento terrivelmente perigoso, considerando-se a guerra. Rupert conseguiu chegar apenas à Normandia e pode ser capturado a qualquer momento.

Olivia se levantou.

– Tenho de ir ao encontro dele. Agora. – Agitou o sino. – Suponho que vou precisar de um barco capaz de cruzar o canal.

– Seria melhor viajar de carruagem até chegar a um ponto diretamente oposto a Rupert – disse Georgiana, engasgando –, mas é claro que você não vai para a França, Olivia! Não seja tola.

Norah apareceu na porta do quarto.

– Um banho – ordenou Olivia.

A criada tinha um sorriso um tanto presunçoso no rosto.

– Imaginei que ia querer. – Escancarou a porta. Três lacaios apareceram carregando baldes de água.

– E um traje de viagem, por favor – acrescentou Olivia.

– Nem pode considerar uma atitude tão drástica! – protestou Georgiana. – Faz ideia de como anda o relacionamento entre França e Inglaterra no momento? E se... e se fosse capturada pelos franceses, Olivia?

Olivia ponderou por um momento, então deu de ombros.

– Estamos em guerra há algum tempo e continuamos em guerra. Preciso chegar até Rupert. Tenho certeza de que os soldados franceses que eu encontrar vão compreender.

A irmã gemeu.

– Não anda lendo os jornais, não é?

– Ficaria surpresa se eu dissesse que não? – Os lacaios haviam saído e o banho estava pronto. Olivia se desfez do roupão, mais uma vez. – Se não quiser se ofender com a minha nudez, Georgie, é melhor sair agora.

– Não tem nada aí que eu não tenha – disse a irmã, deixando-se cair sobre o banco ao lado da banheira.

– Só tenho mais do que você – murmurou Olivia, colocando um dedo do pé na água escaldante.

– Não pode fazer uma viagem tão quixotesca assim, atravessando o canal – insistiu Georgiana. – Não tem a mais vaga ideia dos perigos que estaria correndo.

– Posso viver com a incerteza – disse Olivia. – Norah, poderia lavar meu cabelo o mais rapidamente possível?

– Sim, senhorita – disse Norah, enfrentando o cabelo de Olivia como se fosse uma trouxa de roupa suja.

– Como sabe de todos os perigos e costuma ler os jornais, Georgie, é melhor me inteirar sobre tudo que considerar importante.

A irmã começou a protestar, mas Olivia levantou a mão.

– Você me conhece há mais tempo do que qualquer um nesse mundo. Pode realmente imaginar que eu deixaria Rupert morrer em alguma choupana

na costa da França? Sozinho? Posso não querer me casar com ele, mas eu o admiro e tenho grande carinho por ele. De um jeito estranho, diria que eu o respeito verdadeiramente.

Houve um momento de silêncio, em que só se ouvia Norah mexendo na água.

– Ele não é mais seu noivo – insistiu Georgiana. Mas a voz a traía e tornava claro que ela sabia que não poderia vencer.

Olivia balançou a cabeça.

– Pare.

– Então vou com você.

– Não, com certeza não vai. É mesmo tão perigoso assim atracar na costa da França?

Olivia ensaboou o braço enquanto esperava a resposta.

– De acordo com os jornais, os soldados franceses patrulham constantemente as praias, à procura de forças invasoras e também de contrabandistas. Você poderia ser capturada.

– Por que raios iam querer me capturar?

A irmã olhou-a fixamente.

– Preciso mesmo explicar com detalhes o que os soldados são capazes de fazer com as mulheres, Olivia?

– Violada por um francês – disse Olivia com leveza. – Existem aquelas que pagariam pelo privilégio.

Georgiana engasgou.

– Como pode reagir com... com tanta vulgaridade diante de uma perspectiva tão terrível?

– Não quero depreciar o horror de um evento desta sorte, Georgie, mas se aprendi alguma coisa durante meu noivado com Rupert foi que pensar nas piores possibilidades não ajuda. Portanto, escolho imaginar que qualquer soldado francês que eu encontre será um homem sedutor e *gallant*. – Ela falou a última palavra caprichando na pronúncia francesa e considerou. – Talvez com um bigode que se enrola nas pontas.

– Nunca poderei compreendê-la! Como acha que aqueles soldados poderão ser *gallants* se acreditarem que você é uma espiã?

– Uma espiã? Eu? Não pareço em nada com uma espiã.

– Quem sabe qual é a aparência de uma espiã? Tenho perfeita compreensão de que existem mulheres envolvidas nessa atividade. Pergunto-me até se há permissão para se pagar resgate por espiões, do mesmo modo que é possível fazer com oficiais.

– Graças a Deus você lê jornais com tanta assiduidade – disse Olivia. – Talvez possa descobrir a resposta para essa pergunta antes que eu necessite dela. – Levantou-se, deixando a água escorrer. – Norah, tenho certeza de que compreendeu que precisarei de uma mala pequena.

– Acompanharei a senhorita até a França – disse Norah, com firmeza. – Vai precisar de alguém para vesti-la, mesmo se acabar numa prisão francesa.

O sorriso de Olivia foi dirigido para a irmã e para a criada.

– Nenhuma das duas vai comigo.

– Não pode ir sozinha – protestou Georgiana. E então: – Ah.

– Exatamente.

– Deve enviar um bilhete para o duque agora mesmo, se pretende partir imediatamente – disse Georgiana. – Pedindo para que ele a acompanhe. – Dirigiu-se até a escrivaninha no canto.

– Estou bem certa de que o duque já está se preparando para a jornada – disse Olivia com calma. – Obrigada, Norah. É uma ótima opção para viagem. Sem dúvida que as melhores espiãs se vestem num tom de ameixa escuro.

– Vai se confundir com a noite – disse a pequena criada, com a voz esganiçada pela empolgação.

Georgiana balançou a cabeça.

– Como sabe que Sua Graça está preparado? Posso lembrá-la, Olivia, de que conheceu Sconce há apenas quatro dias?

Olivia abriu um sorriso maroto.

– Aquele homem está ansioso para servir à pátria. Se puder fazer isso como espião, então ele será um espião. Está positivamente mordido de ciúme ante a ideia de que Rupert foi para a guerra. Ele me acompanhará.

– E o que dirá à viúva?

Norah estremeceu.

– Dizem, no andar de baixo, que o duque geralmente faz as vontades de Sua Graça.

– Ela não ficará feliz – insistiu Georgiana.

– Eu me arriscaria a dizer que *infeliz* nem sequer se aproximaria dos seus sentimentos em relação ao assunto – disse Olivia, pensativa. – Mas uma coisa deve ser dita: se Quin ficar na Inglaterra somente pelas objeções da mãe, então ele não é o homem com quem desejo me casar.

– Uma prova? – perguntou Georgiana, num tom um pouco ambíguo.

Olivia assentiu.

– Lembra-se daquela história antiga sobre a dama que foi considerada uma princesa *de verdade* porque sentiu que havia uma ervilha escondida sob seu colchão? Pois bem, esta é a minha versão. Nenhum príncipe é verdadeiro se obedecer à mãe.

– Em vez de obedecer à noiva? – perguntou Georgiana.

– Em vez de obedecer ao espírito da aventura.

Capítulo 25



A questão da bênção materna

Quin estava no depósito de armamentos, verificando o número bastante impressionante de armas reunidas por seus antecedentes. Por fim, depois de cuidadosa ponderação sobre o que o esperava, ele escolheu um par de pistolas italianas, pequenas e mortais.

– Confio que tenham sido lubrificadas recentemente? – perguntou a Cleese.

– Com toda a certeza, Vossa Graça.

Quin entregou as pistolas para Cleese e, um tanto pensativo, observou o mordomo embrulhá-las cuidadosamente em uma camada de flanela e guardá-las em um estojo feito sob encomenda ornamentado pelo brasão dos Sconce.

Um duque no andar de cima, morto para o mundo.

O herdeiro daquele ducado numa praia da França, morto... ou muito perto disso.

Sentiu-se como se estivesse dentro de um livro, daquele tipo com um enredo improvável e personagens ridículos. A qualquer momento, uma armadura ou algo igualmente absurdo poderia despencar do céu.

– Vamos tomar um barco em Dover – contou para Cleese, observando-o empacotar sacos de pólvora e munição naquele estojo. – Mande um laçao na

frente para contratar o melhor capitão e a melhor embarcação disponível. Vamos ancorar ao largo e pegar um barco com remos silenciosos e ocultos pela escuridão. Com alguma sorte, o marquês estará de volta ao solo inglês amanhã à noite.

– Confio que será assim – disse Cleese, parecendo tão pouco convencido quanto o próprio Quin.

A porta se abriu.

– Aí está você!

Quin ergueu os olhos e sentiu uma onda de emoção tão forte que chegou a ficar tonto. Olivia estava vestida para viajar. Por estar naquele momento crítico, ele havia esquecido como era bela: aqueles olhos verdes, da cor das algas marinhas, a boca feita para ser beijada.

– Já está pronto? – perguntou ela.

A ideia de permitir que entrasse num barco em qualquer ponto do canal o deixava perturbado. No entanto, sabia que não tinha opção.

– Precisamos partir imediatamente – disse ela.

Quin percebeu a ansiedade no olhar dela, mas seu sorriso era grande e corajoso.

– Que raios está levando? – perguntou ele, enquanto ela depositava um cesto no chão, com todo o cuidado.

– Lucy, claro – respondeu ela. – Temo que não esteja feliz dentro do cesto, mas não quero correr o risco de que ela caia no mar.

Ele deu um passo à frente, tomou-lhe as mãos, fixado naqueles belos olhos.

– Por favor, poderia ficar aqui na segurança de Littlebourne enquanto vou resgatar Rupert? O marquês estará a seu lado, se possível, dentro de um dia. Estou certo de que seu estado melhorou desde que o mensageiro veio ao nosso encontro.

O sorriso de Olivia aumentou.

– Eu precisava tentar – murmurou ele, tanto para si mesmo quanto para ela.

– Sua mãe o espera no salão.

Quin tomou o estojo que estava com Cleese. Com ele, esperava estar preparado para proteger sua dama da melhor maneira possível. Era um ótimo atirador, mas sabia perfeitamente bem que boa mira e uma pistola bem lubrificada não eram uma garantia completa. Precisaria de sorte.

Olivia se mantinha a seu lado.

– Quin, você me escutou? Sua mãe está esperando por você no...

Ele se virou e deu um beijo em seus lábios.

– Eu a ouvi. Vou me despedir brevemente de Sua Graça agora mesmo. Cleese, pode despachar aquele laçao para Dover, depois recolher minha bolsa de viagem com Waller e garantir que a Srta. Lytton fique bem acomodada na carruagem?

Olivia tinha corado e ficado um tanto irritada.

– Não pode me beijar na frente das pessoas – cochichou.

– Beijá-la? – perguntou ele, e então: – Cleese, feche os olhos.

Como sempre, o mordomo foi ligeiro e obediente e Quin voltou a beijar sua dama, rápido e com força.

– Melhor assim? – cochichou ele, a voz rouca pela potente combinação de desejo e medo. – Nosso inestimável Cleese não viu a intimidade em questão. Mas devo destacar, minha querida, que nosso mordomo sabe *tudo* que acontece nesta casa e, sem dúvida, já estava ciente da minha intenção de me casar com você, talvez até antes de mim.

– Cleese, devo implorar para que não dê atenção a seu amo – disse Olivia, revirando os olhos. – Está claro que ele sucumbiu ao estresse da situação. – Ela se dirigiu para a porta, escapando das mãos dele. – Sério, Quin, precisamos correr. Temo chegar tarde demais. – Com a expressão bastante abalada, ela acrescentou: – Quer dizer, quero encontrar Rupert o mais rápido possível.

Quin tomou-lhe a mão, puxou-a de novo para junto de si e deu um beijo faminto, de língua. Do jeito como vinha planejando desde que a deixara, ao alvorecer.

Quando por fim ele ergueu a cabeça, ela estava cedendo contra o corpo dele, com a respiração irregular.

– Eu a beijarei – declarou ele, olhando em seus olhos – diante de Cleese ou diante do próprio rei.

Olivia piscou, tinha ficado com os olhos marejados.

– Ou do papa. – Ele começou a pontuar a frase com beijinhos. – Ou do imperador do Sião. Ou do arcebispo de Canterbury.

Uma voz veio do outro lado da porta.

– Tarquin.

Ele levantou a cabeça e fez um leve meneio, reconhecendo a presença da mãe. Então olhou de volta para sua futura esposa e deu mais um beijo em seus lábios rosados. – Diante de qualquer um dos membros da minha família, inclusive da santa titia lady Velopia Sibble, que adoraria que as pessoas se comunicassem apenas com a divindade por ela escolhida, e somente em orações.

Olivia balançou a cabeça para ele.

– Estarei na carruagem. – Ela parou diante da viúva e fez uma reverência com a cabeça baixa. – Vossa Graça, pode caracterizar a cena como balbúrdia da criadagem, se quiser.

– Como deve ter concluído, sem dúvida, estou partindo para a França – disse Quin para a mãe, enquanto Olivia desaparecia pelo corredor. – Espero retornar amanhã com um marquês ferido ou com o corpo de um herói inglês. Não preciso dizer que prefiro que seja o primeiro caso.

– Por tudo o que ouvi, inclusive da própria Srta. Lytton, ela não solicitou sua companhia nesta missão temerária – pronunciou a viúva.

O rosto trazia uma expressão ofendida, magoada, e as mãos presas como as de uma santa de mármore. A comparação terminava aí: a única santa que ele podia imaginar com uma voz de comando tão forte quanto a da mãe seria Joana D’Arc.

– A Srta. Lytton não precisou pedir minha companhia – confirmou. – No entanto, vou para a França com ou sem ela. Posso acompanhá-la até o salão, mamãe? A maré não espera por ninguém e pretendo estar em Dover dentro de três horas.

– Considerando a situação política atual, que é inclemente, eu preferia que não viajasse para a França.

– Estou ciente. – Ele examinava listas mentalmente, tentando ao mesmo tempo reconfortar a mãe e fazer aquilo que ela mais temia. – Cleese, por favor, separe corda e uma lanterna escura e ponha na carruagem. Ah, e uma pederneira.

A mãe ignorou tanto a declaração quanto a presença do mordomo.

– Preciso pedir... não, *exigir*... que reconsidere esse empreendimento impulsivo e perigoso. Montsurrey se encontra, sem dúvida, às portas da morte, se é que já não faleceu. Questionei o sargento Grooper, o mensageiro que chegou no meio da noite e descreveu o marquês como quase incapaz de erguer a cabeça de seu catre. Isso ocorreu há um dia. Com certeza, está morto.

– Se o marquês morreu, então devo trazer seu corpo para a Inglaterra – disse Quin, com firmeza, guiando a mãe pelo corredor, até o salão. – Ele foi um herói de guerra. É o mínimo que um cidadão inglês poderia fazer por ele.

– Por que tem que ser você? – exclamou a duquesa, as palavras escapando de sua boca com uma urgência atípica, para não mencionar o modo emocional. – Poderíamos apelar à Marinha! Sua Majestade poderia enviar uma força. Ou poderíamos contratar os guardiões da lei que atuam em Bow Street. Pelo que ouvi dizer, eles são capazes de submeter um batalhão francês sem qualquer dificuldade.

– Sua Majestade não pode correr o risco de dar a impressão de que forças britânicas estão atacando a costa da França, e a Marinha Real enfrenta o mesmo problema. Mas essas são questões teóricas. Não há tempo a perder. Estou comprometido com Montsurrey. Cuidarei disso pessoalmente.

– Com toda a certeza, *não* tem compromisso algum com Montsurrey! Não me disse que nunca foram apresentados?

Haviam chegado à entrada e Quin parou.

– Mãe, sabe por que tenho um compromisso com o marquês. E também sabe precisamente por que nunca permitiria que Olivia...

– A Srta. Lytton!

Ele manteve a voz firme.

– Compreende por que nunca permitiria que Olivia atravessasse o canal sem mim.

A viúva estava tão pálida que o ruço em seu rosto se destacava como manchas em cada bochecha.

– Esse esforço irresponsável e imprudente é inteiramente descabido. Os franceses vão atirar assim que o enxergarem. Você não navega desde a morte de sua esposa!

A mão de Quin assumiu a forma de um punho cerrado.

– É verdade que não voltei a atravessar o canal, mas foi apenas porque não tive necessidade de viajar ao continente. – O tom equilibrado da sua voz ocultava o fosso que se abria em seu peito diante da simples ideia de atravessar as mesmas águas que engoliram seu filho. Um duque nunca deve se deixar tomar por tal emoção e ele a afastou, impiedosamente. – A morte de Evangeline é irrelevante. Montsurrey precisa de mim. Olivia precisa de mim. E, honestamente, mãe, eu não poderia encarar o duque de Canterwick, se ele recobrar os sentidos, sabendo que não fiz todos os esforços para que seu filho voltasse para casa.

A mãe engoliu em seco.

– Canterwick não faria o mesmo por você.

– Do mesmo modo que a morte de Evangeline, isso também é irrelevante. Vamos embarcar em Dover e a viagem deve levar apenas quatro horas, com bons ventos. Espero estar de volta amanhã. Os contrabandistas fazem isso todos os dias.

– Tenho medo daquelas águas – disse a viúva, a voz tensa como a corda de um violino. – Eu quase o perdi para elas no passado.

Quin assentiu. Os dois sabiam que havia mais de uma forma de se perder.

Ele ergueu a mão da mãe e levou-a aos lábios.

– Educou-me para ser um duque, mãe. Seria uma desonra a meu título se eu permitisse que um homem de minha posição morresse numa praia estrangeira em decorrência de minha covardia.

– Queria ter criado um camponês – disse a mãe, com a voz baixa.

– Vossa Graça – disse ele, curvando-se numa saudação que demonstrava grande respeito pela mãe.

Ela ergueu o queixo e então, lentamente, desceu numa reverência.

– Preferiria não sentir orgulho de um filho que está se colocando em uma situação de perigo evidente – retrucou.

Os olhos da duquesa estavam iluminados pelas lágrimas.

– Levarei comigo sua bênção – disse Quin, ignorando as palavras e respondendo o que lia nos seus olhos. Era algo que estava aprendendo com Olivia. Com concentração, *conseguia* ler os sentimentos das pessoas. Bastava olhar com cuidado em seus olhos.

A mãe deu meia-volta e subiu a escada, com os ombros rígidos e a cabeça erguida.

Capítulo 26



Os perigos da poesia sob a luz do luar

Fazia quase três horas que tinham deixado o porto em Dover num veleiro chamado *Devaneio*, uma escuna com uma pequena cabine logo acima da superfície da água. Olivia se mantinha em pé diante da escotilha, observando a água escura escorrer sem parar atrás da proa, como se tivesse um lugar para ir.

– Vamos pegar um barco a remo num braço de mar, pelo que compreendi – disse Quin, logo atrás de Olivia.

Estava examinando um mapa detalhado da costa francesa com o sargento Grooper, o soldado que tinha ido buscá-los em casa. Ou melhor, Grooper tinha ido buscar o pai de Rupert.

O pobre Canterwick permanecia inerte como se estivesse morto. Olivia o visitara antes da partida e lhe dissera estar a caminho da França para encontrar Rupert e levá-lo para casa. Talvez ele a tivesse ouvido.

– Isso – disse Grooper. – A choupana fica bem aí. – O dedo gorducho do sargento aterrissou em um minúsculo braço de mar. – Decorei o nome dessa cidade: Wizard. – O dedo voltou a se mexer.

– Wissant – corrigiu Quin. – Acredito que quer dizer “Areia Branca”.

Olivia apertou a capa contra o corpo. Quin vinha interrogando Grooper havia mais de duas horas, questionando a rota exata tomada pelos homens de Rupert pela costa francesa. Estavam numa corveta, desesperados para evitar a captura. Não tinham enfrentado qualquer problema até a condição de Rupert se tornar tão delicada que passaram a temer a continuação da viagem.

– Está ardendo em febre – disse Grooper, atrás de Olivia. – Tagarelando sobre verdes campos e coisas do tipo. E sobre uma dama que ficou para trás.

Olivia virou-se de novo e deu um leve sorriso para o soldado.

– Poderia perguntar se ele chamava por alguém de nome Lucy?

– É isso mesmo! Por todo o caminho pela costa, pelo que parecia. Lucy e mais Lucy. – Olhou para ela. – Acredito que seu nome de batismo seja Lucy, madame?

– Não, Sr. Grooper, essa aqui é a Lucy. – Fez um gesto para o cãozinho adormecido dentro do cesto.

As sobrancelhas peludas de Grooper se ergueram.

– É a primeira vez que vejo um homem fazer tanto caso por conta de um cão.

Olivia não sentia necessidade de explicar quem era Rupert nem a devoção dele por Lucy, e apenas assentiu. Quin estava debruçado sobre o mapa, naturalmente memorizando até as mais minúsculas reentrâncias da costa. O casaco parecia apertado na altura dos ombros, enfatizando sua largura. As maçãs do rosto pareciam mais proeminentes do que o habitual. E a mecha branca caía sobre sua testa.

– O que mais me preocupa é que há uma guarnição aqui, desgraçadamente perto da choupana – disse Quin, deslizando o dedo sobre a enseada onde Rupert poderia ser encontrado. – Não viu nenhuma movimentação de soldados pela área?

– Fiquei no máximo meia hora – disse Grooper. – Não sou o tipo de homem que é de muita ajuda para um doente. Parti para a Inglaterra no momento em que acomodamos o major num catre. Não lhe sobrava muito tempo. – Balançou a cabeça. – Ainda vejo o pai dele sempre que fecho os olhos, agitando-se assim e então caindo no chão. Eu devia ter dado as notícias de uma forma mais delicada. Fui falando de qualquer modo.

– Não foi o senhor – disse Olivia. – Foram as notícias inquietantes. Não importa como tivesse dito, o duque enfrenta a perda de seu filho único, a quem ele ama muito.

– Percebi – disse Grooper. – E, se não se importam, diria que todos os homens da companhia sentem o mesmo pelo major. “Esperança Vã”, era como nos chamavam. Porque não deveríamos conseguir nada e... – o sargento ergueu o queixo – éramos aqueles que ninguém mais aceitou, sabiam disso?

Olivia balançou a cabeça.

– Os outros recrutadores para o exército não nos queriam e fomos simplesmente deixados para trás, por um motivo ou por outro. Achavam que eu estava velho demais, embora eu conheça o campo de batalha melhor do que qualquer um. Havia alguns que tinham sido feridos durante o serviço militar e disseram a eles para voltar para casa.

Olivia emitiu um ruído de simpatia.

– Ir para casa! – continuou o homem. – Ir para casa e fazer o quê? Aprender a tricotar? Não se diz a soldados para ir para casa só porque perderam alguns dedos do pé ou porque têm uma perna ruim.

– Mas o marquês não concordava com isso? – adiantou-se Olivia.

– No começo fiquei nervoso como todo mundo. Ele não pensa do mesmo jeito que o resto de nós, estava claro. Mas aí entendi o que queria. E assim que percebi, eu o teria seguido para qualquer lugar do mundo.

Olivia abriu um sorriso.

– Inclusive escalando as muralhas, não é?

– Isso mesmo. Veja, outras companhias tinham tentado antes. Sempre tentavam no meio da noite, achando que iam causar surpresa. Mas claro que não surpreendiam ninguém. Pois bem, o major disse que a gente simplesmente caminharia até lá mais ou menos ao meio-dia e entraria em ação. Não parecia nada preocupado. Por isso, nenhum de nós ficou preocupado.

– É a atitude dos líderes natos – disse Quin.

Ele se levantara, afastara o mapa para um canto e agora, apoiado na mesa, ouvia o relato do sargento.

Grooper assentiu.

– A essa altura, havíamos atravessado Portugal até Badajoz e sabíamos que ele era um sujeito decente. Ele nos ouvia, é certo. E nos dizia o que pensava e não se fazia de importante. – Grooper fez uma pausa. – Aliás, ele tinha uma forma bem estranha de pensar.

Era uma forma gentil de dizer, pensou Olivia.

– Então assumiram o controle do forte.

– Foi muito fácil – disse Grooper inchando de orgulho. – Vejam só, os franceses estavam comendo. E quando comem... eles *comem*. Três pratos, quatro, cinco. Todos eles, mesmo o soldado mais humilde. O major sabia disso. Tivera um tutor francês, sabe, e entendia como eles eram. E também nos explicou de um jeito que conseguimos entender.

Olivia sorriu. Adorava pensar em Rupert sendo saudado com respeito em vez de tratado com um mal disfarçado desdém.

– Derrubamos algumas sentinelas de imediato e então simplesmente tomamos conta do forte. E não matamos tantos franceses assim. Deixamos que corressem direto da mesa de almoço para San Cristóbal. O major, ele não gosta da ideia de matar, a não ser que seja para salvar a própria vida.

Olivia sorriu.

– Rupert é assim.

– O marquês foi ferido durante a luta? – perguntou Quin.

Grooper fez que não com a cabeça.

– Isso foi uma grande desgraça... se me perdoa o linguajar, milady. Tínhamos resolvido tudo e mantivemos o controle do forte durante três dias, até que as forças inglesas chegaram. Não achavam que tínhamos chance, sabe. Não depois de tantas tentativas fracassadas. – O desgosto na voz do sargento era audível.

– Controlamos o forte e também nos saímos bem. Tínhamos um monte de franceses na masmorra, mas demos a eles cobertores e bastante comida. Porque o major disse que se tiram a comida de um francês, ele luta igual a uma ratazana encurralada. Com certeza, assim que ficaram confortáveis e bem alimentados, não pareciam se importar tanto. Nunca tentaram fugir.

– Então o que aconteceu? – perguntou Olivia.

– O major, pois bem, ele gostava de caminhar de noite pela fortificação – disse Grooper. – O guarda lá em cima... – Ele pigarreou. – Bem, ele disse que o major estava recitando poesias.

A última palavra saiu com relutância, como se estivesse confessando que Rupert tinha começado a fumar ópio.

– Recitar poesia, em geral, não é considerado uma atividade perigosa – observou Quin.

– Não sou muito partidário da poesia – reconheceu Grooper, deixando implícito que considerava a poesia como algo que pertencia à mesma categoria que a traição. – O major subiu até as ameias, ficou caminhando e olhando para a lua. Então tomou um tombo.

– Estava olhando para a lua?

– Encontramos um pedaço de papel com uns versinhos, tudo sobre a lua. De qualquer modo, a queda abalou o cérebro dele. Não acordou durante um dia inteiro e achamos que tudo estava perdido, com toda a certeza. Então começou a falar da tal Lucy... achamos que era sua esposa... nós nos reunimos para decidir como faríamos para voltar para a Inglaterra. O médico de Wellington disse que tínhamos de esperar o major morrer para levar o corpo.

– Fico feliz que não tenham esperado – opinou Olivia.

– O major não é como os demais, como os outros comandantes. Ele realmente *se importava* conosco. – A voz de Grooper ficou um pouco rouca. – Pusemos ele numa carroça e o levamos para a costa, dali pegamos uma escuna e chegamos até a costa norte da França. E teríamos atravessado para a Inglaterra, só que achamos que ele estava ficando pior, com o balanço das ondas. Sua cabeça doía.

Olivia pôs a mão na manga de Grooper.

– Fizeram a coisa certa, sargento. O pai pode não ter sido capaz de dizer isso antes de desmaiar, mas está imensamente grato aos senhores, assim como eu.

O sargento olhou para as mãos e disse:

– Se a gente soubesse que Lucy era um cachorro, não sei o que teríamos feito.

– Nesse caso, fico feliz que não soubessem.

– Devemos estar nos aproximando da costa – disse Quin, interrompendo a conversa. – Olivia, você vai esperar aqui com o sargento Grooper. – Parecia achar que a última palavra era a dele nesse assunto. – O capitão vai lançar a âncora e eu buscarei o marquês com o barco a remo.

– Não – disse Olivia, com a voz firme. – Pretendo estar naquele barco.

– Permita-me discordar.

– Não vim até aqui para ficar sentada na costa, em segurança. Se Rupert estiver vivo, talvez não esteja bem o bastante para aguentar uma travessia no barco a remo, como Grooper e seus amigos desconfiaram.

– Quando discutimos essa possibilidade inicialmente, não percebíamos que havia um quartel repleto de soldados franceses a uma distância mínima da choupana. Tenho grandes dúvidas de que Rupert e os dois homens que permaneceram com ele ainda estejam soltos.

Olivia pressionou os lábios para que não estremecessem.

– É verdade que Rupert não é um homem de muita sorte.

– Estou certo de que, se pagarmos o suficiente, os franceses nos entregarão o corpo – disse Quin, sem meias palavras. – Nós o levaremos para a Inglaterra e ele será enterrado com honras, como é condizente com sua posição e seus feitos. Mas você não pode se arriscar nessa missão em particular, Olivia. Vou trazer Rupert de volta. – Havia uma intensidade na sua voz que transformava as palavras em votos.

As lágrimas *queriam* escorrer dos olhos de Olivia. Ninguém, em tempo algum, havia defendido Rupert, além de seu pai. E naquele momento saía em seu auxílio aquele duque magnífico, intransigente. Tinha certeza de que Quin nunca permitiria o mínimo insulto a seu suposto rival.

– Rupert ficaria honrado em conhecê-lo – disse ela, com a voz vacilante, apesar de todos os esforços. – E estarei naquele barco em sua companhia.

– Não.

– Se não me permitir acompanhá-lo, eu me juntarei a você em alguns minutos, depois de acertar o pobre Grooper na cabeça e nadar até a costa.

– Não precisa fazer nada disso – disse Grooper. Parecia estar se divertindo com a discussão. – Ninguém nunca vai dizer que me meti no meio

de uma briga de casal.

– Não somos casados – disse Quin, com os olhos fixos em Olivia.

Grooper balançou a cabeça.

– E eu que pensava que a nobreza não tinha os modos frouxos como o restante de nós. É certo que brigam como se tivessem feito os votos.

– Sou uma excelente nadadora – insistiu Olivia, ignorando os comentários um tanto inúteis do sargento.

Estava tentando convencê-lo, mas, no momento em que as palavras saíram, viu a dor na expressão de Quin e percebeu que havia cometido um erro terrível.

Foi para o lado dele no mesmo instante, os braços em volta de sua cintura.

– Não vou entrar na água. Prometo não entrar na água. – Roçou os lábios nos dele. – Se Rupert estiver vivo, devo estar presente. Rupert me reconhecerá. Nunca o encontrou antes.

– Vou levar Lucy comigo.

Olivia sabia no fundo de seu coração que tinha que fazer valer sua posição nesse caso.

– Não pode tomar decisões por mim.

– Não estará segura. – A voz dele estava arrasada... doída.

Embora mal notassem sua presença, Grooper subiu os degraus até o deque e fechou a porta com delicadeza.

– Não pode me manter em segurança. – Ela o puxou para mais perto, até sentir seu peito firme contra o dela. – Também não posso mantê-lo em segurança.

– Dane-se, Olivia, esses idiotas depositaram Rupert numa choupana bem embaixo do nariz de um quartel repleto de soldados franceses. Se os franceses a capturarem... *não*.

– Não vão me capturar – disse ela. Sentia uma agonia aguda como uma faca no olhar dele, afundando no próprio peito. – Não vim até a França simplesmente para ficar à sua espera a bordo do *Devaneio*. – Então teve uma inspiração. – Não vão me capturar porque estarei com você.

– Comigo – balbuciou Quin, o queixo tenso.

– Quero permanecer com você. Além de ficar mais segura, também não suportaria a tensão de não saber como você está indo. – Sentiu uma pontada de culpa. Estava manipulando-o. – E se aqueles soldados notarem o *Devaneio*?

– Não vão notar – disse ele, peremptório. – Vamos ancorar ao largo e desligar as luzes. – Mas os olhos buscavam o rosto dela. Ele a ouvia.

– Não posso permitir que Rupert morra sozinho. – Ela depositou toda a sua força de vontade na voz.

– Minha querida. – Ele passou o polegar de leve no contorno do lábio inferior dela. – Rupert está morto. Estou tentando descobrir como levar o corpo dele até a escuna sem alertar os soldados. E, se houver uma remota chance de ele estar vivo, estarei com Lucy. Com certeza, ela será uma boa credencial.

– Não. – Nunca pensara, nunca imaginara que alguém como Quin pudesse amá-la. No entanto, compreendia instintivamente que ele precisava respeitá-la. Devia confiar nela mesmo quando os instintos dele dissessem o contrário. – O pai dele se foi. Sou a única pessoa do mundo que se importa com ele, Quin. A única. *Tenho que ir até Rupert*. – Continuou a olhar em seus olhos. – Minha segurança pessoal é imaterial. É uma questão de ética.

Houve um momento de silêncio tenso.

– É um argumento válido – disse Quin, por fim, com relutância na voz.

Ela prendeu a respiração.

Os braços dele a seguraram com mais força.

– Você é Olivia, afinal de contas.

– O que quer dizer? – sussurrou ela.

– Ama a sua irmã o suficiente para desistir de mim. Ama Rupert, aquele pobre desmiolado. Ama Lucy com a cicatriz na pálpebra. Ama até seus pais equivocados.

Ela pigarreou.

– Omitiu uma pessoa nessa lista.

– É a pessoa mais leal que conheço. Nunca revelará os segredos de Rupert, nunca roubará o homem que sua irmã quiser. Portanto, é óbvio que

não conseguiria viver em paz se não fizesse todo o esforço para ficar com Rupert.

Olivia abriu a boca para dizer algo sobre o amor, algo sobre quanto amava aquele homem complicado, ríspido e inteiramente fascinante que estava diante dela, mas houve um barulho de água sendo derramada seguido pelo som de uma âncora que baixava da forma mais silenciosa possível.

– Muito bem – disse Quin, com equilíbrio –, não gosto nada disso. Mas compreendo.

Olivia ficou na ponta dos pés e depositou mais um beijo em seus lábios.

– Eu amo você.

As mãos dele apertaram os braços dela e ele a beijou. Nada disse. Mas não importava. Olivia compreendia o amor tão bem quanto qualquer mulher e quando um homem olhava para uma mulher com desejo, possessividade e cuidado, tudo isso misturado... ele a amava, mesmo que não conseguisse dizer isso.

Ela sorriu.

– O barco a remo está à nossa espera. Está na hora de partir.

Capítulo 27



“E um longo caminho antes do sono”

Ao subir ao deque, a primeira coisa que Quin percebeu foi que o barco a remo era pequeno demais, pouco maior do que uma banheira. Mal suportaria seu peso, muito menos o seu e o de Olivia juntos. E com toda a certeza, não aguentaria uma terceira pessoa, viva ou morta.

O capitão do *Devaneio* aproximou-se e disse, com a voz baixa:

– É o único barco que tenho com abafadores nos remos. Passa pela água fazendo o mesmo barulho que um homem mijando num lago. Para quem precisa chegar à costa em silêncio, é este aqui.

O sujeito dava todos os sinais de ser um contrabandista. Quin fez uma pausa, então assentiu, procurando conscientemente relaxar a tensão na mandíbula. Se sobrevivessem às próximas horas, ele não queria tombar como o pai de Rupert. Tinha percebido que a tensão tinha um efeito extremamente deletério sobre o corpo humano.

Dois duques mortos, ambos noivos de Olivia e nenhum deles deixando um herdeiro. Aquilo seria absurdo.

Com cautela, ele desceu da escuna para o barquinho e alcançou Olivia, que recebeu ajuda do capitão. Tinham de ficar sentados com as pernas bem dobradas, os joelhos encostados, Lucy agarrada aos braços de Olivia. A

pontada de desejo que sempre sentia ao tocá-la, habitualmente tão emocionante, era apenas irritante, um estímulo à sua sensação de pânico latente.

Mas ele deslizou os remos até a água e, de fato, o barco não fazia mais ruídos do que a relva ao vento. Rochedos se erguiam a bombordo, e nas proximidades um banco de areia reluzia ao luar.

Calculou mentalmente o local onde a terra se abria ao mar e ficou gratificado ao perceber a escuridão bem onde ele previra. Em algum lugar, uma ave fazia seu canto noturno, notas se misturando ao suave som das ondas. Os olhos de Olivia brilhavam.

– Adoro o cheiro do mar – sussurrou ela, apenas um fio de voz no meio da noite.

Na verdade, pensara Quin, a água não cheirava como aquela entidade terrível e assassina que lhe roubara o filho. Cheirava a maresia, a algas e o lembrava da infância, quando todas as características físicas do mundo eram mistérios a serem desvendados.

Diante deles havia um brilho intenso no meio da escuridão, ligeiramente à direita do braço de mar. Quin tocou no joelho de Olivia e apontou.

– Rupert?

– O quartel.

Remou para bombordo, dirigindo-se direto à mancha escura que assinalava a entrada do braço de mar.

Talvez estivessem realmente com sorte... e conseguiriam entrar e sair rapidamente.

O barquinho deslizou pela passagem, toda coberta de galhos, exatamente como Grooper descrevera. Durante todo o tempo, Quin calculava como transportar os três de volta naquele barco pequeno. Não era possível.

Teria de levar Olivia de volta para o *Devaneio* até que ela estivesse em segurança a bordo, e então voltar para resgatar o corpo de Rupert.

O barco deslizava como um fantasma pela superfície e a corrente fez uma ligeira curva para a direita de novo. Um segundo depois, encontraram uma praia. Quin pulou para a terra, prendeu o barco e voltou para ajudar Olivia e Lucy.

Segurou Olivia por um momento.

– Não quero você aqui – sussurrou.

– Vamos – disse ela, a voz roçando-lhe a orelha.

Ele tomou sua mão. Era um inferno se importar com alguém. Como podia ter esquecido? Costumava se preocupar com Alfie todas as vezes em que adoecia. A ansiedade era cansativa.

Subiram à margem e se dirigiram para a esquerda. Em sua cabeça, Quin seguia o dedo de Grooper no mapa, traduzindo a distância desenhada em passos. Se em algum dia suas habilidades matemáticas foram necessárias, foi naquele.

Avançavam silenciosamente, sentindo o caminho tanto quanto vendo para onde iam. Depois de um tempo, a parede escura de uma choupana apareceu exatamente onde deveria estar. Quin pôs a mão no ombro de Olivia e apertou-o numa mensagem silenciosa. Ela assentiu, seus olhos imensos sob a luz do luar.

Ele seguiu a parede da choupana, virou e empurrou a porta delicadamente. No interior, houve um movimento mínimo e no mesmo instante ele sussurrou um “Deus salve o rei”.

A porta abriu e Quin caminhou para a completa escuridão e esperou que a porta se fechasse atrás dele. Então uma lanterna luziu. A chama vacilante iluminou os rostos de dois soldados ingleses tensos e exaustos.

– Graças a Deus que veio – sussurrou um deles.

– Ainda está vivo?

Um aceno trêmulo com a cabeça.

– Por pouco.

– Seus nomes?

– Togs. – Outro sinal com a cabeça. – Aquele ali é Paisley.

Quin assentiu para a lanterna. Voltaram a apagá-la e ele saiu, retornando com Olivia, sua mão morna na dele.

Quando a lanterna voltou a brilhar, a luz reluziu no relevo de seus rostos, no cabelo brilhoso que escapava do capuz, na linha generosa do lábio inferior.

– *Lucy!* – Togs ficou engasgado.

Havia uma riqueza de significados em sua voz. Eles achavam que valia a pena arriscar a vida por ela. Quin percebia aquilo nos olhares daqueles dois homens. Um rosnado silencioso subiu por sua garganta, surpreendendo-o.

Olivia balançou a cabeça, soltou a capa e colocou a cadelinha de Rupert no chão. Sorriu para os rostos confusos e apontou.

– Esta é Lucy.

– O marquês? – perguntou Quin.

Tinha parado de pensar em cadáveres e agora calculava desesperadamente como colocaria Olivia e Rupert, gravemente ferido, dentro daquele minúsculo barco. Não podia ficar para trás, estava fora de questão. Olivia não conseguiria remar e alcançar o *Devaneio*. Teria de levar um e voltar para pegar outro – o que significava que alguém ficaria para trás temporariamente.

Togs meneou a cabeça e afastou uma cortina grosseira no canto, revelando uma figura muito esguia deitada sobre um colchão fino no chão.

Olivia correu e caiu de joelhos. Lucy já estava lá, cheirando o rosto de seu dono, abanando o rabinho com agitação.

Olivia pegou a mão de Rupert. Era estranho perceber somente naquele momento como seus dedos eram longos e delicados. Não eram fortes como os de Quin, mas tinham uma beleza própria.

Ela se debruçou sobre ele, aproximando-se, e disse:

– Rupert!

Ele não se moveu.

Lucy aproximou-se de Olivia, trêmula, e então, de repente, deu um pequeno salto e aterrissou no peito de Rupert. Olivia estendeu os braços para removê-la, mas a cadela lambia o rosto, o nariz, as pálpebras do dono. Em vez disso, Olivia disse numa voz baixa e urgente.

– Rupert, trouxe Lucy para vê-lo. É *Lucy*!

As pálpebras dele estremeceram.

Ela acariciou a mão de Rupert com mais intensidade, olhando para Quin, atrás dela.

– Está acordando – murmurou.

Lucy ainda lambia Rupert, a língua morna banhando seu rosto, sua orelha. Ele abriu a boca e soltou uma palavra.

– Lucy.

Olivia chegou mais perto.

– Rupert, é Olivia. Lucy e eu vamos levá-lo para casa.

Por um segundo, ele nada disse. Então seus olhos focaram o focinho pontudo e castanho de Lucy, seus olhos brilhantes. Um sorriso se abriu nos lábios exangues.

O olhar dele se desviou para Olivia.

– Sabia que você viria.

As palavras soavam indistintas. Olivia sentiu o estômago revirar ao perceber um fio de sangue seco que saía da orelha dele.

Sentiu que um soluço subia por sua garganta. Não parecia... Não parecia que ele teria muito tempo de vida pela frente.

A mão de Quin pousou no ombro dela e o apertou. Ele se agachou.

– Lorde Monts...

Olivia fez que não com a cabeça.

Quin recomeçou, com a voz calma e profunda.

– Rupert, viemos levá-lo para casa.

Os olhos de Rupert deixaram Lucy.

– Quem?

– Meu nome é Quin.

– Ah. – Os olhos estavam fechando. – Um longo caminho.

– Verdade – concordou Quin.

Ele via a verdade no rosto de Rupert, antes mesmo que ele falasse.

– Um caminho longo demais.

A mão de Olivia se fechou em torno do pulso de Quin.

– Precisamos levá-lo para o barco. Agora. Do contrário... ele morrerá aqui, neste casebre.

Rupert não parecia alguém com o espírito indômito capaz de comandar uma companhia de cem homens enquanto escalava as muralhas de uma fortaleza.

Havia uma espécie de aceitação em seu rosto que falava por si. Quin pensou que era quase certo que ele morreria em breve.

– Não podemos permanecer aqui por mais do que algumas horas – disse ele.

– Os franceses quase nos pegaram esta manhã – interveio Togs. – Ouvimos quando se aproximaram... estavam determinados a entrar na cabana, mas um dos cães assustou um pato e eles foram atrás do jantar. Não temos barco, porque mandamos Grooper nele.

Quin franziu a testa, olhando para o silencioso Paisley.

– Ele não fala – disse Togs. – Nenhuma palavra. É o melhor marinheiro do grupo. Conseguiu trazer o barco até aqui, mas não tinha condições de ir buscar ninguém, porque não fala. O major disse que não fazia diferença, desde que Paisley conseguisse segurar uma arma.

O homem silencioso assentiu.

– Vocês dois ficaram com ele – disse Olivia, com um sorriso cálido apesar do medo, demorando o olhar em cada um daqueles rostos exaustos.

– É o nosso comandante – disse Togs.

E Paisley também assentiu.

Eram bons homens. Quin precisava ajudá-los a escapar também, antes que os franceses esbarrassem de novo com a choupana pela manhã e resolvessem explorá-la.

A tensão aumentou dentro do peito de Quin. Rupert estava perto da morte e os dois soldados pareciam exaustos, à beira de um colapso. Apostava que tinham comido bem pouco naqueles últimos dias, se é que haviam comido.

Ele se agachou, abaixando-se o bastante para sentir o perfume floral que pertencia a Olivia, e disse em voz baixa:

– Preciso deixá-la aqui por pouco tempo, minha querida.

Ela voltou o rosto e os lábios tocaram os dele, doces e intensos.

– Era exatamente o que eu estava pensando.

– Voltarei para pegá-la. Em uma hora, no máximo.

Quin percebeu que os olhos de Rupert haviam se aberto de novo e que ele os observava.

– Feliz... você. – As palavras flutuaram no ar.

Quin precisou pigarrear.

– Vou carregá-lo até o barco.

Ele passou uma das mãos sob o tronco de Rupert e descobriu que ele não pesava nada.

– Pegue Lucy – sussurrou para Olivia.

Olivia retirou a cadelinha do peito de Rupert, mas parou antes que Quin pudesse levantar o ferido. Rupert parecia muito mal e terrivelmente jovem. Não parecia ter 16 anos, muito menos 18.

– Você conseguiu, Rupert – sussurrou Olivia, aproximando-se dele. – Seu pai está tão feliz, tão orgulhoso de você. Coroou o nome dos Canterwick com glória.

Mesmo na penumbra, ela percebeu um sorriso fraco no olhar dele, um sorriso cansado.

– E você também é um poeta maravilhoso – disse ela, encostando a palma da mão em seu rosto. – Precisa ficar bom para escrever mais poesias.

Ele balançou a cabeça, de leve.

A verdade estava escrita em seu rosto. Os olhos de Olivia encheram-se de lágrimas.

– Então voe, Rupert. Liberte-se. Deixe-nos nessas trevas.

O sorriso voltou. Ele virou a cabeça, pousou os lábios na mão dela e cerrou os olhos.

Olivia ficou parada por um momento, uma lágrima se derramando no cobertor áspero. Então Quin passou a mão em seu cabelo e ela se levantou.

Esperou até que Quin estivesse de pé com Rupert em seus braços.

– Se ele piorar – disse para Quin –, *não pode* deixá-lo. Ele não pode morrer naquele barco sem ninguém além de Grooper à sua cabeceira. Está me ouvindo?

A voz era praticamente inaudível, como uma ave no ninho, porém ele ouviu tudo.

– Olivia, não!

Era um pedido e um protesto ao mesmo tempo.

– A patrulha francesa virá pela manhã – disse ela. – Somente pela manhã.

– Os olhos voltaram para o rosto de Rupert.

Estava certa. Rupert provavelmente não sobreviveria até o amanhecer, mas se esperassem na cabana... havia homens que tinham demorado mais do que as poucas horas que restavam antes da alvorada para morrer. E, se fosse o caso, seriam pegos.

Olivia entregou a guia de Lucy e ele a enrolou no braço. Lá fora, o ar da noite ainda pesava, sem nenhum sinal do amanhecer. Tinha tempo de remar até o *Devaneio*, acomodar Rupert... Tinha tempo.



Quando finalmente se acomodaram dentro do barco, operação que exigiu consideráveis cuidados, devido às diminutas proporções, Rupert parou de respirar.

Lucy soltou um pequeno gemido e lambeu seu rosto. O peito de Rupert voltou a subir.

Quin assumiu os remos, mas precisava ser silencioso. Não podia remar de forma muito vigorosa ou faria barulho.

Quando finalmente alcançaram o *Devaneio*, Grooper o aguardava na amurada da embarcação. Com a ajuda do soldado, do alto, foi rápido levar Rupert a bordo, mas ao ver seu amado major inconsciente, os olhos de Grooper se arregalaram. Era um homem de ação, um sujeito que havia cruzado o canal para alertar a família de Rupert, mas não era alguém que suportava ver o sofrimento do outro.

Conseguiram colocar Rupert na cama e Quin o cobriu até o queixo com um cobertor e deixou Lucy a seu lado. A curta jornada desde a choupana parecera cruelmente árdua e ele percebia que para Rupert havia sido um verdadeiro tormento. O rosto dele tinha uma aparência ainda mais extenuada e a respiração era superficial como a de um homem nos limites de sua capacidade. Seus dedos magros se prenderam no pelo de Lucy.

– Conhaque – rosnou Quin, olhando para trás, para só então descobrir que Grooper, passado o limite de sua capacidade, havia fugido para o deque. Quin abriu o armário e pegou uma garrafa que era, na verdade, conhaque francês

da melhor qualidade, do tipo que até os duques bebiam apenas em raras ocasiões. Ah, a vida de um contrabandista.

Ao voltar para junto de Rupert, Quin derramou um pouquinho da bebida em sua boca. O marquês soltou uma exclamação, os olhos se abriram.

Uma sensação familiar de impotência tomou conta do coração de Quin. Sabia que devia dizer algo, mas não tinha ideia do que falar. Era como se estivesse de novo diante de Evangeline e ela o acusasse de ser menos emocional do que um pedaço de madeira e ele não tivesse a mínima noção do que ela queria dele.

Provavelmente Rupert gostaria de ouvir poesia, mas Quin não conhecia nenhum poema. Os tutores nunca se incomodaram com esse tipo de coisa. A mente girava em furiosa frustração. Se Rupert desejasse ouvir informações sobre os padrões de ondas...

– Quem? – Os olhos de Rupert vasculhavam seu rosto, confusos.

– Sou amigo de Olivia – Quin lembrou-o. – Trouxemos Lucy para vê-lo e vamos levá-lo de volta para a casa de seu pai, na Inglaterra.

Os dedos de Rupert envolveram a orelha de Lucy e ele puxou de leve. Lucy lambia a mão dele.

– Uma distância longa demais.

Quin concordou silenciosamente. O que se devia dizer a um moribundo? Um salmo, pensou ele, só que ele não conseguia se lembrar de nenhum.

– Dormir – disse Rupert, voltando a fechar os olhos.

Subitamente, de algum modo, o poema de Rupert voltou para Quin com a mesma clareza que teria se Olivia o tivesse declamado momentos antes. Antes que desaparecesse, ele disse em voz alta:

– *Veloz, vibrante, uma ave tomba para nós, as sombras se amontoam nas árvores.* – Não fazia sentido naquele contexto, mas ele repetiu, mais devagar.

O rosto de Rupert se iluminou e ele disse algo tão baixo que Quin quase não conseguiu ouvir.

– E voam...

Um longo silêncio. A respiração parou e voltou.

Quin olhou com desespero para a escotilha. Ainda não havia sinal do alvorecer. Sabia o que Olivia diria. Sabia o que queria. Sabia...

O peito de Rupert ficou paralisado de novo. Então ele respirou, com dificuldade.

Assim Quin ficou segurando com força a mão do homem que estava lhe entregando Olivia, que havia escrito um poema que falava da morte de Alfie, que estava voando com pássaros caídos das árvores.

E durante todo o tempo a pessoa mais querida de sua vida estava numa costa estrangeira, sem ele, protegida apenas por dois soldados trêmulos e exauridos.

Maldição, mas ele devia amá-la para...

O pensamento atravessou sua cabeça como um trovão. Ficou paralisado, percebendo que Rupert tinha parado de respirar de novo, mas isso havia acontecido antes... *Amor?*

A mãe lhe dissera, quando pequeno, que o amor... o que ela lhe dissera sobre o amor?

Que era perigoso e que não era para pessoas de sua posição. Era impulsivo e sinal de que alguém era tolo e mal-educado.

Mas... quando disse que ele não era capaz de amar?

Ele amava Olivia mais do que a própria vida, mais do que a luz, mais do que... qualquer coisa.

O lado analítico de seu cérebro, que vinha contando silenciosamente, se pronunciou, sugeriu que o pássaro estava batendo as asas em outro céu. Um céu silencioso.

Quin baixou o olhar e viu que era verdade.

Rupert havia partido. Delicadamente, Quin soltou sua mão e prendeu o lençol de um jeito mais seguro em volta dele.

Lucy estava aninhada junto ao corpo de seu dono. Ergueu o focinho comprido e olhou para Quin, chorando um pouquinho. Ele não podia ajudar Rupert do jeito que ela pedia. E não parecia correto deixá-la junto com seu dono morto. Então ele a pegou, enfiou-a dentro do casaco e subiu as escadas correndo.

Assim que chegou à água, ele começou a remar mais depressa do que deveria, levantando a água em arcos... Tinha tempo. Ainda tinha tempo. O

coração repetia a mesma frase sem parar. Ao leste, o céu nem começava a ficar rosado. Ainda não era a hora do amanhecer. Tinha tempo.

Tentou diminuir o ritmo, remar de forma mais silenciosa, mas não conseguia se conter e continuou avançando o mais rápido que podia.

Mesmo assim, chegou tarde demais.

Capítulo 28



Uma putain, duas putain...

Depois que Quin se foi, Olivia esperou do lado de fora da choupana, enrolada em sua capa, o capuz na cabeça, a cabeça encostada nas tábuas ásperas. Soprava um leve vento trazendo o cheiro de peixe podre e o perfume picante e doce de morangos esmagados.

As estrelas pareciam brilhantes demais para a primavera. Só deviam ficar tão nítidas, tão luminosas assim nas noites mais frias do inverno. Minutos se passaram... até que ela finalmente teve certeza de que Quin não voltaria imediatamente, de que ele estava ao lado de Rupert em seu leito de morte.

No céu, as estrelas oscilaram, mas lágrimas não foram derramadas. Era um ponto de honra. Nada de choro. Em vez disso, para se distrair, ela procurou uma estrela cadente, embora soubesse que era uma superstição tola achar que ela anunciava a chegada de um anjo.

E durante o tempo inteiro ela prestava atenção para tentar ouvir as passadas dos soldados, a balbúrdia dos chistes dos franceses. Os homens que guardaram Rupert tinham adormecido no chão, dizendo a ela que os acordassem, caso ouvisse algo.

– O batalhão marcha na mesma hora todas as manhãs – dissera Togs, a voz rouca de alívio por se livrar dos cuidados com Rupert. – Ainda falta

algum tempo.

Não viu nenhuma estrela cadente, mas ainda as procurava quando uma mão tapou sua boca e a arrastou para o bosque. Ficou chocada demais até mesmo para gritar.

Não tinha amanhecido! Não havia o mínimo sinal de luz e nenhuma conversa animada, nem o som das botas para avisá-la.

Quando conseguiu se recobrar do susto e começou a lutar, já era tarde demais. Com um movimento rápido, foi jogada no chão, de bruços. Todos aqueles anos de aulas de francês a deixaram bem preparada, porém.

– *Aidez-moi!* – gritou quando a mão saiu de sua boca. – *Lâchez-moi immédiatement! Coquins! Vermines!*

A única resposta foi um lenço fedorento amarrado com tanta força sobre a boca que fez sua cabeça virar para trás.

Ainda gritando, embora suas palavras estivessem abafadas, Olivia se contorceu, tentando chutar o homem que a prendia ao chão. Mas ele rapidamente prendeu os punhos dela com uma corda, levantou-a e deu-lhe um empurrão.

– *Allez!* – A palavra teve o som da batida de uma pedra de gelo numa vidraça. Um cutucão entre os ombros a obrigou a andar para a frente. – *Avance!*

Ela caminhou, dizendo a si mesma que Quin chegaria a qualquer momento, que os soldados ingleses acordariam e descobririam sua ausência. Vislumbrou a manga do homem que a empurrava. Estava desfiada, era azul, o tipo de camisa grosseira usada por pescadores que ela lembrava ter visto durante uma viagem à Bretanha, na infância. Não era o uniforme de um soldado. Seu coração batia com tanta força que ela ouvia seu pulsar.

Quando deixaram o bosque, ao leste, o céu começava a clarear. Continuaram a andar no meio de arbustos espessos, o cheiro do mar intenso no vento. Olivia tentou morder o lenço para tirá-lo da boca, mas não conseguiu. Tropeçou intencionalmente para tentar diminuir o ritmo da caminhada, mas o homem simplesmente a levantou e atingiu suas costas com algo duro.

Esses ataques rudes deixaram suas costas doídas e marcadas e, pela primeira vez, Olivia sentiu-se verdadeiramente assustada. Uma coisa era encarar um batalhão de soldados franceses. Com certeza, não fariam mal a uma dama, mesmo a uma inglesa. Mas e se aquele bandido pertencesse a uma quadrilha de contrabandistas? Ou de piratas? Ou mesmo de criminosos comuns?

Todas as possibilidades eram desagradáveis.

Seguiam a linha da costa, dando voltas, quando o homem de repente mandou que ela tomasse uma pequena trilha que levava para o interior e subia por algumas falésias. As saias de Olivia se prenderam num espinheiro robusto e ela parou, achando que o homem atrás dela a soltaria. Em vez disso, algo duro voltou a atingir suas costas e ela foi jogada para a frente, a saia soltando do arbusto com o som prolongado de tecido rasgando. Suas costas pareciam em chamas.

Lágrimas ardiam em seus olhos, mas se não havia chorado a morte de Rupert, pelo menos não muito, a última coisa que faria seria chorar numa situação tão ridícula. Não era perigosa, disse a si mesma. Era farsesca. Quin a salvaria. Assim que soubesse do seu desaparecimento.

O mais importante era que Quin estava com Rupert.

Além do mais, Rupert não estava naquela choupana malcheirosa, mas numa cama direita, no *Devaneio*, com Quin. Se havia alguém que ela queria que estivesse presente no seu leito de morte, esse alguém seria Quin, com os olhos sinceros e a voz reconfortante, como um sino de toque profundo.

Depois do que pareciam horas, os dois cambalearam para fora do mato e entraram num quintal coberto de cascalho do outro lado de uma construção de dois andares cercada por uma muralha. Uma sentinela estava no portão.

– Quem está aí? – disse ele, sem muito interesse.

De repente, Olivia sentiu uma calma absoluta. Pelo menos, saberia o que estava acontecendo. Tinham chegado em algum lugar.

– Uma *putain* usando a cabana de Père Blanchard.

A voz do homem que a capturara era indiferente, e acompanhada por um empurrão forte na direção do portão.

Olivia quase caiu diante da entrada. Ele era magro, cansado, com um bigode tão exuberante que parecia que o rosto tinha ganhado asas.

– Não sou uma *putain*! – exclamou ela, a voz estrangulada pelo lenço. Estava quase convencida de que *putain* era a palavra em francês para “prostituta”. Fosse o que fosse, ela sabia que não era algo gentil.

A sentinela olhou-a com atenção e depois voltou-se para o homem atrás dela.

– De que adianta trazê-la para cá? – quis saber. – Devolva-a para o vilarejo.

– Ela não é da região, então não vai funcionar. Não a reconheço.

Olivia ergueu o queixo e lançou um olhar feroz para a sentinela, desejando que ele ordenasse que o lenço fosse removido para que ela pudesse falar.

– Bonita – disse ele, sem reparar no seu ar zangado, provavelmente porque estava ocupado demais olhando para seus seios. – Tire essa capa, Bessette.

Com um puxão, a capa desapareceu dos ombros de Olivia.

– Rechonchuda como uma codorna – disse a sentinela com um grande sorriso. – Está vendendo seus serviços, *madame*?

Furiosa, ela balançou a cabeça.

– Mais uma esposa desencaminhada. – Ele puxou o bigode até o rosto parecer torto. – Onde é que o mundo vai parar? *Le Capitaine* ou madame Fantomas?

– Madame. Não há necessidade de incomodar *Le Capitaine* com essa aqui. Acha que conseguimos uns 20 francos do marido por encontrá-la? Olhou a capa? Bem-feita, e é forrada.

– Pode ser *petit bourgeoisie*. Madame vai decidir. Tire o lenço da boca da mulher, Bessette. Preciso ter certeza de que não é uma espiã. *Le Capitaine* gostaria de saber.

Bessette soltou um rosnado desgostoso.

– *Le Capitaine* tomou conhaque demais para saber o que fazer com um espião, se um dia encontrarmos algum. Não é uma espiã. Estava parada na frente da cabana de Père Blanchard, tão tranquila quanto possível, à espera de

alguém. Sabemos que só existe um motivo para uma mulher se dirigir àquele lugar.

– Deveríamos queimar aquela cabana – disse a sentinela, voltando a retorcer o bigode.

Bessette começou a lutar com o nó no lenço e Olivia já preparava uma chuva de reclamações em francês, mas o guarda fez um sinal com a mão.

– Leve-a direto para madame Fantomas. Conseguimos uns ótimos presuntos quando encontramos a mulher do açougueiro debruçada no balcão do boticário, se lembra? Diga a madame que queremos nossa parte habitual.

Olivia sentiu que poderia explodir de raiva.

– Essa pequena *madame* é brava – acrescentou a sentinela, finalmente olhando-a nos olhos. Chegou a dar um passo para trás. – Leve-a, Bessette. Não posso ser visto perdendo tempo com uma vadia. Minha esposa vai acabar sabendo.

– Sua patroa é daquelas com quem não vale a pena zangar – disse Bessette, com um risinho áspero. – Especialmente, se ela ouvir como é essa daqui. Quadris e peitos exatamente como um homem gosta.

– Verdade – disse a sentinela, os olhos se demorando nos seios de Olivia. – Melhor não bater nela assim, Bessette. O marido vai atrás de você se ela ficar com marcas.

Bessette bufou.

– Não depois que descobrir onde foi que eu a encontrei.

Assim que passaram pelo portão, viraram para a direita, em vez de subirem os degraus de acesso à construção. Olivia foi obrigada a baixar a cabeça enquanto desciam uma série de degraus de pedra úmidos e íngremes que davam para uma grande cozinha.

Chamar aquela cozinha de antiquada seria uma forma de elogio. Era primitiva. O aposento parecia ter sido esculpido na rocha, com pouco esforço dispendido para aplinar as paredes. Duas cavidades foram abertas em pedras e eram usadas como lareiras, com aberturas que aparentemente levavam a fumaça para fora.

O cheiro, porém, era de uma cozinha: havia galinhas em espetos e o aroma do fermento e da farinha no ar. Quatro ou cinco jovens, usando

uniformes em diferentes condições de desgaste, giravam os espetos, afiavam as facas ou lavavam batatas. Bem no centro do cômodo havia uma mesa comprida, onde uma mulher amassava uma bola de massa com uma energia feroz.

Pela primeira vez, desde que tinha sido raptada, Olivia parou de se contorcer numa fútil tentativa de soltar seus punhos da corda que os prendia. Parou para contemplar o espetáculo. Madame Fantomas, só podia ser ela, era como um circo encarnado num único indivíduo: uma mulher grande, audaciosa como um pirata. O cabelo negro estava preso no alto da cabeça como um chafariz gigante, sobre sobranceiras arqueadas e uma boca pintada de vermelho. Usava um vestido decotado e, sobre o vestido, um avental sujo, quase inteiramente salpicado de farinha. Pendurados sobre o vestido e o avental, chegando quase na cintura, pendiam cordões de contas: pedaços grandes de turquesa, correntes de ouro e até uma cruz. Não era o tipo de colar que Olivia havia visto anteriormente.

Madame estava amassando uma massa enorme, os músculos fortes flexionando enquanto socava, virava e fechava. Depois de um momento, afastou a massa e alcançou uma caneca de vinho tinto a seu lado, batendo os anéis em sua alça. Todos os dedos estavam enfeitados por anéis, em número suficiente para pendurar o cortinado de uma cama. Tinha o olhar de um ganso que Olivia vira fugindo e mordendo alguém na cozinha. Olhos loucos.

– Trouxe uma *putain* – informou o monsieur Bessette, atrás de Olivia. – Encontrei-a na cabana do Père Blanchard, esperando seu homem.

– *Putain* coisa nenhuma, seu imbecil – disse madame, bufando. – Tire esse negócio da boca da mulher, seu idiota. Arranjou coisa boa... nacionalidade a ser determinada. Poderia estar à venda, mas há chances de que seja uma *très-coquette*, com algum dinheiro para completar.

Sem tirar os olhos de Olivia, ela beliscou um pouco da massa crua e comeu.

Bessette nem se deu ao trabalho de desamarrar o lenço; simplesmente puxou-o por cima da cabeça de Olivia.

Houve um segundo de silêncio, então duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Olivia explodiu em uma sequência de impropérios em francês, um

comentário sobre Bessette, e também sobre a ilegalidade dos sequestros de um modo geral, enquanto madame berrava, inquieta.

– Isso aqui está com o gosto de chiqueiro.

Com isso ela pegou o monte de massa e a lançou para o outro lado da cozinha, sem mais nem menos.

Olivia ficou muda.

A massa atingiu a parede e desceu, aterrissando nos tijolos irregulares do chão.

– Alimentem a *putain*! – rosnou madame. Todos a fitaram. – Agora!

– Não sou uma *putain*! – berrou Olivia, decidindo que tinha de fazer tanto barulho quanto madame, se quisesse que alguém prestasse atenção nela. – E não quero comer nada.

– Pode não ser uma *putain*, mas é uma tola com sotaque inglês – disse madame dando outro grande trago. – Que diabo faz uma inglesa na cabana de Père Blanchard? Então é uma espiã?

– De modo algum.

– Bom. Porque não há nada aqui para espiar, além do nosso capitão bêbado e de um bando de meninos franceses que têm as bolas pequenas demais para suas calças. – Ela fez um sinal para os jovens que giravam os espetos.

– Não sou espiã – declarou Olivia. – Exijo ser solta. Meu noivo deve estar querendo saber onde estou.

– A *putain*! – berrou madame, virando a cabeça e olhando enfurecida para um garoto que estava num dos lados da cozinha. Então voltou a olhar Olivia.

– Espiã ou não, o que está fazendo aqui? Porque não aparecem muitas mulheres contrabandistas por aqui, não que você faça o tipo.

O garoto se levantou e ergueu a tampa de um grande recipiente de cerâmica. Estava borbulhando, fervilhando... a origem do cheiro intenso e avinagrado do fermento vivo. O jovem despejou numa tigela rasa na outra extremidade da mesa. Supostamente, aquilo era a *putain*.

– Estou no país numa missão de misericórdia – disse Olivia, mantendo a cabeça erguida. – Sou noiva de um duque e exijo saber que autoridade tinha aquele patife que me capturou e me trouxe para cá. E quero as mãos livres!

– Diabos, uma virgem – disse madame, com um sorriso torto. – Pois não é meu dia de sorte?

Olivia girou para encarar Bessette. Afinal de contas, ele era um sujeito corpulento com uma cabeça grande e orelhas que se destacavam como se fossem pétalas de flores rosadas.

– Você! – disse ela, furiosa. – Monsieur Bessette, tire essas cordas da minha mão *imediatamente*! – Deu as costas e mexeu os dedos na direção dele.

Para sua satisfação e alívio, sentiu que ele mexia na corda.

– O cogumelo – ordenou madame. O garoto derramou um fio de um líquido fedorento e turvo no fermento vivo e começou a misturá-lo.

– Trate com gentileza – rosnou madame, aparentemente se referindo ao fermento e não a Olivia.

Quando as mãos ficaram livres, Olivia as sacudiu por um momento, tentando restaurar a circulação sanguínea, então cruzou os braços no peito e voltou-se para madame.

– Devo supor que tem o hábito de raptar mulheres quando lhe dá vontade?

– Não, a menos que valham dinheiro.

– Quanto dinheiro deseja? – quis saber Olivia.

– Para quê?

– Presumo que devo pagar pela minha liberdade.

– Seu francês é bom demais para uma simples donzela inglesa – decretou madame, franzindo os olhos e ignorando o comentário de Olivia. – Você é uma espia.

– Como disse, não há nada para ser espionado por aqui.

– Verdade. Então... veio espionar *a mim*.

Olivia revirou os olhos.

– Acredite em mim, madame, ninguém que eu conheço teria o mínimo interesse na senhora ou em sua cozinha, embora pudesse servir perfeitamente numa exposição sobre culinária primitiva entre selvagens.

– Não é bem assim! – disse madame, batendo com a mão no tabuleiro coberto de farinha, de modo que uma nuvem se ergueu. – Todos os grandes

padeiros de Paris e de Londres querem minha receita de pão. E você... você veio direto para o lugar onde eu me encontro, porque sabe do meu grande talento.

– Não entendo nada de pão – declarou Olivia.

– Então *você* é a selvagem! O grande Napoleão em pessoa disse que meu pão era abençoado pelos deuses. E não divido os segredos de minha *putain* com mais ninguém. Ninguém! – A voz da mulher foi ganhando volume até se tornar um grito.

Olivia permaneceu firme. Embora pudesse parecer um tanto paradoxal, estava se sentindo bastante calma. Ataques de quadrilhas de soldados lascivos eram aterrorizantes, mas batalhas com uma cozinheira lunática faziam parte da rotina da administração de uma grande casa.

– Se acha que alguém se daria ao trabalho de roubar a receita daquele preparado repulsivo, está muito enganada.

– É uma espiã – anunciou madame. – Uma espiã culinária. E uma péssima mentirosa, o que se aplica a todos os ingleses.

– Não sou – retrucou Olivia.

Madame começou a contabilizar as supostas mentiras.

– Virgem? Acho que não.

Olivia abriu a boca e a fechou.

– Noiva de um duque? Também é improvável. Está muito bem, mas está longe de ser uma beldade. Noiva de um comerciante, e não de um duque, eu diria. – Ela se virou e puxou a corda de um sino que pendia na parede. – Terá de ir para as catacumbas até que *Le Capitaine* desperte. Quanto ele bebeu na noite passada?

Um dos garotos que girava o espeto levantou os olhos.

– Duas garrafas, madame.

Ela emitiu um ruído de desprezo.

– Não despertará antes de anoitecer. – Ela pegou um molho de chaves. – Ponha ela na última, Petit.

Olivia lançou um olhar para o garoto.

– É uma dama – protestou ele. – As celas não são lugar para damas.

– Tem muita sorte que deram um descanso para a guilhotina – respondeu madame Fantomas, terminando o vinho. – Faziam as coisas direito em Paris. Tinha gente que ganhava a vida arrancando cabeças de aristocratas do jeito que costumo fazer com uma vagem. Bessette, acompanhe-os.

– *Exijo* falar com o responsável pelo estabelecimento! – disse Olivia, furiosa.

– Sou eu – declarou madame.

– Coisa nenhuma! É uma criada, não é o comandante de um quartel.

– Vinho! – berrou madame. Um dos garotos veio correndo e serviu mais vinho tinto. – Sou a responsável sempre que *Le Capitaine* está bêbado ou dormindo, o que significa que ele está no comando durante uma hora e eu durante 23.

Olivia olhou o vinho tinto.

– Fortalece meu sangue – disse madame, com um sorriso torto. Alcançou um saco de farinha e salpicou um pouco sobre a mesa. – Venha me dar um pouco daquela *putain*, vou recomeçar.

Bessette agarrou o braço de Olivia, segurando com força.

– Vai lá para os fundos. Ou terei de amarrá-la de novo?

Olivia balançou a cabeça, furiosa com aqueles olhos claros.

– Meu noivo provavelmente o matará quando descobrir como me tratou.

Bessette deu um sorriso torto que revelou dentes escurecidos.

– Não terá sido o primeiro a tentar. Espero que não se importe que eu fique com sua capa. Posso vendê-la por uns 10 *sous*.

– Não há necessidade de torcer o braço dela – disse o Petit, dando um passo à frente.

Madame não tirou os olhos da farinha que ela peneirava delicadamente sobre uma pequena pilha do fermento.

– *Putain* inglesa, não pense que pode seduzir o pobre rapaz a lhe dar a chave dos seus aposentos. A única saída é pela cozinha e eu nunca abandono meu pão. Nunca.

Capítulo 29



Tesouro perdido

Quin despertara Togs e Paisley de um sono profundo, já sabendo que nenhum dos dois tinha a mínima ideia do que havia acontecido com Olivia. Não fazia sentido discutir com aqueles ingleses exaustos. Como poderiam ser culpados por dormirem enquanto ela desaparecia depois de tudo o que passaram? Naquele momento, andavam de um lado para outro como sonâmbulos.

Quin sentia o coração na garganta, batendo com tal violência que ele mal conseguia pronunciar as palavras. Despachou-os de volta para a escuna com instruções de mandar Grooper de volta com o barco a remo para esperar na entrada do braço de mar.

Ele fez uma pausa para se situar e estabelecer a localização exata da fortaleza francesa em relação à choupana. Partiu num passo rápido e constante, com Lucy correndo a seu lado. Ou os soldados franceses haviam capturado Olivia ou ele os obrigaria a ajudá-lo a localizá-la.

Enquanto subia correndo pela margem e atravessava arbustos, ele repassou mentalmente as diversas possibilidades do que poderia ter acontecido. Sim, a Inglaterra estava em guerra com a França, mas isso significava coisas diferentes para pessoas diferentes, e ele não estava

inteiramente convencido de que um destacamento provinciano teria tanta vontade assim de capturar uma dama inglesa.

Não eram grandes, porém, as chances de um duque inglês subjugar sozinho toda uma guarnição de soldados franceses, guerreando contra tudo e contra todos, enfrentando pistolas e baionetas. Se terminasse ferido após uma tentativa de resgate valorosa, mas fracassada, não teria como ajudar Olivia.

Naquele momento, uma lebre saltou no caminho e ele ouviu um latido surpreendentemente profundo. Olhou para baixo e encontrou Lucy ainda correndo a seu lado, tão depressa quanto suas perninhas curtas permitiam.

Quin parou apenas para pegar a cadela e voltou a correr. Pelos seus cálculos, devia estar perto. De fato, pouco depois, os arbustos foram escasseando e apareceu um pátio coberto de cascalho e, do outro lado, atrás de muros, encontrava-se uma estrutura de tijolos.

O quartel não dava a impressão de estar preparado para a ação militar. O cascalho tinha sido distribuído sem levar em consideração flores silvestres que despontavam aqui e ali, oscilando suavemente na área que parecia designada para os exercícios de formação. Uma sentinela encontrava-se no portão da frente, em sono profundo. Quin passou direto pelo homem, entrou no pátio e subiu os degraus para a entrada principal, com Lucy debaixo do braço.

Lá dentro, ele pôs a cadela no chão e espiou uma sala de recepção poeirenta, um escritório sem uso, um refeitório comprido. Perto dos fundos, encontrou um cômodo que parecia ter sido muito usado. Caixotes abertos com rifles por todo o ambiente sugeriam que se tratava de um depósito de armas, mas ele poderia apostar que a mesa de bilhar gasta, no meio do aposento, devia ser o centro das atenções.

Começou a subir a escada sem encontrar uma alma sequer, a batida leve das unhas de Lucy no piso tornava o silêncio ainda mais profundo. O primeiro quarto que ele encontrou, porém, estava ocupado. Por um momento, Quin permaneceu na entrada, analisando a cena. Um homem grande e um tanto malcheiroso roncava ruidosamente com a cara numa cama cujos lençóis já haviam visto dias melhores. Uma mesa encostada à parede no outro extremo do cômodo reluzia com uma fileira de garrafas de conhaque, do

mesmo tipo daquele que ele havia servido a Rupert na escuna. Jogada sobre uma cadeira encontrava-se uma casaca de capitão um tanto manchada.

Uma pequena pistola jazia sobre uma mesa lateral. Ele retirou a munição e jogou a bolsa de pólvora pela janela aberta. Então devolveu-a ao lugar onde a encontrara, segurou a parte de trás da camisa do capitão e o sacudiu.

O homem roncou, rolou sobre as costas. Quin recuou ao ser alcançado por um bafo torpe de conhaque.

Meio minuto depois, o capitão estava acordado e a cama, encharcada. Quin foi forçado a esvaziar uma jarra de água sobre sua cabeça e só depois de ser ameaçado com o conteúdo do penico é que o sujeito finalmente se levantou.

– Quem é você, por todos os diabos? – disse ele, o rosto muito pálido na luz do sol, os olhos vermelhos e sem brilho. Estendeu os braços e se levantou, apoiando-se à parede.

Quin apontou uma de suas pistolas para a cabeça do homem.

– Vim buscar minha noiva. Ela é inglesa e desapareceu na costa, perto daqui, há algumas horas.

Ignorando completamente a pistola, o capitão se sentou, tremendo como uma espiga de milho ao vento.

– Não há inglesa alguma por aqui. Estamos em guerra com vocês, caso não tenha percebido.

– Seus homens a capturaram?

– Duvido. A maioria é jovem demais para encontrar o próprio pinto sem um mapa. Preciso dormir. Pode dar o fora daqui, por favor? – Ele afundou na cama ensopada e fechou os olhos.

Quin olhou em volta e encontrou uma garrafa de conhaque pela metade. Esvaziou-a também sobre a cabeça do capitão. O homem se levantou num salto, o rosto contorcido.

– Que diabo! – resmungou. – Você é louco.

– Encontre minha noiva – disse Quin, mantendo a voz firme. Ergueu a pistola e atirou na primeira das garrafas de conhaque enfileiradas na mesa, fazendo Lucy dar um pulo e então latir. Estilhaços de vidro e a bebida se espalharam pelo chão, o aroma pungente tomou conta do aposento.

– Pare! – gritou o capitão. – Você é insano. Todos os ingleses são tão loucos quanto lebres na primavera.

Quin trocou de pistola e atirou na segunda garrafa.

– Sou um louco que vai fazer com que o prendam por contrabando se não mandar o regimento atrás da minha noiva. Não me importo com a juventude de seus homens. Encontre-a ou destruirei todas as garrafas desse lugar. Garantirei também que sua bela operação de contrabando encontre um fim.

– E como faria tal coisa, sendo um inglês ignorante?

Mas o capitão estava apenas fazendo barulho. Era um sujeito fraco e irresponsável, que sempre escolhia o caminho mais fácil. De fato, ele puxou a corda da campainha.

Mais ou menos um minuto depois, apareceu na porta a cabeça de um soldado muito jovem, torcendo o nariz para o cheiro.

– *Oui, mon capitaine?*

– O regimento saiu para fazer patrulha?

– Não, senhor. Todos ainda estão descansando.

Quin terminou de recarregar a pistola e atirou numa terceira garrafa.

– Acorde todos e mande-os até a costa! – berrou o capitão ao som do vidro partido batendo no chão. – Encontre a mulher deste homem. *Une anglaise. Mon dieu*, minha cabeça está me matando. – Voltou a refestelar-se na cama.

O jovem soldado saudou o capitão moribundo e olhou para Quin.

– Estamos prestes a patrulhar a costa em busca de contrabandistas, como fazemos todas as manhãs e tardes – disse ele, sem demonstrar qualquer embaraço pelo fato de que se encontravam dentro do antro de um contrabandista. – Procuraremos sua esposa, senhor.

– Bom – disse Quin, segurando a língua.

Estava ciente de que se encontrava num estado de pânico mal controlado. Se os soldados não haviam capturado Olivia – e obviamente não haviam –, então onde diabo estava ela?

Desceu a escada. Verificaria cada casa em Wissant e depois voltaria para saber se a patrulha tinha descoberto algo.

A maldição era que ele conhecia essa sensação. Pesava em seus ombros como uma vestimenta familiar, mas odiada. Sentira aquilo ao perceber que Evangeline tinha pegado Alfie e se dirigido para o canal. Tinha sentido aquele gosto, aquele amargor na língua, ao galopar rumo a Dover, esperando interceptá-los no cais.

Tinha feito com que ele ficasse quase maluco ao chegar, ao olhar as águas. E ele sentia o mesmo naquele momento. Não era *seguro* amar alguém.

A mãe estava certa nesse ponto.

Mas também era tarde demais para evitar.

Capítulo 30



A princesa e...

Bessette, seguido por Petit, conduziu Olivia por uma porta e então chegaram a um corredor frio e úmido com teto abobadado e paredes de tijolo. Seguiram em frente, dobraram à esquerda, e as paredes eram interrompidas ocasionalmente por portas sólidas com uma pequena janela com barras na altura dos ombros.

– Que lugar é esse? – perguntou Olivia.

– As catacumbas – respondeu o jovem. – Construíram o depósito de armas por cima e decidiram usar as catacumbas para acomodar a cozinha e as celas. Você vai ficar no fim do corredor. Ela lhe deu a melhor... tem um buraco num dos cantos.

Bessette empurrou uma porta e chegaram a um cômodo todo feito de pedra, com uma frágil cadeira de madeira tombada de lado. Realmente, havia um buraco fedorento num canto. Uma minúscula janela no alto da parede, também com barras, revelava o céu e um pouco de grama. Olivia estava, literalmente, embaixo da terra.

– Não pode me deixar aqui – protestou Olivia, agarrando-lhe o braço. – Meu noivo é um duque. E eu sou uma dama.

– Detesto *les ducs* – disse Bessette, com um sorriso torto. – Também não sou muito chegado a Napoleão, mas realmente detesto vocês, aristocratas. – Ele a empurrou e bateu a porta. Tirou a chave e entregou-a para Petit, que tinha acompanhado os dois por toda a passagem. – Não deixe que essa daí o seduza e o convença a entregar a chave – aconselhou. – Não é bonito quando madame Fantomas fica zangada. Lembre-se daquele rolo de massa.

– Não vai importar o que madame pensa quando meu noivo o encontrar! – berrou Olivia.

A única resposta que obteve foi o som de passos se afastando.

Olivia respirou fundo, o que foi um erro, pois ela quase passou mal devido ao fedor exalado pelo buraco. Presumia que dentro de alguns minutos ela se acostumaria com aquele cheiro. Ou, quem sabe, ar fresco entraria pela janela – uma hipótese tão improvável quanto porcos voarem.

Era preciso pensar que àquela altura Rupert já teria se reanimado ou... não. O que queria dizer que Quin já poderia estar de volta ao litoral à sua procura. Devia estar louco.

A situação dela não era tão terrível quanto as possibilidades que Quin aventara. Afinal de contas, não tinha caído nas mãos de um pelotão de soldados sedentos por sangue inglês. Uma padeira louca e um capitão bêbado não lhe provocavam medo. Se fosse morrer ali por algum motivo, seria por causa do fedor.

Ela pegou a cadeira, limpou o assento com a barra de seu vestido danificado e sentou-se de maneira que pudesse olhar pela janela. A grama fazia uma curva em certo ponto e ela subiu na cadeira para ver se alguém passava, mas viu apenas um gato preto perseguindo um camundongo.

Quando ouviu de novo o barulho da chave na fechadura, a luz estava mais forte e tinha assumido um tom amarelado. Petit, o mesmo jovem que a acompanhara até ali, colocou o rosto na abertura da porta.

– *Mademoiselle* – cochichou ele –, preparamos algo melhor para a senhorita. Pelo menos até *mon capitaine* despertar. Tenho certeza de que ele a soltará assim que souber que está presa aqui. Mas ninguém consegue enfrentar madame Fantomas, só ele.

– Eu apreciaria qualquer lugar que não incluísse um buraco – disse Olivia.

Petit tinha provavelmente uns 16 anos, embora parecesse ser ainda mais jovem. Tinha olhos extremamente azuis.

– Decidimos que a honra francesa não nos permitiria deixar uma dama em um lugar como esse, mesmo se ela for uma espiã.

Ela riu.

– Garanto que não sou.

– Como viu, madame está raivosa – disse ele, segurando a porta. – Não discutimos com ela porque não faz sentido, e, além do mais, ela pesa o dobro de qualquer um de nós. Um homem chamado Oboe beliscou-a certa vez e ela bateu na lateral da cabeça dele com um rolo de massa. Ele nunca recobrou a audição daquele ouvido.

Petit a acompanhou rapidamente até outra cela, sem buraco, e, portanto, sem fedor. Mas a diferença mais marcante em relação à primeira cela era que havia uma pilha de colchões, cada um deles revestido por um linho grosseiro. As capas eram listradas e floridas, o que dava a eles uma aparência absurdamente incompatível com aquela cela úmida. Além do mais, a pilha era bem alta, quase do tamanho de Olivia. Uma escadinha estava encostada.

– Cada um de nós trouxe o próprio colchão para cá, para a senhorita – disse Petit acenando para a pilha. – Somos 20 homens e trouxemos 14 colchões. Achamos que seria o suficiente para evitar a umidade.

– Isso é incrivelmente gentil da parte de vocês! – exclamou Olivia. – Para falar a verdade, eu estava mesmo começando a me sentir muito cansada.

– As damas não devem ficar no chão. *Maman* teria me matado. Posso ajudá-la? – Ele se aproximou da escada.

– *Merci beaucoup* – disse ela.

Tomou-lhe a mão e subiu, deixando-se cair no colchão mais alto, assim que o alcançou. Ficou de joelhos e olhou para o lado. Estava na altura do nariz de Petit e tudo, subitamente, pareceu um tanto precário.

– Melhor deitar-se – disse ele, franzindo a testa. – Poderia rachar a cabeça se caísse daí.

Ela concordou.

– Por acaso, sabe dizer se meu noivo, o duque de Sconce, veio me procurar?

– Não temos permissão de sair a essa hora. Posso descobrir às quatro da tarde, quando sairmos em patrulha.

– *Merci* – disse ela, mas houve um barulho no corredor e ele recuou, batendo a porta com firmeza.

Por um momento, Olivia apenas ficou sentada, com a cabeça próxima ao teto de pedra. Estava tão exausta que se sentia tonta. Os colchões pareciam cheios de caroços, irregulares, mas a deixavam com uma boa visão da pequena janela, que ficava na altura de um trecho gramado, lá fora.

Por fim, deitou-se, vendo o movimento da grama. Apesar de haver tantos colchões, eram incrivelmente desconfortáveis. Parecia que havia um caroço bem nas suas costas, como se uma pedra tivesse entrado no meio deles.

Ela virou para um lado e para outro, tentando encontrar uma posição confortável que evitasse o caroço e que permitisse que adormecesse. Por fim, decidiu se encolher em torno daquela elevação, obrigando-se a ficar muito parada. No sono, ela relaxou, e despertou apenas horas depois, com alguma coisa cutucando suas costas de uma forma dolorosa.

Ela saiu de cima daquele ponto duro, não era apenas um nó da palha. Era duro demais para ser palha, e percebeu que o sol havia viajado pelo quarto e agora batia na parede oposta.

Naquele momento, Petit abriu a porta.

– Olá – disse ela, em voz baixa.

– Boa tarde, *Mademoiselle*. – Ele portava uma bandeja. – Trouxe algo para a senhorita comer. Madame tira uma sesta de tarde, embora, infelizmente, não abandone a cozinha.

Ele subiu um degrau e entregou a bandeja a Olivia.

– É o pão que ela faz – disse ele, fazendo um sinal com a cabeça. – Embora madame seja completamente louca, há padeiros de Paris que adorariam saber o que ela põe em sua *putain*.

– Minha nossa! – exclamou Olivia, acrescentando com ansiedade: – Sabe dizer se o duque procurou por mim?

Petit assentiu. Os olhos brilhavam.

– O duque obrigou *mon capitaine* a sair da cama, ele não costuma fazer isso antes da noite. Seu duque quase destruiu o lugar. Infelizmente, *Le Capitaine* não faz ideia de que a senhorita se encontra aqui.

Olivia gemeu.

– O duque partiu?

– Partiu, mas vai voltar dentro de uma hora, mais ou menos. *Le Capitaine* prometeu enviar uma patrulha para tentar encontrá-la, antes de voltar para a cama. Bessette planeja pedir 50 guinéus a seu duque, mas madame disse que você poderia valer 100.

– Nesse caso, partirei antes do escurecer.

– Como está seu colchão? – Petit perguntou, com um olhar curioso no rosto.

– Embora eu não queira parecer ingrata, estou com um pouco medo de despencar daqui. Poderia perguntar por que pôs tantos colchões, um em cima do outro?

Ele ficou vermelho e, de repente, pareceu ainda mais jovem.

– Achamos que, se fosse só um ou dois colchões, pareceria demais com uma cama.

– É uma cama.

– É, mas se parecesse uma cama, havia a chance que Bessette resolvesse... – Ele fez um gesto com a mão, constrangido. – A senhorita ficaria aí, numa cama. Mas desse jeito, é difícil alcançá-la.

– Você é brilhante – disse Olivia, com sinceridade. – Se moedas forem distribuídas, vou garantir que cheguem até você.

Ele deu um sorriso torto.

– Foi ideia minha, mas todos nós participamos, todos nós. Então... está confortável aí em cima, *mademoiselle*? O colchão é... macio?

– Claro – disse Olivia, bem menos sincera.

Ela hesitou, então perguntou.

– Não é jovem demais para ser um soldado?

– Tenho quase 16 anos – disse ele, com bravura. Mas então acrescentou:

– Nada acontece aqui no quartel porque *Le Capitaine* só está interessado no

conhaque. Minha mãe me obrigou a vir para cá, em vez de entrar para um regimento de verdade. – Ele parecia frustrado.

Olivia sorriu para ele.

– Acho que sua mãe é muito sábia.

– Petit! Está na hora da revista! – As palavras ecoaram pelo longo corredor de pedra.

– O que é preciso é uma distração que faça madame sair da cozinha – disse ele, os olhos brilhando. – Algo que crie uma confusão antes que seu duque entregue aqueles guinéus para Bessette. – Ele deu um sorriso maroto. – Vou pensar no assunto.

Ele desapareceu, depois de bater a porta. Olivia ouviu quando o trinco foi fechado.

Uma distração? De que ajudaria? A menos que pudesse escapar daquela cela... Ela passou a mão sobre o colchão irregular, pensando naquele brilho nos olhos de Petit. Era praticamente como se ele estivesse tentando transmitir uma mensagem sobre os colchões.

Com cuidado, deslizou as pernas para o lado e colocou-se no degrau. Passou a mão entre o primeiro e o segundo colchões, mas ainda sentia aquele caroço sob seus dedos. Tentou os outros dois, e mais dois...

Era uma chave.

Uma chave enfiada entre os colchões, uma grande chave de ferro que parecia exatamente com aquela que o jovem soldado usara para entrar em sua cela. Um sorriso se abriu em seu rosto. Ela esperaria que Petit criasse a distração que prometera e então sairia dali direto para os braços de Quin. E se madame Fantomas tentasse detê-la na cozinha, seria Olivia quem a atacaria com o rolo de massa.

Um urro ressoou no corredor.

– Espiã, o que acha do meu pão?

Olivia deu um sorriso torto.

– Já encontrei melhores! – respondeu com outro berro.

– *Putain!*

Capítulo 31



O latido de Cérbero

Quin estava furioso, exausto e à beira do mais completo desespero ao chegar no vilarejo de Wissant. Lucy estava igualmente cansada, por isso ele a carregava dentro do casaco, o que não era confortável para nenhum dos dois. Então, o que se passava era que ninguém tinha tido qualquer notícia sobre *une anglaise*, embora soubessem que alguns soldados ingleses, entre eles um gravemente ferido, estavam morando na choupana de Père Blanchard.

– Os soldados não estavam fazendo mal a ninguém – disse o ferreiro, de braços dobrados diante do tórax formidável. – Sim, eram ingleses. – Deu de ombros. – Assim como o senhor. Eu diria que Bessette capturou sua mulher.

Quin franziu os olhos.

– Bessette?

– Um javali trapaceiro. Deve ter entregado a moça para madame Fantomas, e vai pedir uma recompensa para soltá-la.

– Onde encontro essa tal madame Fantomas?

Ele bufou.

– Onde mais? No quartel, bem debaixo do nariz daquele bêbado.

– Não fale assim de *Le Capitaine* – disse a mulher do ferreiro, aparecendo de repente à porta, atrás dele. – Está mantendo nosso filho em segurança. –

Ela olhou com atenção para a mecha branca de cabelo na testa de Quin. – Foi tocado por um anjo, não foi?

– É mais provável que tenha sido o demônio – respondeu ele.

O quartel ficava a algumas centenas de metros do vilarejo, Quin decidiu seguir pela estrada. Não lembrava de quando havia se sentido tão exaurido, tão imundo, em toda a sua vida. A fita que prendia seu cabelo havia desaparecido havia muito. Cada centímetro de roupa estava coberto de poeira ou coisa pior.

Mas, ao interrogar os moradores do vilarejo, toda aquela sujeira tinha sido uma vantagem: ele tinha a clara impressão de que talvez não tivessem tido tanto interesse assim em ajudar um membro da aristocracia, de qualquer nacionalidade. A aparência e os trajes de um louco lhe serviram muito bem.

Quando alcançou o quartel, a sentinela tinha despertado.

– Quero minha noiva – disse Quin, dispensando as preliminares.

– Posso dizer quem está com ela, mas devo receber algo para as minhas dores. – Ele retorcia os bigodes nervosamente.

Quin aproximou-se do sujeito e falou numa voz calma, mas letal.

– Tive um longo dia. Suas dores? Ficarei feliz em arrancar sua cabeça dos ombros e então você se esquecerá delas.

– Bessette está à sua espera do outro lado do prédio – balbuciou a sentinela, dando um pulo para trás.

Negociação concluída, Quin contornou o canto do quartel, uma pistola a postos e a outra na cintura.

– Aqui! – uma voz baixa o chamou, no meio das árvores.

Lucy farejava uma das janelas próximas ao chão.

– Venha! – ele chamou, dirigindo-se ao bosque.

Ela o ignorou, latindo para alguma presa invisível. Uma ratazana, sem dúvida. Ele se virou para a cadela, mas um homem corpulento saiu das sombras do bosque. O ferreiro estava correto: “javali” o descrevia bem.

– Está com minha noiva – rosnou Quin, deixando Lucy com a ratazana e avançando para o homem.

Alguna coisa no olhar de Quin devia ter mexido com Bessette, porque ele parou de sorrir e esfregou as mãos.

– Precisaré pagar 50 guinéus pela minha proteção – disse ele, brusco. – Estava parada diante da cabana de Père Blanchard. Sempre recebemos uma parte quando encontramos uma mulher vagando por um lugar perigoso. Entre homens. Não vamos nem mencionar o fato de que nenhum inglês tem permissão de desembarcar nessa costa, como espero que saiba.

Quin deixou a mão pousar na parte de trás da pistola.

– Não tenho dinheiro.

Bessette mudou de postura apenas o suficiente para mostrar que também estava armado. Os olhinhos de javali reluziam.

– Digo que volte a seu país para pegar a soma; devolvarei sua mulher depois.

– Se eu voltar para a Inglaterra para arranjar tal quantia, não há garantias de que consiga voltar imediatamente – ressaltou Quin. – Nações em guerra tendem a não ter um sistema de transporte regular entre elas.

Bessette cuspiu o charuto empapado aos pés de Quin, errando por pouco.

– Os barcos vêm e vão todos os dias. Você estará de volta pela manhã. Se me der algo para pagar os cuidados, não apresentaremos a ela os prazeres que apenas os franceses...

A mão esquerda de Quin avançou e ele torceu o lenço em volta do pescoço de Bessette tão depressa que o homem não teve oportunidade de gemer. Quin olhou com indiferença o rosto bulboso de Bessette que foi ficando de avermelhado a roxo. Havia uma espécie de tumulto acontecendo atrás dele, mas não queria correr o risco de virar a cabeça. Em vez disso, observou a expressão de Bessette em busca de sinais de flacidez que indicariam que ele estava prestes a expirar por falta de ar.

Quando o momento chegou, ele parou de fazer força.

– Minha noiva. Agora.

Bessette soltou sons guturais. Quin não conseguia entender o que dizia. Primeiro, porque não era fácil compreender o que dizia um francês estrangulado, e depois também porque Lucy latia furiosamente atrás dele. Era provável que os soldados tivessem retornado de sua patrulha inútil.

Com a mão livre, ele puxou a pistola das calças de Bessette e jogou-a no chão, apertando a sua contra as dobras moles da barriga do sujeito.

– É um chantagista de meia tigela, ou coisa pior, e estou convencido de que o vilarejo ficaria melhor sem você. – Tornou a apertar o lenço. Esperou um pouco e então soltou o suficiente para que Bessette pudesse produzir um apelo incompreensível. – Onde ela está?

– Madame Fantomas – disse Bessette, a voz num sussurro.

Mas desviou o olhar. Quin percebeu, calculou as probabilidades e deslocou-se para o lado no momento que Bessette tentou lhe dar uma joelhada.

– Onde encontro a madame? – Atrás dele, Lucy voltava a latir.

– Nas catacumbas – arfou Bessette. Então desabou. Quin soltou o lenço, permitindo que ele caísse sobre os joelhos, mas manteve a arma na cabeça do homem.

– Madame Fantomas prendeu-a nas catacumbas. – Os ombros de Bessette mexeram ligeiramente.

O idiota planejava um novo ataque. Um chute veloz, com a mira certa, fez o sujeito rolar pelo chão com as mãos entre as pernas, soltando um guincho esganiçado.

– Onde ficam as catacumbas? – insistiu Quin.

Ele pegou a pistola de Bessette para esvaziá-la. Mas ficou paralisado ao sentir o cheiro de fumaça.

Virou-se e descobriu que grandes rolos de fumaça saíam das pequenas janelas próximas ao chão. Não era para menos que Lucy latia – algo estava pegando fogo.

Maldição, ele não tinha tempo para aquilo. Precisava encontrar as catacumbas. Mas Bessette havia escapulido para o bosque no momento em que ele lhe dera as costas. Por um momento, Quin considerou a hipótese de ir atrás dele, mas era provável que fosse mais útil cuidando do fogo. O capitão bêbado com certeza não parecia capaz, se é que de fato havia conseguido deixar a cama.

Ele contornou a construção, abaixando para evitar uma nuvem de fumaça negra que saía pelas janelas. Tinha um odor acre, desagradável, como se água podre tivesse pegado fogo.

Lucy disparou na frente dele, e aquela visão fez surgir na sua mente uma ideia tão terrível que ele quase tropeçou. Lucy poderia ter latido para Olivia, o que significava que as catacumbas ficavam sob o quartel. Seria possível?

Ele irrompeu no pátio e descobriu que estava repleto de soldados correndo de um lado para outro de forma caótica. Ninguém parecia estar fazendo um esforço coordenado para apagar o fogo. O capitão estava no alto dos degraus, berrando e agitando os braços. Os homens trotavam pela porta da frente, carregando caixotes que faziam o barulho de vidro contra vidro. Parecia que o conhaque tinha prioridade.

Quin sentiu uma mão em seu braço.

– Senhor, senhor!

Virou-se. Diante dele, encontrava-se um soldado muito jovem e assustado, o rosto negro de fuligem.

– Ela está lá – disse o garoto, ofegante. – Depois da cozinha. Devia ter saído quando distraí madame... tinha a chave... mas não veio e não consegui atravessar a fumaça.

O garoto apontava, com a mão trêmula, para uma porta de onde a fumaça se levantava como um lençol ao vento.

– As catacumbas! – exclamou. – Ela está nas catacumbas e não há outra saída.

Quin olhou a tempo de ver Lucy correr para dentro da fumaça, desaparecendo porta adentro.

Seus lábios soltaram uma praga, enquanto tirava o casaco e puxava com força a manga da camisa de linho, rasgando-a.

– Ignore aquele maldito capitão e seu conhaque! – berrou para o garoto. – Precisam apagar o fogo! Organize os homens.

Sem esperar resposta, amarrou a manga em torno de seu nariz e boca e começou a descer os degraus, abaixado para evitar a fumaça mais densa. Olivia, Olivia, Olivia, Olivia. Parecia que as batidas de seu coração faziam o nome dela circular por todo o seu corpo.

Ao pé da escada, ele forçou a vista, e foi capaz de perceber apenas que estava numa cozinha. *Depois* da cozinha, dissera o garoto. Viu fumaça saindo de uma chaminé em chamas, provavelmente alimentadas por anos de

gordura. Ele não conseguia ver uma porta, mas ouviu o latido de Lucy em algum lugar à direita. Encaminhou-se, meio cego, meio sufocado, na direção do latido.

A fumaça parecia pior no corredor. Berrou o nome de Olivia, encheu o pulmão de fumaça, ficou tonto e quase caiu. Manteve-se rente ao chão, virando a cabeça de modo a apoiar o rosto na pedra fresca, e foi recompensado por uma lufada de ar relativamente fresco. Prendendo a respiração, ele se levantou e avançou, depois voltou para o chão e respirou de novo. Àquela altura, já havia inalado fumaça suficiente para ter a sensação de que eram seus pulmões que estavam em chamas e não a chaminé.

Mas Olivia estava ali, em algum lugar. Cinco anos antes, ele não entrara nas águas frígidas e traiçoeiras do canal para salvar Alfie. Não *podia* ter salvado Alfie. Mas podia ir até o fim daquele maldito corredor. Não permitiria que outra pessoa que ele amava morresse lutando para respirar.

Tomou mais ar e voltou a avançar, tentando pensar, apesar dos protestos de seu corpo. Tinha que encontrar Olivia e fazer com que alcançasse uma daquelas janelas. Eram minúsculas e seria impossível que ela as atravessasse, mas se conseguisse erguê-la nos ombros, Olivia conseguiria respirar. O ar perto do chão era pouco, mesmo com o nariz junto às pedras. De fato, a parte de seu cérebro que nunca parava de fazer cálculos o informava que ele morreria em minutos se não respirasse mais ar fresco.

Respirou de novo. A verdade sinistra chegou com o formigamento das suas extremidades. Ele não sobreviveria a tudo isso. Não encontraria Olivia, não a salvaria. Os pulmões ardiam, contando a própria história.

Pelo menos dessa vez ele sabia que tinha tentado ao máximo. Não tinha ficado parado, impotente, nas docas. Tinha se jogado no mar.

Ele se obrigou a se arrastar para a frente de novo e então ouviu um latido estrangulado. Estendeu a mão achando que encontraria pelo. Em vez disso, encontrou um braço desnudo. Um braço flácido.

Uma janela. Tinha que levá-la para uma janela. Na verdade, ele precisava arranjar uma janela para os dois. Tocou no braço dela, dizendo seu nome, ofegante, mas precisou parar para se jogar ao chão de pedra mais uma vez. Encheu os pulmões com o ar que conseguiu encontrar, sufocou-se, tentou de

novo. Olivia estava caída com o rosto para baixo, o que talvez a pudesse salvar.

Ele se recusava a pensar em outra possibilidade.

Olivia jazia numa entrada. Ele tentou examinar o cômodo, mas a fumaça negra e oleosa obscurecia tudo. Lucy estava latindo para uma janela... sem pensar mais, Quin respirou de novo então se levantou e ergueu o corpo inerte de Olivia para dentro do aposento. O corpo o venceu numa tentativa desesperada de encontrar ar. Deixando Olivia cair, ele inalou uma nuvem de fumaça, dobrou-se, tossindo tanto que parecia que suas costelas iam se partir.

Pontos negros flutuavam diante de seus olhos e ele cambaleou para a frente, esbarrando em algum tipo de colchão. Apoiou-se por um segundo, tentando juntar forças. Sabia que a janela estava lá em cima. Se conseguisse levantar Olivia, ele poderia colocar seu rosto perto dela.

Teriam de abandonar qualquer ar que houvesse no nível do chão. Mas a parte lógica do seu cérebro registrou que a perda de visão não se devia apenas à fumaça. Estava perdendo a visão e a capacidade de respirar. Os dois não sobreviveriam a não ser que alcançassem aquela janela.

Ele se agachou, respirou, conseguiu jogar o corpo inerte de Olivia sobre o ombro e cambaleou, levantando-se. Era um sinal de sua reduzida capacidade mental o fato de não sentir surpresa ao encontrar uma escada bem no lugar onde ele precisava. Ele pôs o pé no primeiro degrau.

Lucy. Apoiou Olivia na escada, buscou a cadela, sentiu que havia tocado em seu pelo e pegou o animal pelo pescoço.

Os pontos negros bailavam como uma tempestade vinda do oceano. Quanto tempo teriam antes da inconsciência? Um minuto? Menos? Ele agarrou a saia de Olivia, deixou Lucy dentro dela, e enfiou o pano na boca, segurando a cachorrinha entre os dois.

Obrigou o segundo pé a pisar na escada. As coxas pareciam barras de aço, inflexíveis e inacreditavelmente pesadas. Mas ele continuou para cima, mais uma vez, até finalmente derrubar Olivia no alto da pilha de colchões. Havia uma janela. *Deus a abençoe, Lucy,* pensou ele.

Lucy se libertou e partiu em busca de ar fresco. Quin encheu o pulmão e então levantou Olivia no colchão, colocando sua boca perto das barras. Ela

não se movera. Estava totalmente inerte.

Morta, pensou ele. Estava morta.

– Vamos, Olivia – disse ele, a voz saindo com aspereza. – Respire, que maldição, respire!

Mas o rosto dela tombou contra as barras. Ele não percebia nenhum sinal de vida.

Uma dor lancinante o dominou. Seu coração estava arrebentando, partindo-se bem ali, naquele aposento enfumaçado.

– Não me deixe! – gritou ele, rouco. Agarrou seus ombros e sacudiu com força. – Não me deixe.

Quando a visão clareou, ele percebeu que o rosto de Olivia estava levemente azulado. De repente, lembrou-se de tentar sentir o coração, mas quando apertou a mão contra seu peito, não sentiu nada. Então percebeu que estava procurando o coração no lado errado do corpo.

– Meu cérebro está confuso – balbuciou. Então, insistiu, feroz: – Tem que respirar!

Sacudiu-a de novo, disposto a abrir-lhe os olhos, mas a cabeça da jovem pendeu para trás como um botão de flor numa haste partida. O rosto dela dançou diante de seu olhar e ele percebeu que estava chorando, as mãos passando pelo peito dela, tentando encontrar batimentos cardíacos que não estavam ali.

Lucy estava a seu lado também, latindo rouca no ouvido de sua dona.

Mas Olivia não se mexeu. Nunca mais se mexeria.

Ele abaixou o rosto até seu pescoço, tentando sentir aquele perfume maravilhoso e fugaz que era de Olivia, mas tudo o que sentiu foi a fumaça.

Alguma coisa mexeu com força dentro de seu peito. Toda a dor que ele nunca expressara veio à tona, soluços subiam com tanta força que o corpo dele se debatia como se estivesse convulsionando. Não havia como parar aquele choro. O mundo se transformava num poço negro e revoltado de dor. Alfie, Olivia, até Evangeline e Rupert... estavam todos mortos.

Uivos saíram de dentro dele, trazendo palavras que ele nunca dissera em voz alta, porque um duque sempre mantém o controle, um duque nunca implora.

Aquele duque implorou.

Por favor, Deus, ajude. Ajude.

Por fim, percebeu que conseguia enxergar Lucy lambendo o rosto de Olivia. A fumaça estava diminuindo. O incêndio na chaminé devia ter sido apagado. Lucy soltou um latido com uma tonalidade grave, um latido parecido com o de um cão dinamarquês.

O latido de Cérbero, o cão que guarda os portões do submundo, talvez.

O último soluço dele trouxe consigo uma grande clareza e uma profunda calma.

– Não consigo suportar – disse Quin, falando para o ar. – Não consigo suportar isso de novo.

Não poderia voltar para sua casa estéril, para as páginas de equações matemáticas, para as restrições maternas. Sem Olivia e sem Alfie, não havia sentido em estar vivo.

Lucy continuava a lamber o rosto de Olivia. Ele estendeu o braço para afastá-la – e acreditou ter sentido um tremor no corpo da amada. Agarrou-a pelos ombros e a ergueu para junto de si.

– Por favor, Olivia! Respire, por favor!

Nada.

Ele puxou o corpo dela contra o seu e o sacudiu para a frente e para trás, aquelas malditas lágrimas descendo mais uma vez.

Olivia tossiu.

Tarquin Brook-Chatfield, o duque de Sconce, fez um papelão naquela noite, na França. Sempre se lembraria daquilo e pensaria em tudo com uma ponta de constrangimento.

O homem que nunca chorava, que não chorara nem mesmo no enterro do filho, caiu em prantos.

E quando Olivia Mayfield Lytton voltou a si toda dolorida, tossindo, mas bem, ela... que igualmente nunca chorava... também caiu em prantos.

Capítulo 32



Um guerreiro e uma amazona

— Foram os colchões – Olivia contou para Petit duas horas depois. Estava sentada numa cadeira no meio do pátio, respirando profundamente o ar fresco que vinha do mar. O peito parecia apertado, mas já estava ficando bem melhor. Um banho escaldante havia ajudado.

– Seus colchões salvaram nossas vidas.

Mas os olhos dele estavam em agonia.

– Fui eu, eu, quem quase acabou com sua vida! Bloqueei as chaminés para obrigar madame a sair da cozinha e, então, uma delas pegou fogo. Quando percebi que não tinha usado a chave, não consegui atravessar a fumaça. *Fracassei!*

– Foi um acidente – disse Olivia. – Mas tem que me prometer que nunca mais vai fazer algo tão perigoso.

– Não farei – exclamou Petit. – Nunca, nunca, nunca.

– Pode compensar – disse Quin, aparecendo atrás dele. – Leve Lucy para o barco a remo que está perto da choupana de Père Blanchard, por favor. – Ele entregou-lhe a pequenina cadela. – Está cansada demais para caminhar conosco. Entregue-a a um marinheiro chamado Grooper, que deve estar esperando.

– Vou correndo até lá – disse Petit, cumprindo imediatamente o que prometera e já atravessando o portão principal.

– Minha nossa. – Olivia observou sua partida. Uma das orelhas de Lucy estava visível, jogada para trás pelo vento. – Lucy deve estar com a sensação de ter participado de uma corrida.

– Petit vai pela estrada – disse Quin. – Vamos cortar caminho pelo bosque e devemos encontrá-lo pouco depois da sua chegada, mesmo correndo daquele jeito. – Ele a levantou com cuidado. – Hora de ir para casa.

– Não deve! – protestou Olivia. – *Não pode!* Sou pesada demais. – Mas ele apenas deu um beijo na testa dela e saiu do pátio, deixando para trás aquele sórdido quartel.

O corpo dele doía, mas ele nunca cedia à fadiga. Havia uma distância de meia légua até o local onde o barco esperava pelos dois, mas isso não era um problema, pois os músculos do duque pareciam ser feitos de aço.

Olivia estava tranquila. Com seus braços em torno do pescoço de Quin, o rosto contra seu tórax, estava tão grata por estar com ele e por estar viva que não conseguia colocar em palavras. Mas, quando, ao atravessarem o bosque, ela ouviu o som de água corrente, insistiu para ir para o chão.

– Estamos quase no *Devaneio* – protestou Quin. – Quero deixar este maldito país.

Ela passou a mão no rosto dele.

– Por favor?

Ele se queixou, mas deixou que ela se apoiasse nos próprios pés.

Era o início da noite, o ar estava morno e cheirava a flores. Os jacintos se espalhavam até a beira de um riacho preguiçoso ladeado por jovens carvalhos.

– São tão lindos – suspirou Olivia, ajoelhando no canteiro cheio de flores. Quin rosnou.

– Aproveite-os agora pois você não vai voltar a ver essas flores. Nunca mais voltaremos à França.

Ela riu.

– Claro que vamos voltar, depois que a guerra acabar. Quero conhecer a noiva de Petit e descobrir se o *capitaine* bêbado ficou sóbrio. Além do mais,

ouvi que você estava fazendo planos para remessas regulares de conhaque para Littlebourne Manor.

– É o melhor que tomei em muitos anos. – Quin não parecia arrependido.

– Detesto dizer, mas o pão de madame Fantomas era surpreendentemente bom. Valia uma viagem à França. – A voz foi diminuindo de volume à medida que ela o olhava.

Quin também havia se banhado e eliminado a fuligem que o fazia parecer um ladrão no meio da noite. Mas ainda havia algo diferente nele. As maçãs do rosto, tão aristocráticas na Inglaterra, pareciam angulosas e selvagens. Ele estava sem casaco e uma das mangas da camisa tinha sido rasgada exibindo o braço musculoso. Era a encarnação de um vingador.

– O que foi? – perguntou ele, fazendo uma careta.

– Você parece um guerreiro – disse ela, com seu corpo desejando de um modo claramente pouco civilizado aquela fúria indisfarçável que pulsava em todos os nervos do corpo dele.

Quin agachou-se ao lado dela, os músculos da coxa saltaram de um jeito que fez com que ela sentisse vontade de passar os dedos sobre eles. Uma dama nunca repararia naquilo. A mãe teria ficado escandalizada, mas ela não se importava.

– Achei que tivesse perdido você – disse ele numa voz firme e resoluta. – Enlouqueci, e devo avisá-la que posso nunca mais ser o mesmo, Olivia.

Ela se apoiou nos joelhos para que seus olhos ficassem na mesma altura que os dele.

– Meu último pensamento antes de desmaiar foi você. Sabia que viria. Eu o amo, Quin.

– Nunca entendi muito sobre o amor – disse ele, sem tocá-la. – Mas sei que amo seu jeito de enfrentar minha mãe, suas piadas ruins, suas quintilhas, seu vestido violeta, e a maneira como consegue subir em árvores e empinar pipas.

Ela sorriu. Era bom o bastante.

– Minha mãe me disse há muito tempo – prosseguiu ele – que era bom que fôssemos uma família pouco emotiva porque o amor era perigoso. Confirmei sua hipótese ao me apaixonar por Evangeline.

Olivia mordeu o lábio, pronta para discutir.

– Mas meu amor por você é maior. – A voz dele quase falhou, mas ele conseguiu firmá-la. – Amo você mais do que qualquer outra coisa no mundo, mais do que minha vida. Se o amor é perigoso, então não quero viver em segurança. – A voz dele soava áspera e selvagem, além de duplamente honesta pela voracidade que continha.

Olivia fez um movimento para trás, ainda de joelhos.

– Só de olhar para você, sinto uma dor... *aqui*. – Ela pôs a mão sobre a barriga e deixou que ela descesse. – E *aqui*.

O rosto dele se transformou, de assassino para sensual.

– Olivia – suspirou ele. E então: – *Não*.

Tentou transformar a palavra numa ordem, mas ela estava convencida de que guerreiros se casavam com amazonas, o que queria dizer que estava na hora de ela se tornar tão audaciosa quanto qualquer amazona. Não que o estudo da história fosse seu ponto forte.

– Não sinto medo quando está comigo. – Ela abriu o primeiro botão do vestido de aldeã, que havia sido bondosamente doado a ela para substituir a roupa que tinha sido totalmente arruinada durante a viagem. – Não sinto medo de Bessette, porque vi o que fez com ele na fortaleza.

A mandíbula de Quin ficou tensa.

– Infelizmente, acho que o bastardo sobreviverá. Se soubesse que ele tinha causado essas marcas, eu teria dado uma surra nele e o deixado à beira da morte na primeira vez que o vi.

Ela sorriu e desabotoou mais dois botões.

– E não tenho medo dos soldados franceses, porque todos têm a idade de seu primo Justin, embora não pareçam tão poéticos.

– Não ficaria surpreso se Petit voltar para o quarto e rabiscar uns versos para uma deusa inglesa da lua. – Ele observava as mãos dela.

Olivia desfez o último botão e tirou o vestido pela cabeça.

– Principalmente – disse ela, levantando-se –, não sinto mais medo de mim mesma, do meu corpo. – O vestido caiu a seus pés, deixando em seu corpo apenas uma combinação.

– Nada de espartilho – rosnou ele, sem se mexer. – Vou destruir todos os seus espartilhos quando chegarmos à Inglaterra.

– O que há de errado num espartilho? – perguntou ela, provocando Quin ao levantar lentamente, centímetro a centímetro, a barra da roupa de baixo.

– É uma espécie de prisão – disse ele, com os olhos em chamas. – Não suporto ver suas curvas confinadas.

Ela sabia que seu sorriso estava radiante. Não sentiu o mínimo vestígio de constrangimento ao tirar a combinação e jogá-la num canto. Quin ficou paralisado. Um homem musculoso, selvagem, agachado a seus pés. Olivia apenas esperou junto às flores francesas, enquanto um raio de sol do fim do dia dançava em seus seios e na sua barriga. Ela permitiu que ele olhasse quanto quisesse.

Para sermos completamente honestos, é verdade que ela colocou as pernas da melhor maneira possível, com os joelhos unidos, curvando-se ligeiramente para o lado. Nunca tinha se sentido mais sensual ou mais desejável. Era inebriante estar nua ao ar livre, embora – ou talvez especialmente porque – Quin ainda estivesse vestido. Seu corpo inteiro amoleceu de desejo e vibrou.

No entanto, ele não se moveu. Manteve aquela postura nova e feroz.

– Olivia – disse ele, finalmente.

– Sim?

Ele podia estar feroz, mas ela era uma *mulher*. A mulher dele. Viu o fogo ardendo no seu olhar e na forma como as mãos dele tremiam. Por ela.

– Afaste suas pernas.

Ela obedeceu e mesmo assim não se sentiu constrangida.

– Você é perfeita – disse ele, rouco. – E é minha.

De súbito, braços fortes envolveram os quadris de Olivia e o toque da língua dele entre suas pernas a fez gritar.

– É como mel – disse ele, novamente passando sua língua, o que a fez suspirar. Uma dor doce e insistente espalhou-se depressa por suas pernas e Olivia prendeu os dedos na seda límpida do cabelo dele e segurou.

Quin demorou-se, sustentando-a depois que as pernas cederam, as mãos afundando nas curvas voluptuosas de seu traseiro, a língua tão exigente

quanto o resto de si. Não parou até deixá-la arfando de prazer, com movimentos pelo corpo inteiro, tentando falar, mas incapaz de encontrar as palavras.

Ele se levantou e arrancou a camisa pela cabeça. Um momento depois, ela estava sobre uma pilha de roupas descartadas e de flores, com um corpo nu e rígido pairando sobre ela. Mas a mandíbula dele estava tensa e os olhos, preocupados.

– Não consigo me conter, Olivia. E pode ser que ainda haja dor.

Mas ela já estava erguendo o corpo em direção ao dele, as mãos agarradas nos seus antebraços.

– Eu me sinto vazia – sussurrou ela. – Quero você dentro de mim.

Ele esticou a mão para baixo e fechou os olhos por um instante.

– Está tão pronta. – A voz falhou.

– Ah! – exclamou ela, esfregando-se no dedo dele, sentindo a carícia áspera do polegar. – Eu... você pode... sim!

O sol dourado voltou a dançar sobre ela, acompanhando as veias.

Quin esperou que os tremores que a sacudiram se acalmassem, então recuou e pôs as mãos imensas no traseiro dela. O rosto estava desesperado, mas ainda cheio de cautela.

– Quero seu... – disse ela, mas precisou parar para respirar, ainda trêmula.

Os olhos dele foram iluminados pelo riso.

– Não ouse dizer nada sobre o ataque de um aríete, Olivia Lytton.

Ela fez um biquinho, adorando o jeito que o olhar dele se dirigia a seus lábios.

– Mas *eu quero*. – E ela falava a sério.

Se é que era possível, ele pareceu até maior do que da primeira vez. Mas tudo foi diferente. Ela gritou quando ele a penetrou, mas não foi de dor. As pernas subiram instintivamente e se fecharam na altura da cintura dele, segurando-o com força.

Um som alto e profundo saiu dos lábios dele.

– Não... não tão rápido – pediu ele. Ele se apoiou nos cotovelos e a beijou. – Eu amo você. – As palavras saíram num tom baixo e feroz, a jura de

um guerreiro. Ele recuou, penetrou-a de novo. Parou. – Não há motivo para viver sem você, Olivia. Nenhum.

Os lábios dela estremeceram, os olhos se encheram de lágrimas, mas ele baixou a cabeça e voltou a capturar sua boca.

– Nada de lágrimas – disse ele. – Você sobreviveu. Eu sobrevivi. Nós sobrevivemos.

– Eu amo você – disse ela, as mãos tremendo enquanto tentava apertá-lo ainda mais. – Eu amo tanto você, Quin.

Os olhares se encontraram.

– Por favor! – exclamou ela, sem saber ao certo o que estava pedindo.

Mas Quin sabia. Ele foi acolhido por ela e ela aceitou sua entrega. Aceitou e retribuiu.

Capítulo 33



Os méritos de palavras simples

Quin não encontrou as palavras certas até que eles se banharam no riacho e voltaram a se vestir. Mas dessa vez ele não se incomodou pelas palavras desejadas não terem lhe ocorrido imediatamente: o que ele e Olivia sentiam era maior do que a linguagem. Era como a luz, percebeu. Algo comum, simples, que se partia num arco-íris quando examinado de perto.

– Você mudou minha forma de pensar – disse, por fim. – Nunca mais ficarei confortável sem saber onde está.

O brilho nos olhos de Olivia ameaçou se derramar de novo. Mas ela estava segura em seus braços. Ele começou a caminhar, abaixando a cabeça para beijar uma ou duas lágrimas.

Houve ainda uma longa caminhada pela floresta até o braço de mar coberto de árvores e ele não dormira nos últimos dois dias. Mas os sussurros de Olivia lhe deram força e tudo o que ela disse a ele, mesmo os versinhos mais bobos, só queriam dizer uma coisa. Ela o amava. Ele, aquele homem frio e sem emoções que Evangeline proclamara ser indigno do amor.

Quando chegaram ao barco a remo, Grooper estava adormecido na margem, com Lucy aninhada em seu colo. E o mundo, o mundo de Quin, estava no lugar e assim permaneceria até o fim de seus dias.



Quando a carruagem se aproximou de Littlebourne, seguida por outra, coberta de preto, com o corpo de Rupert, todos saíram da casa para recebê-los.

O duque de Canterwick, ainda abalado pelo período de inconsciência, segurou as mãos dos dois e agradeceu-os muitas vezes por terem trazido seu garoto para casa, e depois partiu. Era um homem arrasado.

A duquesa viúva de Sconce descumpriu seu mandamento favorito relativo à compostura de uma dama ao cair no choro diante de todos os presentes.

A Srta. Georgiana Lytton gritou, agarrou a irmã e a sacudiu. Nem é preciso dizer que tal manifestação de uma histeria feliz e soluçante indicava que ela havia deixado de lado (mesmo que apenas momentaneamente) preceitos como *Sua postura deve sempre reforçar sua honra*. Foi bom que os pais de Georgie e de Olivia não estivessem ali para ver aquele abandono das leis gerais do universo (pelo menos na forma de pensar da Sra. Lytton).

A pobre Sra. Lytton, aliás, teria ficado mais chocada ainda se entreouvísse a conversa das filhas mais tarde, naquele mesmo dia.

– Mas você não consegue suportar lady Cecily por mais de meia hora! Vai enlouquecer dentro de uma semana. Não se lembra da viagem até aqui, quando nós duas...

– Não importa – disse Georgiana com firmeza. – O sobrinho de lady Cecily é um catedrático em Oxford, Olivia. Um catedrático!

Olivia baixou a xícara e olhou a irmã.

– Um catedrático deve ser grande coisa.

Georgiana a ignorou. Estava borbulhando de empolgação, de um jeito muito pouco característico.

– O Sr. Holmes vai começar uma série de palestras sobre *Mecanique Céleste*, de Laplace, e *Principia*, de Newton, na próxima semana. As mulheres não têm permissão para assistir a palestras como essas, mas obviamente ele não pode recusar a presença da própria tia!

– E de sua acompanhante. Mas Georgie, tem certeza de que consegue aguentar? Lembre-se de que discursar parece ser uma característica da família: você vai enfrentar horas ouvindo as opiniões de lady Cecily em relação aos processos digestivos.

– Lady Cecily é muito bondosa, Olivia. Pense nisso: vai aguentar todas aquelas palestras por mim.

– Vai fazer exatamente o que eu faria nessa situação e tirar um cochilo.

– Se eu tivesse de ser a acompanhante de uma *assassina* para assistir a essas palestras, eu seria – disse Georgiana com convicção.

– Você levanta uma questão interessante – disse Olivia, maliciosamente. – Poderia ser verdade que o bondoso Sr. Bumtrinket, falecido marido de lady Cecily, tenha sofrido uma morte suspeita, talvez depois de consumir uma poção vendida por um charlatão veneziano?

– *Olivia!* – exclamou Georgiana, chocada como sempre.

– Pior! E se você for levada a cometer um homicídio?

– Pare com isso! Está sendo bastante inconveniente.

– Era uma vez Bumtrinket, uma velha tagarela, que falava dia e noite sem que ninguém lhe desse atenção. – Olivia riu, soltando-se da irmã que tentava puxar a manga do seu vestido. – Sua língua incessante era impressionante. Até que a acompanhante lhe atingiu com a tigela!

– Sua malvada! – A princesa perfeita começou a perseguir a imperfeita em torno do sofá da biblioteca até que lembrou que *dignidade, virtude, afabilidade e postura* não condiziam com um ataque físico.

O mundo de Olivia, como o de Quin, estava firmemente no lugar. Georgie iria para Oxford e desprezava a vida de uma duquesa, mas os vestígios do programa de *duquesificação* permaneciam nela. E Olivia estava prestes a realizar o maior sonho de sua mãe... embora possa ser dito que aquele sucesso estava diretamente relacionado ao fracasso do mesmo programa.



Quin e Olivia caminharam atrás do duque de Canterwick quando Rupert foi enterrado com honras, não no jazigo familiar, mas na abadia de Westminster, como era digno de um herói inglês que encontrou a glória. Seu lugar foi marcado por uma placa de mármore simples, gravada com seu nome e um fragmento de um estranho poema.

Alguns anos depois, um jovem poeta chamado Keats ficou intrigado diante da inscrição durante uma longa tarde. Um pouco depois disso, um poeta de meia-idade chamado Auden deixou-se fascinar por uma semana inteira. Cinquenta anos depois, uma dissertação erudita discutia as complexidades da fragmentação... mas isso tudo estava no futuro, uma charada para aqueles interessados nas sutilezas da linguagem.

Para Tarquin Brook-Chatfield, duque de Sconce, as palavras complicadas nunca tiveram a mesma força e encantamento que tinham antes de seu segundo casamento. Ele nunca se preocupava se conseguiria encontrar ou não as palavras certas.

Havia apenas três que realmente importavam e que eram dignas de repetição: “eu amo você, eu amo você, eu amo você.”

“Eu amo você.”

Epílogo



Treze anos depois

A jovem tinha cabelo da cor do ébano, com uma mecha branca sobre a testa. Lady Penelope Brook-Chatfield ainda não sabia, embora, aos 12 anos, ela começasse a desconfiar, que era a dama mais bela da sua idade entre Kent e Londres, e muito além disso. Lábios da cor da cereja, maçãs do rosto altas e um grito digno de uma amazona.

– Tudo colabora – balbuciou Quin. – Vai ser um terror. Vão fazer uma fila para se casar com ela e vamos ter que compensar o pobre do marido.

– Que nada! – disse Olivia, preguiçosa, deliciando-se com o calor de verão, que permanecia no ar mesmo à sombra da árvore favorita deles, um olmo que ficava no final da colina Ladybird. Pequenas borboletas brancas dançavam nos ramos mais baixos.

Penelope passou correndo, perseguindo um dos primos com um guincho que lembrava um daqueles recentes motores a vapor.

– O meu papai também! – berrou ela. – Meu papai é *feroz*!

– Você não parece feroz – disse Olivia, prendendo os dedos no cabelo de Quin. Ele estava deitado sobre a colcha ao lado dela, cochichando coisas para a barriga que se erguia entre eles.

– Estou sendo gentil com o novo bebê – disse ele, deixando um beijo na barriga dela. – Estou guardando toda a minha ferocidade para os admiradores de Penelope.

Ouviu-se o som de ramos se agitando na árvore sobre eles.

– Tenha cuidado! – exclamou Quin. – Mamãe está aqui e você sabe que precisa ser particularmente cuidadosa neste momento.

– Eu sei.

Tinha chovido muito naquele verão e a árvore estava cheia de folhas escuras. Perninhas magricelas apareceram e se sacudiram por um momento até que Quin se levantou, segurou seu dono e colocou-o no chão, em segurança.

– Papai! – guinchou Penelope, correndo para junto deles com o cabelo esvoaçante. Devia ter perdido outra fita. – Tia Georgie diz que você não matou nenhum pirata, então venha e diga a ela que você faz isso *o tempo todo*!

– Você precisa mesmo fazer com que ela compreenda melhor o que a polícia local pode fazer e não pode fazer – balbuciou Olivia.

Quin pôs as mãos na cintura e gritou:

– Diga para a tia Georgiana que é o tio Justin que é bom na perseguição de piratas.

Penelope chegou correndo com suas pernas compridas e seu cabelo sedoso. Agarrou a mão dele.

– É absurdo, papai. Sabe que o tio Justin está ocupado demais cantando. Se quisesse matar um pirata, você conseguiria fazer isso antes do desjejum. Vá dizer *isso* para a tia Georgie. – E ela o arrastou.

O senhor Leo Rupert, que tinha o título de conde de Calderon (embora ainda não soubesse disso), caiu de joelhos ao lado da mãe e lhe mostrou uma pequena coleção de gravetos, todos quebrados exatamente com o mesmo tamanho. Leo era imaginativo, sonhador e muito mais tranquilo do que Penelope. Estava sempre pensando com toda a intensidade, com mais intensidade que a média dos meninos de 5 anos.

– O que vai construir com os galhos? – perguntou Olivia, colocando-se sentada. – Talvez uma casa?

– Sou jovem demais para construir uma casa – disse Leo, com apenas uma ponta de irritação. – Gente da minha idade não constrói casas, mamãe. Devia saber disso. – Ele guardou os gravetos no bolso, com cuidado, e se levantou, exibindo joelhos um tanto sujos.

– O que vai fazer com eles então?

– Alfie e eu vamos construir uma estrada. Vou pedir para o tio Justin nos ajudar. – Então deu um sorriso que era ainda mais belo por ser um tanto sério e raramente usado. – Onde está Lucy?

– Está sentada na charrete – respondeu Olivia. – Sabe que Lucy não gosta de sair do colo da vovó, esses dias.

– Vou mostrar os gravetos para a vovó – disse ele, afastando-se.

Olivia observou-o, pensativa. O marido voltou e sentou-se atrás dela, abrindo as mãos sobre sua barriga e apertando-a contra seu peito morno.

– Esse bebê é maior do que os outros dois – observou ele.

– Quin, você acha mesmo que está certo o Leo brincar com um amigo chamado Alfie o tempo todo... e que ninguém consiga ver Alfie, só ele?

Quin puxou-a ainda mais para junto de si e beijou-lhe a orelha.

– Acha que ele faz isso apenas porque deixa o papai tão feliz?

Olivia inclinou a cabeça e encostou no ombro dele.

– Não. Leo diria que Alfie é seu amigo, como já disse muitas e muitas vezes durante o último ano. Em relação ao tamanho da minha barriga, começo a achar que talvez sejam gêmeos.

– Gêmeos? – exclamou Quin. – Poderia reconsiderar? Não estou certo de que vamos conseguir lidar com mais dois.

Olivia riu.

– Esse aqui é o mesmo homem que disse que queria encher a casa com crianças?

– Foi antes de descobrir como podiam ser barulhentas. Com os dois de Georgiana e o filho de Justin que chega amanhã... e você sabe que aquela criança é um verdadeiro terror, Olivia... até as fundações da casa vão sacudir.

– Beije-me – pediu Olivia, olhando para aquele belo príncipe guerreiro que era seu marido.

O primeiro beijo foi de adoração, mas gradualmente se aprofundou e se transformou em algo diferente: um beijo possessivo, explorador. As mãos dele acompanharam a barriga até o peito, numa curva mais suave e voluptuosa.

– Não deve fazer isso! – disse Olivia com um pequeno suspiro, algum tempo depois. Os dois estavam com a respiração acelerada.

– Vamos para casa – disse Quin em seu ouvido. – Quero você. Quero minha esposa numa tarde de domingo tórrida do verão inglês. Quero que ela fique nua na nossa cama, para que eu possa...

Penelope parou de repente ao lado deles.

– Estão se beijando *de novo*? A vovó diz que está na hora de voltar para casa e a babá diz que temos torta de limão para o chá. Vamos lá!

Ela saiu correndo, as botas de cano curto reluzindo sob as saias.

Quin ajudou sua amada a se levantar, tomou-lhe a mão e a entreteve durante todo o caminho até a charrete sussurrando em seu ouvido tantas sugestões que ela estava bastante corada quando por fim chegaram do outro lado da colina Ladybird.

– Nossa – disse a duquesa viúva, ao olhar para o rosto de Olivia. – Está quente demais, nem me surpreendo. Lucy também está com calor.

Quin abaixou-se e puxou a orelha de Lucy.

– Então temos de ir para casa – disse ele, fazendo um sinal para que o cavalição conduzisse uma segunda charrete cheia, com seus filhos e sobrinhos. Ele assumiu as rédeas. – Não podemos deixar Lucy desconfortável. E acho que minha esposa também ficaria melhor se...

Olivia deu um cutucão com o cotovelo.

– Tirei um cochilo – disse ele, beijando-lhe o nariz.

A duquesa viúva olhou para os dois e então para os campos bem cuidados espalhados pelas terras dos Sconce. Não era todo dia que ela agradecia a Deus por ter escolhido Georgiana para participar daquela série de testes absurdos que ela criara e por Georgiana ter aparecido com Olivia.

Mas quase todos os dias.

Notas históricas



Este romance tem tantos antecedentes literários que mal consigo listá-los: peças do Renascimento inglês, *A pimpinela escarlate*, um conto de David Foster Wallace. Minha maior dívida, claro, é com o conto de Hans Christian Andersen, *A princesa e a ervilha*. Esse conto de fadas foi condenado pelos críticos literários da época por ser falado demais e informal demais, e provocou grande desagrado os duplos sentidos relacionados àquela ervilha dura encontrada na cama da donzela.

A chocante brincadeira de Andersen me deu a ideia de criar uma heroína com uma propensão para trocadilhos inapropriados. Pensamos nas quintilhas como uma forma popularizada por Edward Lear em *The Book of Nonsense* (*O livro das bobagens*, 1846), mas, na verdade, é um gênero bem mais antigo. (Um exemplo fascinante aparece em um registro de setembro de 1717, no diário de um certo reverendo John Thomlinson, que gostava de registrar os escândalos de sua paróquia.) Encontrei ajuda para exemplificar o humor indecente de Olivia na obra do dramaturgo inglês Ben Jonson (*“Patife remelento, corpulento, farelento e flatulento!”*), bem como da clássica série de TV britânica *Black Adder* (*“barbicha esquisita e pra lá de bocó”*) – que Jonson certamente reconheceria como uma espécie de descendente direto.

Também estou em dívida com Jonson pelo nome Cecily Bumtrinket, uma criada mencionada em uma de suas peças, a quem transformei na filha de um duque. Outro nome inspirado é o de lorde Justin Fiebvre... personagem escrito para a alegria de minha filha de 12 anos. Ela está entre as *Beliebers* (fãs do cantor Justin Bieber) mais ardorosas. A conclusão do romance foi inspirada em *A pimpinela escarlata*. Na adolescência, eu adorava a passagem em que sir Percy levanta a esposa como se ela fosse uma pluma e a carrega por meia légua até a costa para que pudessem escapar da França devastada pela guerra na luxuosa escuna *Devaneio*.

Do ponto de vista histórico, esculpam-se lanternas com nabos em vez de abóboras, mas essas lanternas existiam. E o cerco de Badajoz realmente aconteceu, embora eu tenha alterado os detalhes para que servissem a meu propósito: transformar Rupert em herói. Ao concluir, gostaria de chamar a atenção para os nomes do meio de Rupert: Forrest G.

G de Gump.

Perguntas para leitores, para clubes de leituras e para devoradores de livros



Querido leitor,

O que vem a seguir são algumas anotações sobre aspectos menos óbvios de *Esse duque é meu* que podem ser divertidos de comentar – bem como algumas sugestões para suas futuras leituras.

1. No conto de fadas *A princesa e a ervilha*, a garota que chega ao portão no meio da tempestade é, na verdade, uma princesa “perfeita”. Olivia, minha heroína, em comparação, não é a heroína perfeita. Ela é sem-vergonha, inapropriada e rechonchuda. Você gosta que suas heroínas não sejam tão perfeitas assim? O que acha do fato de ela ser cheia de curvas? Se gosta de Olivia, talvez queira conhecer Josie, a heroína de *Pleasure for Pleasure (Prazer por prazer)*, outra mulher com um corpo que não segue os padrões tradicionais de beleza, mas que aprende a se amar exatamente como é.
2. Num sentido mais profundo, *Esse duque é meu* trata da perfeição e do que ela significa. Pense em Tarquin, que tem uma incapacidade de

expressar emoção e que confia na lógica, e em Rupert, que é todo emoção e pouquíssima lógica. Olivia ensina a Quin um bocado sobre a expressão dos sentimentos, assim como o poema de Rupert, que o ajuda a expressar o luto pela perda do filho. O que você acha que faz um herói ser perfeito? Para mim, ele é um homem que pode entrar num edifício em chamas e salvar sua amada... mas que está tão preso à masculinidade que não consegue expressar emoção. Tanto Quin quanto Rupert são heróis, mas de modos diferentes. Outro herói nessas linhas? Simeon, protagonista de *When the Duke returns* (*Quando o duque voltar*), resgata a esposa de um barco ocupado por prisioneiros violentos em fuga.

3. Muitos leitores me perguntam por que estou reescrevendo contos de fadas. A resposta tem relação com meu pai, Robert Bly, e com seu interesse em reelaborar os contos de fadas (o mais famoso é *João de ferro*). Mas também gosto deles porque apresentam um desafio: consigo surpreender meus leitores mesmo quando eles já conhecem o enredo. Se gostou de acompanhar como a história de *A princesa e a ervilha* aparecia e desaparecia neste livro, você talvez aprecie *Um beijo à meia-noite*, minha adaptação para a *Cinderela*, bem como minha versão de um dos contos preferidos de todo mundo, *Quando a Bela domou a Fera*. Costumam me perguntar se vou escrever mais contos de fadas. Enquanto escrevo essa carta, estou trabalhando em *A duquesa Feia* e posso antever pelo menos mais um depois disso.

Espero que tenha apreciado *Esse duque é meu* – e todos os meus livros que você porventura venha a ler. Se quiser mais informações sobre meus romances, faça uma visita à minha página: www.eloisajames.com. E costumo frequentar o Facebook, em www.facebook.com/eloisajamesfans. Adoraria conversar com você por lá.

Com meus melhores desejos,
Eloisa

Agradecimentos



Meus livros são como criancinhas. É preciso uma aldeia inteira para conceder a eles o status literário. Quero oferecer meus mais sinceros agradecimentos à minha aldeia: minha agente Kim Witherspoon, os designers do meu site, Wax Creative, e minha equipe pessoal: Kim Castillo, Franzeca Drouin e Anne Connell. Outros forneceram gentilmente conhecimentos especializados. Mais agradecimentos vão para Thomas Henkel, Ph.D., professor emérito de física do Wagner College, Annie Zeidman-Karpinski, bibliotecária de ciências da Universidade de Oregon, e Sylvia Clemot, de Reueil Malmaison, na França. Sou grata a cada um!

Sobre a autora



Eloisa James escreveu seu primeiro romance depois de se formar em Harvard, mas o manuscrito foi rejeitado por todas as editoras. Após obter mais alguns diplomas e arranjar um emprego como professora especializada em Shakespeare, ela tentou novamente, dessa vez com mais sucesso. Mais de 20 best-sellers depois, ela dá cursos sobre Shakespeare na Fordham University, em Nova York, é mãe de dois filhos e, numa ironia particularmente deliciosa para uma autora de romances, é casada com um legítimo cavalheiro italiano.

CONFIRA OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS DA AUTORA



A DAMA MAIS DESEJADA

Julia Quinn, Eloisa James e Connie Brockway

Três das maiores estrelas dos romances de época convidam você para uma festa na casa de campo do ilustríssimo marquês de Finchley.

Hugh Dunne, o irresistível conde de Briarly, precisa de uma esposa. Para ajudá-lo, sua irmã faz uma lista com as melhores damas disponíveis e as convida – assim como alguns cavalheiros – para uma festa em sua propriedade. Durante o evento, que promete ser o grande acontecimento da temporada, Hugh terá tempo para conquistar a mulher que ele mais deseja.

Quem será que ele escolherá? A incrivelmente bela (e dolorosamente tímida) Gwendolyn Passmore? A sincera e adorável Katherine Peyton? Se demorar muito, porém, talvez perca a vez para o arrojado herói de guerra Neill Oakes, ou para o jovem e concorrido conde de Charters. Nesse caso, onde encontrará uma esposa?

Talvez tenha que considerar a hipótese de ser uma moça que definitivamente não está no mercado casamenteiro, e que vai requerer uma boa dose de perseverança...



A DAMA MAIS APAIXONADA

Julia Quinn, Eloisa James e Connie Brockway

Este romance de época em três partes – uma história só contada por três vozes cativantes – não vai ser fácil de esquecer.

Quando o sobrinho do proprietário de terras Taran Ferguson se recusa a se casar e, dessa forma, garantir os bens que são seus por direito, Ferguson decide cuidar pessoalmente da questão.

Ele invade um baile e sequestra quatro damas: uma donzela formosa, uma herdeira com uma pequena mancha na reputação, uma rica beldade inglesa e

uma solteira sem nome de família ou fortuna. Só não se sabe qual delas tem a maior chance de se apaixonar pelo lorde escocês.

Adicione à história um duque furioso, um castelo decrepito e uma tempestade violenta que mantém reféns os “hóspedes” de Taran e você vai se sentir viajando para um mundo de tentação, paixão e amores inesperados.

CONHEÇA OS LIVROS DE ELOISA JAMES



QUANDO A BELA DOMOU A FERA

"Eloisa James é extraordinária." – Lisa Kleypas

Eloisa James



UM BEIJO À
MEIA-NOITE



UM BEIJO À MEIA-NOITE

"Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do
que um romance novo de Eloisa James." – Julia Quinn

Eloisa James



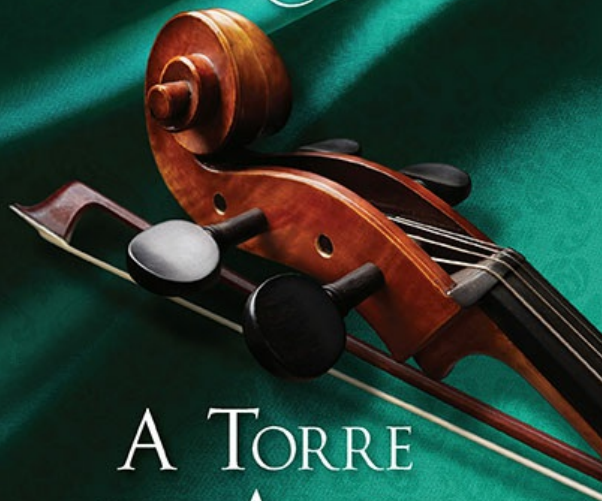
A DUQUESA FEIA



A DUQUESA FEIA

"Eloisa James é extraordinária." – Lisa Kleypas

Eloisa James



A TORRE
DO AMOR



A TORRE DO AMOR

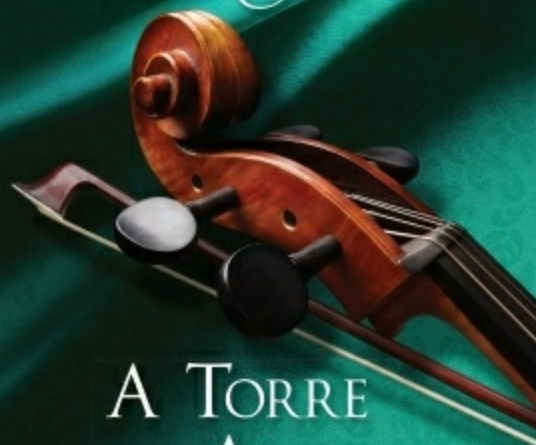
Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



"Eloisa James é extraordinária." – Lisa Kleypas

Eloisa James



A TORRE
DO AMOR



A Torre do Amor

James, Eloisa

9788580418866

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Gowan, o magnífico duque de Kinross, decide se casar, seu plano é escolher uma jovem adequada e negociar o noivado com o pai dela. Ao conhecer Edie no baile de apresentação dela à sociedade, ele acredita que, além de linda, ela também seja a dama serena que ele procura e imediatamente pede sua mão. Na verdade, o temperamento de Edie é o oposto da serenidade. No baile, ela estava com uma febre tão alta que mal falou e não conseguiu prestar atenção em nada, nem mesmo no famoso duque de Kinross. Ao saber que seu pai aceitou o pedido do duque, ela entra em pânico. E quando a noite de núpcias não é tudo o que podia ser... Mas a incapacidade de Edie de continuar escondendo seus sentimentos faz com que o casamento deles se desintegre e com que ela se recolha à torre do castelo, trancando Gowan do lado de fora. Agora o poderoso duque está diante do maior desafio de sua vida. Nem a ordem nem a razão funcionam com sua geniosa esposa. Como ele conseguirá convencê-la a lhe entregar as chaves não só da torre, mas também do próprio coração? "Eloisa James é extraordinária." – Lisa Kleypas "Perspicaz e engraçada, esta releitura da clássica história da Rapunzel fará todas as mulheres desejarem ter uma torre a seu alcance." – Library Journal "Eloisa James escreve com uma cativante mistura de encanto, classe e graciosidade que nos faz suspirar, sorrir e nos

apaixonar." – Julia Quinn

[Compre agora e leia](#)



A dama mais desejada

Quinn, Julia

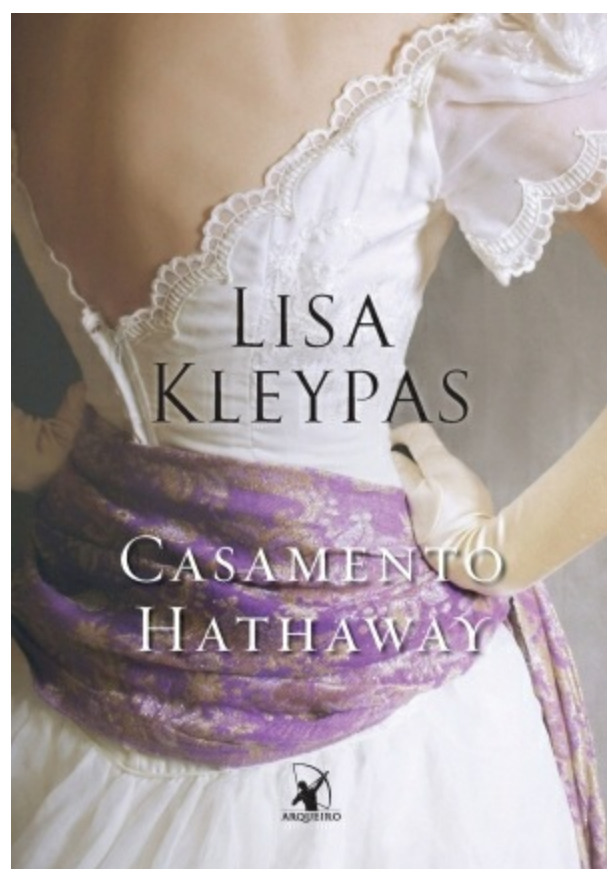
9788580419528

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Hugh Dunne, o irresistível conde de Briarly, precisa de uma esposa. Para ajudá-lo, sua irmã convida as mais elegantes damas da sociedade, assim como alguns cavalheiros, para uma festa em sua propriedade. A reunião inclui a incrivelmente bela (e dolorosamente tímida) Gwendolyn Passmore, a sincera e adorável Katherine Peyton e a viúva lady Georgina Sorrell, além de alguns condes e até um arrojado herói de guerra. Durante o evento, que promete ser o grande acontecimento da temporada, Hugh terá tempo suficiente para eleger a dama que mais deseja. A não ser que outro cavalheiro seja mais rápido. Nesse caso, quem sabe ele acabe cortejando uma moça que definitivamente não está no mercado casamenteiro, e que vai exigir uma boa dose de perseverança... "Original e deliciosamente divertido, A dama mais desejada esbanja perspicácia e sensualidade. E o melhor de tudo: é maravilhosamente gratificante." – Booklist "Apaixonante, alegre e divertido." – Library Journal

[Compre agora e leia](#)



Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

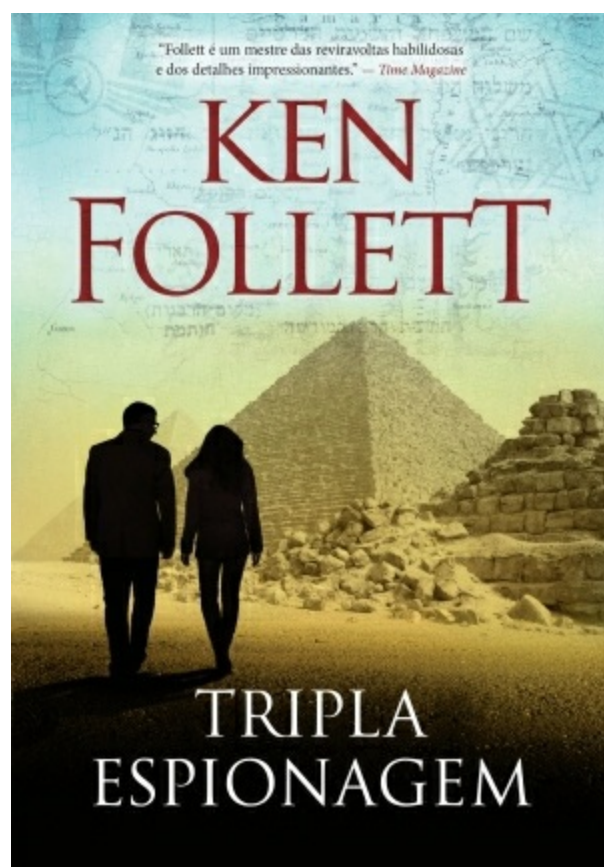
9788580418484

36 páginas

[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância. Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improvisado e convidados surpresa. Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)



Tripla espionagem

Follett, Ken

9788580419498

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Baseado numa história real, Tripla espionagem é um suspense sobre um dos acontecimentos mais eletrizantes do século XX. No auge da Guerra Fria, um delicado equilíbrio de forças mantém a paz, mas o mundo está a um passo do holocausto nuclear. As tensões crescem no Oriente Médio quando o Mossad, o serviço secreto de Israel, descobre que o Egito está prestes a fabricar a própria bomba atômica com a ajuda dos soviéticos. Essa notícia acirra os ânimos dos israelenses, que passam a considerar questão de vida ou morte construir um arsenal nuclear antes dos árabes. E o agente veterano Nat Dickstein é recrutado para roubar secretamente as toneladas de urânio necessárias para isso. Ele acaba entrando na mira de dois homens do seu passado: um coronel da KGB e um agente da inteligência egípcia, que farão de tudo para impedi-lo, numa corrida contra o tempo que pode mudar para sempre os rumos do cenário político mundial. "Follett é um mestre das reviravoltas habilidosas e dos detalhes impressionantes." — Time Magazine "Um confronto de fazer a terra tremer." — The New York Times "Magistral. Um gol de placa." — The Philadelphia Inquirer "Altamente engenhoso. Fascinante." — The Washington Post

PUBLICADO ANTERIORMENTE NO BRASIL COMO TRIÂNGULO

[Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir
às mais duras provações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)